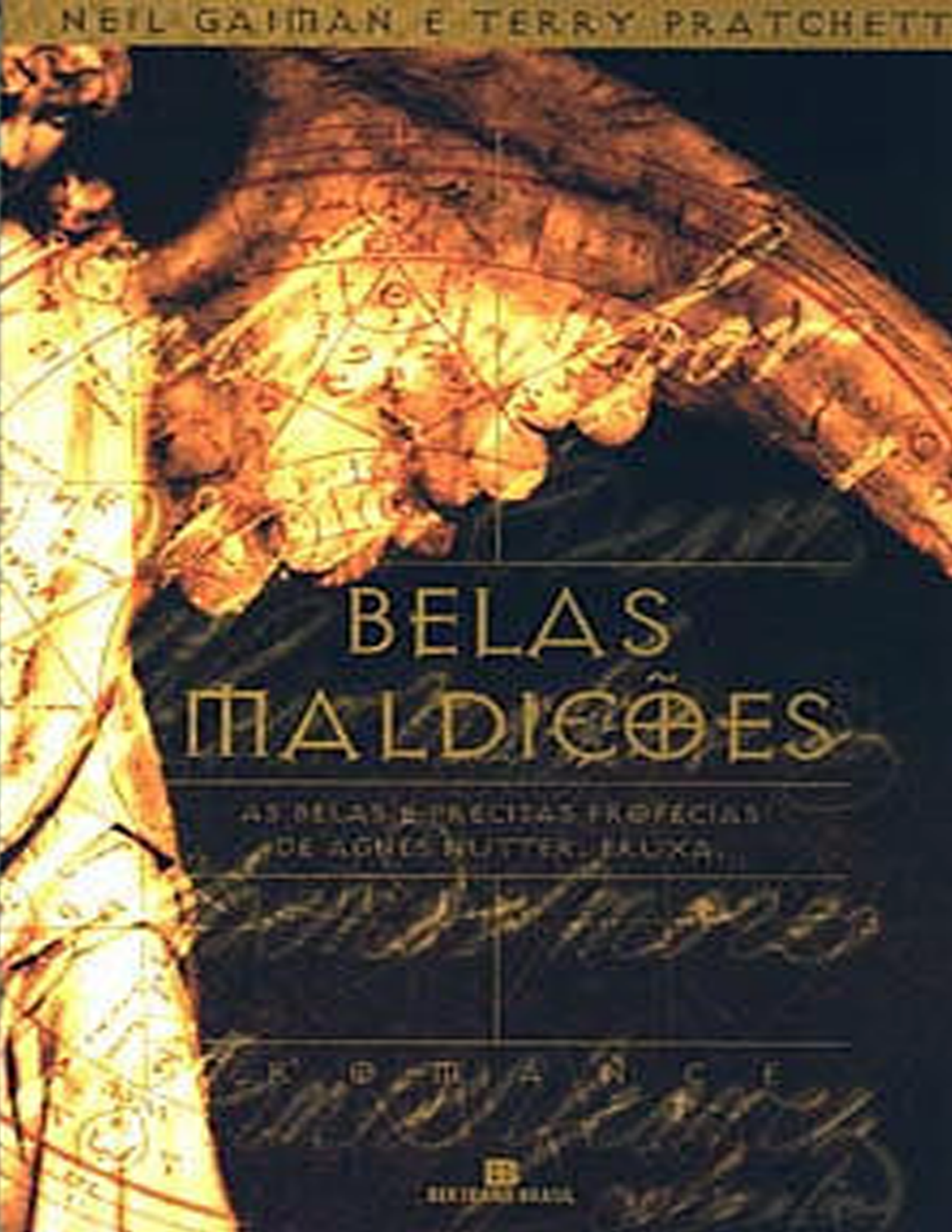
NEIL GAIMAN E TERRY PRATCHETT



BELAS MALDIÇÕES

AS BELAS E PRECISAS PROFECIAS DE AGNES NUTTER, BRUXA

ROCCO

BERTRAND BRASIL

BELAS MALDIÇÕES

AS BELAS
E
PRECISAS
PROFECIAS DE
AGNES NUTTER,
BRUXA

NEIL GAIMAN E TERRY PRATCHETT

Tradução Fábio Fernandes
BERTRAND BRASIL

@Snow666_

que está no topo do mundo, e de repen te jogam o Armagedon em cima de você. A Grande Guerra, a Última Batalha. Céu versus Inferno, uma Queda, sem rendição. E estamos conversados. Nada mais de mundo. Era isso o que o fim do mundo queria dizer. Nada mais de mundo. Só o Céu eterno ou, dependendo de quem ganhasse, o Inferno eterno. Crowley não sabia qual era pior.

Bom, o Inferno era pior, claro, por definição. Mas Crowley se lembrava de como era o Céu, e ele tinha algumas coisas em comum com o Inferno. Pra começar, não se conseguia uma bebida decente em nenhum dos dois. E o tédio que se sentia no Céu era quase tão ruim quanto a animação que se tinha no Inferno.

Mas não havia como escapar disso. Não era possível ser um demônio e ter livre-arbítrio.

... I will not let you go (let him go)...

Bem, pelo menos não seria naquele ano. Ele teria tempo de fazer algumas coisas. Vender ações de longo prazo, para começar.

Perguntou-se o que aconteceria se simplesmente parasse o carro ali, naquela estrada escura, úmida e vazia, pegasse a cesta e a girasse, girasse e soltasse e...

Algo de pavoroso, eis o que aconteceria.

Ele já fora um anjo, um dia. Não desejou Cair. Só estava andando com as pessoas erradas.

O Bentley mergulhava na escuridão, o ponteiro do combustível no zero. Apontava o zero há mais de sessenta anos. Ser um demônio não era tão ruim assim. Você não precisava comprar gasolina, por exemplo. A única vez em que Crowley comprara gasolina fora em 1967, para ganhar um decalque de James Bond, que imitava um buraco de bala no pára-brisa, que ele achou bacana na época.

No banco traseiro, a coisa na cesta começou a chorar; o grito de sirene do recém-nascido. Alto. Sem palavras. E velho.

Até que era um hospital bonitinho, pensou o Sr. Young. Teria sido silencioso também, não fosse pelas freiras.

Ele até que gostava de freiras. Não que fosse um esquerdista ou coisa do gênero. Não, quando se tratava de evitar ir à igreja, a que ele evitava era a de São Cecílio e Todos os Anjos, que era uma igreja séria, e não teria sonhado em evitar ir a nenhuma outra. Todas as outras tinham o cheiro errado: cera polidora para a parte de baixo, um incenso um tanto suspeito para a parte de cima. No fundo da poltrona de couro de sua alma, o Sr. Young sabia que Deus ficava embaraçado com esse tipo de coisa.

Mas gostava de ver freiras, da mesma forma que gostava de ver o Exército da Salvação. Isso o fazia sentir que estava tudo bem, que as pessoas em algum lugar estavam mantendo o mundo nos eixos.

Esta, entretanto, era sua primeira experiência com a Ordem Faladeira de Santa Beryl. Santa Beryl Articulata de Cracóvia, de quem se diz ter sido martirizada em meados do século V. Segundo a lenda, Beryl era uma jovem que foi entregue como noiva contra a sua vontade a um pagão, o Príncipe Casimir. Em sua noite de núpcias, ela rezou para o Senhor interceder, esperando vagamente que uma barba milagrosa aparecesse, e na verdade ela já tinha à mão uma pequena navalha de cabo de marfim, adequada para damas, especialmente para essa eventualidade; em vez disso, o Senhor garantiu a Beryl a habilidade milagrosa de falar ininterruptamente sobre o que lhe viesse à mente, por mais inconseqüente que fosse, sem pausa para respirar ou comer.

Segundo uma versão da lenda, Beryl foi estrangulada pelo Príncipe Casimir três semanas após o casamento, sem consumar as núpcias. Ela morreu virgem e mártir, matraqueando até o fim.

Segundo outra versão da lenda, Casimir comprou um par de tampões de ouvido, e ela morreu na cama, com ele, aos sessenta e dois anos.

A Ordem Faladeira de Santa Beryl tem o voto de imitar Santa Beryl em todos os momentos, exceto nas tardes de terça-feira, por meia hora, quando as freiras recebem permissão de se calar, e, se desejarem, jogar pingue-pongue.

Deirdre tomara conhecimento dela enquanto envolvida numa de suas causas, possivelmente a que envolvia muitos sul-americanos desagradáveis lutando contra outros sul-americanos desagradáveis e os padres insuflando-os em vez de se preocuparem com atividades sacerdotais adequadas, como organizar a rota de limpeza da igreja.

A questão era que freiras deveriam ser silenciosas. Elas eram moldadas para isso, como aquelas coisas pontudas que você recebe naquelas câmaras em que o Sr. Young tinha uma vaga idéia de que seu aparelho de som era testado. Elas não deveriam estar matraqueando o tempo todo.

Encheu o cachimbo com tabaco — bem, chamavam aquilo de tabaco, não era o que ele achava que era tabaco, não era o tabaco que se costumava obter — e ficou refletindo sobre o que aconteceria se perguntasse a uma freira onde era o banheiro dos homens. Provavelmente o Papa lhe enviaria uma nota de reprimenda ou algo assim. Mudou de posição desajeitado e deu uma olhadela no relógio.

Mais uma coisa: pelo menos as freiras haviam batido o pé quanto à sua presença no parto. Deirdre queria muito. Ela andara lendo coisas novamente. Uma criança, e subitamente ela está declarando que aquele confinamento ia ser a experiência mais alegre e íntima que dois seres humanos podiam ter. Isso era o que dava deixar que ela assinasse seus próprios jornais. O Sr. Young desconfiava de jornais cujas páginas internas tinham nomes como "Estilo de Vida" ou "Opções".

Bem, ele não tinha nada contra experiências alegres e íntimas. Experiências alegres e íntimas eram boas para ele. O mundo provavelmente precisava de mais experiências alegres e íntimas. Mas ele havia deixado

perfeitamente claro que essa experiência alegre e íntima Deirdre podia muito bem ter sozinha.

E as freiras haviam concordado. Não viam motivo para que o pai se envolvesse nos procedimentos. Pensando bem, devaneou o Sr. Young, elas provavelmente não viam motivo para que o pai devesse se envolver em nada.

Acabou de colocar o pretenso tabaco no cachimbo com o polegar e ficou olhando para a plaquinha na parede da sala de espera que dizia que, para seu próprio conforto, ele não fumasse. Para seu próprio conforto, decidiu ele, iria fumar na varanda. Se houvesse um arbusto discreto para seu próprio conforto ali, tanto melhor.

Desceu os corredores vazios e encontrou uma porta que dava para um pátio aberto e molhado de chuva, cheio de latões de lixo nos seus lugares.

Tremeu de frio, e colocou as mãos em concha para acender o cachimbo.

Acontecia com elas a uma certa idade, esposas. Vinte e cinco anos sem culpa, e então subitamente elas saíam e faziam aqueles exercícios robotizados com meias rosa com a parte dos pés cortada e começavam a culpar você por nunca ter de trabalhar para viver. Eram os hormônios, ou alguma coisa assim.

Um carro preto grande parou quase derrapando perto dos latões. Um rapaz de óculos escuros saltou para a garoa segurando o que parecia uma cestinha e dirigiu-se num passo arrastado até a entrada.

O Sr. Young tirou o cachimbo da boca.

— Você deixou os faróis acesos — disse, solícito.

O homem lhe deu o olhar inexpressivo de alguém para quem faróis são a menor de suas preocupações e gesticulou vagamente para o Bentley. Os faróis se apagaram.

— Muito prático — disse o Sr. Young. — Infravermelho, não?

Ficou um pouco surpreso ao ver que o homem não parecia estar molhado. E que a cestinha parecia estar ocupada.

— Já começou? — perguntou o homem.

O Sr. Young se sentiu vagamente orgulhoso de ser reconhecido tão instantaneamente como pai.

— Já. Me fizeram sair de lá — acrescentou grato.

— Já? Alguma idéia de quanto tempo nós temos?

Nós, observou o Sr. Young. Obviamente um médico com idéias sobre parentesco compartilhado.

— Acho que estamos, ahn, no começo — disse o Sr. Young.

— Em que quarto ela está?

— Estamos no Quarto Três — disse o Sr. Young. Bateu nos bolsos e achou o pacote amassado que, de acordo com a tradição, havia trazido consigo.

— Quer compartilhar uma alegre experiência de charutos?

Mas o homem já tinha entrado.

O Sr. Young colocou cuidadosamente o pacote no lugar e olhou para o cachimbo pensativo. Sempre apressados, esses médicos. Trabalhando todas as horas que Deus criou.

Existe um truque que se faz com uma ervilha e três copinhos que é muito difícil de acompanhar, e uma coisa parecida, apostando muito mais que um punhado de trocados, está para acontecer.

A velocidade do texto será reduzida para permitir que se acompanhe a prestidigitação.

A Sra. Deirdre Young está dando à luz na Sala de Parto Três. Ela está tendo um menino de cabelos louros a quem chamaremos de Bebê A.

A esposa do Adido Cultural Americano, a Sra. Harriet Dowling, está dando à luz na Sala de Parto Quatro. Ela está tendo um menino de cabelos louros a quem chamaremos de Bebê B.

A Irmã Maria Loquaz é satanista devota desde que nasceu. Ia à Escola Sabática quando criança e ganhou estrelas negras por caligrafia e temperamento exaltado. Quando lhe mandaram entrar para a Ordem Faladeira ela foi

obediente, tendo um talento natural nessa direção e, de qualquer forma, sabendo que estaria entre amigos. Seria muito brilhante, se algum dia fosse colocada em posição de descobrir isso, mas há muito tempo descobriu que ser uma desmiolada, como ela dizia, lhe permitiu passar pela vida de maneira mais tranqüila. Neste momento ela está recebendo um menino de cabelos louros o qual chamaremos de Adversário, Destruidor de Reis, Anjo do Poço Sem Fundo, Grande Besta que é chamada de Dragão, Príncipe Deste Mundo, Pai das Mentiras, Filho de Satã e Senhor das Trevas.

Observem com cuidado. Lá vão os copinhos...

— É ele? — perguntou a Irmã Maria, olhando fixo para o bebê. — Eu esperava olhos esquisitos. Vermelhos ou verdes. Ou um par de chifrinhos. Ou uma caudinha balouçante. Ela virava o corpo dele enquanto falava. Também não tinha chifres. O filho do Diabo parecia terrivelmente normal.

— Sim, é ele — respondeu Crowley.

— Que sensação, estar segurando nos braços o Anticristo — disse a Irmã Maria. — E dando banho no Anticristo. E contando seus dedinhos dos pés...

Agora ela estava falando diretamente com a criança, perdida em algum mundo interior. Crowley passou a mão na frente do rosto dela.

— Alô? Alô, Irmã Maria?

— Desculpe, senhor. Mas ele é uma gracinha. Ele parece com o pai? Aposto que parece. Ele parece com o paizinho, bilu-bilu...

— Não — cortou Crowley com firmeza. — E agora eu subiria até a sala de parto, se fosse você.

— Será que ele vai se lembrar de mim quando crescer, o senhor acha? — a Irmã Maria disse, esperançosa, descendo o corredor devagar.

— Reze para que não se lembre — disse Crowley, e fugiu.

A Irmã Maria percorreu a noite do hospital com o Adversário, Destruidor de Reis, Anjo do Poço Sem Fundo, Grande Besta que é chamada de Dragão, Príncipe Deste Mundo, Pai das Mentiras, Filho de Satã e Senhor das Trevas seguro em seus braços. Encontrou um bercinho e o depositou nele.

Ele soltou um gorgolejo. Ela fez bilu-bilu.

Uma cabeça maternal apareceu por entre uma porta. Disse:

— Irmã Maria, o que está fazendo aqui? Você não devia estar de serviço na Sala Quatro?

— O Mestre Crowley disse que...

— Vá andando, isso, boa freira. Viu o marido por aí? Ele não está na sala de espera.

— Eu só vi o Mestre Crowley, e ele me disse...

— Tenho certeza que sim — disse com firmeza a Irmã Graça Volúvel. — Acho que é melhor eu ir procurar o pobre coitado. Entre e fique de olho nela, sim? Ela está um pouco tonta, mas o bebê está bem. — A Irmã Graça parou. — Por que está piscando? Algo errado com seu olho?

— Você sabe! — Irmã Maria sibilou maliciosa. — Os bebês. A troca...

— É claro, é claro. Tudo a seu tempo. Mas não podemos deixar o pai ficar zanzando por aí, certo? — disse a Irmã Graça. — Nem me fale no que ele poderia ver. Então fique aqui um pouco e vigie o bebê, sim, querida?

Deslizou pelo corredor encerado. A Irmã Maria, conduzindo o bercinho, entrou na sala de parto.

A Sra. Young estava mais do que zonza. Estava ferrada no sono, com a expressão de auto-satisfação determinada de alguém que sabe que outras pessoas é que vão ter de correr atrás de tudo desta vez, pra variar. O Bebê A estava dormindo ao lado dela, pesado e com a etiquetinha do nome no dedão do pé. A Irmã Maria, que havia sido levada ali para ajudar, removeu a etiqueta com o nome, copiou-a, e pôs a duplicata no bebê que levava consigo.

Os bebês se pareciam muito, pequenos, gordinhos e parecendo um pouquinho, mas só um pouquinho, com Winston Churchill.

Agora, pensou a Irmã Maria, até que uma xícara de chá caía bem.

A maioria dos membros do convento eram satanistas empedernidas, como seus pais e avós antes delas. Haviam sido criadas dentro do satanismo e não eram, pensando bem, particularmente más. Seres humanos não costumam ser. É

que eles se deixam levar por novas idéias, como se vestir com uniformes camuflados e sair matando pessoas, ou se vestir com lençóis brancos e sair linchando pessoas, ou se vestir com jeans justos e tingidos e sair tocando guitarras na cara das pessoas. Ofereça às pessoas um novo credo com um uniforme e seus corações e mentes seguirão. De qualquer modo, ser criado como satanista tendia a afastar a maior parte dessas coisas. Era uma coisa que você fazia nas noites de sábado. E no resto do tempo você simplesmente seguia com a vida da melhor forma possível, como todo mundo. Além do mais, a Irmã Maria era uma enfermeira, e enfermeiras, seja qual for o credo delas, são acima de tudo enfermeiras, o que tinha muito a ver com usar o relógio de cabeça para baixo, manter-se calma em emergências e ficar louca por uma xícara de chá. Ela esperava que alguém chegasse logo; ela havia feito a parte importante, agora queria seu chá.

Pode ser de alguma ajuda compreender as questões humanas para esclarecer que a maioria dos grandes triunfos e tragédias da história são provocados não pelas pessoas serem fundamentalmente boas ou más, mas por elas serem, fundamentalmente, pessoas.

Bateram à porta. Ela abriu-a.

— Já aconteceu? — perguntou o Sr. Young. — Eu sou o pai. O marido. Qualquer coisa. As duas coisas.

A Irmã Maria esperava que o Adido Cultural Americano se parecesse com Blake Carrington ou J.R. Ewing. O Sr. Young não se parecia com nenhum americano que ela já tinha visto na televisão, a não ser possivelmente pelo xerife avantajado na melhor classe dos filmes de assassinatos misteriosos." Foi uma certa decepção. E também não achou o suéter dele lá grandes coisas.

Engoliu a decepção em seco.

— Aaah, sim. Parabéns. Sua esposa está dormindo, coitadinha.

O Sr. Young olhou por sobre o ombro dela.

— Gêmeos? — perguntou. Fez menção de pegar o cachimbo. Parou no ato de pegar o cachimbo. Tornou a fazer menção de pegá-lo. — Gêmeos? Ninguém disse nada sobre gêmeos.

— Ah, não! — disse a Irmã Maria apressada. — Este aqui é o seu. O outro... é... de outra pessoa. Só estou tomando conta dele até a Irmã Graça voltar. Não — reiterou, apontando para o Adversário, Destruidor de Reis, Anjo do Poço Sem Fundo, Grande Besta que é chamada de Dragão, Príncipe Deste Mundo, Pai das Mentiras, Filho de Satã e Senhor das Trevas —, este aqui é definitivamente seu. Do topo da cabeça até as pontas dos casquinhos... que ele não tem — ela apressou-se na correção.

O Sr. Young olhou para baixo.

— Ah, sim — disse, em dúvida. — Ele parece com o meu lado da família. Tudo, ahn, presente e correto, não?

* Com uma velhinha de detetive, e nenhuma perseguição em carros, a menos que sejam feitas bem devagar.

— Ah, sim — disse a Irmã Maria. — Ele é uma criança muito normal — acrescentou. — Muito, muito normal.

Fez-se uma pausa. Ficaram olhando para o bebê adormecido.

— Você não tem muito sotaque — disse a Irmã Maria. — Está aqui há muito tempo?

— Cerca de dez anos — disse o Sr. Young, ligeiramente intrigado. — O trabalho mudou de endereço, sabe, e tive de me mudar junto.

— Deve ser um trabalho muito interessante, sempre pensei nisso — disse a Irmã Maria.

O Sr. Young ficou satisfeito. Nem todo mundo apreciava os aspectos mais estimulantes da contabilidade.

— Imagino que era muito diferente o lugar onde o senhor estava antes — continuou a Irmã Maria.

— Acho que sim — disse o Sr. Young, que nunca realmente pensara a respeito. Luton, até onde podia se lembrar, era muito parecida com Tadfield. Os mesmos tipos de cercas vivas entre sua casa e a estação de trem. O mesmo tipo de gente.

— Edifícios mais altos, por exemplo — disse a Irmã Maria, desesperada.

O Sr. Young ficou olhando fixo para ela. O único prédio alto que conhecia era o dos escritórios da Alliance e Leicester.

— E imagino que vocês freqüentem muitas festas de jardim — disse a freira.

Ah. Isso ele conhecia. Deirdre gostava muito desse tipo de coisa.

— Muitas — disse animado. — Deirdre faz geléia para eles, sabia? E eu normalmente tenho que ajudar com o Elefante Branco.

Esse era um aspecto da sociedade do Palácio de Buckingham que nunca ocorrera à Irmã Maria, embora o paquiderme se encaixasse direitinho.

— Imagino que seja o tributo — disse ela. — Li que esses potentados estrangeiros dão a ela todo tipo de coisa.

— Perdão?

— Sou grande fã da Família Real, sabe?

— Ah, eu também — disse o Sr. Young, pulando contente para esse novo bloco de gelo do fluxo estonteante de consciência. Sim, você sabia onde estava com a realeza. Os membros adequados, claro, que se esforçavam no departamento de acenos e comparecimentos em aberturas de torneios de bridge. Não os que passavam as noites em discotecas e vomitavam em todos os paparazzi. (Talvez seja interessante mencionar neste ponto que o Sr. Young achava que paparazzi era uma espécie de piso emborrachado italiano).

— Que bom — disse a Irmã Maria. — Eu achava que vocês não gostassem muito deles, depois de todo aquele negócio de revolução e jogar todos aqueles carregamentos de chá no rio.

E continuou matraqueando, incentivada pela instrução da Ordem de que os membros deviam sempre dizer o que lhes vinha à cabeça. O Sr. Young estava totalmente por fora e cansado demais para se preocupar muito com isso. A vida religiosa provavelmente tornava as pessoas um pouquinho estranhas. Desejou que a Sra. Young acordasse. Então uma das palavras no matraquear da Irmã Maria despertou em sua mente uma nota de esperança.

— Será que haveria alguma possibilidade de eu tomar quem sabe uma xícara de chá? — arriscou ele.

— Nossa — disse a Irmã Maria, pondo a mão na boca. — No que é que eu estava pensando?

O Sr. Young não fez comentários.

— Vou providenciar já, já — disse ela. — Tem certeza de que não quer mesmo café? Tem uma daquelas máquinas automáticas no andar de cima.

— Chá, por favor — disse o Sr. Young.

— Puxa vida, você virou nativo mesmo, não foi? — a Irmã Maria disse alegre ao sair, estabanada.

O Sr. Young, deixado a sós com uma esposa adormecida e dois bebês adormecidos, escarrapachou-se numa cadeira. Sim, deve ser esse negócio de viver acordando cedo, se ajoelhando, essas coisas. Boa gente, claro, mas não inteiramente certas da cabeça. Uma vez ele vira um filme de Ken Russell. Havia freiras nele. Não parecia que aquele tipo de coisa estivesse ocorrendo, mas como onde há fumaça há fogo...

Suspirou.

Foi aí que o Bebê A acordou, e desatou num choro dos bons.

Há anos o Sr. Young não acalmava um bebê se esgoelando. Nunca fora muito bom nisso, para começo de conversa. Sempre respeitara Sir Winston Churchill, e dar palmadinhas no traseiro de visões minúsculas dele sempre lhe parecera indigno.

— Bem-vindo ao mundo — disse cansado. — Você se acostuma depois de um tempo.

O bebê calou a boca e encarou-o como se ele fosse um chato galochas.

A Irmã Maria escolheu aquele momento para chegar com o chá. Satanista ou não, ela também havia encontrado um prato e colocado alguns biscoitos com glacê nele. Eram do tipo que você só consegue em lojas especializadas em artigos para chá. Os do Sr. Young eram do mesmo tom de rosa de um aparelho cirúrgico e tinham um boneco de neve desenhado em glacê branco.

— Imagino que o senhor não costume comer destes — disse ela — São o que o senhor chama de cookies. Aqui nós os chamamos de biscoitos.

O Sr. Young havia acabado de abrir a boca para explicar que e também os chamava assim, e as pessoas lá em Luton também, quando outra freira entrou, sem fôlego.

Ela olhou para a Irmã Maria, percebeu que o Sr. Young nunca vira o interior de um pentagrama e se limitou a apontar para o Bebê A e piscar.

A Irmã Maria assentiu e piscou de volta.

A freira levou o bebê no carrinho para fora.

Como método de comunicação, uma piscadela é muito versátil. Pode-se dizer muita coisa com uma piscadela. Por exemplo, a piscadela da nova freira dizia:

Por onde diabos andou você? O Bebê B nasceu, estamos prontas para fazer a troca, e aqui está você na sala errada com Adversário, Destruidor de Reis, Anjo do Poço Sem Fundo, Grande Besta que é chamada de Dragão, Príncipe Deste Mundo, Pai das Mentiras, Filho de Satã e Senhor das Trevas, tomando chá. Sabe que quase atiraram em mim?

E, pelo menos para ela, a piscadela de resposta de Irmã Maria significou: Eis o Adversário, Destruidor de Reis, Anjo do Poço Se Fundo, Grande Besta que é chamada de Dragão, Príncipe Deste Mundo, Pai das Mentiras, Filho de Satã e Senhor das Trevas, não posso falar agora porque este estranho está aqui.

Ao passo que a Irmã Maria, por outro lado, pensara que a piscadela da atendente estava mais para:

Muito bem, Irmã Maria: trocou os bebês sozinha. Agora me indique a criança supérflua e eu a removerei e deixarei você continuar seu chá com sua Excelência Real, a Cultura Americana.

E portanto sua própria piscadela havia significado:

Prontinho, querida; aqui está o Bebê B, agora pode levá-lo e deixe-me bater um papinho com Sua Excelência. Sempre quis perguntar a ele por que eles têm aqueles prédios altos com tantos vidros espelhados.

Todas essas sutilezas passaram despercebidas pelo Sr. Young, que ficou extremamente envergonhado por todo esse afeto clandestino e pensou: aquele Sr. Russell, ele sabia do que estava falando, sem dúvida.

O erro da Irmã Maria poderia ter sido notado pela outra freira caso ela não tivesse sido seriamente achacada pelos homens do Serviço Secreto na sala da Sra. Dowling, que ficavam olhando para ela com desconforto cada vez maior. Isto porque eles haviam sido treinados para reagir de certa maneira a pessoas usando vestidos longos e esvoaçantes e adereços de cabeça longos e esvoaçantes, e estavam sofrendo de um conflito de sinais naquele momento. Humanos sofrendo de conflito de sinais não são as melhores pessoas para segurar armas, especialmente quando acabaram de testemunhar um parto normal, que definitivamente parecia um jeito não-americano de trazer novos cidadãos ao mundo. E também tinham ouvido dizer que havia missais no prédio.

A Sra. Young se mexeu no sono.

— Já escolheu um nome para ele? — perguntou a Irmã Maria, animada.

— Ahn? — fez o Sr. Young. — Ah, não, na verdade não. Se fosse menina, teria sido Lucinda, o nome de minha mãe. Ou Germaine.

Essa era a escolha de Deirdre.

— Wormwood é um lindo nome — disse a freira, lembrando-se de seus clássicos. — Ou Damien. Damien é muito popular.

Anathema Device — sua mãe, que não era uma grande estudiosa de questões religiosas, leu por acaso a palavra um dia e achou que era um lindo nome para uma menina — tinha oito anos e meio, e estava lendo O Livro, debaixo das cobertas, com a ajuda de uma lanterna.

Outras crianças aprendiam a ler em livrinhos básicos com desenhos coloridos de maçãs, bolas, baratas e assim por diante. Não a família Device. Anathema havia aprendido a ler com O Livro.

Ele não tinha nenhum desenho de maçã ou bola. Tinha era uma boa xilogravura do século dezoito de Agnes Nutter sendo queimada na estaca e com uma carinha um tanto alegre.

A primeira palavra que ela conseguiu reconhecer foi belas. Muito poucas pessoas aos oito anos e meio de idade sabem que belo também significa "escrupulosamente verdadeiro", mas Anathema era uma delas.

A segunda palavra era precisas.

A primeira frase que ela leu alto na vida foi:

"Digo-vos isto, e accuso-te com minhas pallavras. Quatro ham de cavalgar, e Quatro também ham de cavalgar, e Três ham de cavalgar os Céus antes, e Hum cavalgará em chammas; e nam lhes haverá como deter: nem peixe, nem chuva, nem estrada, nem Demmônio nem Anjo. E tu também estarás lá, Anathema."

Anathema gostava de ler sobre si mesma.

(Havia livros que pais carinhosos que liam os jornais certos de domingo podiam adquirir com os nomes de seus filhos impressos neles como a heroína ou herói. Isso era feito para interessar a criança no livro. No caso de Anathema, não era apenas ela que figurava no Livro — e havia sido localizada até aquele momento — mas seus pais, seus avós, e todos até o século dezessete. Ela era nova e autocentrada demais para dar qualquer importância ao fato de que não se fazia qualquer menção aos seus filhos, ou na verdade, a qualquer evento em seu futuro além dos próximos onze anos. Quando você tem oito anos e meio, onze anos é uma vida inteira, e, é claro, se você acreditasse no livro, seria mesmo.)

Ela era uma criança muito inteligente, com um rosto branquinho, olhos e cabelos negros. Como regra, ela tendia a fazer as pessoas se sentirem desconfortáveis, uma característica de família que ela herdara, juntamente com ser mais paranormal do que era bom para ela, de sua tataratataratataravó.

Ela era precoce e cheia de si. A única coisa em Anathema que seus professores tiveram coragem de repreender foi sua pronúncia, que não só era espantosa como estava trezentos anos atrasada.

As freiras levaram o Bebê A e o trocaram pelo Bebê B debaixo dos narizes da esposa do Adido e dos homens do Serviço Secreto, pelo expediente astuto de levar um bebê ("para ser pesado, amor, tenho que fazer isso, é a lei") e trazer outro pouco depois.

O próprio Adido Cultural, Thaddeus J. Dowling, havia sido chamado de volta a Washington às pressas alguns dias antes, mas ficou no telefone com a Sra. Dowling durante toda a experiência do parto, ajudando-a com a respiração.

Não ajudou muito o fato de que estava falando do outro lado com seu conselheiro de investimentos. A certa altura ele foi forçado a pedir que ela esperasse vinte minutos.

Mas tudo bem.

Ter um filho é a maior e mais alegre experiência que dois seres humanos podem compartilhar, e ele não ia perder um segundo dela.

Mandou um dos homens do Serviço Secreto gravar tudo em vídeo para ele.

O mal em geral não dorme, e portanto não entende por que os outros precisam disso, mas Crowley gostava de dormir, era um dos prazeres do mundo. Especialmente depois de uma refeição pesada. Ele dormira pela maior parte do século dezenove, por exemplo. Não porque precisasse, simplesmente porque gostava. Embora tivesse tido que se levantar em 1832 para ir ao banheiro.

Um dos prazeres do mundo. Bem, era melhor que ele começasse a aproveitá-los realmente agora, enquanto ainda havia tempo.

O Bentley rugiu pela noite afora, na direção leste.

Claro, ele era a favor do Armagedon em termos gerais. Se alguém tivesse lhe perguntado por que ele passara séculos interferindo nos assuntos da humanidade ele teria respondido: "Ah, para trazer o Armagedon e o triunfo do Inferno." Mas uma coisa era trabalhar para trazê-lo, e ele realmente acontecer era outra.

Crowley sempre soubera que estaria por perto quando o mundo acabasse, porque era imortal e não teria outra alternativa. Mas esperava que ainda demorasse muito.

Porque ele gostava das pessoas. Era um grande defeito num demônio.

Ah, ele dera o melhor de si para infernizar as vidas deles, porque esse era seu trabalho, mas nada que ele pudesse pensar era metade do que eles pensavam por conta própria. Pareciam ter um talento para isso. Estava embutido no projeto de criação deles de algum modo. Nasceram num mundo que era contra eles em um milhão de coisinhas, e então dedicavam a maior parte de suas energias a torná-lo pior. Ao longo dos anos, Crowley achara cada vez mais difícil encontrar algo de demoníaco a fazer que se destacasse contra o pano de fundo natural da maldade generalizada. No decorrer do último milênio, houve momentos em que sentiu vontade de enviar uma mensagem lá para Baixo dizendo: escutem, que tal a gente desistir de tudo agora, fechar Dis e o Pandemônio e todo o resto e nos mudarmos para cá? Não há nada que possamos fazer a eles que eles já não façam por conta própria, e eles fazem coisas que nós sequer pensamos, freqüentemente envolvendo eletrodos. Eles têm o que não temos. Eles têm imaginação. E eletricidade, é claro.

Um deles havia escrito isso, não havia? "O Inferno é vazio, e todos os demônios estão aqui."

Crowley recebera uma comenda pela Inquisição Espanhola. Na época ele realmente estava na Espanha, na maior parte do tempo circulando entre cantinas nos lugares mais bonitos, e sequer sabia a respeito até a comenda chegar. Então foi lá dar uma olhada, e voltou e ficou bêbado por uma semana inteira.

Aquele Hyeronimus Bosch. Que sujeito esquisito.

E justo quando você pensa que eles eram mais malignos do que o Inferno jamais poderia ser, eles podiam ocasionalmente mostrar mais graça do que o Céu jamais sonhara. Muitas vezes o mesmo indivíduo estava envolvido. Era essa coisa de livre-arbítrio, claro. Era um saco.

Aziraphale havia tentado explicar isso para ele certa vez. A questão, dissera ele — isso foi por volta de 1020, quando fizeram seu primeiro Acordo —, a questão era que, quando um humano era bom ou mau, era porque queria sê-lo. Ao passo que pessoas como Crowley e, claro, ele próprio eram orientadas em seus caminhos desde o começo. As pessoas não podiam se tornar inteiramente santas, dissera ele, a menos que também tivessem a oportunidade de serem definitivamente más.

Crowley pensara nisso por algum tempo e, por volta de 1023, dissera, Espere aí, isso só funciona se todos começarem iguais, ok? Você não pode jogar alguém numa cabana lamacenta no meio de uma zona de guerra e esperar que eles façam coisas tão boas quanto alguém que nasceu num castelo.

Ah, dissera Aziraphale, essa é a parte boa. Quanto mais de baixo você começa, mais oportunidades você tem.

Crowley dissera: Isso é loucura.

Não, dissera Aziraphale, é inefável.

Aziraphale. O Inimigo, claro. Mas um inimigo há seis mil anos, o que fazia dele uma espécie de amigo.

Crowley pegou o telefone do carro.

Ser um demônio, claro, deveria poder significar que você não tinha livre - arbítrio. Mas não se pode andar entre humanos por tanto tempo sem se aprender uma coisa ou duas.

O Sr. Young não gostara muito de Damien, nem de Wormwood. Ou de qualquer outra das sugestões da Irmã Maria Loquaz, que haviam coberto metade do Inferno e a maior parte dos Anos Dourados de Hollywood.

— Bem — disse ela por fim, um pouco magoada. — Acho que não há nada de errado com Errol. Ou Cary. Nomes americanos muito bonitos, esses dois.

— Eu havia imaginado uma coisa mais, digamos, tradicional — explicou o Sr. Young. — Nossa família sempre preferiu os nomes bons e simples.

A Irmã Maria abriu um sorriso de orelha a orelha.

— Isso mesmo. Os velhos nomes são sempre os melhores, sequer minha opinião.

— Um nome inglês decente, como as pessoas da Bíblia — disse o Sr. Young. — Matthew, Mark, Luke ou John — disse à guisa de especulação. A Irmã Maria estremeceu. — Só que nunca me pareceram nomes bíblicos muito bons, na verdade — acrescentou o Sr. Young. — Parecem mais com nomes de caubóis e jogadores de futebol.

— Saul é bonito — disse a Irmã Maria, dando o melhor de si.

— Também não quero algo tão tradicional — disse o Sr. Young.

— Ou Caim. Soa muito moderno, Caim, na verdade — tentou a Irmã Maria.

— Hmm — o Sr. Young parecia na dúvida.

— Ou há sempre... bem, há sempre Adam — disse a Irmã Maria.

Esse deve ser seguro o bastante, pensou.

— Adam? — perguntou o Sr. Young.

Seria bonitinho pensar que as Freiras Satanistas fizeram com que o bebê extra — o Bebê B — fosse discretamente adotado. Que ele cresceu e virou uma criança normal, feliz, risonha, ativa e exuberante; e depois disso, cresceu mais ainda e se tornou um adulto normal e razoavelmente feliz.

E talvez seja isso o que aconteceu.

Deixe sua mente se deter no prêmio que ele ganhou no concurso de soletrar no primário; nos momentos comuns mas bem agradáveis que ele passou na universidade; em seu trabalho na tesouraria da Tadfield and Norton Building Society; em sua adorável esposa. Provavelmente você gostaria de imaginar uns filhos e um hobby — restaurar motocicletas clássicas, talvez, ou criar peixes tropicais.

Você não quer saber o que poderia ter acontecido ao Bebê B.

De qualquer modo, gostamos mais da sua versão.

Ele deve ganhar muitos prêmios pelos seus peixes tropicais.

Numa casinha em Dorking, Surrey, havia uma luz na janela de um quarto.

Newton Pulsifer tinha doze anos, era magro, usava óculos e já devia estar na cama há horas.

Mas sua mãe estava convencida da genialidade de seu filho, e o deixava ficar acordado até tarde para realizar suas "experiências".

Sua experiência atual era trocar a tomada de um velho rádio de baquelite que sua mãe lhe dera para brincar. Estava sentado no que chamava orgulhoso de sua "bancada de trabalho", uma mesa velha coberta com fios, baterias, pequenas lâmpadas e um cristal caseiro que nunca funcionara. Ele também não conseguira fazer o rádio de baquelite funcionar, mas também nunca conseguia chegar a esse ponto mesmo.

Havia três modelos de aviões ligeiramente tortos pendurados com fios de algodão no teto de seu quarto. Mesmo um observador distraído poderia ver que

eles foram feitos por alguém que era muito detalhista e cuidadoso, e que também não sabia montar modelos de aviões direito. Estava muito orgulhoso de todos, até mesmo do Spitfire, em que havia feito uma confusão e tanto com as asas.

Empurrou os óculos nariz acima, forçou a vista para olhar direito a tomada e colocou de lado a chave de fenda.

Tinha grandes expectativas desta vez: seguira todas as instruções sobre troca de tomadas da página cinco do Livro de Eletrônica Prática dos Moços, Incluindo Cento e Uma Coisas Seguras e Educativas Para se Fazer com Eletricidade. Conectara os fios com o código de cores correto aos pinos corretos; checara que o fusível tinha a amperagem correta; aparafusara tudo de novo direitinho. Até agora, nenhum problema.

Enfiou o aparelho na tomada. E ligou-o.

Todas as luzes da casa se apagaram.

Newton abriu um sorriso enorme de orgulho. Estava ficando melhor. Da última vez ele provocara um blecaute em toda Dorking, e um homem da Companhia Elétrica aparecera para ter uma palavrinha com sua mãe.

Tinha um desejo e uma paixão totalmente não-correspondida por coisas elétricas. Eles tinham um computador na escola, e meia dúzia de crianças estudiosas ficavam depois da aula fazendo coisas com cartões perfurados. Quando o professor encarregado do computador finalmente cedeu aos pedidos de Newton para que o deixasse fazer parte do grupo, Newton só precisou enfiar um pequeno cartão na máquina. Ela o mastigou e morreu engasgada.

Newton tinha certeza de que o futuro estava nos computadores, e quando o futuro chegasse ele estaria preparado, na linha de frente da nova tecnologia.

O futuro tinha suas próprias idéias a esse respeito. Estava tudo no Livro.

Adam, pensou o Sr. Young. Tentou pronunciar o nome, para ver como soava.

— Adam. — Hmmm...

Ficou olhando os cachinhos dourados do Adversário, Destruidor de Reis, Anjo do Poço Sem Fundo, Grande Besta que é chamada de Dragão, Príncipe Deste Mundo, Pai das Mentiras, Filho de Satã e Senhor das Trevas.

— Sabe — ele concluiu, depois de um tempo. — Acho que ele realmente tem cara de Adam.

A noite não era escura nem chuvosa.

A noite escura e chuvosa ocorreu dois dias mais tarde, cerca de quatro horas depois que a Sra. Dowling e a Sra. Young e seus respectivos bebes deixaram o prédio. Era uma noite particularmente escura e chuvosa, e logo depois da meia-noite, quando a tempestade chegou ao ápice, um raio atingiu o Convento da Ordem Faladeira, colocando fogo no teto do conselho paroquial.

Ninguém ficou gravemente ferido pelo fogo, mas ele prosseguiu por algumas horas, fazendo um bom estrago.

O instigador do incêndio ficou espreitando no topo de uma colina próxima e observou o fogo. Ele era alto, magro e um Duque do Inferno. Era a última coisa que precisava ser feita antes de seu retorno às regiões inferiores, e ele a fizera.

Podia deixar seguramente o resto por conta de Crowley.

Hastur foi para casa.

Tecnicamente, Aziraphale era uma Principalidade, mas as pessoas faziam piadas quanto a isso hoje em dia.

No todo, nem ele nem Crowley teriam escolhido a companhia um do outro, mas eram ambos homens, ou pelo menos criaturas em forma de homem, do mundo, e o Acordo fora vantajoso todo esse tempo. Além disso, você acabava se acostumando ao único outro rosto que continuava por perto de modo mais ou menos constante por seis milênios.

O Acordo era muito simples, tão simples, na verdade, que ele realmente não merecia a inicial maiúscula, que recebera por simplesmente estar em

existência há tanto tempo. Era o tipo de acordo sensato que muitos agentes isolados, trabalhando em condições difíceis muito longe de seus superiores, firmam com seus adversários quando percebem que têm mais em comum com seus oponentes imediatos que com seus aliados remotos. Ele significava uma não-interferência tácita em certas atividades do outro. Garantia que, embora ninguém ganhasse, também ninguém perdia, e ambos eram capazes de demonstrar a seus senhores os grandes passos que estavam dando contra um adversário inteligente e bem-informado.

Significava que Crowley recebera permissão de desenvolver Manchester, enquanto Aziraphale teve liberdade em todo Shropshire. Crowley ficou com Glasgow, Aziraphale com Edimburgo (nenhum dos dois assumiu qualquer responsabilidade por Milton Keynes, (Nota para americanos e outros alienígenas: Milton Keynes é uma nova cidade que fica no meio do caminho entre Londres e Birmingham. Ela fora construída para se moderna, eficiente, saudável, e, no fim das contas, um lugar agradável de se vivei Muitos ingleses acham isso divertido.), mas ambos relataram isso como um sucesso).

E então, claro, parecera até natural que ambos segurassem as pontas um para o outro sempre que o senso comum o ditasse. Ambos eram feitos de material angelical, afinal de contas. Se um estava indo para Hull para uma rápida tentação, fazia sentido ir ao outro lado da cidade e provocar um breve momento padrão de êxtase divino. Isso seria feito de qualquer maneira, e ser sensato a respeito dava a todos mais tempo livre e cortava despesas.

Aziraphale sentia uma pontada de culpa ocasional quanto a isso, mas séculos junto da humanidade estavam tendo o mesmo efeito nele que em Crowley, só que na outra direção.

Além disso, as Autoridades não pareciam se importar muito com quem fazia o quê, desde que fosse feito.

Naquele momento, o que Aziraphale estava fazendo era estar de pé ao lado de Crowley à beira do lago dos patos no St. James Park. Estavam dando de comer aos patos.

Os patos do St. James Park estão tão acostumados a receber pães de agentes secretos em encontros clandestinos que desenvolveram sua própria reação pavloviana. Ponha um pato do St. James Park numa gaiola de laboratório e mostre a ele uma foto de dois homens — um geralmente vestindo um casaco com colarinho de pele, o outro algo sombrio com um cachecol — e ele ficará à espera, cheio de expectativa. O pão preto do adido cultural russo é particularmente procurado pelos patos de mais discernimento, enquanto o Hovis molhadinho do chefe do MI9 é aceito com deleite pelos connoisseurs.

Aziraphale jogou um pedaço para um ganso de penugem arrepiada, que o pegou e afundou na mesma hora. O anjo virou-se para Crowley.

— Ora essa, meu caro — murmurou.

— Desculpe — disse Crowley. — Eu ia me esquecendo. — O ganso voltou zangado à superfície.

— Claro que sabíamos que algo estava acontecendo — disse Aziraphale. — Mas a gente imagina esse tipo de coisa acontecendo na América. Lá eles são capazes desse tipo de coisa.

— Ainda pode ser, na verdade — disse Crowley melancólico. Ficou olhando pensativo o Bentley do outro lado do parque, cuja roda traseira estava sendo industriosamente travada para reboque.

— Ah, sim. O diplomata americano — disse o anjo. — Parece um tanto exibido. Como se o Armagedon fosse alguma espécie de show cinematográfico que se desejasse vender no maior número de países possível.

— Todos os países — disse Crowley. — A Terra e todos os seus reinos.

Aziraphale jogou o último pedaço de pão aos patos, que foram encher o saco do adido naval búlgaro e de um homem de olhar furtivo numa gravata estilo Cambridge, e jogou cuidadosamente a sacola de papel numa cesta de lixo.

Ele se virou e encarou Crowley.

— Vamos ganhar, naturalmente — disse.

— Você não quer isso — disse o demônio.

— Por que não, Deus?

— Escute — disse Crowley desesperado. — Quantos músicos você acha que o seu lado tem, hein? De primeira linha.

Aziraphale ficou com cara de tacho.

— Bom, aí eu preciso pensar... — começou.

— Dois — disse Crowley. — Elgar e Liszt. E só. Nós temos o resto. Beethoven, Brahms, todos os Bach, Mozart, todos. Pode imaginar a eternidade com Elgar?

Aziraphale fechou os olhos.

— Facilmente — grunhiu.

— Então é isso — disse Crowley, com um olhar de triunfo.

Conhecia o ponto fraco de Aziraphale. — Nada mais de compact-discs. Nada mais de Albert Hall. Nada mais de bailes. Nada mais de Glyndbourne. Apenas harmonias celestiais o dia inteiro.

— Inefável — murmurou Aziraphale.

— Como ovos sem sal, você disse. O que me lembra: nada de sal nada de ovos. Nada de carneiro com molho de endro. Nada de restaurantezinhos fascinantes onde todos te conhecem. Nada de palavras cruzadas do Daily Telegraph. Nada de pequenos antiquários. E também nada de livrarias. Nada de interessantes edições antigas Nada... — Crowley escavou o fundo do baú de interesses de Aziraphale — de caixas de rape de prata estilo Regência...

— Mas depois que vencermos a vida será melhor! — disse o anjo com a voz esganiçada.

— Mas não será tão interessante. Escute, você sabe que eu estou com a razão. Você seria tão feliz com uma harpa quanto eu com um tridente.

— Você sabe que não tocamos harpas.

— E nós não usamos tridentes. Eu estava sendo retórico.

Encararam-se.

Aziraphale ficou examinando as mãos elegantemente manicuradas.

— Meu povo está mais do que feliz para que isso aconteça sabia? Essa é toda a questão. O grande teste final. Espadas flamejantes, os Quatro Cavaleiros, mares de sangue, todo esse negócio tedioso. — Ele deu de ombros.

— E então Game Over, Coloque Ficha? — perguntou Crowley.

— Às vezes acho seus métodos de expressão um pouco difíceis de acompanhar.

— Eu gosto dos mares como eles são. Não precisa acontecer. Você não precisa testar tudo até a destruição só pra ver se fez tudo certo.

Aziraphale tornou a dar de ombros.

— Receio que isso é o que chamam de sabedoria inefável. — O anjo deu de ombros e fechou mais o casaco. Nuvens cinzentas estavam se agrupando sobre a cidade.

— Vamos para algum lugar quente — disse ele.

— Está me pedindo? — perguntou Crowley melancólico.

Caminharam algum tempo num silêncio triste.

— Não é que eu discorde de você — disse o anjo, enquanto caminhavam pela grama. — É que não tenho permissão de desobedecer. Você sabe disso.

— Eu também — disse Crowley.

Aziraphale olhou para ele de banda.

— Ah, o que é que há? Você é um demônio, afinal.

— Sou. Mas minha gente só é a favor da desobediência em termos gerais. Eles desaprovam fortemente a desobediência específica.

— Como a desobediência a eles próprios?

— Isso, você entendeu. Ficaria surpreso. Ou não. Quanto tempo acha que temos? — Crowley fez um gesto para o Bentley, que destravou suas portas.

— As profecias diferem — disse Aziraphale, deslizando para o banco do carona. — Certamente até o fim do século, embora possamos esperar certos fenômenos antes disso. A maioria dos profetas do milênio passado estavam mais preocupados com escansão que com precisão.

Crowley apontou para a chave na ignição. Ela girou.

— O quê? — perguntou.

— Você sabe — lembrou o anjo. — "And thee Worlde Unto An Ende Shall Come, in tumpty-tumpty-tumpty One." Ou Dois, ou Três, ou o que for. Não existem muitas rimas boas até Seis, o que provavelmente faz dele um bom ano para se estar.

— E que tipos de fenômenos?

— Bezerros de duas cabeças, sinais no céu, gansos voando para trás, chuvas de peixes. Esse tipo de coisa. A presença do Anticristo afeta a operação natural da causalidade.

— Hmmm.

Crowley pôs o Bentley em marcha. Então se lembrou de uma coisa. Estalou os dedos.

As trancas das rodas desapareceram.

— Vamos almoçar. Estou te devendo um almoço desde, quando foi...

— Paris, 1793 — disse Aziraphale.

— Ah, sim. O Reinado do Terror. Foi coisa sua ou nossa?

— Não foi de vocês?

— Não lembro. Mas o restaurante era bom.

Ao passarem por um guarda de trânsito, seu bloco de notas sofreu combustão espontânea, para surpresa de Crowley.

— Tenho certeza absoluta de que eu não quis fazer isso — disse.

Aziraphale corou.

— Fui eu — disse. — Sempre achei que a sua gente os havia inventado.

— Achava? Nós pensávamos que eles eram seus.

Crowley ficou olhando a fumaça pelo retrovisor.

— Vamos — disse. — Vamos ao Ritz.

Crowley não se preocupara em fazer uma reserva. Em seu mundo, reservas para mesas eram coisas que aconteciam com outras pessoas.

Aziraphale colecionava livros. Se ele fosse inteiramente honesto consigo mesmo, teria de admitir que seu sebo era simplesmente um lugar para guardá-los. Isso não era incomum para ele. Para manter sua cobertura como um típico vendedor de livros de segunda mão, usava todos os meios excetuando-se a violência física para impedir que os clientes fizessem uma aquisição. Cheiro de umidade desagradável, olhares irritados, horas de funcionamento irregulares: ele era incrivelmente bom nisso.

Ele andara colecionando por um longo tempo, e, como todos os colecionadores, especializara-se.

Tinha mais de sessenta livros de previsões sobre evoluções no último punhado de séculos do segundo milênio. Tinha um pendor por primeiras edições de Wilde. E tinha um conjunto completo das Bíblias Infames, nomeadas individualmente a partir de erros tipográficos.

Entre essas Bíblias estava a Bíblia dos Injustos, assim chamada devido a um erro do impressor que o fizera proclamar, em Coríntios 1, "Não sabeis que os injustos herdarão o Reino de Deus?"; e a Bíblia dos Sem-Vergonhas, impressa por Barker e Lucas em 1632, onde a palavra não foi omitida do sétimo mandamento, tornando-o: "Cometerás Adultério." Havia a Bíblia das Botas de Canaã, a Bíblia da Ressurreição do Lazarento, a Bíblia dos Peixes Caminhando Sobre as Águas, a Bíblia de Charing Cross e o resto. Aziraphale tinha todas. Até a mais rara, uma Bíblia publicada em 1651 pela firma impressora londrina de Bilton e Scaggs.

Fora o primeiro dos três grandes desastres de publicação deles.

O livro era comumente conhecido como a Bíblia do Dane-se. O extenso erro do tipógrafo, se é que pode ser chamado assim, ocorre no livro de Ezequiel, capítulo 48, versículo cinco.

2. Junto ao território de Dã, desde o extremo oriental até o extremo ocidental: Aser, uma porção.

3. Junto ao território de Aser, desde o extremo oriental até o extremo ocidental: Neftali, uma porção.

4. Junto ao território de Neftali, desde o limite oriental até o limite ocidental: Manasses, uma porção.

5. Dane-se isto tudo. Estou cheio até a alma de tipograffia. O Mestre Biltonn não é ninhum Gentilhomem, e o Mestre Scagges nam é mais que um pedasso de excremento velho. Eu lhe digo, hum dia destes Qualquer Pessoa com meia grama de Senso deveria estar lá fora ao Sol, e não Enfiado aqui o dia inteiro nesta Bendita Officina cheirando a mofo. @ *UAE@;!*

6. Junto ao território de Efraim, desde o limite oriental até o limite ocidental: Rúben, uma porção. (Traduzir esses versos eliminaria a rima, fundamental para a compreensão do texto. O resultado seria mais ou menos este: E Vosso Mundo ao Fim Chegará, em tanto e tanto e tanto e Um. Eu bem que tentei, mas achei que vocês iriam preferir a rima no original (Não soa como John Cleese recitando um poema no "Monty Python Flying Circus"?) (N. do T.)

O segundo grande desastre de publicação de Bilton e Scaggs ocorreu em 1653. Por um golpe de rara boa sorte eles haviam obtido um dos famosos "Quartos Perdidos": as três peças de Shakespeare jamais relançadas em livro, e hoje inteiramente perdidas para estudiosos e fãs do teatro. Apenas seus nomes chegaram a nós. Esta era a primeira peça de Shakespeare, A Comédia de Robin Hoode, ou, A Floresta de Sherwoode. (As outras duas são Como Pegar um Rato e Os Garimpeiros de Ouro de 1589).

O Mestre Bilton pagou quase seis guinéus pelo quarto, e acreditava que poderia ganhar quase duas vezes essa quantia só com a edição de capa dura.

Então ele o perdeu.

O terceiro grande desastre editorial de Bilton e Scaggs nunca foi inteiramente compreendido por nenhum dos dois. Para toda parte que se olhava, livros de profecia vendiam como loucos. A edição inglesa das Centúrias de Nostradamus havia acabado de entrar em sua terceira impressão, e cinco Nostradamus, todos afirmando ser o único original, estavam em triunfantes

excursões de autógrafos. E a Coleção de Profecias de Madre Shipton estava acabando de sair das oficinas.

Cada um dos grandes editores de Londres — eram oito — tinha pelo menos um Livro de Profecia em sua lista. Cada um dos livros tinha uma imensa falta de precisão, mas seu ar de onipotência vaga e generalizada os fazia imensamente populares. Eram vendidos aos milhares, e às dezenas de milhares.

— É uma licença para imprimir dinheiro! — disse Mestre Bilton ao Mestre Scaggs. (NOTA: Que já tinha tido alguns pensamentos nessa direção, e passou os últimos anos de sua vida na prisão de Newgate quando finalmente os colocou em prática.)

— O público está implorando por esse lixo! Precisamos imprimir um livro de profecias de algum maluco!

O manuscrito chegou à porta deles na manhã seguinte; o senso de timing do autor, como sempre, era exato.

Embora nem o Mestre Bilton nem o Mestre Scaggs tivessem percebido, o manuscrito que receberam era a única obra profética em toda a história humana a consistir inteiramente em previsões inteiramente corretas relativas aos próximos trezentos e quarenta e tantos anos, sendo uma descrição precisa e correta dos eventos que culminariam no Armagedon. Valia o dinheiro em cada detalhe.

Foi publicado por Bilton e Scaggs em setembro de 1655, bem a tempo das vendas de Natal, (NOTA: * Outro golpe de mestre de gênio editorial, porque o Parlamento Puritano de Oliver Cromwell havia tornado o Natal ilegal em 1654.) e foi o primeiro livro impresso na Inglaterra a ir para a seção de saldos.

Não vendeu.

Nem mesmo o exemplar na pequena loja de Lancashire com os dizeres "Autor Local" escrito num pedaço de papelão ao lado.

A autora do livro, uma certa Agnes Nutter, não ficou surpresa com isso, mas, também, seria necessário muito para surpreender Agnes Nutter.

De qualquer forma, ela não o escrevera pelas vendas, ou pelos direitos autorais, ou sequer pela fama. Ela o havia escrito pelo exemplar gratuito a que todo autor tinha direito.

Ninguém sabe o que aconteceu com as legiões de cópias encalhadas do livro dela. Certamente não existe nenhuma em nenhum museu ou coleções particulares. Nem mesmo Aziraphale possui um exemplar, mas ficaria com as pernas bambas só de pensar em poder colocar suas mãos exoticamente manicuradas num deles.

Na verdade, somente um exemplar das profecias de Agnes Nutter ainda existia no mundo inteiro.

Ele estava numa prateleira a cerca de sessenta e cinco quilômetros de onde Crowley e Aziraphale comiam um ótimo almoço e, metaforicamente, acabara de começar a contagem regressiva.

NOTAS SOBRE AS BÍBLIAS COM ERROS EDITORIAIS

* A Bíblia do Dane-se também ficou digna de nota por ter vinte e sete versículos no terceiro capítulo do Gênesis em vez dos costumeiros vinte e quatro. Eles vinham logo depois do versículo 24, que na versão do rei Jaime é assim: "Então ele expulsou o homem; e colocou a leste do jardim do Éden Querubins, e uma espada de fogo voltada para todos os lados, para manter o caminho da árvore da vida", e em seguida:

25·E o Senhor falaram ao Anjo que guardava o portão leste, dizendo Onde está a espada flamejante que lhe foi dada?

26.E o Anjo respondeu, eu estava com ela até agora há pouco, devo tê-lA posto em algum lugar, da próxima acabo esquecendo minha cabeça.

27·E o Senhor não lhe perguntaram mais nada.

Parece que esses versículos foram inseridos durante a etapa das provas. Naqueles dias era prática comum dos impressores pendurar as folhas das provas em varais de madeira do lado de fora de suas oficinas, para edificação do povo e uma copidescagem gratuita, e já que toda a oficina foi logo depois queimada mesmo, ninguém se importou em deixar essa questão com o gentil Sr. A. Ziraphale, dono da livraria duas portas adiante e que era sempre tão prestativo com as traduções, e cuja escrita era instantaneamente reconhecível.

E agora eram três da tarde. O Anticristo já estava na Terra há quinze horas, e um anjo e um demônio haviam bebido sem parar três delas.

Sentaram-se de frente um para o outro no quarto dos fundos do sebo encardido de Aziraphale no Soho.

A maioria dos sebos no Soho tem quartos dos fundos, e a maioria dos quartos dos fundos estão repletos de livros raros, ou no mínimo muito caros. Mas os livros de Aziraphale não tinham ilustração Tinham velhas capas marrons e páginas esfarelentas. De vez quando, se não tivesse alternativa, vendia um deles.

E, de vez em quando, homens sérios de ternos escuros chegavam lá e sugeriam, com muita educação, que talvez ele quisesse vender a loja para que ela pudesse ser transformada no tipo de loja de varejo mais adequada à região. Às vezes eles ofereciam dinheiro, em grandes rolos de notas ensebadas de cinqüenta libras. Ou, às vezes enquanto conversavam, outros homens com óculos escuros andavam pela loja balançando as cabeças e dizendo como o papel inflamável, e que prato cheio para incêndio ele tinha ali.

E Aziraphale concordaria e sorriria e diria que iria pensar a peito. E então eles iam embora. E nunca mais voltavam.

Ser um anjo não quer dizer que você tenha de ser idiota.

A mesa à frente dos dois estava repleta de garrafas.

— A questão é — disse Crowley —, a questão é. A questão é - tentou se concentrar em Aziraphale.

— A questão é — disse ele, e tentou pensar numa questão.

— A questão que eu estou querendo levantar — disse, animando-se — é a dos golfinhos. Essa é a minha questão.

— Aqueles peixes, sei — disse Aziraphale.

— Nananinanão — disse Crowley, balançando um dedo. - Mamíferos. Eles são mamíferos. A diferença é que eles...

— Cruzam fora da água? — Aziraphale tentou ajudar.

Crowley franziu feio a testa.

— Acho que não. Tenho certeza de que não é isso não. É uma coisa sobre os filhotes deles. Sei lá. — Endireitou-se. — A questão é. A questão é. Os cérebros deles.

Esticou a mão para uma das garrafas.

— O que é que têm os cérebros deles? — perguntou o anjo.

— Cérebros grandes. Era o que eu queria dizer. Do tamanho de. Do tamanho de. Do tamanho de cérebros grandes pra cacete. E também tem as baleias. Cidade de cérebros, pode crer. O mar inteiro cheio de cérebros.

— Kraken — disse Aziraphale, olhando tristonho o fundo do seu copo.

Crowley lançou a ele o olhar longo e frio de alguém que acabou de ter um trilho de seu trem de pensamento explodido.

— Ahn?

— Um monstro grande pra chuchu — disse Aziraphale. — Dormia sob os trovões das profundezas superiores. Debaixo de camadas de enormes e incontáveis polipóis... polipós... umas algas marinhas muito grandes. Deveria surgir à superfície bem no final, quando o mar fervesse.

— É mesmo?

— Verdade.

— Então é isso — disse Crowley, recostando-se. — O mar inteiro borbulhando, os coitados dos golfinhos virando frutos do mar, e ninguém vai dar a mínima. A mesma coisa com os gorilas. Epa, eles vão dizer, o céu ficou vermelho, as estrelas começaram a cair no chão, o que estão pondo nas bananas hoje em dia? E aí...

— Eles fazem ninhos, os gorilas, sabia? — disse o anjo, servindo-se de outro drinque e conseguindo acertar o copo na terceira tentativa.

— Não.

— Juro por Deus. Vi um filme. Ninhos.

— Quem faz ninho são os pássaros — disse Crowley.

— Ninhos — insistiu Aziraphale.

Crowley decidiu não argumentar.

— Então é isso. Todas as criaturas, grandes e profanas. Quero dizer, pequenas. Grandes e pequenas. A maioria delas com cérebros. E então, bazamm!

— Mas você faz parte disso — disse Aziraphale. — Você tenta as pessoas. Você é bom nisso.

Crowley bateu o copo na mesa.

— Isso é diferente. Eles não precisam dizer que sim. Essa é a parte inefável, certo? Seu lado fez isso. Você precisa ficar testando as pessoas. Mas não até a destruição.

— Tudo bem. Tudo bem. Gosto disso tanto quanto você, mas eu disse. Não posso desod... desov... não fazer o que me mandam. E sou um anjo.

— No Céu não tem cinema — disse Crowley. — E muito poucos filmes.

— Não venha você tentar a mim — disse Aziraphale irritado. - Eu te conheço, serpente velha.

— Pense nisso — disse Crowley incansável. — Sabe o que é eternidade? Sabe o que é a eternidade? Quero dizer, sabe o que é eternidade? Tem uma grande montanha, um quilômetro de altura no fim do universo, e a cada mil anos um passarinho...

— Que passarinho? — Aziraphale perguntou com suspeitas.

— Esse passarinho de que estou falando. E a cada mil anos...

— O mesmo pássaro a cada mil anos?

Crowley hesitou.

— É.

— Pombas, mas que pássaro velho, hein?

— Ok. E a cada mil anos esse pássaro voa...

— Manca...

— ... voa até essa montanha e afia o bico...

— Espere aí. Não pode fazer isso. Entre aqui e o fim do universo existem centenas de... — O anjo acenou uma mão expansivamente, ainda que com um pouco de insegurança. — Centenas de coisas, meu caro.

— Mas ele chega lá assim mesmo — perseverou Crowley.

— Como?

— Não interessa!

— Podia usar uma nave espacial — disse o anjo.

Crowley cedeu um pouco.

— É. Se você prefere assim. De qualquer maneira, esse pássaro.

— Só que nós estamos falando do fim do universo — disse Aziraphale. — Então teria de ser uma dessas naves espaciais onde são seus descendentes que chegam do outro lado. Você precisa dizer aos seus descendentes: "Escutem, quando chegarem à Montanha, precisam..." — hesitou. — O que eles tem que fazer?

— Afiar o bico na montanha — disse Crowley. — E então voa de volta...

— ...na nave espacial...

— E depois de mil anos ele volta e faz tudo de novo — completou Crowley rapidamente.

Houve um momento de silêncio embriagado.

— Parece muito esforço só para afiar um bico — devaneou Aziraphale.

— Escute — disse Crowley com urgência —, a questão é que quando o pássaro tiver desgastado a montanha até ela se transformar em pó, bem, então...

Aziraphale abriu a boca. Crowley sabia que ele ia fazer alguma observação sobre a relativa dureza dos bicos dos pássaros e das montanhas de granito, e concluiu seu pensamento rapidamente.

— ... então você ainda não terá terminado de ver A Noviça Rebelde.

Aziraphale ficou gelado.

— E você vai gostar — disse Crowley impiedoso. — Vai mesmo.

— Meu caro...

— Você não terá escolha.

— Escute...

— O Céu não tem gosto.

— Olhe...

— E nem um único restaurante japonês.

Uma expressão de dor cruzou o rosto subitamente muito sério do anjo.

— Não consigo lidar com isso bêbado — disse. — Vou ficar sóbrio.

— Eu também.

Fizeram uma careta enquanto o álcool deixava suas correntes sangüíneas, e endireitaram-se um pouquinho melhor em suas cadeiras. Aziraphale ajeitou a gravata.

— Não posso interferir nos planos divinos — disse ele, a voz esganiçada.

Crowley olhou especulativo para seu copo, e tornou a enchê-lo.

— E que tal nos diabólicos? — perguntou.

— Perdão?

— Bom, tem de ser um plano diabólico, não é? Nós estamos fazendo isso. Meu lado.

— Ah, mas é tudo parte do plano geral divino — disse Aziraphale. — Seu lado não pode fazer nada que não seja parte do inefável plano divino — acrescentou, com um vestígio de presunção.

— É ruim, hein?

— Não, é que essa é a... — Aziraphale estalou os dedos irritado. — A coisa. Como vocês chamam isso em seu idioma cheio de vida? A questão do xis.

— O xis da questão.

— Sim, isso.

— Bom... Se você tem certeza... — disse Crowley.

— Não tenho dúvida.

Crowley olhou para ele zombeteiro.

— Então você não pode ter certeza, corrija-me se eu estiver errado, você não pode ter certeza de que prejudicá-lo não seja parte do plano divino também. Quero dizer, você deveria estragar os planos do Maligno, não é?

Aziraphale hesitou.

— É, é isso.

— Você vê um ato maligno, você o estraga. Estou certo?

— De modo geral, de modo geral. Na verdade eu incentivo humanos a fazerem o tal estrago. Por causa da inefabilidade, você compreende.

— Certo. Certo. Então tudo o que você tem a fazer é estragar. Porque uma coisa eu sei — disse Crowley com urgência. — É que o nascimento é só o começo. É a criação o importante. São as Influências. Caso contrário a criança jamais aprenderá a usar seus poderes. — Hesitou. — Pelo menos, não necessariamente da forma tencionada.

— Certamente nosso lado não se importará que eu estrague seus planos — disse Aziraphale, pensando bem. — Não se importarão mesmo com isso.

— Certo. Vai ser um ponto a mais no seu currículo. — Crowley deu um sorriso de incentivo para o anjo.

— Mas o que acontecerá com a criança se ela não receber uma educação satânica? — perguntou Aziraphale.

— Provavelmente nada. Ela jamais saberá.

— Mas a genética...

— Não me fale de genética. O que ela tem a ver com isso? — disse Crowley. Olhe só Satã. Criado como um anjo, cresce e vira o Grande Adversário. Ei, se você vai falar de genética, então é melhor dizer que o garoto vai crescer e se transformar num anjo. Afinal, o pai dele foi um bambambam e tanto no Céu nos velhos tempos. Dizer que ele vai ser um demônio quando crescer só porque seu pai se tornou um é como dizer que um rato com a cauda cortada dará à luz camundongos sem cauda. Não. A criação é tudo. Vai por mim.

— E sem influências satânicas...

— Bom, na pior das hipóteses o Inferno vai ter de começar tudo de novo. E a Terra terá pelo menos mais onze anos. Isso tem de valer alguma coisa, não tem?

Agora Aziraphale parecia pensativo novamente.

— Você está dizendo que a criança não é má por si mesma? — perguntou devagar.

— Potencialmente má. Potencialmente boa também, suponho. Apenas esse grande e poderoso potencialmente, esperando para ser moldado — disse Crowley. Deu de ombros. — De qualquer modo, por que estamos falando de bem e mal? São apenas nomes de facções. Nós sabemos disso.

— Acho que deve valer a pena tentar — disse o anjo. Crowley assentiu encorajador.

— Concorda? — perguntou o demônio, estendendo a mão.

O anjo apertou-a, cauteloso.

— Certamente será mais interessante do que santos — disse ele.

— E será pelo bem da criança, no fim das contas — disse Crowley. — Seremos uma espécie de padrinhos. Supervisionando sua criação religiosa, por assim dizer.

Aziraphale sorriu de orelha a orelha.

— Sabe, eu nunca teria pensado nisso — disse. — Padrinhos. Com os diabos.

— Não é tão ruim — disse Crowley. — Você acaba se acostumando.

Ela era conhecida como Scarlett. Naquela época ela vendia armas, embora isso já estivesse começando a perder o sabor. E nunca ficava num emprego por muito tempo. Trezentos, quatrocentos anos no máximo. Não queria criar limo.

Os cabelos dela eram tom de cobre verdadeiro, nem cor de mel nem castanhos, mas de uma profunda cor de cobre queimado, caíam até sua cintura

em trancas pelas quais os homens matariam, na verdade já haviam matado muitas vezes. Seus olhos eram de um laranja espantoso. Ela aparentava vinte e cinco anos, e sempre foi assim.

Tinha um caminhão vermelho todo coberto de poeira, cheio de armamento sortido, e uma habilidade quase inacreditável de atravessar com ele qualquer fronteira do mundo. Estava a caminho de um pequeno país sul-africano, onde uma pequena guerra civil estava em progresso, para fazer uma entrega que, com alguma sorte, a transformaria numa grande guerra civil. Infelizmente o caminhão havia quebrado, muito além até mesmo de sua capacidade em consertá-lo.

E ela era muito boa com maquinaria naqueles dias.

Estava no meio de uma cidade (Nominalmente, era uma cidade. Tinha o tamanho de um vilarejo campestre inglês ou, traduzido em termos americanos, um shopping center) na época. A cidade em questão era a capital da Kumbolalândia, uma nação africana que estivera em paz nos últimos três mil anos. Há cerca de trinta ela se chamava Sir Humphrey-Clarksonlândia, mas como o país não tinha absolutamente qualquer riqueza mineral e a importância estratégica de um banana, acelerou na direção do autogoverno com pressa quase inconveniente. A Kumbolalândia era pobre, talvez, e sem dúvida um país chato, porém pacífico. Suas diversas tribos, que se davam uma com as outras num clima de alto astral, havia muito transformaram suas espadas em arados; uma luta irrompera na praça da cidade entre um dono de carro de boi bêbado e um igualmente bêbado ladrão de bois em 1952. As pessoas ainda falavam no assunto.

Scarlett bocejou no calor. Abanou-se com seu chapéu de abas largas, deixou o caminhão inútil na rua empoeirada e entrou num bar.

Comprou uma lata de cerveja, esvaziou-a, e então sorriu para o barman.

— Preciso consertar meu caminhão. Tem alguém aqui que possa ver isso?

O barman deu um sorriso branco, enorme e expansivo. Ficara impressionado com o jeito como ela tomara a cerveja.

— Só Nathan, senhorita. Mas Nathan foi para Kaounda ver a fazenda do sogro.

Scarlett comprou mais uma cerveja.

— Alguma idéia de quando esse Nathan volta?

— Talvez semana que vem. Talvez duas semanas, senhorita. Esse Nathan é um patife, não?

Inclinou-se para a frente.

— Está viajando sozinha, senhorita? — perguntou.

— Estou.

— Pode ser perigoso. Tem gente esquisita nas estradas hoje em dia. Homens maus. Não são rapazes daqui — acrescentou rápido.

Scarlett ergueu uma perfeita sobrancelha.

— Obrigada pelo aviso — ronronou. Sua voz soava como algo que espreita no mato alto, visível somente pelo estremecer das orelhas, até que algo jovem e tenro passe por seu caminho.

Ela o cumprimentou com o chapéu e saiu.

O quente sol africano bateu nela inclemente; seu caminhão estava parado na rua com uma carga de armas, munição e minas terrestres. Não ia a lugar algum.

Scarlett ficou olhando para o caminhão.

Um abutre estava empoleirado no seu teto. Ele havia viajado quatrocentos e oitenta quilômetros com Scarlett até o momento. Estava lá, arrotando, na dele.

Ela deu uma olhada na rua: duas mulheres fofocavam numa esquina; um vendedor entediado estava sentado na frente de uma pilha de cabaças coloridas, abanando as moscas; algumas crianças brincavam preguiçosas na terra.

— Que diabos — disse baixinho. — Posso mesmo tirar umas férias.

Isso foi na quarta.

Na sexta a cidade era zona proibida.

Na quinta-feira seguinte, a economia de Kumbolalândia estava arrasada, vinte mil pessoas estavam mortas (inclusive o barman, morto a tiros pelos rebeldes enquanto atacava as barricadas do mercado), quase cem mil pessoas estavam feridas, todas as armas sortidas de Scarlett haviam preenchido a função para a qual haviam sido criadas, e o abutre havia morrido intoxicado pelo óleo que lubrificava as armas.

Scarlett já estava no último trem para fora do país. Sentiu estava na hora de se mudar. Ela estava vendendo armas há muito tempo. Queria uma mudança. Algo a ver com novas oportunidade. Tinha vontade de ser jornalista. Uma possibilidade. Abanou-se com o chapéu, e cruzou as pernas compridas à sua frente.

Mais adiante no trem, começou uma briga. Scarlett sorriu, pessoas estavam sempre brigando, por ela, ao redor dela; até que gostoso.

Sable tinha cabelos pretos, uma barba preta bem penteado havia acabado de decidir virar executivo. Foi beber com sua contadora.

— Como estamos indo, Frannie? — perguntou a ela.

— Doze milhões de exemplares vendidos até o momento. Dá pra acreditar?

Estavam bebendo num restaurante chamado Top of the Sixes, topo do 666 da Quinta Avenida, Nova York. Isso era algo que divertia Sable um pouco. Das janelas do restaurante você podia ver toda Nova York; à noite, o resto de Nova York podia ver os enormes 666s vermelhos que adornavam todos os quatro lados do edifício. Naturalmente era apenas mais um número de rua. Se você começasse a contar do zero, acabaria chegando lá de qualquer maneira. Mas não dava para deixar de sorrir.

Sable e sua contadora haviam acabado de chegar de um peque-aro e particularmente exclusivo restaurante em Greenwich Village onde a cozinha era inteiramente nouvelle: uma vagem, uma ervilha e uma fatia fina de peito de frango, tudo esteticamente disposto num prato de porcelana quadrado.

Sable havia inventado isso na última vez em que esteve em Paris.

Sua contadora havia limpado o prato de carne e dois vegetais em menos de cinqüenta segundos, e passara o resto da refeição olhando o prato, os talheres, e de vez em quando para seus companheiros de refeição, de um modo que sugeria que ela estava se perguntando qual seria o sabor deles, e na verdade era isso mesmo. Sable achou isso divertido demais.

Ele brincava com sua Perder.

— Doze milhões, hein? Isso é muito bom.

— Isso é ótimo.

— Então vamos nos tornar uma corporação. Já está na hora de darmos o grande golpe, não estou certo? Na Califórnia, acho. Quero fábricas, restaurantes, esse negócio todo. Vamos manter o ramo editorial, mas é hora de diversificar. Certo?

Frannie concordou.

— Parece bom, Sable. Vamos precisar...

Foi interrompida por um esqueleto. Um esqueleto num vestido Dior, com pele bronzeada esticada quase a ponto de se romper sobre os ossos delicados de seu crânio. O esqueleto tinha cabelos louros compridos e lábios perfeitamente delineados: parecia o tipo de pessoa para o qual as mães do mundo inteiro apontavam, resmungando: "Está vendo? Isso é o que vai acontecer com você se não comer verduras"; ela parecia um cartaz da campanha contra a fome, mas com estilo.

Era a principal modelo de Nova York, e estava segurando um livro. Ela disse: "Ahn, me desculpe, Sr. Sable, espero que não se incomode por eu chegar assim de repente, mas seu livro, ele mudou a minha vida, e eu estava pensando,

será que o senhor se incomodaria de autografá-lo para mim?" Ficou olhando para ele, implorando com olhos afundados em órbitas gloriosamente ensombrecidas.

Sable assentiu graciosamente, e tirou o livro da mão dela.

Não era surpreendente que ela o tivesse reconhecido, pois os olhos cinzentos dele saltavam de sua foto na sobrecapa de papel cuchê. Dieta Sem Comida: Magreza com Beleza, era o título do livro; O Livro de Dieta do Século!

— Como se soletra seu nome? — perguntou.

— Sherryl. Dois erres, um ípsilon, um ele.

— Você me lembra uma velha amiga — disse ele, enquanto escrevia rápida e cuidadosamente na folha de rosto. — Prontinho. Que bom que gostou. É sempre bom conhecer um fã.

O que ele escreveu foi o seguinte:

Sherryl,

Uma medida de trigo por um pêni, e três medidas de cevada por um pêni, e cuidado para não exagerar no óleo e no vinho. Apoc. 6:6.

Dr. Raven Sable

— É da Bíblia — disse ele.

Ela fechou o livro com reverência e recuou da mesa, agradecendo a Sable. Não sabia o quanto isso significava para ela, ele havia mudado sua vida, havia mesmo...

Ele jamais tivera a especialização médica que dizia ter, já que naqueles tempos não existiam universidades, mas Sable podia ver que ela estava morrendo de fome. Deu-lhe no máximo dois meses. Sem comida. Resolva seu problema de peso terminalmente.

Frannie estava atacando seu computador laptop faminta, planejando a próxima etapa da transformação que Sable efetuaria nos hábitos alimentares do mundo ocidental. Sable lhe comprara a máquina como um presente pessoal. Era muito, muito cara, muito potente e ultrafina. Ele gostava de coisas finas.

— Existe uma empresa européia que podemos comprar para o pontapé inicial, a Holdings (Holdings) Incorporated. Isso nos dará a base de taxa de

Liechtenstein. Agora, se canalizarmos os fundos através das Ilhas Caimán até Luxemburgo, e de lá para a Suíça, poderíamos pagar as fábricas em...

Mas Sable não estava mais ouvindo. Estava se lembrando do restaurantezinho exclusivo. Ocorrera-lhe que ele nunca vira tantas pessoas ricas tão famintas.

Sable sorriu, o sorriso honesto e aberto que acompanha a satisfação pelo trabalho, perfeita e pura. Ele estava apenas matando tempo até o evento principal, mas o estava matando de um modo exótico. Tempo, e às vezes gente.

Às vezes o chamavam de White, ou Blanc, ou Albus, ou Chalky, ou Weiss, ou Snowy, ou qualquer um de uma centena de outros nomes. Sua pele era pálida, seus cabelos de um louro esmaecido, os olhos cinza-claros. Um olhar ligeiro diria que ele estava na casa dos vinte, e um olhar ligeiro era tudo o que qualquer pessoa lançava para ele.

Ele era quase inteiramente esquecível.

Ao contrário de seus dois colegas, ele nunca podia ficar em qualquer emprego por muito tempo.

Tinha toda sorte de trabalhos interessantes em muitos lugares interessantes.

(Ele havia trabalhado na Usina de Chernobyl, em Windscale e em Three Mile Island, sempre em pequenos empregos que não eram muito importantes.)

Ele havia sido um membro menor porém valioso de uma série de instalações de pesquisa científica.

(Ele havia ajudado a projetar o motor a gasolina, o plástico e o puxador de latinhas de bebida.)

Podia fazer de tudo.

Ninguém chegava a reparar realmente nele. Era tranqüilo; sua presença era cumulativa. Se você pensasse nela com cuidado, poderia concluir que ele

tinha de ter estado fazendo alguma coisa, tinha de ter estado em algum lugar. Talvez ele até falasse com você. Mas ele era fácil de esquecer, o Sr. White.

Naquele momento ele estava trabalhando como marinheiro de convés num petroleiro que seguia na direção de Tóquio.

O capitão estava bêbado em sua cabine. O imediato estava na proa. O segundo-em-comando, na cozinha. Eles eram quase toda a tripulação; o navio era quase completamente automatizado. Não havia muito o que fazer.

Entretanto, se uma pessoa por acaso apertasse o botão DESPEJO DE CARGA DE EMERGÊNCIA no tombadilho, os sistemas automáticos cuidariam de liberar enormes quantidades de gosma preta no mar, milhões de toneladas de óleo cru, com um efeito devastador sobre os pássaros, os peixes, a vegetação, os animais e humanos da região. Naturalmente, havia dezenas de travas de proteção e backups à prova de erros, mas, que diabos, isso sempre havia.

Depois, muito se discutiu para saber de quem exatamente era a culpa. No fim nada se resolveu: a culpa foi dividida por igual. Nem o capitão, nem o imediato nem o segundo-em-comando jamais trabalharam novamente.

Por alguma razão ninguém pensou muito no marinheiro White que já estava a meio caminho da Indonésia num vapor lotado de barris de metal enferrujados com um herbicida particularmente tóxico.

E havia Outro. Ele estava na praça em Kumbolalândia. E estava nos restaurantes. E estava no peixe, e no ar, e nos barris de herbicida. Estava nas estradas, e nas casas, e nos palácios, e em galpões.

Não havia lugar onde fosse estranho, e não havia como escapar dele. Ele estava fazendo o que fazia melhor, e o que estava fazendo era o que ele era.

Ele não estava esperando. Estava trabalhando.

Harriet Dowling voltou para casa com seu bebê, que, segundo o conselho da Irmã Fé Prolixa, que era mais persuasiva do que a In Maria, e com a concordância por telefone de seu marido, foi batizado de Warlock.

O Adido Cultural voltou para casa uma semana depois, e disse que o bebê era a cara do seu lado da família. Também mandara sua secretária colocar no The Lady um anúncio pedindo uma babá.

Crowley havia visto Mary Poppins na televisão um Natal (na verdade, nos bastidores, Crowley tivera um pé na criação da maioria da programação da televisão; embora ele se orgulhasse mesmo era da invenção do game show). Brincou com a idéia de um furacão como um meio eficaz e incrivelmente modernoso de se livrar da fila de babás que certamente se formaria, ou possivelmente se empilharia num padrão de ataque do lado de fora da residência do Adido Cultural em Regent s Park.

Contentou-se com uma tremenda greve no metrô, e quando o dia chegou apenas uma babá apareceu.

Ela usava um tailleur de tweed e brincos de pérola discretos. Alguma coisa nela podia dizer babá, mas o dizia num subtom do tipo usado por mordomos britânicos num certo tipo de filme americano. Ele também pigarreou discretamente e murmurou que ela bem poderia ser o tipo de babá que anuncia serviços não-especificados mas estranhamente explícitos em certas revistas.

Seus sapatos sem salto esmagaram o cascalho da entrada, e um cachorro cinza trotava silencioso ao seu lado, pontinhos brancos de saliva pingando de sua mandíbula. Seus olhos reluziam escarlates, e ele olhava de um lado para outro com cara de fome.

Ela estendeu a mão para a porta de madeira pesada, sorriu para si mesma, um breve sorriso de satisfação, e tocou a campainha. Ela emitiu um gongo melancólico.

A porta foi aberta por um mordomo, como dizem, da velha escola. (Uma escola noturna logo na saída de Tottenham Court Road, dirigida por um velho

ator que havia desempenhado papéis de mordomos de camareiros em filmes, na televisão e no palco desde os anos 20.

— Sou a babá Astarte — disse ela. — E este — continuou, enquanto o cão cinza ao seu lado olhava o mordomo com cautela, pensando talvez onde iria enterrar seus ossos — é Rover.

Deixou o cachorro no jardim, e passou na entrevista com louvor, e a Sra. Dowling levou a babá para ver seu novo pupilo. Ela sorriu desagradavelmente.

— Que criança adorável — disse. — Logo, logo, vai querer um velocípede.

Por uma dessas coincidências, outro novo membro da equipe chegou na mesma tarde. Era o jardineiro, e depois se descobriu que ele era incrivelmente bom em seu trabalho. Ninguém conseguia entender bem por quê, já que ele nunca pegava numa pá e não fazia esforço para livrar o jardim dos súbitos bandos de pássaros que enchiam e se acomodavam nele a qualquer oportunidade. Ele simplesmente ficava sentado na sombra enquanto os jardins da residência floresciam e floresciam.

Warlock costumava aparecer para vê-lo, quando cresceu o suficiente para engatinhar e a babá estava fazendo o que quer que fosse em suas tardes de folga.

— Este aqui é o Irmão Caramujo — o jardineiro lhe dizia — esta criaturinha aqui é a Irmã Batata Baroa. Lembre-se, Warlock, a seguir pelas rodovias e desvios do caminho rico e pleno da vida, de ter amor e reverência por todas as coisas vivas.

— A babá diz que as coisas fifas só serve pra fica na terra embaixo dos meus pés, seu Fancisco — disse o pequeno Warlock, acariciando o Irmão Caramujo e depois limpando consciente a mão na sua jardineira com a figura do sapo Caco.

— Não escute aquela mulher — dizia Francisco. — Escute a mim.

À noite, a babá Astarte cantava músicas de ninar para Warlock.

Ah, o grande e velho Duque de York
Ele tinha Dez Mil Homens
Marchou com eles Até o Alto da Colina
E Esmagou todas as nações do mundo e colocou-as
sob o domínio de nosso mestre Satã.
e

Este porquinho foi pro inferno
Este porquinho ficou em casa
Este porquinho comia carne humana crua e fumegante
Este porquinho violava virgens
E este porquinho subiu numa pilha de cadáveres pra
Chegar lá no alto.

— O maninho Fancisco. o jadineio, diz que eu devo paticar a vitude sem egoímo e amar todas as coisas fifas — disse Warlock.

— Não escute aquele homem, meu amorzinho — sussurrava a babá enquanto o colocava em sua caminha. — Escute a mim.

E assim foi.

O Acordo funcionou perfeitamente. Empate técnico. A babá Astarte comprou um velocípede para a criança, mas nunca conseguiu convencê-lo a andar com ele dentro de casa. E ele tinha medo de Rover.

Nos bastidores, Crowley e Aziraphale se encontravam nos ônibus, em galerias de arte e em concertos, comparavam notas e sorriam.

Quando Warlock completou seis anos, sua babá foi embora, levando Rover consigo; o jardineiro entregou seu pedido de demissão no mesmo dia. Nenhum dos dois partiu com a mesma alegria no caminhar com a qual haviam chegado.

Warlock agora estava sendo educado por dois tutores.

O Sr. Harrison ensinava-lhe sobre Átila, o Huno, Vlad Drakul e a Complexa Escuridão do Espírito Humano. Ele evitava mencionar que Átila era bom com sua

mãe, ou que Vlad Drakul não dispensava suas orações diárias.Tentou ensinar a Warlock como fazer discursos políticos incitadores das massas para balançar os corações e as mentes de multidões.

O Sr. Cortese ensinava-lhe sobre Florence Nightingale. Só cortou a parte da sífilis. Abraham Lincoln e apreciação da arte. Tentou ensinar-lhe sobre livre-arbítrio, autonegação e Fazer aos Outros o que Você Quer Que Façam a Você.

Ambos liam muito para o garoto o Livro do Apocalipse.

Apesar dos melhores esforços deles, Warlock demonstrava uma lamentável tendência a ser bom em matemática. Nenhum de seus tutores estava inteiramente satisfeito com seu progresso.

Aos dez anos, Warlock gostava de beisebol; gostava de brinquedos de plástico que se transformavam em outros brinquedos de plástico impossíveis de distinguir dos primeiros a não ser pelo olho treinado; gostava de sua coleção de selos; gostava de chiclete sabor banana; gostava de quadrinhos, desenhos animados e de sua bicicleta BMX.

Crowley ficou preocupado.

Estavam na cafeteria do Museu Britânico, outro refúgio para todos aqueles soldados cansados da Guerra Fria. Na mesa à sua esquerda, dois americanos certinhos de terno estavam passando sub-repticiamente uma maleta cheia de dólares suspeitos a uma mulher negra baixinha com óculos de sol; na mesa à direita o chefe do M17 e o funcionário do setor local do KGB discutiam sobre quem ia pagar o chá e os bolinhos.

Crowley finalmente disse o que não havia sequer ousado pensar na última década.

— Se você quer minha opinião — disse Crowley à sua contraparte —, ele é por demais normal.

Aziraphale colocou outro ovo apimentado na boca, e tomou um gole de café para fazê-lo descer. Enxugou os lábios com um guardanapo de papel.

— É a minha boa influência — sorriu. — Ou melhor, vamos dar o crédito a quem merece, à minha pequena equipe.

Crowley balançou a cabeça.

— Estou levando isso em conta. Escute... A esta altura ele deveria estar tentando dobrar o mundo ao redor dele aos seus próprios desejos, moldando-o à sua própria imagem, esse tipo de coisa. Bem não exatamente tentando. Ele o fará sem sequer se dar conta. Já viu qualquer evidência disso acontecendo?

— Bem, não, mas...

— A esta altura ele deveria ser uma usina de energia pura. É?

— Bom, até onde eu notei, não, mas...

— Ele é normal demais. — Crowley tamborilou com os dedos na mesa. — Não estou gostando. Tem alguma coisa errada. Só não estou conseguindo descobrir o quê.

Aziraphale serviu-se de um pedaço do papo-de-anjo de Crowley.

— Ora, ele é um garoto em fase de crescimento. E, naturalmente, tem a influência celestial na vida dele.

Crowley suspirou.

— Só espero que ele saiba como lidar com o cão do inferno, é só isso.

Aziraphale ergueu uma sobrancelha.

— Cão do inferno?

— Em seu décimo primeiro aniversário. Recebi uma mensagem do Inferno ontem à noite. — A mensagem aparecera durante "Supergatas", um dos programas de televisão favoritos de Crowley. Rose havia levado dez minutos para dar o que poderia ter sido um breve comunicado, e quando o serviço não-infernal foi restaurado Crowley havia perdido o fio da trama. — Estão enviando para ele um cão do inferno, para ficar ao seu lado e protegê-lo de todo mal. O maior que eles têm.

— Será que as pessoas não vão estranhar o súbito aparecimento de um cachorro preto enorme? Seus pais, para começo de conversa.

Crowley se levantou subitamente, tropeçando no pé de um adido cultural búlgaro, que estava conversando animadamente com o Curador de Antiguidades de Sua Majestade.

— Ninguém vai reparar nada fora do comum. É a realidade, anjo. E o jovem Warlock pode fazer o que quiser com relação a isso, saiba ou não.

— Quando é que vai aparecer, então? Esse cachorro? Ele tem nome?

— Já lhe disse. No aniversário de onze anos dele. Vai meio que entrar direto à frente dele. Que deverá batizá-lo sozinho. É muito importante que ele o faça. Isso dará ao cão seu propósito. Será Matador, ou Terror, ou Caçador Noturno, espero.

— Você vai estar lá? — perguntou o anjo com ar despreocupado.

— Não perderia de jeito algum — disse Crowley. — Espero que não haja nada de errado demais com a criança. Veremos como ele reage ao cão, de qualquer maneira. Isso deverá nos dizer alguma coisa. Eu espero que o mande de volta, ou fique com medo dele. Se ele o batizar mesmo, estamos perdidos. Ele terá todos os poderes e o Armagedon estará logo ali na esquina.

— Eu acho — disse Aziraphale, bebericando seu vinho (que havia acabado de deixar de ser um Beaujolais levemente avinagrado e se tornado um bastante aceitável mas um tanto surpreso Château Lafitte 1875) — que verei você lá.

Quarta-feira

Era um dia quente de agosto no centro de Londres.

O aniversário de onze anos de Warlock estava muito bem freqüentado.

Havia vinte meninos e dezessete meninas. Havia um bocado de homens louros com cortes de cabelo militar idênticos, ternos azul-marinho e coldres de ombro. Havia uma equipe de bufê, que havia chegado com gelatinas, bolos e tigelas de batatas fritas. Sua procissão de vans era liderada por um Bentley de colecionador.

Os Incríveis Harvey e Vanda, Especialistas em Festas Infantis, ficaram subitamente de cama com uma inesperada infecção intestinal, mas por uma sorte providencial aparecera um substituto, praticamente do nada. Um mágico.

Todo mundo tinha o seu pequeno hobby. Apesar dos conselhos de Crowley, Aziraphale pretendia usar o seu para uma boa causa.

Aziraphale tinha um orgulho especial de suas habilidades mágicas. Ele havia freqüentado aulas na década de 1870 lecionadas por John Maskelyne, e passara quase um ano praticando prestidigitação, escondendo moedas na palma da mão e tirando coelhos da cartola. Tinha se tornado muito bom nisso, sentiu na época. A questão era que, embora Aziraphale fosse capaz de fazer coisas que poderiam fazer todo o Círculo de Mágicos pendurar as varinhas, ele jamais aplicava o que poderiam ser considerados seus poderes intrínsecos à prática de conjurar prestidigitações. O que era um grande problema. Estava começando a desejar que tivesse continuado a praticar.

Ainda assim, devaneou, era como andar de velocípede. Você não esquecia. Sua casaca de mágico estava um pouco empoeirada mas caiu bem quando ele a vestiu. Começou até mesmo a se lembrar do velho jargão da área.

As crianças olhavam para ele com incompreensão neutra e desdenhosa. Atrás da mesa do bufê, Crowley, com seu paletó branco de garçom, rangia os dentes de vergonha.

— Então, jovens senhores e senhoras, estão vendo minha cartola velha e surrada? Mas que cartola horrorosa, vocês devem estar pensando! E vejam, não há nada nela. Mas, caramba, quem é este invasor aqui? Ora, é o nosso amiguinho peludo, o coelhinho Harry!

— Ele estava no seu bolso — observou Warlock. As outras crianças concordaram. O que ele estava pensando que eles eram? Crianças?

Aziraphale se lembrou do que Maskelyne lhe dissera sobre como lidar com estraga-prazeres. "Brinquem com isso, seus cabeças de pudim: e estou falando com o senhor, Sr. Fell" (o nome que Aziraphale adotara na época), "Faça com que eles riam, e perdoarão quer coisa!"

— Ah, então você descobriu meu truque da cartola — riu. As crianças ficaram olhando para ele impassíveis.

— Você é uma porcaria — disse Warlock. — Bem que eu queria bonecos de desenhos mesmo.

— Ele está certo — concordou uma menina de rabo-de-cavalo — Você é uma porcaria mesmo. E deve ser bicha.

Aziraphale olhou desesperado para Crowley. Até onde podia ver, o jovem Warlock estava obviamente tentado pelo Inferno, e quanto mais rápido o Cão Negro chegasse e eles pudessem sair daquele lugar, melhor.

— Agora, será que alguns de vocês, meus jovens, têm alguma coisa como uma moeda de três pence? Não, jovem senhor? Então o que é isto que eu estou vendo atrás da sua orelha...?

— No meu aniversário eu ganhei bonecos de desenhos animados — anunciou a garotinha. — Ganhei os transformers e meu pequeno pônei e um decepticon e o tanque dos thundercats e...

Crowley soltou um grunhido. Festas infantis eram obviamente lugares onde qualquer anjo com um grama de bom senso deveria sentir medo de pisar.

Vozes agudas de crianças se elevaram numa alegria cínica quando Aziraphale deixou cair três anéis de metal ligados.

Crowley desviou o olhar, e seus olhos se voltaram para uma mesa com presentes empilhados até o alto. De uma estrutura alta de plástico, dois olhinhos retornaram seu olhar.

Crowley os examinou a procura de um lampejo de fogo rubro. Nunca se sabe quando se está lidando com os burocratas do Inferno. Sempre era possível que eles tivessem enviado um rato em vez de um cão.

Não, era um rato perfeitamente normal. Parecia estar vivendo numa excitante construção de cilindros, esferas e moinhos, do jeito que a Inquisição Espanhola teria planejado se tivesse tido acesso a uma prensa de moldagem de plástico.

Conferiu seu relógio. Nunca ocorrera a Crowley trocar sua bateria, que havia apodrecido três anos antes, mas ainda dava a hora com perfeição. Faltavam dois minutos para as três.

Aziraphale estava ficando cada vez mais frustrado.

— Será que alguém aqui na platéia possui algo como um lenço de bolso? Não? — Nos tempos vitorianos seria impensável não se andar com lenços, e o truque, que envolvia retirar magicamente um pombo, que naquele instante estava bicando irritado o pulso de Aziraphale, não poderia prosseguir sem um. O anjo tentou atrair a atenção de Crowley, falhou, e, em desespero, apontou para um dos guardas da segurança, que se mexia desconfortável.

— Você, meu bom rapaz. Venha cá. Agora, se inspecionar o bolso do seu peito, acho que encontrará um lenço de seda fina.

— Não senhor. Receio que não, senhor — disse o guarda, olhando para a frente sem piscar.

Aziraphale piscou desesperado.

— Não, vamos lá, meu caro rapaz, dê uma olhada, por favor.

O guarda meteu a mão dentro do bolso interno, fez uma cara de surpresa e tirou um lenço, seda azul-clara com laços nas bordas. Aziraphale percebeu

quase imediatamente que o laço havia sido um erro, porque prendeu na arma debaixo do braço do homem, e fez com que ela saísse voando do coldre para pousar pesadamente numa tigela de gelatina.

As crianças aplaudiram espasmodicamente.

— Ei, até que foi legal! — disse a menina de rabo-de-cavalo.

Warlock já havia corrido para o outro lado da sala, e agarrou a arma.

— Mãos ao alto, palhaços — gritou todo animado.

Os seguranças entraram em pânico.

Uns procuraram as próprias armas; outros começaram lentamente a se aproximar, ou se afastar, do garoto. As outras crianças começaram a reclamar que também queriam armas, e algumas da mais atrevidas começaram a tentar puxá-las dos guardas que haviam sido distraídos o bastante para tirar suas armas.

Então alguém jogou gelatina em Warlock.

O garoto soltou um gritinho, e apertou o gatilho da arma. Era uma Magnum .32, exclusiva da CIA, cinza, pesada e mortal, capaz de explodir um homem a trinta passos de distância e não deixar nada além de uma neblina vermelha, uma sujeira medonha e uma certa quantidade de burocracia.

Aziraphale piscou.

Uma fina corrente de água esguichou do cano e encharcou Crowley, que estava olhando pela janela, tentando ver se havia algum cachorro preto enorme no jardim.

Aziraphale ficou envergonhado.

Então um bolo de creme o atingiu no rosto.

Eram quase três e cinco.

Com um gesto, Aziraphale transformou o resto das armas em pistolas d'água também e saiu.

Crowley foi encontrá-lo na calçada lá fora, tentando retirar um pombo um tanto esmagado da manga de sua casaca.

— Será que já não é tarde? — disse Aziraphale.

— Evidente — disse Crowley. — Isso é o que dá enfiar o bicho na manga. — Estendeu a mão e puxou o pássaro morto da casaca de Aziraphale, e soprou o hálito da vida de volta a ele. O pombo arrulhou em agradecimento e saiu voando, um pouco desconfiado.

— O pássaro não — disse o anjo. — O cachorro. Ele está atrasado.

Crowley balançou a cabeça, pensativo.

— Vamos ver.

Abriu a porta do carro, ligou o rádio.

"I--should-be-so-luckyrluc-ky-lucky-lucky-lucky,-I-should-be-so-lucky-in-

OLÁ, CROWLEY.

— Olá. Quem, quem está falando?

— DAGON, SENHOR DAS MOSCAS, MESTRE DA LOUCURA, SUBDUQUE DO SÉTIMO TORMENTO. O QUE POSSO FAZER POR VOCÊ?

— O cão do inferno. Estou só, ahn, checando se ele foi liberado sem problemas.

— FOI SOLTO HÁ DEZ MINUTOS. POR QUÊ? NÃO CHEGOU? HÁ ALGO ERRADO?

— Ah, não. Nada errado. Tudo certo. Epa, estou vendo ele agora. Bom cão. Cão bonitinho. Vocês estão fazendo um ótimo trabalho aí embaixo, pessoal. Bom, foi ótimo falar com você, Dagon. Em breve a gente se vê, ok?

Desligou o rádio.

Ficaram olhando um para o outro. Ouviram um estampido alto vindo de dentro da casa, e uma janela estilhaçada.

— Oh, céus — murmurou Aziraphale, não xingando com a tranqüilidade da prática de alguém que passou os últimos seis mil anos não xingando, e que não ia começar agora. — Devo ter esquecido uma.

— Nada de cachorro — disse Crowley.

— Nada de cachorro — disse Aziraphale.

O demônio suspirou.

— Entre no carro. Precisamos conversar sobre isso. Ah, e Aziraphale...

— Sim?

— Limpe essa porcaria de creme do bolo antes de entrar.

Era um dia quente e silencioso de agosto longe do centro de Londres. Às margens da estrada de Tadfield, a poeira curvava as ervas daninhas com seu peso. Abelhas zumbiam nas cercas vivas. O ar tinha uma leve sensação de sobras requentadas.

De repente, um som como o de mil vozes metálicas gritando "Ave!" cortado abruptamente.

E havia um cachorro preto na estrada.

Tinha de ser um cachorro. Tinha o formato de um cachorro.

Existem alguns cachorros que, quando você os encontra, lembram você de que, apesar de milhares de anos de evolução direcionada pelo homem, cada cachorro ainda está somente a duas refeições de distância de ser um lobo. Esses cães avançam deliberadamente, com um objetivo, a selvageria encarnada, os dentes amarelos o hálito fétido, enquanto à distância seus donos dizem: "É só um cachorro velho, basta cutucá-lo se ele aborrecer muito", e no verde de seus olhos as fogueiras vermelhas do Pleistoceno reluzem...

Este cachorro faria até mesmo um cão daqueles se encolher do sofá como quem não quer nada e fingir estar extremamente preocupado com seu osso de borracha.

Ele já estava grunhindo, e o grunhido era um rosnado baixo e trovejante que prometia ameaças, o tipo de grunhido que começa no fundo da garganta do animal e termina na garganta de outra pessoa.

Saliva pingava de suas mandíbulas e fervia no asfalto.

Ele deu alguns passos à frente e farejou o ar parado.

Suas orelhas se levantaram.

Havia vozes, a uma grande distância. Uma voz de garoto, mas a qual ele fora criado para obedecer, não podia evitar senão obedecer. Quando aquela voz dissesse "Vamos", ele iria; quando dissesse: "Mate", ele mataria. A voz de seu dono.

Ele pulou a cerca viva e caminhou pelo campo que havia além. Um touro que pastava ali o encarou por um instante, considerou suas chances, e então saiu em disparada na direção oposta.

As vozes vinham de um bosque de árvores mirradas. O cão negro se esgueirou para perto, as mandíbulas salivando com abundância.

Uma das outras vozes disse:

— Ele nunca fará isso. Você está sempre dizendo que sim, nunca faz. Seu pai lhe dar um bicho de estimação! E um bicho de estimação interessante! Provavelmente serão insetos. É esse tipo de coisa que seu pai acha interessante.

O cão deu o equivalente canino de um dar de ombros, mas perdeu imediatamente o interesse porque então o Mestre, o Centro de seu universo, falou.

— Vai ser um cachorro — disse.

— Tá. Você nem sabe se vai ser um cachorro. Ninguém disse que vai ser um cachorro. Como é que você sabe que vai ser um cachorro se ninguém disse? Seu pai ficaria reclamando da comida dele o tempo todo.

— Alfenas. — Essa terceira voz era mais formal que as duas primeiras. O dono de uma voz dessas seria o tipo de pessoa que, antes de montar um kit de modelo de plástico, não só separaria e contaria todas as peças antes de começar, de acordo com as instruções, como também pintaria as partes que precisavam de pintura primeiro e as deixaria secar adequadamente antes da montagem. Tudo o que separava essa voz da contabilidade era uma questão de tempo.

— Eles não comem alfenas, Wensley. Você nunca viu um cachorro comendo alfenas.

— Insetos comem, era o que eu queria dizer. Eles são muito interessantes, na verdade. Eles comem uns aos outros quando copulam.

Fizeram uma pausa pensativa. O cão se esgueirou mais para perto e percebeu que as vozes vinham de um buraco no chão.

As árvores na verdade escondiam uma antiga pedreira de calcário, agora semi-oculta com espinheiras e trepadeiras. Antiga, porém obviamente não abandonada. Era entrecortada por trilhos; áreas suaves de encosta indicavam uso regular de skates e ciclistas da Parede da Morte, ou pelo menos Parede-do-Joelho-Seriamente-Ralado. Pedaços velhos de cordas perigosamente esfiapadas pendiam de algumas das trepadeiras mais acessíveis. Aqui e ali, folhas de ferro corrugado e velhas pranchas de madeira estavam encravadas em ramos. Uma placa queimada e enferrujada da Triumph Herald Estate era visível, semi-submersa num arbusto de urtigas.

Num dos cantos, um emaranhado de rodinhas e ferro corroído assinalava o local do famoso Cemitério Perdido, onde os carrinhos de supermercado vinham para morrer.

Se você fosse uma criança, isso era o paraíso. Os adultos do local o chamavam de O Poço.

O cão espiou por entre um aglomerado de urtigas, e avistou quatro figuras sentadas no centro da pedreira naquele praticável indispensável em qualquer bom esconderijo, o caixote de leite.

— Não comem, não!

— Comem, sim.

— Aposto com você que não comem — disse a primeira pessoa que havia falado. Tinha um certo timbre que a identificava como jovem e fêmea, e um tom misto de fascinação com pavor.

— Comem sim, sério. Eu tinha seis antes de sairmos de férias e esqueci de trocar as alfenas e quando voltei eu tinha um enorme.

— Não. Isso não são insetos, são louva-a-deus. Eu vi na televisão: uma fêmea enorme come o macho e ele nem repara.

Outra pausa substancial.

O cão conseguiu colocar um olho enorme num buraco da cerca quebrada da pedreira e olhar para baixo.

— De qualquer forma, que nem bicicleta — disse a primeira pessoa autoritária. — Eu pensava que ia ganhar uma bicicleta de sete marchas, selim profissional, toda roxa e tudo o mais, e aí eles me deram esta azul-clara. Com cestinha. Bicicleta de menina.

— Bom, você é menina — disse um dos outros.

— Isso é sexismo, é o que é. Saindo por aí dando presentes femininos só porque elas são garotas.

— Eu vou ganhar um cão — disse a voz de seu Dono, com firmeza. Seu Dono estava de costas para ele; o cão não conseguia ver direito suas feições.

— Ah, tá, um daqueles Rottenweilers enormes, né? — disse a garota, com sarcasmo.

— Não, vai ser o tipo de cachorro com o qual você pode se divertir — disse a voz de seu Dono. — Não um cachorro grande... ... o olho nas urtigas desapareceu subitamente para baixo...

— ... mas um desses cães brilhantemente inteligentes, que possa descer por tocas de coelho e tenha uma orelha engraçada que fica sempre apontando pra cima. Um vira-lata legal. Um vira-lata com pedigree.

Sem que eles pudessem ouvir, um pequeno som de trovão se fez na borda da pedreira. Poderia ter sido causado pelo súbito fluxo de ar no vácuo provocado por um cão muito grande se tornando, por exemplo, um cachorro pequeno.

O pequeno som de estalo seguinte poderia ter sido provocado por uma orelha apontando para fora.

— E vou chamá-lo — disse a voz de seu Dono. — Vou chamá-lo...

— Sim? — perguntou a garota. — Vai chamá-lo de quê?

O cão aguardou. Este era o momento. O Nome. Isso lhe daria seu propósito, sua função, sua identidade. Seus olhos brilharam vermelhos, muito embora estivessem bem mais próximos do chão, e ele babou nas urtigas.

— Vou chamá-lo de Cão — disse seu Dono, definitivo. — Um nome desses poupa muito tempo.

O cão do inferno parou. No fundo de seu diabólico cérebro canino, ele sabia que havia algo de errado, mas ele era obediente, e seu grande e súbito amor por seu Dono superava todas as adversidades. E quem havia determinado qual deveria ser seu tamanho, de qualquer forma?

Desceu a encosta para encontrar seu destino.

Mas era estranho. Ele sempre quis pular em cima das pessoas, mas, agora, percebia que, contra todas as suas expectativas, também queria abanar a cauda.

— Você disse que era ele! — gemeu Aziraphale, tirando distraído o último pedaço de creme do bolo da lapela. Lambeu os dedos.

— Era ele — disse Crowley. — Eu deveria saber, não é?

— Então alguém mais deve estar interferindo.

— Não existe ninguém mais! Só existimos nós, certo? O Bem e o Mal. Um lado ou o outro.

Deu um soco no volante.

— Você ficaria surpreso com o tipo de coisas que eles podem fazer a alguém lá embaixo — disse.

— Imagino que sejam muito semelhantes ao tipo de coisas que podem fazer a alguém lá em cima — disse Aziraphale.

— Qual é! Sua gente obtém perdão inefável — disse Crowley amargo.

— É mesmo? Já visitou Gomorra?

— Claro — disse o demônio. — Tinha uma ótima taverninha onde se tomava fantásticos coquetéis de tâmara fermentados com noz-moscada e suco de capim-limão...

— Eu quis dizer depois.

— Ah.

Aziraphale disse:

— Alguma coisa deve ter acontecido no hospital.

— Não é possível! Estava cheio do nosso pessoal!

— Pessoal de quem? — Aziraphale perguntou com frieza.

— Meu pessoal — corrigiu Crowley. — Bem, não meu pessoal. Hmm, você sabe, satanistas.

Tentou dizer isso casualmente. Além, claro, do fato de que o mundo era um lugar fantástico e interessante do qual ambos queriam desfrutar o máximo de tempo possível, havia poucas coisas sobre as quais os dois concordassem, mas concordavam quanto a algumas daquelas pessoas que, por um motivo ou outro, eram inclinadas a adorar o Príncipe das Trevas. Crowley sempre os achara embaraçosos. Não dava para ser grosseiro com eles, mas também não dava para deixar de sentir por eles o mesmo que, digamos, um veterano do Vietnã sentiria por alguém que usa equipamento de combate em reuniões de vigilância das ruas.

Além do mais, eles eram sempre tão depressivamente entusiásticos. Considere todos aqueles negócios de cruzes invertidas, pentagramas e galinhas. Tapeava a maioria dos demônios. Não era nem um pouco necessário. Para se tornar um satanista, bastava um esforço de vontade. Poderia ser uma vida inteira sem nunca saber o que era um pentagrama, sem jamais ver uma galinha morta além de um filé de frango congelado.

Além do mais, alguns dos satanistas à moda antiga tendiam, na verdade, a ser pessoas muito legais. Pronunciavam as palavras, faziam os gestos, exatamente como as pessoas que eles julgavam estar do outro lado, e então iam para casa e viviam vidas não muito assumidamente medíocres pelo resto da semana sem que jamais um pensamento anormalmente mau passasse por suas cabeças.

E quanto ao resto...

Havia gente que se chamava de satanista e fazia Crowley estremecer. Não eram apenas as coisas que eles faziam, era o jeito como punham toda a culpa no Inferno. De repente tinham uma idéia que nenhum demônio poderia ter pensado em mil anos, alguma coisa desagradável, negra e impensável que somente um

cérebro humano em plena capacidade de funcionamento poderia conceber, e então gritavam "O Demônio Me Fez Fazer Isso" e obtinham a simpatia do tribunal quando a questão era que o Diabo dificilmente fazia alguém fazer alguma coisa. Ele não precisava. Isso era o que alguns humanos achavam difícil de compreender. O Inferno não era um grande reservatório de mal, não mais do que o Céu, na opinião de Crowley, era uma fonte de bondade; eles eram apenas lados do grande jogo de xadrez cósmico. Onde você encontrava a coisa em si, a verdadeira graça e a verdadeira treva da maldade, era bem no interior da mente humana.

— Humpf — disse Aziraphale. — Satanistas.

— Não vejo como elas poderiam ter confundido as coisas — disse Crowley. — Quero dizer, dois bebês. Não é exatamente uma coisa enorme, é...? — Parou. Através das névoas da memória ele visualizou uma freira baixinha, que o havia marcado na época como sendo incrivelmente desmiolada até mesmo para um satanista. E havia mais alguém. Crowley lembrava-se vagamente de um cachimbo, e um cardigã com o tipo de padrão em ziguezague que saíra de moda em 1938. Um homem com a expressão "pai nervoso" escrita na testa.

Deve ter havido um terceiro bebê. Contou isso a Aziraphale.

— Não é muita informação pra se seguir — disse o anjo.

— Sabemos que a criança deve estar viva — disse Crowley. — Portanto...

— Como sabemos?

— Se ela tivesse tornado a ir lá para Baixo, acha que eu ainda estaria sentado aqui?

— Boa.

— Então tudo o que temos a fazer é encontrá-la — disse Crowley. — Vamos procurar nos registros do hospital. — O motor do Bentley roncou e o carro deu um pulo para a frente, forçando Aziraphale de volta ao banco.

— E depois o quê? — perguntou ele.

— E depois achamos a criança.

— E depois, o quê? — O anjo fechou os olhos quando o carro fez uma curva fechada.

— Sei lá.

— Céus.

— Será... sai da estrada, palhaço!... que seu pessoal não poderia considerar a hipótese... e troca essa lata velha!... de me conceder asilo?

— Eu ia lhe perguntar a mesma coisa... Cuidado com aquele pedestre!

— Ele está na rua, sabe o risco que corre! — disse Crowley, encaixando o carro em aceleração entre um carro estacionado e um táxi e deixando um espaço que mal teria aceito mesmo o melhor cartão de crédito.

— Olhe a estrada! Olhe a estrada! Onde fica esse hospital mesmo?

— Em algum lugar ao sul de Oxford!

Aziraphale agarrou o console.

— Você não pode dar cento e quarenta no centro de Londres.

Crowley olhou o velocímetro.

— Por que não? — perguntou.

— Vai nos matar! — hesitou Aziraphale. — Nos desincorporar inconvenientemente — corrigiu, pouco convincente, relaxando um pouco. — De qualquer maneira, pode matar outras pessoas.

Crowley deu de ombros. O anjo nunca entendera inteiramente o século vinte, e não percebia que é perfeitamente possível dar cento e quarenta quilômetros por hora na Oxford Street. Era só arranjar as coisas para que ninguém ficasse na frente. E como todo mundo sa que era impossível dar cento e quarenta quilômetros na Oxford Street, ninguém notava.

Pelo menos carros eram melhores do que cavalos. O motor de combustão interna fora uma coisa bendi... divi... uma mão na roda para Crowley. Os únicos cavalos que ele podia ser visto cavalgar a serviço, nos velhos tempos, eram coisas enormes e pretas, com olhos feito chamas e cascos que soltavam faíscas. Isso era de rigueur para um demônio. Normalmente Crowley caía. Não tinha muito jeito com animais.

Em algum lugar perto de Chiswick, Aziraphale começou a me distraído na confusão de fitas do porta -luvas.

— O que é um Velvet Underground?

— Você não iria gostar — disse Crowley.

— Ah — disse o anjo com desprezo. — Bebop.

— Você sabia, Aziraphale, que provavelmente se fizessem uma pesquisa com um milhão de seres humanos para pedir que descrevessem música moderna, nenhum usaria o termo "bebop"? — comentou Crowley.

— Ah, isto aqui sim. Tchaikovsky — disse Aziraphale, abrindo uma caixa e enfiando seu cassete no Blaupunkt.

— Você não vai gostar — suspirou Crowley. — Está no carro há mais de quinze dias.

Uma forte batida de baixo começou a ecoar pelo Bentley que disparava na direção de Heathrow. Aziraphale franziu a testa.

— Não estou reconhecendo. Isso é o quê?

— "Another One Bites the Dust", de Tchaikovsky — disse Crowley, fechando os olhos enquanto passavam por Slough.

Para matar o tempo enquanto atravessavam as Chilterns adormecidas, também ouviram "We Are the Champions", de William Byrd e "I Want to Break Free", de Beethoven. Que não eram tão boas quanto “Fat-Bottomed Girls", de Vaughan Williams.

Dizem que o Diabo tem as melhores músicas. Isso é em grande parte verdade. Mas o Céu tem os melhores coreógrafos.

A planície de Oxfordshire se estendia para oeste, com um punhado de luzes dispersas para marcar as aldeias adormecidas onde trabalhadores honestos estavam se preparando para dormir após um longo dia de diretorias editoriais, consultorias financeiras ou engenharia de software.

Ali, no alto da colina, alguns vaga-lumes davam o ar de sua graça.

O teodolito do agrimensor é um dos símbolos mais odiosos do século vinte. Colocado em qualquer ponto do campo aberto, ele diz haverá Ampliação de Estradas, sim, e propriedades de duas mil casai para manter o Caráter Essencial do Vilarejo. Desenvolvimentos Executivos se manifestarão.

Mas nem mesmo o agrimensor mais consciencioso inspeciona à meia-noite, mas ali estava a coisa, as pernas do tripé bem enfiadas na grama. Não são muitos teodolitos que têm um ramo de aveleira amarrado no topo, ou pêndulos de cristal pendurados e as runas celtas escavadas em suas pernas.

A brisa suave balançava o manto da figura magra que ajustava os controles do objeto. Era um manto razoavelmente pesado, sensivelmente à prova d'água, com um forro quente.

A maioria dos livros sobre bruxaria dirão a você que as bruxas trabalham nuas. Isto porque a maioria dos livros sobre bruxaria são escritos por homens.

O nome da jovem era Anathema Device. Não era uma beleza estonteante. Todos os seus traços, considerados individualmente, eram extremamente bonitos, mas seu rosto como um todo dava a impressão de que ele havia sido feito apressadamente sem consulta a qualquer plano. Provavelmente a palavra mais adequada seria "atraente", embora as pessoas que soubessem o que significava e pudessem soletrá-la poderiam acrescentar "vivaz", embora essa palavra seja muito anos cinqüenta, então talvez não a dissessem.

Mocinhas não deviam sair sozinhas em noites escuras, mesmo em Oxfordshire. Mas qualquer maníaco de plantão teria mais do que seu trabalho cortado se atacasse Anathema Device. Afinal de contas, ela era uma bruxa. E precisamente por ser uma bruxa, e portanto sensata, não punha muita fé em

amuletos de proteção e feitiços; poupava tudo isso em troca de uma faca de pão de trinta centímetros que levava à cintura.

Deu uma olhada através do vidro e fez outro ajuste.

Murmurou baixinho.

Agrimensores costumam murmurar baixinho. Murmuram coisas como "Logo vamos construir uma estrada aqui antes que você possa dizer Jack Robinson", ou "Três ponto cinco metros, com desvio menor que um bigode de gato".

O murmúrio dela era de ordem inteiramente diferente.

— Noite escura/E Lua brilhante — murmurava Anathema. — Leste-Sul/Por Este-Sudoeste... este-sudoeste... peguei você...

Pegou um mapa de levantamento topográfico dobrado e segurou-o à luz da lanterna. Então pegou uma régua transparente e um lápis e traçou cuidadosamente uma linha pelo mapa. Ela fazia uma interseção com outra linha a lápis.

Sorriu, não porque algo ali fosse particularmente divertido, mas porque um serviço difícil havia sido bem-feito.

Então ela desmontou o estranho teodolito, amarrou-o à traseira de uma bicicleta preta encostada na cerca viva, certificou-se de que o Livro estava na cestinha, e pedalou à toda até a alameda envolta na neblina.

Era uma bicicleta muito antiga, com um quadro feito aparentemente de canos de metal. Fora construída muito antes da invenção da marcha de três velocidades, e provavelmente não muito depois da invenção da roda.

Mas para o vilarejo era quase que só descida. Cabelos voando ao vento, manto esvoaçando atrás dela como uma âncora de tecido, ela deixou o leviatã de duas rodas acelerar sem piedade cortando o ar quente. Pelo menos não havia tráfego algum àquela hora da noite.

O motor do Bentley foi dando estalos à medida que esfriava. O temperamento de Crowley, por outro lado, começou a esquentar.

— Você disse que tinha visto a placa — disse.

— Bom, passamos tão rápido. De qualquer modo, pensei que você havia estado aqui antes.

— Onze anos atrás!

Crowley atirou o mapa no banco de trás e tornou a ligar o motor.

— Talvez devêssemos perguntar a alguém — disse Aziraphale.

— Ah, sim — disse Crowley. — Vamos parar e perguntar à primeira pessoa que virmos caminhando por uma... uma trilha no meio da noite, não é?

Engatou a segunda no carro e saiu cantando os pneus pelo caminho cheio de faias.

— Tem alguma coisa estranha nesta área — disse Aziraphale.

Está sentindo?

— O quê?

— Reduza um instantinho.

O Bentley tornou a reduzir.

— Estranho — murmurou o anjo. — Estou tendo uns vislumbres de, de...

Levou as mãos às têmporas.

— Do quê? Do quê? — perguntou Crowley.

Aziraphale o encarou.

— Amor — disse ele. — Alguém realmente ama este lugar.

— Perdão?

— Parece existir aqui um grande senso de amor. Não consigo explicar melhor. Especialmente não a você.

— Quer dizer como... — começou Crowley.

Ouviu-se um barulho de rodas, um gritinho e uma pancada. O carro parou.

Aziraphale piscou, baixou as mãos e abriu rápido a porta.

— Você bateu em alguém.

— Não bati, não — disse Crowley. — Alguém bateu em mim.

Saíram. Atrás do Bentley, uma bicicleta jazia na estrada, a roda dianteira dobrada num verdadeiro anel de Moebius, a roda traseira girando agourenta, cada vez mais devagar, até parar por completo.

— Que haja luz — disse Aziraphale. Um pálido brilho azul inundou a estrada.

Do fosso ao lado deles, alguém falou:

— Como diabos você fez isso?

A luz desapareceu.

— Fiz o quê? — perguntou Aziraphale culpado.

— Ahn. — Agora a voz soava estranha. — Acho que bati a cabeça em alguma coisa...

Crowley olhou fuzilando um longo arranhão metálico na pintura reluzente do Bentley e um amassado no pára-choque. O amassado desapareceu num instante. A tinta voltou ao normal.

— Levante-se, mocinha — disse o anjo, erguendo Anathema. - Não quebrou nenhum osso. — Era uma afirmação, não uma esperança; houve uma pequena fratura, mas Aziraphale não resistia a uma oportunidade de fazer o bem.

— Vocês estavam com os faróis apagados — começou ela.

— Você também — disse Crowley, culpado. — Estamos empatados.

— Estávamos fazendo alguma vigília astronômica, não é? — perguntou Aziraphale, endireitando a bicicleta. Várias coisas caíram de sua cestinha dianteira. Ele apontou para o teodolito quebrado.

— Não — disse Anathema. — Quero dizer, sim. E olhe o que você fez com a pobre e velha Phaeton.

— Perdão? — disse Aziraphale.

— Minha bicicleta. Está toda amassada...

— Essas velhas máquinas são de uma flexibilidade fantástica — disse o anjo animado, entregando-a a ela. A roda da frente brilhava ao luar, tão perfeitamente redonda quanto um dos Círculos do Inferno.

Ela olhou firme para a roda.

— Bom, já que está tudo resolvido — disse Crowley — talvez seja melhor a gente, ahn, ir. Você por acaso não saberia o caminho para Lower Tadfield, saberia?

Anathema ainda estava olhando sua bicicleta. Ela tinha quase certeza de que nunca tivera uma bolsinha lateral com kit de conserto de pneus.

— Fica logo colina abaixo. Esta é a minha bicicleta, não é?

— Ah, certamente — disse Aziraphale, na dúvida se havia exagerado.

— Só que eu tenho certeza de que Phaeton nunca teve uma bomba de encher pneus.

O anjo tornou a ficar com cara de culpado.

— Mas tem um lugar para uma — disse ele sem poder evitar. — Dois ganchinhos.

— Logo descendo a colina, você disse? — perguntou Crowley, empurrando o anjo.

— Acho que eu devo ter batido com a cabeça — disse a garota.

— Nós lhe daríamos uma carona, claro — apressou-se Crowley em dizer. — Mas não tem lugar para a bicicleta.

— A não ser no bagageiro do teto — disse Aziraphale.

— O Bentley não tem... Ah. Ahn.

O anjo jogou de qualquer maneira o conteúdo da cestinha no banco de trás e ajudou a garota zonza a entrar em seguida.

— Não se pode — disse ele a Crowley — abandonar a quem precisa.

— Você talvez não. Eu sim. Temos outras coisas para fazer, sabia? — Crowley olhou fuzilando para o novo bagageiro. Tinha elásticos axadrezados.

A bicicleta ergueu-se sozinha do chão e se amarrou com firmeza no lugar. Então Crowley entrou.

— Onde você vive, minha querida? — Aziraphale perguntou carinhoso.

— Minha bicicleta também não tinha faróis. Bom, ter tinha, do tipo que você coloca aquelas pilhas duplas e elas derretem e então eu as tirei — disse Anathema. — Ela olhou fuzilando para Crowley. — Eu tenho uma faca de pão, sabia? Em algum lugar.

Aziraphale ficou chocado com a implicação.

— Madame, eu lhe asseguro...

Crowley acendeu os faróis. Não precisava deles para enxergar, mas faziam com que os outros humanos na estrada ficassem menos nervosos. Então deu a partida e dirigiu devagar colina abaixo. A estrada saiu de sob as árvores e, depois de algumas centena metros, atingiu os arredores de um vilarejo de tamanho médio.

Ele tinha uma sensação familiar. Onze anos haviam se passado mas aquele lugar definitivamente lembrava algo.

— Existe algum hospital aqui perto? — perguntou. — Dirigido por freiras?

Anathema deu de ombros.

— Acho que não — disse ela. — O único lugar grande é Tad Manor. Não sei o que acontece lá.

— Planejamento divino — resmungou baixinho Crowley.

— E marchas — disse Anathema. — Minha bicicleta não tem marchas. Tenho certeza de que minha bicicleta não tinha marchas.

Crowley chegou perto do ouvido do anjo.

— Ó, senhor, cura esta bicicleta — sussurrou sarcástico.

— Desculpe, acho que me excedi — sibilou Aziraphale.

— Elásticos axadrezados?

— Xadrez está na moda.

Crowley grunhiu. Nas ocasiões em que o anjo conseguia colocar a mente no século vinte, ela sempre gravitava por volta de 1950.

— Pode me deixar aqui — disse Anathema do banco de trás.

— Com prazer — sorriu o anjo. Assim que o carro parou ele abriu a porta de trás e se curvou como um empregado velho recebendo o jovem sinhozinho de volta à plantação.

Ela tinha certeza de que nenhum dos dois homens dera a volta até a traseira do carro, mas a bicicleta estava desamarrada e encostada no portão.

Havia decididamente algo de muito estranho neles, ela concluiu.

Aziraphale tornou a se curvar.

— Foi um prazer ajudar — disse.

— Obrigada — disse Anathema fria.

— Podemos prosseguir? — disse Crowley. — Boa noite, moça. Entre, anjo.

Ah. Bom, isso explicava tudo. Ela estivera perfeitamente segura, afinal.

Ficou olhando o carro sumir na direção do centro do vilarejo, e virou a bicicleta no caminho do chalé. Nem se preocupara em trancá-la. Tinha certeza de que Agnes teria mencionado se ela fosse ser assaltada, ela era boa em coisas pessoais desse tipo.

Alugara o chalé mobiliado, o que significava que a mobília era do tipo especial que você encontra nessas circunstâncias e provavelmente fora deixada ali para os lixeiros pela loja de saldos de guerra local. Não tinha importância. Ela não esperava ficar ali por muito tempo.

Se Agnes estivesse certa, ela não ficaria em nenhum lugar por muito tempo. Nem ninguém mais.

Abriu os mapas e coisas sobre a mesa antiga sob a lâmpada solitária da cozinha.

O que havia aprendido? Não muito, ela concluiu. Provavelmente ELE estava na extremidade norte do vilarejo, mas já suspeitava disso de qualquer maneira. Se você chegasse perto demais o sinal afogava você; se estivesse distante demais não conseguia fixá-lo adequadamente.

Era de enfurecer. A resposta devia estar no Livro, em algum O problema era que, para compreender as Previsões, era precise pensar como uma bruxa

meio louca e altamente inteligente do século dezessete com uma mente igual a um dicionário de palavras cruzadas. Outros membros da família haviam dito que Agnes tornava as coisas obscuras para escondê-las da compreensão de gente de fora; Anathema, que suspeitava poder de vez em quando pensar como Agnes, deduzira com seus botões que isso era porque Agnes era uma filha da mãe desgraçada com um senso de humor muito filho da mãe.

Ela nem sequer...

Ela não estava com o livro.

Anathema encarou horrorizada as coisas sobre a mesa. Os mapas. O teodolito divinatório caseiro. A garrafa térmica que continha extrato de carne quente. A lanterna.

O retângulo de ar vazio onde as Profecias deveriam ter estado.

Ela o havia perdido.

Mas isso era ridículo! Uma das coisas sobre as quais Agnes sempre era muito específica era sobre o que acontecia com o livro.

Ela agarrou a lanterna e saiu correndo da casa.

— Uma sensação como, ah, como o oposto do que você quando diz coisas como "isso parece assombrado" — disse Aziraphale. — É isso o que eu quero dizer.

— Eu nunca digo coisas como "isso parece assombrado" - disse Crowley. — Eu sou assombrado.

— Uma sensação abençoada — disse Aziraphale em desespero.

— Nada. Não consigo sentir nada — disse Crowley, com alegria forçada. — Você é simplesmente sensível demais.

— É meu trabalho — disse Aziraphale. — Anjos não podem ser sensíveis demais.

— Eu espero que as pessoas por aqui gostem de viver aqui e você está apenas captando essas coisas.

— Nunca peguei nada assim em Londres — disse Aziraphale.

— Então, ora? Isso prova meu argumento — disse Crowley. — E este é o lugar. Lembro-me dos leões de pedra nas laterais do portão.

Os faróis do Bentley iluminaram os bosques de rododendros supercrescidos que ladeavam a pista de entrada. Os pneus esmigalharam cascalho.

— Está um pouco cedo demais para chamarmos as freiras — disse Aziraphale, na dúvida.

— Bobagem. Freiras estão sempre acordadas — disse Crowley. — Provavelmente é o Compline, ou então algum remédio para emagrecer.

— Mas que coisa mais mesquinha — disse o anjo. — Realmente não há necessidade para esse tipo de coisa.

— Não fique na defensiva. Já lhe falei que estas eram das nossas. Freiras negras. Precisávamos de um hospital próximo à base aérea, sabia?

— Essa eu não entendi.

— Você não acha que as esposas de diplomatas americanos normalmente dão à luz em hospitaizinhos religiosos no meio do nada, acha? Tudo tinha de parecer que estava acontecendo normalmente. Existe uma base aérea em Lower Tadfield, ela foi lá para a inauguração, as coisas começaram a acontecer, o hospital de base não estava preparado, nosso homem lá disse: “Tem um lugar logo descendo a estrada", e lá estávamos nós. Uma organização muito boa.

— A não ser por um ou dois detalhezinhos de nada — disse Aziraphale sacana.

— Mas quase deu certo — disparou Crowley, sentindo que devia falar por honra da firma.

— Sabe, o mal sempre contém as sementes de sua própria destruição — disse o anjo. — Em última instância, ele é negativo, e portanto abrange sua queda mesmo em seus momentos de aparente triunfo. Não importa o quão

grandioso, o quão bem-planejado, o quão aparentemente à prova de falhas um plano maligno possa ser, a condição pecaminosa inerente irá, por definição, se voltar contra seus instigadores. Não importa o quanto aparentemente bem-sucedido ele possa parecer ao longo do caminho, ao fim ele se quebrará. Afundará sobre as rochas da iniqüidade e afundará de cabeça para desaparecer sem um vestígio nos mares do esquecimento.

Crowley parou para considerar isso.

— Que nada — acabou respondendo. — Foi só incompetência padrão. Ei...

Assoviou baixinho.

A entrada de cascalho na frente da mansarda estava abarrotada de carros, e não eram carros de freiras. O Bentley estava fora de moda ali. Muitos carros tinham GT ou Turbo em seus nomes e antenas de telefones nos tetos. Eram quase todos de menos de um ano atrás.

As mãos de Crowley coçaram. Aziraphale curava bicicletas e ossos quebrados; ele desejava era roubar alguns rádios, furar alguns pneus, esse tipo de coisa. Resistiu.

— Ora, ora — disse. — No meu tempo eram quatro freiras num fusquinha.

— Isso não pode estar certo — disse Aziraphale.

— Talvez tenham sido privatizadas — arriscou Crowley.

— Ou então você veio ao lugar errado.

— Este é o lugar certo, estou lhe dizendo. Vamos.

Saíram do carro. Trinta segundos depois alguém acertou ambos com tiros. Com incrível precisão.

Se havia uma coisa que Mary Hodges, ex-Maria Loquaz, era boa era em tentar obedecer ordens. Ela gostava de ordens. Elas tornavam o mundo um lugar mais simples.

Ela não era boa era em mudanças. Havia gostado mesmo da Ordem Faladeira. Fizera amigos pela primeira vez lá. Pela primeira vez teve um quarto só seu. Naturalmente, ela sabia que estava engajada em coisas que podiam, em certos pontos de vista, ser consideradas ruins, mas Mary Hodges havia visto muita coisa na vida em trinta anos e não tinha ilusões sobre o que a maioria da raça humana tinha de fazer para sobreviver de uma semana a outra. Além do mais, a comida era boa e se conhecia muita gente interessante.

A Ordem, ou o que restara dela, havia se mudado após o incêndio. Afinal, seu único propósito de existir havia sido realizado. Cada uma buscou o seu caminho.

Ela não partira. Até que gostava da Mansão e, dizia, alguém tinha de ficar e providenciar um conserto adequado, porque hoje em dia não se podia confiar em pedreiros a não ser que se ficasse em cima deles o tempo todo, de certo modo. Isso significava quebrar seus votos, mas a Madre Superiora disse que tudo bem, nada com que se preocupar, quebrar votos era perfeitamente normal numa irmandade negra, e não mudaria nada em cem anos ou onze, portanto se lhe dava algum prazer ali estavam as tarefas e um endereço para enviar qualquer correspondência, a menos que viesse em envelopes pardos compridos com janelas na frente.

Então alguma coisa muito estranha aconteceu com ela. Deixada só no prédio em ruínas, trabalhando num dos poucos aposentos intactos, discutindo com homens com butucas de cigarro atrás das orelhas e pó de gesso nas calças e o tipo de calculadora de bolso que fornece respostas diferentes se as somas envolvidas forem de notas usadas, ela descobriu algo que nunca soube existir.

Descobriu, sob camadas de ingenuidade e ansiedade em agradar, Mary Hodges.

Ela descobriu que era bastante fácil interpretar as estimativas de engenheiros e fazer cálculos de impostos sobre valor agregado. Pegou alguns livros na biblioteca, e descobriu que economia era uma coisa interessante e descomplicada. Parou de ler o tipo de revista feminina que fala de romance e tricô e começou a ler o tipo de revista feminina que fala de orgasmos, mas além de fazer uma nota mental para ter um assim que a ocasião se apresentasse, dispensou-os como sendo apenas romance e tricô numa roupagem nova. Então começou a ler o tipo de revista que falava de fusões de empresas.

Depois de muito pensar, comprou um pequeno computador pessoal de um divertido e condescendente jovem vendedor em Norton. Depois de um fim de semana trabalhoso, ela o devolveu. Não, como ele pensava quando ela tornou a entrar na loja, por ter uma tomada dentro dele, mas porque não tinha um co-processador 387. Isso ele entendeu — era um vendedor, afinal, e conseguia entender palavras compridas — mas depois disso a conversa desceu rapidamente a ladeira do ponto de vista dele. Mary Hodges comprou ainda mais revistas. A maioria delas tinha o termo "PC" em algum lugar do título, e muitas tinham artigos e resenhas que ela circundou cuidadosamente com caneta vermelha.

Ela leu sobre Novas Mulheres. Não tinha sequer percebido que fora uma Velha Mulher, mas depois de pensar um pouco ela deduziu que títulos como esse eram unha e carne com romance, tricô e orgasmos, e a coisa realmente importante a ser era ser você mesma, o mais que pudesse. Ela sempre sentira vontade de se vestir de preto e branco. Tudo o que ela precisava fazer era levantar a bainha da saia, subir o salto e tirar a touca de freira.

Um dia, enquanto folheava uma revista, aprendeu que em todo o país havia uma demanda aparentemente insaciável de prédios cômodos em terrenos espaçosos coordenados por pessoas que compreendessem as necessidades da comunidade empresarial. No dia seguinte ela saiu e mandou imprimir papéis de carta em nome da Tadfield Manor Conference and Management Training Center, calculando que, quando estivessem impressos, ela já saberia tudo o que fosse necessário sobre gerenciar lugares assim.

Os anúncios seguiram na semana seguinte.

Fora um sucesso fantástico, porque Mary Hodges percebera começo de sua carreira como Si Mesma que treinamento em administração não significava necessariamente colocar pessoas sentadas em frente a projetores de slides nada confiáveis. As empresas esperavam bem mais do que isso hoje em dia.

E ela deu.

Crowley afundou com as costas contra uma estátua. Aziraphale já havia caído de cabeça num arbusto de rododendros, uma mane escura se espalhando por seu paletó.

Crowley sentiu sua própria camisa molhada.

Isso era ridículo. A última coisa de que precisava agora era ser morto. Isso exigiria toda espécie de explicações. Eles não davam corpos novos assim sem mais aquela; sempre queriam saber o que você havia feito com o antigo. Era como tentar obter uma caneta nova com um almoxarifado particularmente antipático.

Olhou para sua mão, incrédulo.

Demônios têm de ser capazes de enxergar no escuro. E ele podia ver que sua mão estava amarela. Ele estava sangrando amarelo.

Rapidamente levou um dedo à boca.

Então se arrastou até Aziraphale e checou a camisa do anjo. Se a mancha nela era de sangue, alguma coisa estava muito errada com a biologia.

— Aai, isso doeu — gemeu o anjo caído. — Me pegou bem embaixo das costelas.

— Sim, mas você costuma sangrar azul? — perguntou Crowley.

Os olhos de Aziraphale se abriram. Sua mão direita bateu no peito. Sentou-se. Passou pela mesma biópsia de Crowley.

— Tinta?

Crowley fez que sim.

— Do que é que eles estão brincando? — perguntou Aziraphale.

— Não sei — disse Crowley — mas acho que se chama coisa de babaca. — Seu tom de voz sugeria que ele também podia brincar. E melhor.

Era um jogo. Era uma tremenda diversão. Nigel Tompkins, Assistente (de Compras) rastejou por entre os arbustos, a mente repleta de algumas das cenas mais memoráveis de alguns dos melhores filmes de Clint Eastwood. E pensar que ele acreditara que o treinamento em administração também ia ser chato...

Até houve uma palestra, mas fora sobre as armas de tinta e todas as coisas que você não deve fazer com elas, e Tompkins havia olhado para os rostos jovens de seus rivais no treinamento como se eles tivessem resolvido fazer todas se houvesse metade da chance de escapar ileso. Se as pessoas lhe dissessem que negócios são uma selva e pusessem uma arma na sua mão, então estava bastante claro para Tompkins que não estavam esperando que você simplesmente apontasse para a camisa; o objetivo mesmo era a cabeça corporativa pendurada sobre sua lareira.

De qualquer modo, corriam rumores de que alguém na United Consolidated havia feito aos seus candidatos a promoção um bem considerável pela aplicação anônima de uma carga de tinta em alta velocidade na orelha de um superior imediato, fazendo com que este passasse a reclamar de zumbidos em reuniões importantes e acabasse por ser substituído por questões médicas.

E havia seus colegas treinandos — colegas espermatozóides, para trocar de metáforas, todos lutando para avançar no conhecimento de que só podia haver um Presidente da Industrial Holdings (Holdings) PLC, e que o trabalho provavelmente iria para o mais babaca.

Naturalmente, alguma garota do Departamento de Pessoal com uma prancheta lhes dissera que os cursos que iriam fazer eram só para estabelecer potencial de liderança, cooperação de grupo, iniciativa e assim por diante. Os treinandos haviam tentado evitar os rostos uns dos outros.

Tudo funcionara muito bem até o momento . A canoagem cuidara de Johnstone (tímpano perfurado) e a escalada em Gales acabara com Whittaker (distensão no escroto).

Tompkins enfiou outra bala de tinta na arma e ficou murmurando mantras de negócios para si mesmo. Faça aos Outros Antes que Eles Façam a Você. Mate ou Seja Morto. Cague ou Saia da Moita. Sobrevivência do Mais Apto. Faça Meu Dia.

Chegou um pouco mais perto das figuras perto da estátua. Parecia que não o haviam notado.

Quando a cobertura disponível acabou, ele respirou fundo e levantou com um salto.

— Ok, palhaços, tomem um pouco de ti....ahnoooossaa...

Onde estivera uma das figuras havia agora algo pavoroso. Ele desmaiou.

Crowley voltou à sua forma favorita.

— Detesto ter de fazer isso — murmurou. — Sempre fico com medo de esquecer como voltar ao normal. E isso pode estragar um ótimo terno.

— Na minha opinião, os vermes foram um pouco de mau gosto — disse Aziraphale, mas sem muito rancor. Anjos tinham certos padrões morais a manter e assim, diferente de Crowley, ele preferia comprar as roupas em vez de desejar que elas fossem formadas do puro firmamento. E a camisa tinha sido bem cara.

— Quero dizer, olhe só pra ela. Eu nunca vou tirar essa mancha.

— Faça um milagre que ela sai — disse Crowley, vasculhando os arbustos à procura de mais algum treinando em administração.

— Sim, mas eu sempre saberei que a mancha estava lá. Você sabe. Bem no fundo, quero dizer — disse o anjo. Ele pegou a arma e virou-a nas mãos. — Nunca vi uma destas antes.

Ouviram um som agudo, e a estátua ao lado deles perdeu uma orelha.

— Não vamos ficar por aqui — disse Crowley. — Ele não estava só.

— Esta é uma arma esquisita, sabia? Muito estranha.

— Pensei que seu lado não aprovasse armas — disse Crowley.

Pegou a arma da mão gordinha do anjo e olhou pelo cano bojudo.

— O pensamento atual é a favor delas — disse Aziraphale. — Dão mais peso à argumentação moral. Nas mãos certas, claro.

— Mesmo? — Crowley colocou a mão sobre o metal. — Então está certo. Vamos.

Deixou cair a arma sobre a forma inerte de Tompkins e marchou para longe da grama úmida.

A porta da frente da Mansão estava destrancada. Os dois entraram sem serem notados. Alguns jovens gordinhos com roupas do exército salpicadas de tinta bebiam chocolate em canecas no que um dia fora o refeitório das irmãs, e um ou dois deles lhes deram um aceno animado.

Algo parecido com o balcão da recepção de um hotel ocupava agora uma extremidade do hall. Tinha um aspecto competente e discreto. Aziraphale olhou a placa num cavalete de alumínio ao seu lado.

Em letrinhas de plástico encaixadas no material negro do quadro estavam as palavras: 20-21 de agosto: Curso de Combate Iniciativo da United Holdings [Holdings] PLC.

Enquanto isso, Crowley havia apanhado um panfleto no balcão. Ele mostrava fotos da Mansão em papel cuchê, com referências especiais às suas banheiras de hidromassagem e à piscina interna aquecida, e na parte de trás havia o tipo de mapa que os centros de conferência sempre têm, que faz uso de um cuidadoso erro de escala para sugerir que é fácil para cada saída de rodovia do país ao mesmo tempo em que deixa cuidadosamente de fora o labirinto de rodovias nacionais que na verdade os cerca por quilômetros de cada lado.

— Lugar errado? — perguntou Aziraphale.

— Não.

— Época errada, então.

— Sim. — Crowley folheou o livrete, na esperança de alguma pista. Talvez fosse esperar demais que a Ordem Faladeira ainda estivesse ali. Afinal, eles haviam feito sua parte. Ele sibilou baixinho.

Provavelmente haviam ido para a negra América ou outro lugar, para converter os cristãos, mas continuou lendo assim mesmo. Às vezes aquele tipo de folheto tinha um pouco de informação histórica, pois o tipo de empresa que alugava lugares como aquele para um fim de semana de Análise Interativa de Pessoal ou Uma Conferência sobre a Dinâmica de Marketing Estratégico gostava de sentir que estava interagindo estrategicamente no próprio prédio — tirando ou pondo duas reconstruções completas, uma guerra civil e dois grandes incêndios — que algum financista elizabetano doara como um hospital de doenças.

Não que ele estivesse realmente esperando uma frase do tipo "até onze anos atrás a Mansão era utilizada como convento por uma ordem de freiras satanistas que na verdade não eram tão boas assim nisso", mas nunca se sabe.

Um homem gordinho vestindo camuflagem do deserto e segurando uma caneca de café de poliestireno foi até onde eles estavam.

— Quem está ganhando? — perguntou camarada. — O jovem Evanson, do Planejamento Avançado, me deu um teco bem no cotovelo, sabiam?

— Vamos todos perder — disse Crowley ausente.

Ouviu-se uma rajada de tiros lá fora. Não o estampido seco das balas de tinta, mas os estalidos completos de pedaços aerodinâmicos de chumbo viajando a uma velocidade extremamente rápida.

A resposta foi outra rajada.

Os guerreiros redundantes ficaram olhando uns para os outros. Mais um estrondo destruiu uma janela vitoriana de vidro tingido feia pra valer e fez uma fileira de buracos no reboco perto da cabeça de Crowley.

Aziraphale agarrou seu braço.

— Que diabo é isso? — perguntou.

Crowley sorriu como uma serpente.

Nigel Tompkins despertou com uma leve dor de cabeça e um espaço vagamente vazio em sua memória recente. Ele não sabia que o cérebro humano, quando confrontado com uma visão terrível demais para contemplar, é notavelmente bom em forçar -lhe o esquecimento, e então ele considerou aquilo o resultado de um tiro de bala de tinta na cabeça.

Tinha uma vaga noção de que sua arma estava um tanto mais pesada, mas em seu estado ligeiramente divertido não percebeu por que até algum tempo depois de tê-la apontado para o gerente de treinamento, Norman Wethered, da Auditoria Interna, e apertado o gatilho.

— Não sei por que você está tão chocado — disse Crowley. — Ele queria uma arma de verdade.

— Mas você o jogou à solta no meio de todas aquelas pessoas desprotegidas!

— Ah, não — disse Crowley. — Não exatamente. Foi justo.

O contingente do Planejamento Financeiro estava deitado de cara no chão onde antes tudo era alegria, embora não estivessem muito animados agora.

— Sempre disse que você não podia confiar naquele pessoal das Compras — disse o Assistente da Gerência Financeira. — Os filhos da puta.

Um tiro atingiu zunindo a parede sobre ele.

Arrastou-se rapidamente até o grupinho aglomerado ao redor d< caído Wethered.

— Como está? — perguntou.

O tesoureiro assistente virou um rosto conturbado em sua direção.

— Muito mal. A bala atravessou quase todos eles. Access, Barclaycard, Diners... todos.

— Apenas o American Express Gold o deteve — disse Wethered

Olharam em horror mudo o espetáculo de uma carteira de cartões de crédito com um buraco de bala que a atravessava quase por inteiro.

— Por que iriam fazer isso? — perguntou um funcionário da tesouraria.

O chefe da Auditoria Interna abriu a boca para dizer algo de razoável, e não o fez. Todo mundo tem um ponto onde se quebra, e o dele havia acabado de ser atingido com uma colher. Vinte anos no emprego. Ele queria ser designer gráfico, mas o orientador vocacional nunca tinha ouvido falar nisso. Vinte anos conferindo duas vezes o Formulário BF18. Vinte anos usando a maldita calculadora de mão, quando até o pessoal do Planejamento Avançado tinha computadores. E agora, por razões desconhecidas, mas que tinham possivelmente a ver com reorganização e um desejo de acabar com toda as despesas de uma aposentadoria precoce, estavam atirando nele com balas de verdade.

Os exércitos da paranóia marcharam diante de seus olhos.

Olhou para sua própria arma. Por entre as névoas da raiva e do espanto, viu que ela estava maior e mais preta do que quando lhe fora entregue. E mais pesada também.

Apontou-a para um arbusto próximo e viu uma rajada de bala arrebentar o arbusto.

Ah. Então era esse o jogo deles. Bem, alguém tinha de vencer.

Olhou para seus homens.

— Ok, pessoal — disse. — Vamos pegar os filhos da puta!

- Na minha opinião, - disse Crowley – ninguém precisa puxar o gatilho.

Deu um sorriso brilhante e frágil para Aziraphale.

Vamos dar uma olhada aqui enquanto estão todos ocupados.

Balas varavam a noite.

Jonathan Parker, Seção de Compras, esgueirava-se por entre os arbustos quando um deles enroscou o braço em seu pescoço.

Nigel Tompkins cuspiu um punhado de folhas de rododendro da boca.

— Lá embaixo é a lei da empresa — ele sibilou, por entre traços de lama que lhe cobriam o rosto — mas aqui em cima sou eu...

— Esse foi um truque bem baixo — disse Aziraphale, enquanto desciam os corredores vazios.

— O que foi que eu fiz? O que foi que eu fiz? — disse Crowley, empurrando portas abertas aleatoriamente.

— Há pessoas lá fora atirando umas nas outras!

— Bom, essa é a questão, não é? Elas estão fazendo isso por conta própria. É o que realmente querem fazer. Eu só as auxiliei. Pense nisso como um microcosmo do universo. Livre-arbítrio para todos. Inefável, certo?

Aziraphale fuzilou-o com o olhar.

— Ah, tudo bem — disse Crowley, arrasado. — Ninguém vai morrer de verdade. Eles vão todos escapar por milagre. Senão não seria tão engraçado.

Aziraphale relaxou.

- Sabe, Crowley – disse, sorrindo de orelha a orelha – Eu sempre disse que, no fundo, você é realmente um...

- Tudo bem, tudo bem – disparou Crowley. – Conte ao mundo inteiro, sim?

Depois de algum tempo, alianças informais começaram a emergir. A maioria dos departamentos financeiros descobriu que tinha interesses em comum, acertaram as diferenças e se reuniram n Planejamento Avançado.

Quando o primeiro carro de polícia chegou, dezesseis balas de uma série de direções o atingiram no radiador antes que ele chegasse a meio caminho da pista de entrada. Mais duas tomaram sua antena do rádio, mas aí já era tarde, tarde demais.

Mary Hodges estava terminando de colocar o fone no gancho quando Crowley abriu a porta de seu escritório.

— Devem ser terroristas — disparou ela. — Ou ladrões. — Ela olhou para os dois. — Vocês são da polícia, não são? — perguntou

Crowley viu os olhos dela começarem a se arregalar.

Como todos os demônios, ele tinha uma boa memória para rostos, mesmo depois de dez anos, a perda de uma touca de freira, e a adição de uma maquiagem um tanto severa. Estalou os dedos. Ela tornou a se recostar na cadeira, seu rosto se tornando uma mascara vazia e agradável.

— Não havia necessidade disso — disse Aziraphale.

— Ótimo. — Crowley olhou seu relógio. — Bom dia, madame — disse ele numa voz cantada. — Somos apenas duas entidades sobrenaturais e estávamos imaginando se a senhora podia nos ajudar com o paradeiro do notório Filho de Satã. — Sorriu com frieza para o anjo. — Vou acordá-la novamente, certo? E você pode dizer isso.

— Bom. Já que você colocou as coisas dessa forma... — o anjo disse devagar.

— Às vezes o tradicional é o melhor — disse Crowley. Virou-se para a mulher impassiva.

— Você era freira aqui há onze anos? — perguntou.

— Era.

— Pronto! — disse Crowley a Aziraphale. — Viu? Eu sabia que não estava errado.

— Uma sorte dos diabos — murmurou o anjo.

— Seu nome então era Irmã Faladeira. Ou coisa assim.

— Loquaz — disse Mary Hodges numa voz oca.

— E você se lembra de um incidente envolvendo a troca de bebês recém-nascidos? — perguntou Crowley.

Mary Hodges hesitou. Quando falou, foi como se memórias que haviam sido enterradas fossem perturbadas pela primeira vez em anos.

— Sim — disse ela.

— Existe alguma possibilidade de que a troca possa ter dado errado de algum modo?

— Não sei.

Crowley parou para pensar um instante.

— Você deve ter registros — disse. — Sempre existem registros. Todo mundo tem registros hoje em dia. — Olhou orgulhoso para Aziraphale. — Foi uma das minhas melhores idéias.

— Ah, sim — disse Mary Hodges.

— E onde estão eles? — Aziraphale perguntou com doçura.

— Houve um incêndio logo após o nascimento.

Crowley grunhiu e jogou as mãos para o céu.

— Provavelmente foi o Hastur — disse. — É o estilo dele. Dá pra acreditar nesses sujeitos? Aposto que ele pensou que estava sendo muito esperto.

— Lembra de algum detalhe sobre a outra criança? — perguntou Aziraphale.

— Sim.

— Por favor, me conte.

— Ele tinha dedinhos dos pés tão bonitinhos.

— Ah.

— E era tão doce — disse Mary Hodges saudosa.

Lá fora, ouviu-se o som de uma sirene, cortado abruptamente por uma bala. Aziraphale cutucou Crowley.

— Vamos nessa. Vamos ficar afundados até os joelhos de policiais a qualquer momento e, claro, serei moralmente obrigado a ajudá-los em suas investigações. — Pensou por um momento. — Talvez ela possa se lembrar se havia alguma outra mulher dando à luz naquela noite, e...

O som de pés correndo no andar de baixo.

— Detenha-os — disse Crowley. — Precisamos de mais tempo

— Mais milagres e nós vamos realmente começar a ser notados Lá Em Cima — disse Aziraphale. — Se você realmente quer Gabriel ou alguém se perguntando por que quarenta policiais pegaram no sono....

— Ok — disse Crowley. — Tudo bem, tudo bem. Valeu a tentativa. Vamos dar o fora daqui.

— Em trinta segundos você irá acordar — disse Aziraphale para a ex-freira hipnotizada. — E terá tido um lindo sonho com o que quer que você goste mais, e...

— Tá, tá, tudo bem — suspirou Crowley. — Podemos ir agora?

Ninguém reparou na saída deles. A polícia estava muito ocupada caçando quarenta treinandos de administração bêbados de adrenalina e loucos para lutar. Três vans da polícia haviam deixado marcas no gramado, e Aziraphale fizera Crowley recuar para a primeira das ambulâncias, mas então o Bentley disparou noite afora. Atrás deles, a casa de verão e o quiosque já estavam pegando fogo.

— Nós realmente deixamos aquela pobre mulher numa situação pavorosa — disse o anjo.

— Você acha? — perguntou Crowley, tentando atingir um porco-espinho e errando. — As apostas vão dobrar, ouça o que eu digo. Se ela jogar as cartas direitinho e amarrar todas as pontas jurídicas soltas... Treinamento iniciativo com armas de verdade? Vão fazer filas.

— Por que você é sempre tão cínico?

— Eu já disse. Porque é meu trabalho.

Dirigiram em silêncio por algum tempo. Então Aziraphale disse:

— Você acha que ele apareceria, não é? Você acha que nós poderíamos detectá-lo de algum modo.

— Ele não vai aparecer. Não para nós. Camuflagem protetora. Ele sequer saberá, mas seus poderes o manterão escondido de forças ocultas que queiram examiná-lo.

— Forças ocultas?

— Você e eu — explicou Crowley.

— Eu não sou oculto — disse Aziraphale. — Anjos não são ocultos. Somos etéreos.

— Tanto faz — retrucou Crowley, preocupado demais para discutir.

— Existe algum outro modo de localizá-lo?

Crowley deu de ombros.

— Sei lá. Quanta experiência você acha que eu tenho nessas questões? O Armagedon só acontece uma vez, sabia? Eles não deixam você ficar tentando várias vezes até acertar.

O anjo ficou olhando para os arbustos que passavam.

— Tudo parece tão pacífico — disse. — Como você acha que isso irá acontecer?

— Bom, a extinção termonuclear sempre foi muito popular. Embora eu deva dizer que os big boys estão sendo muito educados um com o outro no momento.

— Choque de asteróide? — perguntou Aziraphale. — Muito em moda hoje em dia, pelo que sei. Bate no oceano Índico, grande nuvem de poeira e vapor, adeus todas as formas de vida superiores.

— Uau — disse Crowley, tomando cuidado para exceder o limite de velocidade. Qualquer Coisinha ajudava.

— Não vale a pena pensar nisso, vale? — disse Aziraphale tristonho.

— Todas as formas superiores de vida varridas do mapa, sem mais nem menos.

— Terrível.

— Nada senão poeira e fundamentalistas.

— Essa foi horrível.

— Desculpe. Não pude resistir.

Olharam para a estrada.

— Quem sabe algum terrorista...? — começou Aziraphale.

— Não um dos nossos — disse Crowley.

— Nem nossos. Embora os nossos sejam guerreiros da liberdade naturalmente.

— Vou lhe dizer uma coisa — disse Crowley, deixando a borracha dos pneus no desvio de Tadfield. — Hora de pôr as cartas na mesa. Eu te digo as nossas se disser as de vocês.

— Tudo bem. Você primeiro.

— Ah, não. Primeiro você.

— Mas você é um demônio.

— Sim, mas um demônio de palavra, espero.

Aziraphale disse o nome de cinco líderes políticos. Crowley d o nome de seis. Três apareciam em ambas as listas.

— Está vendo — disse Crowley. — É como eu sempre disse. Humanos são uns traidores desgraçados. Não se pode confiar nem um pouco neles.

— Mas não acho que algum dos nossos tenha algum grande plano — disse Aziraphale. — Apenas pequenos atos de ter... protesto político — corrigiu.

— Ah — disse Crowley, amargo. — Quer dizer que não é nada desse assassinato barato, produzido em massa? Só serviço pessoal, cada bala disparada individualmente por artesãos habilidosos?

Aziraphale não se levantou.

— O que vamos fazer agora?

— Tentar dormir um pouco.

— Você não precisa dormir. Eu não preciso dormir. O Mal nunca dorme, e a Virtude está sempre vigilante.

— O mal em geral talvez. Esta parte específica dele tem o hábito de descansar a cabeça de vez em quando. — Ficou olhando os faróis. Breve chegaria o momento em que sono estaria fora de questão. Quando os lá de Baixo descobrissem que ele, pessoalmente, perdera o Anticristo, provavelmente desencavariam todos aqueles relatórios que ele fizera sobre a Inquisição Espanhola e os experimentariam todos nele, um de cada vez e depois todos juntos.

Mexeu na porta-luvas, pegou uma fita aleatoriamente e enfiou-a no toca-fitas. Um pouquinho de música iria...

... Be-elzebub has a devil put aside for me, for me...

— Para mim — murmurou Crowley. Sua expressão ficou em branco por um momento. Então soltou um grito estrangulado e desligou correndo o toca-fitas.

— Naturalmente, nós poderíamos ser capazes de arrumar um humano para encontrá-lo — disse Aziraphale, pensativo.

— O quê? — perguntou Crowley, distraído.

— Humanos são bons em encontrar outros humanos. Fazem isso há milhares de anos. E a criança é humana. Assim como... você sabe. Ele ficaria escondido de nós, mas outros humanos poderiam ser capazes de... ah, senti-lo, talvez. Ou vislumbrar coisas em que sequer pensaríamos.

— Não daria certo. Ele é o Anticristo! Ele tem uma... espécie de defesa automática, não tem? Mesmo que não saiba disso. Ele sequer deixará que

as pessoas suspeitem dele. Não ainda. Não até estarpronto. A suspeita escorrerá dele como, como... ah, sei lá, alguma coisa qualquer de que a água escorre — completou, pouco convincente.

— Tem alguma idéia melhor? Tem alguma idéia melhor? — perguntou Aziraphale.

— Não.

— Então está certo. Pode dar certo. Não me diga que você não tem nenhuma organização de frente que poderia usar. Eu sei que tenho. Poderíamos ver se eles podem pegar a trilha.

— O que eles poderiam fazer que não poderíamos?

— Bom, pra começar, eles não mandariam pessoas atirar umas nas outras, não hipnotizariam mulheres respeitáveis, não...

— Ok. Ok. Mas isso não tem uma chance sequer no Inferno. Acredite em mim, eu sei. Mas não consigo pensar em nada melhor. — Crowley virou para a rodovia e se dirigiu para Londres.

— Eu tenho uma... uma certa rede de agentes — disse Aziraphale depois de algum tempo. — Espalhada pelo país. Uma força disciplinada. Eu poderia fazer com que eles começassem a procurar.

— Eu, ahn, tenho algo semelhante — admitiu Crowley. — Você sabe como é, nunca se sabe quando eles poderiam ser úteis...

— Melhor os alertarmos. Acha que deveriam trabalhar juntos?

Crowley balançou a cabeça.

— Acho que não seria boa idéia. Eles não são muito sofisticados politicamente falando.

— Então vamos contatar nosso próprio pessoal e ver o que eles podem conseguir.

— Suponho que deve valer a pena tentar — disse Crowley. - Deus sabe que não tenho mesmo muita coisa pra fazer além disse

Franziu a testa por um momento, e então bateu com a mão volante, triunfante.

— Patos!

— O quê?

— É disso que a água escorre!

Aziraphale respirou fundo.

— Apenas dirija o carro, por favor — ele disse cansado.

Voltaram amanhecer adentro, enquanto a fita cassete tocava Missa em Si Menor de J.S. Bach, vocais de F. Mercury.

Crowley gostava da cidade no início da manhã. Sua população consistia quase inteiramente em pessoas que tinham empregos adequados e motivos verdadeiros para estarem ali, em oposição a milhões desnecessários que começavam a trabalhar depois das oito da manhã, e as ruas eram mais ou menos quietas. Havia duas fitas amarelas de proibição de estacionamento na rua estreita do lado de fora da livraria de Aziraphale, mas elas obedientemente se dobraram quando o Bentley estacionou no meio-fio.

— Bom, ok — disse ele, quando Aziraphale tirou o casaco do banco de trás. — Vamos ficar em contato. Ok?

— O que é isto? — disse Aziraphale, segurando um objeto marrom oblongo.

Crowley olhou para o objeto.

— Um livro? — arriscou. — Não é meu.

Aziraphale virou algumas das páginas amareladas. Pequem sinos bibliófilos soaram no fundo de sua mente.

— Deve ser daquela moça — disse devagar. — Devíamos ter o endereço dela.

— Escute, já estou com problemas suficientes do jeito que as coisas estão. Não quero que espalhem que eu ando por aí devolvendo os pertences das pessoas — disse Crowley.

Aziraphale abriu a folha de rosto. Provavelmente era ótimo que Crowley não pudesse ver sua expressão.

— Acho que você pode enviá-lo aos correios de lá — disse Crowley — se realmente sentir que deve. Enderece-o à maluca da bicicleta. Nunca confie numa mulher que dá nomes engraçados a meios de transporte...

— Sim, sim, certamente — disse o anjo. Ele pegou as chaves, deixou-as cair na calçada, pegou-as, deixou-as cair de novo e se apressou para a porta da loja.

— Ficamos em contato, então? — Crowley falou atrás dele.

Aziraphale parou no ato de virar a chave.

— O quê? Ah. Ah. Sim. Ótimo. Perfeito. — E bateu a porta.

— Certo — murmurou Crowley, subitamente se sentindo muito só.

A luz da lanterna faiscava nos becos.

O problema de encontrar um livro de capa marrom entre folhas marrons e água marrom no fundo de uma vala de terra marrom na luz marrom, digamos cinza, do amanhecer, era que não era possível.

Não estava lá.

Anathema tentou todos os métodos de busca que conhecia. Havia a divisão metódica do terreno. Tatear as cercas vivas às margens da estrada. O deslizar despreocupado até lá e olhar de rabo de olho. Ela chegou até a tentar aquele que toda a coragem romântica de seu corpo insistia que devia funcionar, que consistia em desistir teatralmente, sentar-se e deixar o olhar cair naturalmente num trecho de terreno que, estivesse ela em qualquer narrativa decente, deveria conter o livro.

Não continha.

O que significava, como ela havia temido o tempo todo, que ele estava provavelmente na traseira de um carro de propriedade de dois mecânicos de bicicleta gays.

Podia sentir gerações inteiras de descendentes de Agnes Nutter dando gargalhadas dela.

Ainda que aqueles dois fossem honestos o bastante para querer devolvê-lo, dificilmente se dariam ao trabalho de encontrar um chalé que mal haviam visto no escuro.

A única esperança era que eles não soubessem o que haviam pegado.

Aziraphale, como muitos comerciantes do Soho especializados em livros difíceis de encontrar para o connoisseur de bom gosto, tinha um quarto dos fundos, mas o havia ali era bem mais esotérico do que qualquer coisa normalmente encontrada dentro de uma sacola pequena para o Cliente Sabe o Que Quer.

Tinha um orgulho especial de seus livros de profecia.

Primeiras edições, em geral.

E cada uma era autografada.

Tinha a de Robert Nixon (Um idiota do século dezesseis, sem qualquer relação com qualquer presidem EUA) e da Cigana Martha, e Ignatius Sybilla e do Velho Ottwell Binns. Nostradamus havia assinado, "Ao meu velho ammigo Azerafel, com hum abraço"; Madre Shipton havia derramado bebida em seu exemplar; e num gabinete com controle climático a um canto estava o rolo de pergaminho original na grafia trêmula de São João Evangelista, de Patmos, cujo "Apocalipse" fora o best-seller recordista de todos os tempos. Aziraphale o achara um sujeito legal, ainda que gostasse um pouco demais de cogumelos velhos.

O que a coleção não tinha era um exemplar de As Belas e Precisas Profecias de Agnes Nutter, e Aziraphale entrou no quarto segurando-o como um filatelista dedicado poderia segurar um Mauritius Blue que por acaso tivesse aparecido num postal de sua tia.

Ele nunca vira um exemplar antes, mas ouvira falar. Todo mundo no negócio, o que, se considerarmos que era um negócio altamente especializado, significava cerca de uma dezena de pessoas, havia ouvido falar. Sua existência era uma espécie de vácuo ao redor do qual todos os tipos de histórias estranhas orbitavam há centenas de anos. Aziraphale percebeu que não tinha certeza se era possível orbitar um vácuo, e não estava nem aí pra isso; As Belas e Precisas Profecias de Agnes Nutter faziam os Diários de Hitler parecer, bem, um monte de falsificações.

Suas mãos quase não tremiam no momento em que ele o depositou sobre uma bancada, pegou um par de luvas cirúrgicas de borracha e o abriu com reverência. Aziraphale era um anjo, mas também venerava livros.

A folha de rosto dizia:

As Belas e Precisas Profecias de Agnes Nutter

Em tipos ligeiramente menores:

Sendo uma História Certa e Precisa de o Dia Presente Até o Fim deste Mundo.

Em tipos ligeiramente maiores:

Contendo Muitas Maravilhas Diversas e preceitos para a Esposa

Num tipo diferente:

Mais completo que qualquer outro já publicado.

Em tipos menores mas em maiúsculas:

COM RELAÇÃO AOS TEMPOS ESTRANEOS ADIANTE

Em itálico levemente desesperado:

E eventos de uma Natureza Maravilhosa.

Mais uma vez em tipos maiores:

"Lembra Nostradamus em seus melhores momentos." — Ursula Shipton

As profecias eram numeradas, e havia mais de quatro mil delas.

— Firme, firme — murmurou Aziraphale para si mesmo. Foi a cozinha minúscula, fez um pouco de chocolate para si e respirou fundo algumas vezes.

Então voltou e leu uma profecia aleatoriamente.

Quarenta minutos depois, o chocolate continuava intocado.

A ruiva no canto do bar do hotel era a mais bem-sucedida correspondente de guerra do mundo. Tinha agora um passaporte em nome de Carmine Zuigiber; e ia para onde as guerras estavam.

Bem. Mais ou menos.

Na verdade ela ia para onde as guerras não existiam. Ela já havia estado onde as guerras estavam.

Não era famosa, a não ser onde contava. Reúna meia dúzia de correspondentes de guerra num bar de aeroporto e a conversa, como uma bússola apontando para o norte, irá direto para Murchison do The New York Times, para Van Horne, da Newsweek, para Anforth da I.T.N. News. Os Correspondentes de Guerra dos correspondentes de guerra.

Mas quando Murchison, Van Horne e Anforth se encontravam num barraco de zinco incendiado em Beirute, ou no Afeganistão, ou no Sudão, depois de admirarem as cicatrizes um do outro e tomarei umas e outras, trocavam anedotas cheias de admiração da "Ruiva" Zuigiber, do National World Weekly.

— Aquele pasquim desgraçado — dizia Murchison — não tem idéia do que conseguiu.

Na verdade, o National World Weekly sabia o que tinha conseguido: uma Correspondente de Guerra. Só não sabia por que, nem o que fazer com uma agora que a tinha.

Um típico National World Weekly contaria ao mundo como o rosto de Jesus fora visto num Big Mac comprado por alguém de Des Moines, com uma reprodução artística do sanduíche; como Elvis Presley fora recentemente visto trabalhando num Burger Lord em Des Moines; como escutar discos de Elvis curou o câncer de uma dona de casa de Des Moines; como a onda de lobisomens que infesta o Meio-Oeste é fruto de nobres mulheres pioneiras estupradas pelo Pé Grande; e que Elvis foi levado por Alienígenas do Espaço em 1976 porque era bom demais para este mundo. (Incrivelmente, uma dessas histórias é verdadeira.)

Esse era o National World Weekly. Vendiam quatro milhões de exemplares por semana, e precisavam de um Correspondente de Guerra como precisavam de uma entrevista exclusiva com o Secretário-Geral das Nações Unidas. A entrevista foi realizada em 1983, e consistiu no seguinte:

P: Então você é o Secretário das Nações Unidas?

R: Si.

P: Já viu alguma aparição do Elvis?

Então pagavam uma grande soma em dinheiro à Ruiva Zuigiber para procurar guerras, e ignoravam os grossos e mal datilografados envelopes que ela lhes enviava ocasionalmente de todas as partes do mundo para justificar seus — geralmente bem razoáveis — pedidos de despesas.

Sentiam-se justificados por isso porque, na maneira de ver deles, ela não era realmente uma correspondente de guerra muito boa, embora fosse sem dúvida a mais atraente, o que contava muito no National World Weekly. Seus relatórios de guerra eram sempre sobre um bando de sujeitos atirando uns nos

outros, sem nenhuma compreensão real das ramificações políticas mais amplas que isso gerava e, mais importante, nenhuma matéria de Interesse Humano.

De vez em quando eles entregavam uma das histórias dela para um copidesque retocar. ("Jesus apareceu para Manuel Gonzalez, de nove anos de idade, durante uma batalha regular no rio Concorsa, disse que fosse para casa porque sua mãe estava preocupada com Ele. “Eu sabia que era Jesus”, disse o menino corajoso, “porque ele era igualzinho à imagem dele que apareceu por milagre na minha lancheira.'")

Na maioria das vezes o National World Weekly a deixava em paz, e arquivava cuidadosamente suas histórias na lixeira.

Murchison, Van Horne e Anforth não ligavam para isso. Tudo o que sabiam era que sempre que uma guerra irrompia, a Srta. Zuigiber estava lá primeiro. Praticamente antes.

— Como é que ela faz isso? — perguntavam incrédulos uns outros. — Como diabos ela faz isso? — E seus olhos se cruzavam e diziam silenciosamente: se ela fosse um carro, seria uma Ferrari, é o tipo de mulher que você esperaria ver como a linda consorte do corrupto generalíssimo de um país de Terceiro Mundo em crise, e ela fica com sujeitos como nós. Nós é que somos os sortudos, certamente.

A Srta. Zuigiber simplesmente sorria e pagava outra rodada de bebidas para todos, por conta do National World Weekly. E olhava as brigas surgirem ao seu redor. E sorria.

Ele tinha razão. O jornalismo lhe caía bem.

Mesmo assim, todos precisam de férias, e a Ruiva Zuigiber estava tirando as suas primeiras em onze anos.

Estava numa pequena ilha do Mediterrâneo que ganhava seu dinheiro com turismo, e isso já era estranho. A Ruiva parecia ser o tipo de mulher que, se tirasse férias em qualquer ilha menor do a Austrália, o faria por ser amiga do dono dela. E se você tivesse a qualquer ilhéu um mês antes que a guerra estava

chegando, ele teria rido na sua cara e tentado lhe vender um porta-garrafas de ráfia ou um quadro da baía feito de conchas do mar; e ficava por isso mesmo.

Agora a história era outra.

Agora uma grande divisão político-religiosa, com relação a um dos quatro pequenos países continentais dos quais não chegavam a fazer parte, havia dividido o país em três facções, destruído a estátua de Santa Maria na praça da cidade e acabado com o turismo.

A Ruiva Zuigiber estava sentada no bar do Hotel de Palomar del Sol, bebendo o que se dizia ser um coquetel. A um canto, um pianista cansado tocava, e um garçom de peruca cantava num microfone:

"AAAAAAAAAonce-pon-a-time-dere-was

LITTLE WHITE BOOOL

AAAAAAAAAvery-sad-because-e-was

LITTLE WHITE BOOL..."

Um homem se jogou pela janela, faca nos dentes, rifle automático Kalashnikov numa das mãos, granada na outra.

— Eu tobu esse odéu ei dobe da... — Parou. Tirou a faca da boca e começou outra vez. — Eu tomo este hotel em nome da Facção de Libertação Pró-Turca!

Os dois últimos turistas que ficaram na ilha (NOTA: Sr. e Sra. Thomas Threlfall, do número 9, The Elms, Paignton. Sempre diziam que uma das boas coisas de tirar férias era não precisar ler os jornais ou escutar o noticiário, apenas sair dele por completo. E, devido a uma infecção intestinal contraída pelo Sr. Threlfall, e a Sra. Threlfall ter ficado um pouco demais no sol no seu primeiro dia, aquele era o primeiro dos dois fora do seu quarto do hotel por uma semana e meia) foram para baixo da mesa. A Ruiva tirou despreocupadamente a cereja ao marasquino de seu drinque, levou-a aos seus lábios escarlates e sugou-a lentamente de seu palito de um jeito que fez vários homens no recinto suarem frio.

O pianista se levantou, meteu a mão dentro do piano e puxou uma submetralhadora nova em folha.

— Este hotel já foi tomado pela Brigada Territorial Pró-Grega! Um movimento em falso e eu acabo com você!

Alguma coisa se moveu na porta. Um indivíduo enorme, de barba preta, um sorriso dourado e uma metralhadora Gatling que era uma verdadeira relíquia estava ali, com uma corte de homens igualmente enormes, mas menos impressionantemente armados atrás.

— Este hotel estrategicamente importante, por anos um símbolo do turismo fascista imperialista Turco-Grego, é agora propriedade dos Guerreiros da Liberdade Ítalo-Malteses! — Sua voz ribombou afável. — Agora vamos matar todos!

— Conversa fiada! — disse o pianista. — Ele não é estrategicamente importante. Só tem uma adega extremamente bem-fornida!

— Ele tem razão, Pedro — disse o homem da Kalashnikov. — Por isso a minha gente o queria. O general Ernesto de Montoya me disse assim, Fernando, a guerra vai acabar lá pelo sábado, e os rapazes vão querer se divertir. Vá até o Hotel de Palomar dei Sol e reclame-o como despojo, sim?

O homem barbado ficou vermelho.

— Ele é muito importante estrategicamente, Fernando Chianti! Eu desenhei um grande mapa da ilha e ele fica bem no meio dela, o que o torna muitíssimo importante estrategicamente, isso eu posso lhe dizer.

— Ha! — disse Fernando. — É a mesma coisa que dizer que só porque a casa do Dieguito tem vista para a praia particular de topless capitalista e decadente, ela é estrategicamente importante!

O pianista ficou muito vermelho.

— Nossa gente a tomou esta manhã — admitiu.

O ambiente ficou em silêncio.

No silêncio ouviu-se um farfalhar leve de seda. A Ruiva havia descruzado as pernas.

O pomo de Adão do pianista subiu e desceu.

— Bem, é muito importante estrategicamente — conseguiu dizer, tentando ignorar a mulher sentada na banqueta do bar. — Quer dizer, se alguém chegasse ali com um submarino, você iria querer estar em algum lugar onde pudesse ver tudo.

Silêncio.

— Bem, é muito mais estrategicamente importante do que o hotel, de qualquer modo — finalizou.

Pedro tossiu, ameaçador.

— A próxima pessoa que disser alguma coisa, alguma coisa mesmo, está morta. — Sorriu. Levantou a arma. — Certo. Agora: todo mundo contra a parede do outro lado.

Ninguém se moveu. Ninguém o estava ouvindo mais. Estavam escutando um murmúrio baixo e indistinto que vinha do corredor atrás dele, silencioso e monótono.

Houve um barulho de passos entre a tropa na porta. Eles pareciam estar se esforçando o máximo possível para ficar firme, estavam sendo inexoravelmente empurrados para o lado pelo murmúrio, que começava a se transformar em frases audíveis.

— Não me levem a mal, cavalheiros, mas que noite, hein? Três voltas ao redor da ilha, quase não achei o lugar, vocês não acreditam placas de sinalização, não é? Bom, mesmo assim encontrei, precisei parar e perguntar quatro vezes, finalmente perguntei nos correios, nos correios eles sempre sabem, pedi que me fizessem um mapinha, estou com ele aqui em algum lugar...

Deslizando serenamente entre os homens armados, como um arpão no meio de um tanque de trutas, surgiu um homem baixinho de óculos com uniforme azul, trazendo um pacote comprido, fino, envolto em papel pardo e amarrado com barbante. Sua única concessão ao clima eram suas sandálias de plástico marrom abertas, embora as meias de lã verde que ele usava por baixo mostrassem sua profunda e natural desconfiança do clima estrangeiro.

Usava um quepe pontudo com os dizeres International Express escritos em grandes letras brancas.

Estava desarmado, mas ninguém o tocou. Ninguém sequer apontou uma arma para ele. Ficaram simplesmente olhando.

O homenzinho olhou ao redor do recinto, examinando os rostos, e então voltando a olhar sua prancheta; então encaminhou-se direto para a Ruiva, ainda sentada em sua banqueta.

— Encomenda para a senhorita — disse ele.

A Ruiva o aceitou, e começou a desamarrar o barbante.

O homem da International Express tossiu com discrição e apresentou à jornalista um bloco de recibos bem usado e uma caneta esferográfica de plástico amarelo presa à prancheta por um pedaço de barbante.

— Precisa assinar, senhorita. Bem aqui. O nome completo em letra de imprensa aqui, a assinatura mais embaixo.

— Claro. — a Ruiva assinou o bloco, ilegível, e então escreveu o nome em letra de imprensa. O nome que ela escreveu não era Carmine Zuigiber. Era um nome muito mais curto.

O homem agradeceu gentilmente, e encaminhou-se para a saída, murmurando belo lugar vocês têm aqui, cavalheiros, sempre quis vir aqui nas férias, desculpe incomodá-los, com licença, senhor... E desapareceu de suas vidas tão serenamente quanto havia chegado.

A Ruiva terminou de abrir o pacote. As pessoas começaram a se acotovelar para ver melhor. Dentro do pacote havia uma grande espada.

Ela a examinou. Era uma espada bem comum, comprida e afiada; parecia ao mesmo tempo velha e sem qualquer uso; e não tinha nenhum ornamento nem nada que impressionasse. Não era nenhuma espada mágica, nenhuma arma mística de poder e força. Era muito obviamente uma espada criada para cortar, fatiar, perfurar, de preferência matar, mas, não podendo, mutilar irreparavelmente um número muito grande de pessoas, na verdade. Ela possuía uma aura indefinível de ódio e ameaça.

A Ruiva segurou o cabo em sua mão direita exoticamente manicurada e levou-a ao nível dos olhos. A espada reluziu.

— Muuuuuito bem! — ela disse, descendo da banqueta. — Até que enfim!

Terminou o drinque, ergueu a espada por sobre o ombro e olhou para as facções abobalhadas, que agora a circulavam inteiramente.

— Desculpem deixá-los na mão, companheiros. Adoraria ficar e conhecê-los melhor.

Os homens no recinto subitamente perceberam que não queriam conhecê-la melhor. Ela era linda, mas era linda como um fogo na floresta era lindo de se ver: algo a ser admirado à distância, não de perto.

E ela ergueu a espada e sorriu como uma faca.

Havia um bom número de armas naquele recinto, e lentamente, de modo trêmulo, elas foram apontadas para seu peito, suas costas e para a cabeça.

Cercaram-na por completo.

— Não se mexa! — grunhiu Pedro.

Todos os outros assentiram.

A Ruiva deu de ombros. Começou a andar para a frente.

Todos os dedos em todos os gatilhos se enrijeceram, quase de comum acordo. O cheiro de chumbo e cordite encheu o ar. O copo de coquetel da Ruiva foi estilhaçado em sua mão. Os espelhos restantes do recinto explodiram em lascas letais. Parte do teto desabou.

E tudo acabou.

Carmine Zuigiber virou-se e olhou para os corpos que a cercavam como se não tivesse a menor idéia de como foram parar ali.

Lambeu uma mancha de sangue — de outra pessoa — das costas de sua mão com uma língua escarlate que lembrava um gato. Então sorriu.

E saiu do bar, os saltos batendo no piso de cerâmica como o som de martelos distantes.

Os dois turistas saíram de baixo da mesa e examinaram a carnificina.

— Isso não teria acontecido se tivéssemos ido a Torremolinos como costumamos fazer — disse um deles, positivamente.

— Estrangeiros — suspirou o outro. — Não são como nós, Patrícia.

— Isso encerra a questão. Ano que vem iremos a Brighton — disse a Sra. Threlfall, deixando inteiramente de compreender o significado do que havia acabado de acontecer.

Significava que não haveria nenhum ano que vem. Na verdade, aumentava muito as chances de não haver sequer a semana que vem.

Quinta-feira

Havia um recém-chegado ao vilarejo. Novas pessoas eram sempre fonte de interesse e especulação entre Eles, não importava como os quatro haviam chamado sua gangue ao longo dos anos; as freqüentes mudanças de nome normalmente eram provocadas pelo que quer que Adam tivesse lido ou assistido no dia anterior (Esquadrão Adam Young; Adam e Cia.; A Gangue do Buraco no Giz; Os Quatro Realmente Famosos; a Legião dos Super-Heróis de Verdade; a Gangue da Pedreira; O Quarteto Secreto; A Sociedade de Justiça de Tadfield; Os Galaxatrons; As Quatro Pessoas justas; Os Rebeldes). Todas as outras pessoas sempre se referiam a eles sombriamente como Eles, e depois de algum tempo até eles mesmos. Mas desta vez Pimentinha tinha notícias impressionantes.

— Ela se mudou para Jasmine Cottage e é uma bruxa — disse. — Eu sei porque a Sra. Henderson faz a limpeza e disse a minha mãe que ela recebe um jornal das bruxas. Também recebe pilhas de jornais comuns, mas recebe esse especial para bruxas.

— Meu pai diz que bruxas não existem — disse Wenleysdale, que tinha cabelos fartos e ondulados, e olhava seriamente a vida por detrás de óculos com grossas armações pretas. Acreditava-se que ele um dia fora batizado como Jeremy, mas ninguém jamais usava o nome, nem mesmo seus pais, que o chamavam de Rapazinho. Faziam isso na esperança subconsciente de que ele pudesse se tocar; Wensleydale dava a impressão de ter nascido com a idade mental de quarenta e sete anos.

— Não vejo por que não — disse Brian, que tinha um rosto largo e alegre, sob uma camada de sujeira aparentemente permanente — Não vejo por que as bruxas não deviam ter seus próprios jornais. Com histórias sobre todos os

feitiços mais recentes. Meu pai recebe o Jornal dos Pescadores e aposto que tem mais bruxas do que pescadores.

— O jornal se chama Notícias Paranormais — disse Pimentinha.

— Isso não tem nada a ver com bruxa — disse Wenleysdale. — Minha tia recebe isso. Só fala de como entortar colheres, ler a sorte nas cartas e pessoas achando que foram a rainha Elizabeth Primeira em outra vida. Não existem mais bruxas. As pessoas inventaram remédios e coisas assim e disseram que não precisavam mais delas e começaram a queimá-las.

— Podia ter fotos de sapos e coisas — disse Brian, que relutava em deixar uma boa idéia desperdiçada. — E... e testes de modelos de vassouras. E uma coluna sobre gatos.

— De qualquer maneira, sua tia podia ser uma bruxa — disse Pimentinha. — Secretamente. Ela podia ser sua tia o dia inteiro e sair por aí fazendo bruxarias à noite.

— Minha tia não — disse Wensleydale chateado.

— E receitas — disse Brian. — Novos pratos com sobras de sapos.

— Ah, cala a boca — disse Pimentinha.

Brian fungou. Se fosse Wensley quem tivesse dito isso, pelo menos uma briguinha teria saído, do tipo que acontece entre amigos. Mas os outros Eles haviam aprendido há muito tempo que Pimentinha não se considerava presa pelas convenções informais de briguinhas fraternas. Ela podia chutar e morder com uma impressionante precisão fisiológica para uma menina de onze anos. Além disso, aos onze anos, Eles estavam começando a ficar incomodados com a concepção tênue de que pôr as mãos na boa e velha Pimenta transformava as coisas em categorias sangrentas com as quais não estavam inteiramente à vontade, além de granjear um golpe de cobra que teria derrubado o Karatê Kid.

Mas ela era boa de se ter em uma gangue. Eles se lembravam com orgulho de quando o Johnson Seboso e a gangue dele mexeram com eles por brincarem com uma garota. Pimentinha ficou tão furiosa que a mãe do Seboso acabou passando por lá aquela noite para reclamar.

Johnson Seboso era uma criança triste e grande demais para sua idade. Sempre tem uma destas em cada escola; não exatamente gorda, mas simplesmente grande e usando roupas do mesmo tamanho das do pai. Papéis se rasgavam sob seus tremendos dedos, canetas se quebravam. Crianças com quem tentasse brincar em jogos inofensivos e amistosos acabavam debaixo de seus enormes pés, e Johnson Seboso se tornara um valentão quase por autodefesa. Afinal, era melhor ser chamado de valentão, que pelo menos implicava alguma espécie de autocontrole e desejo, do que ser chamado de rolha de poço. Ele era o desespero em esportes, porque, se o Johnson Seboso tivesse tido o mínimo interesse em esportes, então a escola podia ter sido campeã. Mas Johnson Seboso nunca encontrara um esporte ao qual se adequasse. Em vez disso, dedicava-se secretamente à sua coleção de peixes tropicais, que lhe granjeou prêmios. Johnson Seboso tinha a mesma idade de Adam Young, com uma diferença de algumas horas, e seus pais nunca lhe disseram que ele era adotado. Viu? Você estava certo quanto aos bebês.

Pimentinha olhou para ele, um macho gigante, como um inimigo natural.

Ela mesma tinha cabelos ruivos curtos e um rosto que não era cheio de pintinhas: era uma pinta enorme com áreas ocasionais de pele.

O nome completo de batismo de Pimentinha eram Pippin Galadriel Moonchild. Ela os recebera numa cerimônia de batismo num vale lamacento que continha três ovelhas doentes e uma série de tendas indígenas de polietileno que vazavam. Sua mãe havia escolhido o vale galés de Cynth-ah-Lyghah como o local ideal para a Volta à Natureza. (Seis meses mais tarde, cansada das chuvas, dos mosquitos, dos homens, das ovelhas que viviam passando por cima das tendas e que primeiro comeram toda a plantação comunitária de maconha e depois o minibus antigo, e a essa altura começando a perceber por que quase a motivação inteira da história humana fora uma tentativa de se distanciar o máximo possível da Natureza, a mãe de Pimentinha voltou para os avós surpresos

de Pimentinha em Tadfield, comprou um sutiã e se matriculou num curso de sociologia com um profundo suspiro de alívio.)

Só existem duas maneiras pelas quais uma criança pode ter um nome como Pippin Galadriel Moonchild, e Pimentinha escolhera a outra: os três Eles homens haviam descoberto isso em seu primeiro dia de escola, no playground, aos quatro anos de idade.

Perguntaram o nome dela, e, inocente, ela disse.

Foi preciso um balde d'água para separar os dentes de Pippin Galadriel Moonchild do sapato de Adam. O primeiro par de óculos de Wensleydale foi quadrado, e o suéter de Brian precisou de cinco pontos.

Os Eles passaram a se reunir a partir daí, e Pimentinha ficou sendo Pimentinha para sempre, exceto para sua mãe, e (quando se sentiam especialmente corajosos, e os Eles quase distantes o suficiente para não ouvir nada) Johnson Seboso e os Johnsonitas, a única outra gangue da cidade.

Adam batia com os calcanhares na borda da caixa de leite que servia como cadeira, ouvindo aquela discussão com o ar relaxado de um rei ouvindo a conversa despreocupada de seus cortesãos.

Mastigava distraído um talo de grama. Era uma manhã de quinta. As férias se estendiam adiante, eternas e imaculadas. Precisavam ser preenchidas.

Deixou a conversa flutuar ao seu redor como o zumbido dos grilos ou, mais precisamente, como um garimpeiro observando o cascalho na peneira à procura de um brilho de ouro útil.

— Nosso jornal de domingo dizia que existem milhares de bruxas no país — disse Brian. — Adorando a Natureza, comendo comida saudável, essas coisas. Então não vejo por que não deveríamos ter uma por aqui. O jornal dizia que elas estavam inundando o país com uma Onda de Mal Insensato.

— O que, por adorar a Natureza e comer comida saudável? — perguntou Wensleydale.

— Foi o que ele disse.

Os Eles consideraram isso com calma. Certa vez — por insistência de Adam — tentaram uma dieta de comida saudável por uma tarde inteira. O veredicto deles era que você podia viver muito bem com comida saudável, desde que comesse um almoço enorme antes.

Brian inclinou-se para diante, conspirador.

— E dizia que elas dançam em roda sem roupa — acrescentou. — Elas sobem morros, vão a Stonehenge e lugares assim, e dançam sem roupa.

Dessa vez a consideração foi mais pensada. Os Eles haviam alcançado a posição em que a montanha-russa da vida havia quase completado a longa subida até o alto da primeira grande colina da puberdade, de forma que bastava olharem para a viagem cheia de precipícios abaixo, cheia de mistério, terror e curvas excitantes.

— Sei — disse Pimentinha.

— Minha tia não — disse Wensleydale, quebrando o feitiço. — Definitivamente, minha tia não. Ela só fica tentando falar com meu tio.

— Seu tio morreu — disse Pimentinha.

— Ela diz que ele ainda consegue mover um copo — disse Wensleydale, na defensiva. — Meu pai diz que foi esse negócio de mover copos de um lado pro outro o tempo todo que o matou, em primeiro lugar. Não sei por que ela quer falar com ele — acrescentou. — Eles nunca se falavam muito quando ele estava vivo.

— Isso é necromancia, é sim — disse Brian. — Está na Bíblia. Ela devia parar com isso. Deus é totalmente contra a necromancia. E bruxas. Você pode ir pro Inferno por causa disso.

O trono de caixote de leite rangeu preguiçoso. Adam ia falar.

Os Eles ficaram quietos. Sempre valia a pena ouvir Adam. No fundo de seus corações, sabiam que não eram uma gangue de quatro. Eram uma gangue de três, que pertencia a Adam. Mas se você queria animação, interesse, dias cheios de coisas pra fazer, então cada um dos Eles preferia uma posição baixa na gangue de Adam à liderança de qualquer outra gangue.

— Não vejo por que todo mundo fala tão mal de bruxas — disse Adam.

Os Eles olharam uns para os outros. Isso parecia promissor.

— Bom, elas estragam colheitas — disse Pimentinha. — E afundam navios. E dizem se você vai ser rei e coisas assim. E cozinham coisas com ervas.

— Minha mãe usa ervas — disse Adam. — E a sua também.

— Ah, mas com aquelas tudo bem — disse Brian, determinado a não perder sua posição como especialista em ocultismo. — Acho que Deus disse que podia usar menta, salva, essas coisas. Por isso não tem nada de errado em menta e salva.

— E elas podem fazer você ficar doente só de olhar pra você —disse Pimentinha. — Isso se chama mau-olhado. Elas te dão um olhar, e aí você fica doente e ninguém sabe por quê. E fazem um modelo de você e enchem de alfinetes e você fica doente onde todos os alfinetes estiverem — acrescentou animada.

— Esse tipo de coisa não acontece mais — reiterou Wensleydale, o racional. — Porque a gente inventou a Ciência e todos os padres queimaram as bruxas para o bem delas. Isso se chamou Inquisição Espanhola.

— Então acho que deveríamos descobrir se essa mulher do Jasmine Cottage é bruxa e se for devemos contar ao Sr. Pickersgill - disse Brian. Pickersgill era o padre. Atualmente estava discutindo com os Eles assuntos que variavam de subir no teixo do quintal da igreja até tocar a campainha e sair correndo.

— Não acho que sair queimando gente seja permitido — disse Adam. — Senão as pessoas estariam fazendo isso a todo instante.

— Tudo bem se você for religioso — disse Brian com segurança — E isso impede que as bruxas vão para o Inferno, então acho que elas até ficariam bastante agradecidas se entendessem isso direito.

— Não consigo ver o Picky tocando fogo em alguém — disse Pimentinha.

— Ah, não sei não — disse Brian, com sinceridade.

— Tocando fogo de verdade não — fungou Pimentinha. — Acho que ele iria mesmo era contar aos pais dele, e deixar por conta deles se alguém vai ser queimado ou não.

Os Eles balançaram as cabeças em sinal de desgosto com os atuais padrões baixos de responsabilidade eclesiástica. Então os outros três olharam para Adam com expectativa.

Sempre olhavam para Adam com expectativa. Era ele que tinha as idéias.

— Talvez a gente devesse fazer isso por conta própria — disse. - Alguém devia fazer alguma coisa se existem tantas bruxas por aí. É... é como aquele esquema da Vigília da Vizinhança.

— Bruxaria de Vizinhança — disse Pimentinha.

— Não — disse Adam com frieza.

— Mas não podemos ser a Inquisição Espanhola — disse Wensleydale. — Não somos espanhóis.

— Aposto que a gente não precisa ser espanhol para ser a Inquisição — disse Adam. — Aposto que é que nem ovos escoceses ou hambúrgueres americanos. Basta parecer espanhol. É só a gente fazer parecer espanhol. Então todo mundo saberá que é a Inquisição Espanhola.

Silêncio.

Que só foi quebrado pelo barulho de um dos pacotes de batatas fritas vazios que viviam se acumulando onde quer que Brian estivesse sentado. Olharam para ele.

— Eu tenho um cartaz de touradas com meu nome — disse Brian bem devagar.

A hora do almoço chegou e passou. A nova Inquisição Espanhola tornou a se reunir.

O Inquisidor-Chefe inspecionou-a criticamente.

— O que são estas coisas aqui? — exigiu saber.

— Você bate uma contra a outra quando dança — disse Wensleydale, um pouco na defensiva. — Minha tia as trouxe da Espanha há anos. Acho que o nome é maracas. Tem uma figura de uma dançarina espanhola com elas, olha.

— Por que ela está dançando com um touro? — perguntou Adam.

— Pra mostrar que é espanhol — disse Wensleydale. Adam deixou passar.

O cartaz da tourada era tudo o que Brian havia prometido. Pimentinha tinha uma coisa que parecia uma molheira feita de ráfia.

— É pra colocar vinho — disse desafiadora. — Minha mãe trouxe da Espanha.

— Não tem touro — disse Adam severo.

— Não precisa — contra-argumentou Pimentinha, assumindo uma leve postura de luta.

Adam hesitou. Sua irmã Sarah e o namorado dela também haviam estado na Espanha. Sarah retornara com um burro de pelúcia roxo enorme que, ainda que definitivamente espanhol, não era o que Adam instintivamente sentia que deveria ser o tom da Inquisição Espanhola. O namorado, por outro lado, trouxera uma espada muito ornamentada que, apesar de sua tendência a se dobrar quando apanhada e ficar cega quando levada a cortar papel, proclamava ser de aço de Toledo. Adam havia passado uma instrutiva meia-hora com a enciclopédia e sentia que aquilo era justamente do que a Inquisição havia precisado. Pistas sutis também não haviam funcionado.

No fim das contas Adam levara um punhado de cebolas da cozinha. Bem poderiam ter sido espanholas. Mas até mesmo Adam de admitir que, como decoração para as instalações da Inquisição faltava-lhes aquele algo mais. Ele não estava em posição de discutir com muita veemência sobre suportes de vinho de ráfia.

— Muito bom — disse ele.

— Tem certeza de que são cebolas espanholas? — perguntou Pimentinha, relaxando.

— É claro — disse Adam. — Cebolas espanholas. Todo mundo sabe disso.

— Podiam ser francesas — disse Pimentinha, se esquivando. - A França é famosa por cebolas.

— Não importa — disse Adam, que estava ficando de saco cheio de cebolas. — A França é quase Espanha, e eu não espero que bruxas saibam a diferença, passando o tempo todo voando à noite. Pras bruxas tudo parece a Cochinchina. De qualquer modo, se você não gosta pode ir e começar sua própria Inquisição.

Uma vez na vida, Pimentinha não forçou a barra. O posto de Torturadora-Chefe lhe havia sido prometido. Ninguém duvidava quem ia ser o Inquisidor-Chefe. Wensleydale e Brian estavam menos animados com seus papéis de Guardas da Inquisição.

— Bom, vocês não sabem nenhum espanhol — disse Adam, cuja hora do almoço havia incluído dez minutos com um livro de frases que Sarah havia comprado num surto de romantismo em Alicante.

— Isso não importa, porque na verdade é em latim que você tem que falar — disse Wensleydale, que também tinha feito uma leitiura de almoço um pouco mais precisa.

— E espanhol — disse Adam, com firmeza. — Por isso ela é a Inquisição Espanhola.

— Não vejo por que não deveria ser uma Inquisição Britânica disse Brian. — Não vejo por que deveríamos combater a Armada e tudo mais, só para ter a Inquisição feia deles.

Isso também incomodara de leve as sensibilidades patrióticas de Adam.

— Eu acho — disse ele — que deveríamos começar a aprender espanhol, e depois torná-la a Inquisição Britânica quando pegarmos o jeito. E agora — acrescentou — a Guarda Inquisitorial irá pegar a primeira bruxa, por favor.

A nova habitante do Jasmine Cottage teria de esperar, decidiram. O que precisavam fazer era começar de baixo e ir subindo aos poucos.

— És tu uma bruxa, olé? — perguntou o Inquisidor-Chefe.

— Sim — disse a irmã mais nova de Pimentinha, que tinha seis anos e parecia uma bolinha de futebol loura.

— Você não pode dizer sim, tem que dizer não — sussurrou a Torturadora-Chefe, dando uma cotovelada de leve na suspeita.

— E depois eu faço o quê? — quis saber a suspeita.

— E depois a gente te tortura pra você dizer sim — disse a Torturadora-Chefe. — Eu te disse. Torturar é legal. Não dói não. Hastar lar visa — acrescentou rápida.

A pequena suspeita deu uma olhada depreciativa na decoração do quartel-general da Inquisição. Havia decididamente um cheiro de cebolas.

— Hum — disse ela. — Eu quero ser bruxa, com nariz cheio de verruga, pele verde e um gato bonitinho com o nome de Pretinho, e muitas poções e...

A Torturadora-Chefe assentiu para o Inquisidor-Chefe.

— Escute — disse Pimentinha desesperada. — Ninguém está dizendo que você não pode ser bruxa, é só você dizer que não é bruxa. Não tem por que a gente ter todo esse trabalho — acrescentou severa — se você vai ficar dizendo sim no minuto em que a gente te perguntar.

A suspeita levou isso em consideração.

— Mas eu quelo ser bruxa — choramingou. Os Eles homens trocaram olhares exaustos entre si. Isso estava fora da alçada deles.

- Se você só disser não – disse Pimentinha – pode ficar com meus cavalinhos da Sindy. Eu nunca nem usei – acrescentou fuzilando os outros Eles com o olhar e provocandos-os para que se atravessem a fazer um comentário sequer.

- Você usou sim – retrucou a irmã – Eu vi e ele está todo gasto e a pecinha onde você põe o feno está quebrada e...

Adam deu um pigarro magisterial.

- És tu uma bruxa, via espana? – repetiu.

A irmã deu uma olhada para o rosto de Pimentinha e decidiu não arriscar.

- Não – decidiu.

Foi uma ótima tortura, todos concordaram. O problema era tirar aquela mania dela querer ser bruxa.

Era uma tarde quente e os guardas da Inquisição sentiram que estavam sendo enrolados.

— Não vejo por que eu e o Irmão Brian tenhamos de fazer todo o o trabalho — disse o Irmão Wensleydale, limpando o suor

— Acho que já é hora dela sair e a gente ir um pouquinho também. Benedictine ina decanter.

— Por que paramos? — exigiu saber a suspeita, água saindo pelos sapatos.

Durante sua pesquisa, ocorreu ao Inquisidor-Chefe que a Inquisição Britânica provavelmente ainda não estava pronta para a reintrodução da Donzela de Ferro e a pêra de sufocamento. Mas uma ilustração de uma banqueta de afogamento medieval sugeriu que ela era feita sob medida para o propósito. Bastava um lago tábuas e uma corda. Era o tipo de combinação que sempre atraía os Eles, que nunca tinham muita dificuldade em achar os três.

A suspeita estava agora verde até a cintura.

— É que nem uma gangorra — disse ela. — Eeeba!

— Se eu não for também vou pra casa — resmungou o Irmão Brian. — Não vejo por que as bruxas malvadas é que têm que se divertir.

— Inquisidores não podem ser torturados — disse o Inquisidor-Chefe firme, mas sem muita certeza. Era uma tarde quente, os mantos inquisitoriais feitos de sacos velhos coçavam e tinham cheiro de cevada velha, e o lago parecia fantasticamente convidativo.

— Tudo bem, tudo bem — disse, e voltou-se para a suspeita. — Você é uma bruxa, tudo bem, não faça mais isso, e agora você sai e deixa outra pessoa ir. Olé — acrescentou.

— E agora? — perguntou a irmã de Pimentinha.

Adam hesitou. Tocar fogo nela provavelmente causaria uma infinidade de problemas. Além disso, ela estava encharcada demais para queimar.

Ele também estava distantemente consciente de que, em algum ponto futuro, haveria perguntas sobre sapatos enlameados e vestidos cor-de-rosa com algas marinhas incrustadas. Mas isso era o futuro, e ele ficava do outro lado de uma longa tarde quente que continha tábuas, cordas e lagos. O futuro podia esperar.

O futuro veio e foi embora da forma levemente desencorajadora que os futuros têm, embora o Sr. Young tivesse outras coisas na cabeça além de vestidos enlameados e simplesmente proibiu que Adam visse televisão, o que significava que ele teria de assisti-la em seu velho aparelho preto-e-branco no seu quarto.

— Não vejo por que temos que ter uma bomba d'água — ouviu Adam o Sr. Young dizer à Sra. Young. — Pago meus impostos como todo mundo. O jardim parece o deserto do Saara. Fico surpreso por ainda haver água no lago. Eu acho que é culpa dos testes nucleares. Quando eu era garoto os verões eram adequados. Costumava chover o tempo todo.

Agora Adam se arrastava sozinho ao longo da rua empoeirada. Era um arrastar dos bons. Adam tinha um jeito de se arrastar que ofendia todas as pessoas corretas. Não era só permitir que o corpo pendesse para a frente. Ele conseguia caminhar arrastado com inflexões, e agora seus ombros refletiam a dor e o espanto daqueles injustamente impedidos em seu desejo desinteressado de ajudar a humanidade.

Os arbustos pesavam, carregados de poeira.

— Bem feito pra todo mundo se as bruxas tomarem o país inteiro e fizerem todo mundo comer comida saudável e não ir à igreja e dançar sem roupa — disse ele, chutando uma pedra. Tinha de admitir que, a não ser talvez pela comida saudável, a perspectiva não parecia preocupante demais.

— Aposto que, se eles simplesmente nos deixassem começar de forma adequada, poderíamos encontrar centenas de bruxas — disse para si mesmo, chutando uma pedra. — Aposto que o velho Torturemada não desistia justo quando estava começando só porque alguma bruxa estúpida sujava seu vestido.

Cão se arrastava fielmente atrás de seu Mestre. Aquilo não era na medida em que o cão do inferno tinha alguma expectativa, o que ele imaginava que seria nos últimos dias antes do Armagedon, mas apesar disso ele estava começando a gostar.

Ouviu seu Mestre dizer:

— Aposto que nem mesmo os vitorianos forçavam as pessoas a assistir a televisão preto-e-branco.

A forma molda a natureza. Existem certas formas de comportamento apropriadas a cãezinhos insignificantes que estão na verdade soldadas aos genes. Você não pode simplesmente assumir a forma de um cão pequeno e esperar continuar a mesma pessoa; uma certa cão-pequenez intrínseca começa a permear seu próprio Ser.

Ele já havia caçado um rato. Fora a experiência mais agradável de sua vida.

— Bem-feito pra eles se formos todos vencidos pelas Forças de Mal — resmungou o Mestre.

E depois havia os gatos, pensou Cão. Ele havia surpreendido o enorme gato malhado da casa ao lado e tentado transformá-lo numa geléia trêmula através do costumeiro olhar penetrante e rosnado profundo, que sempre funcionaram com os malditos no passado. Dessa vez eles lhe valeram uma patada no focinho que fez seus olhos se encherem d'água. Gatos, considerou Cão, eram obviamente muito mais durões que almas perdidas. Ele queria mais uma experiência com gatos, que planejara consistir em pulinhos ao redor e latidos excitados. Era uma grande diferença, mas podia dar certo.

— É melhor eles não virem correndo para mim quando o velho Picky for transformado no sapo — resmungou Adam.

Foi nesse momento que ele percebeu duas coisas. Uma era que seus passos desconsolados o haviam levado para perto do Jasmine Cottage. O outro era que alguém estava chorando.

Adam era sensível às lágrimas. Hesitou um instante, e então espiou cuidadosamente por sobre a cerca viva.

Para Anathema, sentada numa espreguiçadeira e com um pacote de lenços de papel pela metade, pareceu o amanhecer de um pequeno e inútil sol.

Adam duvidava de que ela fosse uma bruxa. Adam tinha uma imagem mental muito definida de uma bruxa. Os Young se restringiam à única escolha possível entre a melhor classe de jornais de domingo, e por isso cem anos de ocultismo esclarecido haviam ultrapassado Adam. Ela não tinha um nariz pontudo ou verrugas e era jovem... bom, muito jovem. Isso era bom o bastante para ele.

— Oi — disse ele, voltando à postura normal.

Ela assoou o nariz e olhou para ele sem dizer nada.

O que estava olhando por sobre a cerca viva deveria ser descrito a esta altura. O que Anathema viu, disse mais tarde, era algo parecido com um deus grego pré-pubescente. Ou quem sabe uma ilustração bíblica, daquelas mostrando anjos musculosos procedendo a algum massacre justo. Era um rosto que não pertencia ao século vinte. Era emoldurado por cachos dourados que reluziam. Michelângelo deveria tê-lo esculpido.

Mas ele provavelmente não teria incluído os tênis surrados, os jeans esfarrapados ou a camiseta ensebada.

— Quem é você?

— Adam Young. Moro mais pra baixo aqui na rua.

— Ah. Sim. Ouvi falar de você — disse Anathema, enxugando os lhos. Adam se aprumou. — A Sra. Henderson disse que eu deveria ficar de olho em você — continuou ela.

— Sou famoso por aqui.

— Ela disse que você nasceu para ser enforcado.

Adam sorriu. A notoriedade não era tão boa quanto a fama, mas era muito melhor do que a obscuridade.

— Ela disse que você era o pior dentre Eles — disse Anathema, parecendo um pouco mais animada. Adam assentiu.

— Ela disse assim: "Cuidado com Eles, moça, eles não são nada além de um bando de marginais. Aquele jovem Adam está cheio Velho Adam", ela disse.

— Por que você estava chorando? — perguntou Adam de supetão.

— Ahn? Ah, é que eu acabei de perder uma coisa — disse Anathema. — Um livro.

— Eu te ajudo a procurar, se quiser — disse Adam galante. — Na verdade, eu sei muito sobre livros. Eu escrevi um livro, uma vez. Era um livro fantástico. Tinha quase oito páginas. Era sobre um pirata que era um famoso detetive. E eu desenhei as figuras. — E então, num lampejo de grandeza, acrescentou: — Se você quiser, eu te deixo ler. Aposto que era muito mais divertido que o livro que você perdeu. Especialmente a parte na nave espacial em que o dinossauro aparece e luta com os caubóis. Aposto que você ia achar meu livro muito divertido. Brian achou demais. Ele disse que nunca tinha se divertido tanto.

— Obrigada. Tenho certeza de que seu livro é um livro muito bom — disse ela, agradando-se de Adam para sempre. — Mas não preciso que você me ajude a procurar meu livro... acho que agora é tarde demais.

Ela olhou pensativa para Adam.

— Você deve conhecer esta área muito bem, não é?

— Por quilômetros e quilômetros — disse Adam.

— Você não teria visto dois homens num carro preto grande? - perguntou Anathema.

— Eles roubaram o livro? — perguntou Adam, subitamente cheio de interesse. Desbaratar uma gangue de ladrões internacionais de livros faria o dia terminar de forma compensadora.

— Não exatamente. Mais ou menos. Quero dizer, eles não queriam. Estavam procurando a Mansão, mas eu fui lá em cima hoje e ninguém sabe nada sobre eles. Houve um tipo de acidente ou coisa parecida, acho eu.

Olhou para Adam. Havia algo estranho nele, mas ela não conseguia descobrir o que era. Só tinha uma sensação urgente de que era importante e não devia ter permissão de se afastar. Alguma coisa a respeito dele...

— Qual era o nome do livro? — perguntou Adam.

— As Belas e Precisas Profecias de Agnes Nutter, Bruxa — disse Anathema.

— Bruxa?

— É. Bruxa. Como em Macbeth — disse Anathema.

— Eu vi esse filme. Era realmente interessante, o jeito como os reis se comportam. Caramba. O que há de belo nelas?

— Belo costumava dizer preciso. Ou exato. — Definitivamente algo estranho. Uma espécie de intensidade recuada. Você começava a sentir que, se ele estivesse por perto, todo o resto, até mesmo a paisagem, era só pano de fundo.

Ela estava ali havia um mês. À exceção da Sra. Henderson, que teoricamente tomava conta do chalé e provavelmente mexia nas coisas dela se ela se descuidasse um pouquinho que fosse, não havia trocado mais de uma dezena de palavras com mais ninguém. Deixava-os pensar que era uma artista. Aquele era o tipo de cidade rural de que os artistas gostavam.

Na verdade, era bela pra danar. Só o trecho ao redor daquele vilarejo era soberbo. Se Turner e Landseer tivessem conhecido Samuel Palmer num pub e planejado tudo, e depois chamado Stubbs para fazer os cavalos, não poderia ter sido melhor.

E isso era deprimente, porque era lá que aquilo ia acontecer. Segundo Agnes, de qualquer maneira. Num livro em que ela, Anathema, se permitira perder. Ela tinha as fichas, claro, mas não era a mesma coisa.

Se Anathema tivesse estado no controle absoluto de sua própria mente naquele momento — e ninguém ao redor de Adam jamais estava no controle absoluto de sua própria mente — teria notado que, sempre que tentava pensar nele além de um nível superficial, seus pensamentos escorregavam como um pato fora d'água.

— Sinistro! — disse Adam, que revirava na cabeça as implicações de um livro de belas e precisas profecias. — Ele diz quem vai ganhar o Grand National, diz?

— Não — disse Anathema.

— Tem alguma nave espacial nele?

— Não muitas.

— Robôs? — Adam perguntou esperançoso.

— Desculpe.

— Então não parece muito bom pra mim. Não vejo o que o futuro tem se não tem nem robôs nem espaçonaves.

Cerca de três dias, Anathema pensou triste. É o que o futuro tem.

— Quer uma limonada? — perguntou ela.

Adam hesitou. Então decidiu pegar o touro pelos chifres.

— Escuta, desculpa perguntar, se não for uma pergunta pessoal, mas você é uma bruxa?

Anathema estreitou os olhos. Isso era no que dava a Sra. Henderson ficar bisbilhotando.

— Algumas pessoas poderiam dizer que sim. Na verdade, sou ocultista.

— Ah, bom. Então está bem — disse Adam, mais animado.

Ela olhou para ele de cima a baixo.

— Você sabe o que é um ocultista, não sabe?

— Ah, sim — disse Adam confiante.

— Bom, agora você está mais contente — disse Anathema. — Entre. Eu também quero beber. E... Adam Young?

— Sim?

— Você estava pensando "Não tem nada errado com meus olhos, eles não precisam ser examinados", não estava?

— Quem, eu? — perguntou Adam culpado.

Cão era o problema. Ele não queria entrar no chalé. Encolheu-se na entrada, grunhindo.

— Vem, seu cão bobo — disse Adam. — É só o velho Jasmine Cottage. — Olhou para Anathema envergonhado. — Normalmente ele faz tudo o que eu digo na hora.

— Pode deixá-lo no jardim — disse Anathema.

- Não — disse Adam. — Ele tem que fazer o que lhe mandam. Li num livro, treinamento é muito importante. Qualquer cão pode ser treinado, dizia ali. Meu pai disse que eu só posso ficar com ele se ele for treinado adequadamente. Agora, Cão. Entra.

Cão gemeu e olhou para ele implorando. Sua cauda gordinha bateu uma ou duas vezes no chão.

A voz do Dono.

Com extrema relutância, como se fizesse progresso nos dentes de um furacão, ele se arrastou até a entrada.

— Isso — disse Adam orgulhoso. — Bom menino.

E mais um pedacinho do Inferno dentro dele se queimou...

Anathema fechou a porta.

Sempre houve uma ferradura sobre a porta do Jasmine Cottage, desde seu primeiro inquilino séculos antes; a Peste Negra estava em sua fúria total na época e ele achara que podia precisar de toda a proteção que pudesse obter.

Ela estava corroída e semicoberta com a tinta de séculos. Por isso nem Adam nem Anathema repararam nela, ou sequer notaram como ela estava agora esfriando de um fogo branco.

O chocolate de Aziraphale estava gelado.

O único som na sala era o virar ocasional de uma página.

De vez em quando ouvia-se um chocalhar na porta quando clientes em potencial da Livros Íntimos na porta ao lado confundiam a entrada. Ele ignorou isso.

Ocasionalmente chegava muito perto de soltar um palavrão.

Anathema não chegara realmente a ficar à vontade no chalé. A maior parte de seus implementos estava empilhada sobre a mesa. Parecia interessante. Parecia, na verdade, como se um sacerdote vodu tivesse acabado de saquear uma loja de equipamento científico.

— Brilhante! — disse Adam, mexendo naquilo. — Que coisa é essa de três pernas?

— É um teodolito — disse Anathema da cozinha. — É para rastrear linhas de energia telúrica.

— O que é isso?

Ela explicou.

— Caramba — disse ele. — Estão mesmo?

— Estão.

— Por toda parte?

— Sim.

— Nunca as vi. Incrível todas essas linhas de força invisíveis por toda parte e eu não poder vê-las.

Adam não costumava ouvir muito, mas passou os vinte minutos mais cativantes de sua vida, ou pelo menos de sua vida naquele dia. Ninguém na casa dos Young sequer batia na madeira ou jogava sal por trás do ombro. A única concessão na direção do sobrenatural era um fingimento sem muito esforço,

quando Adam era mais novo, de que o Papai Noel descia pela chaminé. (Nota: Se Adam estivesse em plena posse de seus poderes naquela época, o Natal dos Young teria sido estragado pela descoberta de um gordo morto de cabeça para baixo no seu duto de aquecimento central.)

Ele andava faminto por algo mais oculto que um Festival da Colheita. Suas palavras se derramavam em sua cabeça como água num pedaço de mata-borrão.

Cão estava debaixo da mesa, e soltou um grunhido. Estava começando a ter sérias dúvidas a respeito de si mesmo.

Anathema não só acreditava em linhas de energia telúrica como também em focas, baleias, bicicletas, florestas tropicais, pães de trigo integral, papel reciclado, sul-africanos brancos fora da África do Sul e americanos fora de praticamente qualquer lugar até e incluindo Long Island. Ela não compartimentalizava suas crenças. Estavam fundidas numa crença enorme e inteiriça, e comparada a ela, a de Joana D'Arc seria apenas uma ideiazinha vaga. Em qualquer escala de mover montanhas, ela deslocava pelo menos .5 de um alp. Pode ser importante observar aqui que a maioria dos seres humanos não consegue levantar mais de .3 de um alp (30 centi-alps). Adam acreditava em coisas numa escala de 2 até 15.640 Everests.

Ninguém havia sequer usado a expressão "meio ambiente" perto de Adam antes. As florestas tropicais da América do Sul eram um livro fechado para Adam, e esse livro não era sequer feito de papel reciclado.

A única vez em que ele a interrompeu foi para concordar com suas idéias sobre energia nuclear:

— Eu já estive numa usina nuclear. Foi muito chato. Não tinha fumaça verde e nada borbulhando em tubos. Não deviam permitir que não tivesse coisas borbulhando em tubos quando as pessoas vão até lá só pra ver isso, e tem só um punhado de caras ali por perto sem nem estar vestindo trajes espaciais.

— Eles fazem todas as borbulhas depois que os visitantes vão embora — disse Anathema triste.

— Sei — disse Adam.

— Eles deveriam acabar com isso agora mesmo.

— Bem feito pra eles por não soltar borbulhas — disse Adam.

Anathema concordou. Ela ainda estava tentando descobrir o que havia de tão estranho em Adam e então descobriu o que era.

Ele não tinha aura.

Ela era uma especialista e tanto em auras. Podia vê-las, se olhasse bem para elas. Eram um leve brilho de luz ao redor das cabeças das pessoas, e, segundo um livro que ela lera, a cor dizia coisas sobre a saúde e o bem-estar geral delas. Todos tinham uma. Nas pessoas mal-humoradas e fechadas elas eram um contorno fraco e trêmulo, ao passo que as pessoas expansivas e criativas poderiam ter uma se estendendo a vários centímetros do corpo.

Ela nunca ouvira falar de ninguém que não tivesse uma, mas não conseguia ver nada ao redor de Adam. Mas mesmo assim ele parecia animado, entusiasmado e tão equilibrado quanto um giroscópio.

Talvez eu esteja apenas cansada, pensou.

De qualquer forma, estava satisfeita e grata por encontrar aluno tão recompensador, e chegou até a lhe emprestar alguns exemplares do Magazine dos Novos Aquarianos, uma revistinha editada por um amigo.

Isso mudou a vida dele. Pelo menos, mudou aquele dia.

Para o espanto de seus pais ele foi cedo para a cama, e então ficou debaixo dos cobertores até depois da meia-noite com uma lanterna, as revistas e um saquinho de dropes de limão. A boca que mastigava feroz de vez em quando soltava um "brilhante!".

Quando as pilhas acabaram ele emergiu da escuridão e deitou com as mãos atrás da cabeça, aparentemente olhando para o esquadrão de caças X-Wing™ pendurados no teto, que se moviam com suavidade na brisa noturna.

Mas Adam não estava realmente olhando para eles. Estava olhando para o panorama de luzes brilhantes em sua própria imaginação, que girava como um parque de diversões.

Aquilo não era a tia de Wensleydale e um copo de vinho. Aquele tipo de ocultismo era muito mais interessante.

Além do mais, ele gostou de Anathema. Claro que ela era muito velha, mas quando Adam gostava de alguém, queria fazer esse alguém feliz.

Ele ficou pensando em como fazer Anathema feliz.

Costumava-se pensar que os eventos que mudavam o mundo eram coisas como grandes bombas, políticos maníacos, enormes terremotos ou vastas movimentações populacionais, mas hoje em dia se sabe que esta é uma visão muito antiquada sustentada por pessoas inteiramente fora de contato com o pensamento moderno. As coisas que realmente mudam o mundo, segundo a teoria do Caos, são as coisas pequenas. Uma borboleta bate as asas na selva amazônica, e subseqüentemente uma tormenta ataca metade da Europa.

Em algum lugar no sono de Adam, uma borboleta havia emergido.

Isso poderia, ou não, ter ajudado Anathema a obter uma visão clara das coisas se ela tivesse tido condições de observar a razão óbvia demais pela qual ela não conseguia ver a aura de Adam.

Era pelo mesmo motivo pelo qual as pessoas na Trafalgar Square não conseguem ver a Inglaterra inteira.

Alarmes dispararam.

Naturalmente não existe nada de especial em alarmes disparando na sala de controle de uma usina nuclear. Eles fazem isso o tempo todo. É porque são tantos mostradores, medidores e coisas que algo importante poderia passar despercebido se não soltasse pelo menos um bip.

E o trabalho do Engenheiro Chefe de Plantão pede um tipo sólido, competente, inabalável de homem, o tipo do qual você pode estar certo de que não irá correndo para o estacionamento em caso de emergência. O tipo de homem, na verdade, que dá a impressão de fumar um cachimbo mesmo quando não está fumando.

Eram três da manhã na sala de controle da usina nuclear de Turning Point, normalmente uma hora tranqüila e silenciosa quando não há nada a fazer a não ser preencher o registro e escutar o rugido distante das turbinas.

Até agora.

Horace Gander olhou para as luzes vermelhas que piscavam. Então olhou para alguns mostradores. Então olhou para os rostos de seus colegas de trabalho. Então levantou a cabeça para olhar o grande mostrador do outro lado da sala. Quatrocentos e vinte praticamente confiáveis e quase baratos megawatts estavam deixando a estação. Segundo os outros mostradores, nada os estava produzindo.

Ele não disse "Que estranho". Não teria dito “que estranho" mesmo que um rebanho de ovelhas tivesse passado de bicicleta tocando violino. Não era o tipo de coisa que um engenheiro responsável diria.

O que ele disse mesmo foi:

— Alf, é melhor ligar para o administrador da usina.

Três horas muito atarefadas se passaram. Elas envolveram uma série de ligações telefônicas, telex e fax. Vinte e sete pessoas foram despertadas de suas camas em rápida sucessão e por sua vez despertaram mais cinqüenta e três, pois se há uma coisa que um homem quer saber, quando é acordado em pânico às quatro da manhã, é que ele não está sozinho.

De qualquer forma, você precisa de toda espécie de permissões antes de deixarem você desatarraxar a tampa de um reator nuclear e olhar dentro.

Eles as conseguiram. Desatarraxaram. E olharam.

Horace Gander disse:

— Tem de existir um motivo sensato para isto. Quinhentas toneladas de urânio não criam perninhas e saem andando.

Um medidor em sua mão deveria ter soado um alarme daqueles. Em vez disso, só deixava escapar um tique-taque fraquinho.

No lugar do reator, havia um espaço. Dava pra jogar uma partida de squash ali dentro.

Bem no fundo, sozinho no centro do chão brilhante e frio, uma gota de limão.

Do lado de fora da sala cavernosa da turbina, as máquinas continuavam rugindo.

E, a cento e sessenta quilômetros de distância, Adam Young revirava na cama no seu sono.

Sexta-feira

Raven Sable, esguio, barbudo e vestido todo de preto, estava sentado no banco de trás de sua esguia limusine negra, falando em seu esguio telefone negro com sua base na Costa Oeste.

— Como está indo? — perguntou.

— Parece bom, chefe — disse seu chefe de marketing. — Estou tomando café com os compradores de todas as principais cadeias de supermercados amanhã. Tudo certo. Vamos ter REFEIÇÕES™ em todas as lojas a esta hora, mês que vem.

— Bom trabalho, Nick.

— Tudo certo. Tudo certo. É só saber que você está por trás de nós, Raven. Você é um grande líder, cara. Trabalhe comigo sempre.

— Obrigado — disse Sable, e desligou.

Estava particularmente orgulhoso das REFEIÇÕES™.

A Newtrition Corporation havia começado pequena, há onze anos. Uma pequena equipe de cientistas alimentares, uma equipe enorme de pessoal de marketing e relações públicas, e um belo logotipo.

Dois anos de investimento e pesquisa da Newtrition haviam produzido MAÇAROCA™. MAÇAROCA™ continha moléculas protéicas espiraladas, trançadas e costuradas, encapsuladas e codificadas, cuidadosamente projetadas para ser ignorada até mesmo pelas enzimas mais famintas do trato digestivo; adoçantes sem calorias; óleos minerais substituindo óleos vegetais; materiais fibrosos, edulcorantes e flavorizantes. O resultado final era uma comida quase indistinguível de qualquer outra exceto por duas coisas. Primeiro, o preço, que era um pouco mais alto, e segundo, o conteúdo nutricional, que era mais ou menos equivalente ao de um Walkman Sony. Não importava o quanto você

comesse, perdia peso. E cabelos. E tom da pele. E, se você comesse o suficiente tempo bastante, sinais vitais.

Gente gorda comprou. Gente magra que não queria engordar comprou. MAÇAROCA™ era o alimento dietético definitivo — cuidadosamente espiralado, trançado, texturizado e amassado para imitar qualquer coisa, de batatas a veado, embora o frango vendesse mais.

Sable recostou-se e ficou vendo o dinheiro entrar. Viu MAÇAROCA™ gradualmente preencher o nicho ecológico que costumava ser preenchido pela velha comida sem marca registrada.

Após MAÇAROCA™ ele criou SNACKS™: junk food feita de lixo de verdade. (NOTA: Há quem traduza a expressão "junk food", mas ela já caiu no uso popular brasileiro. Pro bom freqüentador de lanchonetes fica mais fácil: é qualquer gororoba de procedência suspeita que se come na rua. (N. do T.)

REFEIÇÕES™ era a última onda de Sable.

REFEIÇÕES™ era MAÇAROCA™ com açúcar e gordura. A teoria era que, se você comesse REFEIÇÕES™ suficientes, iria a) ficar muito gordo, e b) morrer de subnutrição.

O paradoxo agradava muitíssimo a Sable.

As REFEIÇÕES™ estavam sendo testadas em toda a América. REFEIÇÕES™ de pizza, REFEIÇÕES™ de peixe, REFEIÇÕES™ chinesas, REFEIÇÕES™ de arroz macrobiótico. Até REFEIÇÕES™ de hambúrguer.

A limusine de Sable estava parada no estacionamento de Burger Lord de Des Moines, Iowa: uma franquia de fast food de propriedade integral de sua organização. Foi ali que eles pilotaram REFEIÇÕES™ de hambúrguer nos últimos seis meses. Ele queria ver que tipo de resultados estavam obtendo.

Inclinou-se para diante, bateu na divisão de vidro do chofer. O chofer pressionou um botão e o vidro se abriu.

— Senhor?

— Vou dar uma olhada em nossa operação, Marlon. Ficarei dez minutos, depois, de volta a L.A.

— Senhor.

Sable foi andando até o Burger Lord. Ele era exatamente igual a todos os outros Burger Lord da América. Mas não igual a todos os outros Burger Lord no resto do mundo. Os Burger Lord alemães, por exemplo, vendiam cerveja lager em vez de cerveja sem álcool, ao passo que os Burger Lord ingleses conseguiam pegar todas as virtudes dos fast foods americanos (a rapidez na entrega da comida, por exemplo) e removê-las cuidadosamente; sua comida chegava depois de meia hora, à temperatura ambiente, e você só conseguiu distinguir a carne do pão por causa da faixa de alface morna entre eles. O vendedor de franquias do Burger Lord havia sido morto vinte e cinco minutos depois de pôr os pés na França.

O Palhaço McLordy dançava no Kanto das Krianças. A equipe de atendimento tinha idênticos sorrisos reluzentes que nunca chegavam a atingir os olhos. E atrás do balcão um homem gordinho de meia-idade num uniforme do Burger Lord jogava bifes de hambúrguer na chapa, assoviando baixinho, feliz com seu trabalho.

Sable foi até o balcão.

— Olá-meu-nome-é-Marie — disse a garota atrás do balcão. — Posso-ajudar?

— Um trovão explosivo duplo gigante, batatas fritas extragrandes, sem mostarda — disse.

— Bebe-algo?

— Um shake chocobanana especial com chantili.

Ela apertou os quadradinhos de pictogramas em sua caixa registradora. (Saber ler não era mais exigência para emprego nesses restaurantes. Sorrir sim.) Então ela se virou para o gordinho atrás do balcão.

— TEDG, BEG, sem mostarda — disse ela. — Choc-shake.

— Ahnnnahnnn — fez o cozinheiro. Dividiu a comida em caixinhas de papel, parando somente para afastar o pega-rapaz dos olhos.

— Prontinho — disse ele.

Ela os pegou sem olhar para ele, e ele voltou alegre à sua chapa, cantando baixinho, "Loooove me tender, looooove me long, neeeverr let me go...”

A cantoria do sujeito, notou Sable, batia de frente com a música de fundo do Burger Lord, uma pequena fita em loop do jingle comercial do Burger Lord, e ele fez uma nota mental para demiti-lo.

Olá-meu-nome-é-Marie deu a Sable sua REFEIÇÃO™ e desejou um bom dia.

Ele encontrou uma mesinha de plástico, sentou-se no banco plástico e examinou sua comida.

Pão artificial. Bife de hambúrguer artificial. Batatas fritas que nunca em sua vida sequer viram batatas. Molhos sem alimentos. Até mesmo (e Sable tinha um orgulho especial disso) uma fatia artificial de picles de endro. Nem se preocupou em examinar seu milkshake. Ele não tinha nenhum conteúdo alimentar real, mas também, nada do que era vendido por seus rivais tinha também.

Ao seu redor, as pessoas comiam suas não-comidas, se não evidências reais de prazer, pelo menos o nível de desgosto não era maior do que o que podia ser visto nas cadeias de hambúrgueres todo o planeta.

Ele se levantou, levou a bandeja até o receptáculo POR FAVOR JOGUE FORA SEU LIXO COM CUIDADO, e jogou tudo lá dentro. Se você tivesse lhe dito que existem crianças passando fome na África ele teria dito "que bom que você notou".

Puxaram sua manga.

— Nome artístico de Sable? — perguntou um homem baixinho de óculos com um boné da International Express, segurando um pacote de papel pardo.

Sable assentiu.

— Achei que fosse você. Olhei ao redor, pensei, um cavalheiro alto de barba, terno bonito, não pode haver muitos desses por aqui. Pacote para o senhor.

Sable assinou, com seu nome real — uma palavra, quatro letras. Rima com nome.

— Muitíssimo obrigado, senhor — disse o Courier. Parou um instante. — Pronto. Aquele sujeito atrás do balcão. Não lembra ninguém ao senhor?

— Não — disse Sable. Deu uma gorjeta ao homem, cinco dólares, e abriu o pacote.

Nele havia uma pequena balança de cobre. Sable sorriu. Era um sorriso magro, e desapareceu quase no mesmo instante.

— Já era hora. — Enfiou as balanças no bolso, sem ligar para o estrago feito na linha esbelta de seu terno preto, e voltou para a limusine.

— De volta ao escritório? — perguntou o chofer.

— Aeroporto — disse Sable. — E ligue antes. Quero uma passagem para a Inglaterra.

— Sim, senhor. Passagem de volta da Inglaterra.

Sable apalpou as balanças no bolso.

— Peça só de ida. Volto por conta própria. Ah, e ligue para o escritório, cancele todos os compromissos.

— Por quanto tempo, senhor?

— O futuro previsível.

E, no Burger Lord, atrás do balcão, o gordinho do topete enfiava mais meia dúzia de bifes de hambúrguer na chapa. Ele era o homem mais feliz de todo o mundo e estava cantando, bem baixinho.

— ... y'ain't never caught a rabbit — murmurava para si mesmo — and y aint no friend of mine...

Os Eles escutavam com interesse. Uma garoa leve era mal e mal mantida à distância pelas velhas folhas de zinco e pedaços rasgados de linóleo que serviam de teto para o esconderijo deles na pedreira, e sempre procuravam Adam para pensar em coisas a fazer quando chovia. Não se decepcionaram. Os olhos de Adam brilhavam com a alegria do conhecimento.

Na noite anterior, ele só fora dormir às três da manhã, embaixo de uma pilha de Novos Aquarianos.

— E também tinha um cara chamado Charles Fort — disse. — Ele podia fazer chover peixe, sapos e um montão de coisas.

— Hm — disse Pimentinha. —Tá certo. Sapos vivos?

— Ah, sim — disse Adam, preparando-se para chegar ao ponto.— Dando pulos, coaxando e tudo o mais. As pessoas acabaram pagando dinheiro a ele para desaparecer e, e... — Quebrou a cabeça para encontrar algo que satisfizesse sua platéia; para Adam, ele lera muita coisa de uma só vez. — ... e ele navegou no Mary Celeste e fundou o Triângulo das Bermudas. Fica nas Bermudas — acrescentou solícito.

— Não, ele não podia ter feito isso — disse Wensleydale sério. — Porque eu li sobre o Mary Celeste e não havia ninguém nele. Ele é famoso por não ter tido ninguém a bordo. Encontraram o navio flutuando sozinho sem ninguém.

— Eu não disse que ele estava lá quando encontraram o navio, disse? — Adam comentou desdenhoso. — Claro que ele não estava lá. Porque o Ovni pousou e pegou ele. Eu achava que todo mundo soubesse disso.

Os Eles relaxaram um pouco. Ovnis eram mais da alçada deles. Não estavam, contudo, inteiramente certos quanto a óvnis da Nova Era; escutaram educadamente Adam falar sobre o assunto, mas de algum modo os Ovnis modernos não tinham tanta graça.

— Se eu fosse um alienígena — disse Pimentinha, verbalizando a opinião de todos ali — eu não ia sair por aí falando com as pessoas sobre harmonia mística cósmica. Eu ia dizer — sua voz se tornou rouca e anasalada,

como alguém usando uma máscara negramaligna — Ishto é uma ahrma de raiosh, por isso é melhor fazer o que eu mando, porco rebeldih.

Todos concordaram. Uma brincadeira favorita da pedreira era baseada numa série de filmes de muito sucesso que tinha lasers, robôs e uma princesa que usava os cabelos como um par de headphones™ estéreo. (Todos acabaram concordando sem dizer palavra que se alguém ia fazer o papel da alguma princesa imbecil, não ia ser a Pimentinha.) Mas a brincadeira normalmente terminava numa briga para ver quem ia colocar o balde preto de carvão™ na cabeça e explodir planetas. O melhor nisso era Adam: quando ele era o vilão, ele realmente soava como se pudesse explodir mesmo o mundo. Os Eles estavam, afinal, temperamentalmente do lado de destruidores de planetas, desde que pudessem resgatar princesas ao mesmo tempo.

— Eu acho que era isso o que eles faziam antigamente — disse Adam. — Mas hoje é diferente. Eles têm uma luz azul brilhante em volta deles e saem por aí fazendo o bem. Uma espécie de polícia galáctica, saindo e dizendo a todos para viver em harmonia universal e coisas assim.

Houve um instante de silêncio enquanto ponderavam esse desperdício de Ovnis perfeitamente bons.

— O que eu sempre me perguntei — disse Brian — é por que eles são chamados de Ovnis quando todo mundo sabe que eles são discos voadores. Quero dizer, então eles são Objetos Voadores Identificados.

— É porque o governo esconde tudo — disse Adam. — Milhões de discos voadores pousam toda hora e o governo fica mantendo tudo em segredo.

— Por quê? — perguntou Wensleydale.

Adam hesitou. Sua leitura não lhe dera uma explicação rápida para isso; a Novos Aquarianos simplesmente aceitava isso como a base da crença, tanto de si quanto de seus leitores, de que o governo mantinha tudo em segredo.

— Porque eles são o governo — disse Adam simplesmente. — É isso o que os governos fazem. Eles têm um prédio enorme em Londres cheio de livros com todas as coisas que eles guardaram em segredo. Quando o primeiro-ministro

vai trabalhar de manhã, a primeira coisa que ele faz é repassa r a lista enorme de tudo o que aconteceu de noite e colocar um grande carimbo vermelho em cima.

— Aposto que ele toma primeiro uma xícara de chá, e depois lê o jornal — disse Wensleydale, que numa ocasião memorável durante as férias entrou inesperadamente no escritório de seu pai, onde havia formado certas impressões. — E fala sobre o que passou na tevê a noite anterior.

— Bom, tudo bem, mas depois ele pega o livro e o carimbo enorme.

— Que diz "Manter em Segredo" — disse Pimentinha.

— Ele diz Confidencial — disse Adam, lamentando aquela tentativa de criatividade bipartidária. — É que nem uma usina nucular. Elas explodem o tempo todo mas ninguém nunca fica sabendo por que o governo mantém sigilo.

— Elas não explodem o tempo todo — disse Wensleydale com severidade. — Meu pai diz que elas são extremamente seguras e isso significa que não precisamos viver numa estufa. De qualquer maneira, tem uma figura enorme de uma na minha revista em quadrinhos e não diz nada sobre explodir o tempo todo. (NOTA: A história em quadrinhos de Wensleydale em questão era uma obra semanal em 94 fascículos intitulada Maravilhas da Natureza e da Ciência. Até agora ele havia colecionado todas, e pedira a capa com prendedores no aniversário. A leitura semanal de Brian era qualquer coisa que tivesse um bocado de exclamações no título, como "WhiZZ!!" ou "Clangü" A de Pimentinha também, embora nem mesmo sob a mais refinada das torturas ela admitisse o fato de que também comprava Just Seventeen sem que ninguém soubesse. Adam não lia nenhuma revista em quadrinhos. Elas não se comparavam ao tipo de coisas que ele podia fazer em sua cabeça.)

— Sim — disse Brian. — Mas você me emprestou essa revista depois e eu sei que tipo de figura era aquela.

Wensleydale hesitou, e então disse numa voz carregada de paciência mal contida:

— Brian, só porque diz Diagrama Explodido...

E começou a discussão de sempre.

— Escutem — disse Adam severo. — Vocês querem que eu fale da Era de Aquário ou não?

A briga, que nunca era muito séria entre os irmãos dos Eles, acabou.

— Certo — disse Adam. Coçou a cabeça. — Agora vocês me fizeram esquecer onde eu estava — reclamou.

— Discos voadores — disse Brian.

— Certo. Certo. Bom, se vocês vêem mesmo um Ovni voador, chegam uns homens do governo e mandam você se afastar — disse Adam, voltando ao seu ritmo da conversa. — Num grande carro preto. Isso acontece o tempo todo na América.

Os Eles assentiram inteligentemente. Disso, pelo menos, não tinham dúvida. A América era, para eles, o lugar para onde as pessoas boas iam quando morriam. Estavam preparados para acreditar que quase tudo podia acontecer na América.

— Provavelmente causa engarrafamentos de trânsito — disse Adam — todos esses homens em carros pretos, saindo por aí dizendo às pessoas para se afastar por terem visto Ovnis. Eles dizem que se você continuar a vê-los, vai acabar tendo um Acidente Feio.

— Provavelmente serão atropelados por um carro preto enorme — disse Brian, puxando uma casquinha de ferida no joelho sujo. Aí se animou. — Vocês sabiam — disse ele — que meu primo disse que na América tem lojas que vendem trinta e nove sabores diferentes de sorvete?

Isso calou até mesmo Adam, por um instante.

— Não existem trinta e nove sabores de sorvete — disse Pimentinha. — Não existem trinta e nove sabores no mundo inteiro.

— Podem existir se você misturar eles — disse Wensleydale, piscando como uma coruja. — Você sabe. Morango e chocolate. Chocolate e baunilha. — Procurou mais sabores ingleses. — Morango e baunilha e chocolate — acrescentou, sem convencer.

— E também tem Atlântida — disse Adam em voz alta.

Ali ele conseguiu atrair o interesse deles. Eles gostavam da Atlântida. Cidades que afundavam no mar estavam bem de acordo com a filosofia dos Eles. Ouviram com atenção um relato misturado de pirâmides, estranhas irmandades de sacerdotes e segredos antigos.

— Isso aconteceu de repente ou devagar? — perguntou Brian.

— De repente e devagar — disse Adam. — Porque muitos deles fugiram em barcos para todos os outros países e ensinaram a eles como fazer matemática, inglês, história e coisas assim.

— Não vejo o que tem de tão legal nisso — disse Pimentinha.

— Podia ter sido engraçado, quando estava afundando — disse Brian ansioso, lembrando-se da única ocasião em que Lower Tadfield havia sofrido uma enchente. — As pessoas entregando o leite e os jornais de barco, ninguém tendo que ir pra escola.

— Se eu fosse um atlante, teria ficado — disse Wensleydale. Isso foi saudado com gargalhadas desdenhosas, mas ele continuou. — Era só usar um capacete de mergulhador, só isso. E pregar todas as janelas e encher as casas de ar. Seria legal.

Adam recebeu a sugestão com o olhar gélido que reservava para qualquer um dos Eles que viesse com uma idéia que ele realmente desejava ter pensado primeiro.

— Eles podiam ter feito isso — admitiu sem muita vontade. — Depois de terem enviado todos os professores em barcos. Talvez todo o resto tenha ficado quando ela afundou.

— Ninguém precisaria tomar banho — disse Brian, cujos pais o forçavam a se lavar muito mais do que ele achava possivelmente saudável. Não que isso lhe fizesse algum bem. Havia algo de definitivamente terra a terra em Brian. — Porque tudo ia ficar sempre limpo. E todo mundo ia poder cultivar algas marinhas e coisas assim no jardim e matar tubarões. E ter polvos de estimação e

coisas assim. E não havia nenhuma escola e coisas assim porque eles teriam se livrado de todos os professores.

— Eles ainda poderiam estar lá embaixo agora — disse Pimentinha.

Pensaram nos atlantes, envoltos em togas místicas esvoaçantes e peixinhos dourados, curtindo muito estar debaixo das águas instáveis do oceano.

— Hm — disse Pimentinha, sintetizando os sentimentos de todos.

— O que vamos fazer agora? — perguntou Brian. — Já clareou um pouco.

No fim das contas eles brincaram de Charles Fort Descobrindo Coisas. Isso consistia em um dos Eles caminhando com os restos antigos de um guarda-chuva, enquanto os outros lhe jogavam uma chuva de sapos, ou melhor, um sapo. Eles só conseguiram encontrar um no laguinho. Era um sapo velho, que conhecia os Eles de longa data, e tolerava seu interesse como o preço a pagar por um lago destituído de galinhas d'água e peixes. Ele agüentava as coisas com bom humor por um tempo, antes de sair pulando até um esconderijo secreto e até agora não descoberto num velho cano de esgoto.

Então voltaram para suas casas, para almoçar.

Adam se sentia muito feliz com o trabalho da manhã. Ele sempre soubera que o mundo era um lugar interessante, e sua imaginação o havia povoado com piratas, bandidos, espiões, astronautas e similares. Mas ele também tinha uma suspeita de que, quando você chegava a sério ao fundo da questão, isso tudo era coisa de livros, não existia mais.

Ao passo que aquela Era de Aquário era verdadeira de verdade. Muitos adultos escreveram livros a respeito dela (A Novos Aquarianos estava cheia de anúncios deles) e Pés-Grandes, Homens-Mariposas, Iétis, monstros do mar e pumas em Surret existiam mesmo. Se Cortéz, em seu pico em Darien, tivesse molhado de leve os pés em esforços para capturar sapos, teria sentido o mesmo que Adam naquele momento.

O mundo era brilhante e estranho, e ele estava no meio dele.

Mandou o almoço goela abaixo e se retirou para seu quarto. Ainda havia alguns números da Novos Aquarianos que ele não havia lido.

O chocolate era uma massa esponjosa congelada que ocupava a xícara até a metade.

Certas pessoas haviam passado centenas de anos tentando achar algum sentido nas profecias de Agnes Nutter. Em sua grande parte, elas eram muito inteligentes. Anathema Device, que chegava o mais perto possível de ser Agnes quanto as tendências genéticas permitiam, era a melhor da turma. Mas nenhuma delas era anjo.

Muitas pessoas, ao conhecer Aziraphale, formavam três impressões: de que ele era inglês, de que ele era inteligente, e de que ele era mais gay que uma árvore cheia de macacos com oxido nitroso na cabeça. Duas das três estavam erradas; o Céu não fica na Inglaterra, apesar do que certos poetas possam ter pensado, e anjos não têm sexo a menos que queiram realmente fazer um esforço. Mas inteligente ele era. E era uma inteligência angélica que, ainda que não particularmente mais elevada que a inteligência humana, é muito mais ampla e possui a vantagem de ter milhares de anos de prática.

Aziraphale foi o primeiro anjo a possuir um computador. Era uma máquina baratinha, lenta, de plástico, muito alardeada como ideal para o pequeno empresário. Aziraphale usava-o religiosamente para fazer suas contas, que eram de uma precisão tão escrupulosa que as autoridades de renda o investigaram cinco vezes, acreditando profundamente que ele estava cometendo algum crime em algum lugar.

Mas aqueles outros cálculos eram de uma espécie que nenhum computador jamais poderia fazer. Às vezes ele rabiscava alguma coisa numa folha de papel ao seu lado. Ela estava coberta de símbolos que apenas oito pessoas no mundo teriam sido capazes de compreender, duas delas haviam

ganho prêmios Nobel, e uma das outras seis babava muito e não podia pegar nada afiado porque se sabia o que ele podia fazer com aquilo.

Anathema almoçou sua sopa de missô e ficou lendo seus mapas. Não havia dúvida de que a área ao redor de Tadfield era rica em linhas de energia telúrica; até mesmo o famoso reverendo Watkins havia identificado algumas. Mas, a não ser que ela estivesse totalmente errada, elas estavam começando a se deslocar de posição.

Ela havia passado a semana fazendo medições com o teodolito e o pêndulo, e o mapa de levantamento topográfico da área de Tadfield estava agora coberto de pontinhos e flechinhas.

Ficou olhando para eles algum tempo, então apanhou um pincel atômico e, com referências ocasionais ao seu caderninho de notas, começou a juntá-los.

O rádio estava ligado. Ela não estava realmente ouvindo. Então a maioria das notícias principais passou direto por seus ouvidos distraídos, e só depois de duas palavras-chave filtradas por sua consciência ela começou a prestar atenção.

Alguém chamado Um Porta-Voz parecia perto da histeria.

— ... perigo aos empregados ou ao público — estava dizendo.

— E precisamente quanto material nuclear escapou? — perguntou o entrevistador.

Pausa.

— Não diríamos escapou — disse o porta-voz. — Não escapou. Foi temporariamente extraviado.

— O senhor quer dizer que ele ainda está dentro das instalações?

— Nós certamente não conseguimos ver como ele poderia ter sido removido delas — disse o porta-voz.

— Certamente vocês pensaram em atividade terrorista?

Outra pausa. Então o porta-voz falou, no tom baixo de alguém que finalmente se encheu e vai largar tudo para criar galinhas em algum lugar.

— Sim, suponho que devamos considerar isso. Só precisamos encontrar alguns terroristas que sejam capazes de tirar um reator nuclear inteiro de seu envoltório em pleno funcionamento e com quinze metros de altura. Então eles seriam terroristas muito fortes. Talvez você quisesse ligar para eles, senhor, e fazer-lhes perguntas dessa sua maneira arrogante e acusatória.

— Mas você disse que a usina nuclear ainda está produzindo eletricidade — disse o entrevistador atônito.

— Está.

— Como ainda pode estar fazendo isso se não tem nenhum reator?

Mesmo no rádio era possível ver o sorriso louco do porta-voz. Era possível ver sua caneta, marcando a coluna "Fazendas à Venda" no jornal Mundo Aviário.

— Não sabemos — disse ele. — Estávamos esperando que vocês, espertinhos pedantes da BBC, tivessem alguma idéia.

Anathema olhou para seu mapa.

O que ela estivera desenhando parecia uma galáxia, ou o tipo de desenho visto nas melhores classes de monólito celta.

As linhas de energia telúrica estavam se deslocando. Estavam formando uma espiral.

Que estava centrada — mais ou menos, com alguma margem para erro, mas mesmo assim centrada — em Lower Tadfield.

A vários milhares de quilômetros de distância, quase no mesmo momento em que Anathema olhava para suas espirais, o navio de cruzeiro Morbilli estava fundeado a trezentos metros de profundidade.

Para o capitão Vincent, aquele era apenas outro problema. Por exemplo, ele sabia que devia entrar em contato com os proprietários, mas nunca sabia de um dia para outro — ou de uma hora para outra, neste mundo computadorizado — quem eram os proprietários atuais.

Computadores, esse era o maldito problema. Os papéis do navio eram computadorizados e ele podia mudar para a bandeira de conveniência mais vantajosa atualmente em microssegundos. Sua navegação também havia sido computadorizada, constantemente atualizando sua posição por satélites. O capitão Vincent havia explicado pacientemente aos proprietários, fossem quem fossem, que várias centenas de metros quadrados de revestimento de aço e um barril de rebites seriam melhor investimento, e fora informado de que sua recomendação não ia ao encontro das previsões de custo/benefício do momento.

O capitão Vincent suspeitava fortemente de que, apesar de todo o seu equipamento eletrônico, o navio valia mais afundado que flutuando, e provavelmente iria a pique como o destroço mais perfeitamente localizado da história humana.

Por inferência, isso também significava que ele era mais valioso morto do que vivo.

Sentou-se na sua mesa folheando silencioso os Códigos Marítimos Internacionais, cujas seiscentas páginas continham mensagens breves porém cheias de sentido criadas para transmitir as notícias de todas as concebíveis eventualidades náuticas no mundo com o mínimo de confusão e, acima de tudo, custo.

O que ele queria dizer era isto: Estava navegando SSW na posição 33° N 47° 72'W. O imediato, que, vocês se lembram, foi indicado na Nova Guiné contra a minha vontade e é provavelmente um caçador de cabeças, indicou por sinais que alguma coisa estava errada. Parece que uma vasta quantidade de leito do mar se elevou durante a noite. Contém um grande número de construções, muitas das quais pareciam pirâmides em estrutura. Estamos fundeados no jardim de uma delas. Existem algumas estátuas um tanto desagradáveis. Velhos

amigáveis vestindo togas longas e capacetes de mergulho vieram a bordo e estão se misturando alegremente com os passageiros, que pensam que organizamos isso. Aguardando orientações.

Seu dedo perscrutador se moveu devagar página abaixo, e parou. O bom e velho Códigos Internacionais. Eles haviam sido criados oitenta anos atrás, mas os homens daqueles tempos haviam realmente pensado muito sobre o tipo de perigos que poderiam ser encontrados nas profundezas.

Ele pegou a caneta e anotou: "XXXV QWX".

Traduzido, significava: "Encontramos o Continente Perdido de Atlântida. O Sumo Sacerdote acabou de ganhar o concurso de acertar argolas."

— Não é não!

— É sim!

— Não é não!

— É sim!

— Não é... Tá certo, então, e que tal vulcões? — Wensleydale recostou-se, uma expressão de triunfo no rosto.

— O que tem eles? — perguntou Adam.

— Toda aquela lava que vem do centro da Terra, onde está tudo quente — disse Wensleydale. — Eu vi um programa com o David Attenborough, então é verdade.

Os outros Eles olharam para Adam. Era como assistir a uma partida de tênis.

A Teoria da Terra Oca não estava indo bem na pedreira. Uma idéia fascinante que havia resistido às especulações de notáveis pensadores como Cyrus Read Teed, Bulwer-Lytton e Adolf Hitler estava se curvando perigosamente ao vento da penetrante lógica de quatro olhos de Wensleydale.

— Eu não disse que ela era inteiramente oca — disse Adam. — Ninguém disse que ela era toda oca. Ela provavelmente desce por quilômetros para dar espaço pra toda a lava, petróleo, carvão, túneis tibetanos e coisas do gênero. Mas depois disso ela é oca. É o que as pessoas acham. E tem um buraco no Pólo Norte para deixar o ar entrar.

— Nunca vi isso em atlas nenhum — fungou Wensleydale.

— O Governo não deixa eles porem isso num mapa para as pessoas não irem olhar — disse Adam. — O motivo é que as pessoas que vivem lá dentro não querem que as pessoas fiquem olhando para elas o tempo todo.

— Como assim, túneis tibetanos? — perguntou Pimentinha. — Você disse túneis tibetanos.

— Ah. Eu não contei sobre eles?

Três cabeças balançaram em negativa.

— É incrível. Vocês conhecem o Tibete?

Assentiram em dúvida. Uma série de imagens cruzou suas cabeças: iaques, monte Everest, pessoas com nomes tipo Gafanhoto, velhinhos sentados no topo de montanhas, outras pessoas aprendendo kung fu em templos antigos, e neve.

— Bom, sabem todos aqueles professores que deixaram a Atlântida quando ela afundou?

Tornaram a assentir.

— Bom, alguns deles foram para o Tibete e agora eles mandam no mundo. São chamados de Mestres Secretos. Acho que é porque são professores. E eles têm uma cidade subterrânea secreta chamada Shambala e túneis que percorrem o mundo inteiro de modo que eles sabem tudo que acontece e controlam tudo. Algumas pessoas acham que eles moram mesmo debaixo do deserto de Gobi — acrescentou altivo — mas autoridades mais competentes acham que é o Tibete mesmo. Melhor para a escavação de túneis, de qualquer maneira.

Os Eles olharam instintivamente o calcário grudento e coberto de terra sob seus pés.

— Como é que eles sabem tudo? — perguntou Pimentinha.

— Eles só precisam ouvir, certo? — arriscou Adam. — Eles só precisam ficar sentados em seus túneis e ouvir. Você sabe o ouvido que os professores têm. Podem ouvir um sussurro do outro lado da sala.

— Minha vó costumava colocar um copo na parede — disse Brian. — Ela dizia que era nojento o modo como ela conseguia ouvir tudo o que acontecia na porta ao lado.

— E esses túneis vão pra toda parte, não vão? — perguntou Pimentinha, ainda olhando para o chão.

— No mundo inteiro — disse Adam com firmeza.

— Deve tomar um longo tempo — disse Pimentinha em dúvida. — Lembra quando tentamos cavar aquele túnel lá fora no campo, ficamos fazendo aquilo a tarde toda, e você tinha que se agachar para entrar nele.

— Sim, mas eles fazem isso há milhões de anos. Você pode cavar túneis realmente bons se tiver milhões de anos.

— Eu achava que os tibetanos tinham sido conquistados pelos chineses e o Dalai Lama tinha ido pra índia — disse Wensleydale, mas sem muita convicção. Wensleydale lia o jornal do seu pai toda noite, mas o cotidiano prosaico do mundo sempre parecia se derreter sob a usina de força das explicações de Adam.

— Aposto que eles estão lá embaixo agora — disse Adam, ignorando isso. Eles estariam por todo o lugar agora. Sentados lá embaixo e escutando.

Olharam uns para os outros.

— Se cavarmos rápido... — disse Brian. Pimentinha, que era muito mais rápida no saque, grunhiu.

— Por que você disse isso? — disse Adam. — Muito bom pra gente tentar surpreendê-los agora, não é, com você gritando isso. Eu estava justamente pensando que a gente podia cavar, e você tem que chegar e avisar eles!

— Eu não acho que eles tenham cavado todos aqueles túneis — isse Wensleydale teimoso. — Não faz o menor sentido. O Tibete fica a centenas de quilômetros daqui.

— Ah, sim. Ah, sim. Eu acho que você sabe mais que a Madame Blatvatatatsky? — fungou Adam.

— Escuta, se eu fosse tibetano — disse Wensleydale, num tom de voz razoável — eu cavaria direto até o trecho oco no meio e depois correria por dentro e cavaria direto por baixo de onde quisesse estar.

Consideraram isso devidamente.

— Você tem que admitir que é mais sensato do que túneis — disse Pimentinha.

— Sim, bom, eu acho que é isso o que eles fazem — disse Adam.— Seria mais sensato para eles pensar em alguma coisa simples assim.

Brian olhava sonhador para o céu, enquanto o dedo explorava o conteúdo de uma das orelhas.

— É gozado — disse ele. — Você passa a vida inteira indo pra escola e aprendendo um monte de coisas, e eles nunca falam pra você de coisas como o Triângulo das Bermudas, ovnis e todos esses Velhos Mestres correndo por dentro da Terra. Por que a gente tem que aprender coisas chatas quando tem tanta coisa fantástica que podíamos estar aprendendo, é isso o que eu quero saber.

Todos fizeram um coro de concordância.

Então saíram e brincaram de Charles Fort e os atlantes versus os Antigos Mestres do Tibete, mas os tibetanos reclamaram que usar lasers místicos antigos era sacanagem.

Houve um tempo em que os caçadores de bruxas eram respeitados, embora não tivesse durado muito.

Matthew Hopkins, por exemplo, o Caçador-Geral de Bruxas, encontrou bruxas por todo o leste da Inglaterra em meados do século dezessete, cobrando de cada aldeia e vilarejo nove pence por cada bruxa que descobrisse.

Esse era o problema. Caçadores de bruxas não eram pagos por hora. Qualquer caçador de bruxa que passasse uma semana examinando as velhotas locais e em seguida dissesse ao prefeito: "Muito bem, nenhum chapéu pontudo entre elas" receberia agradecimentos sinceros, uma tigela de sopa e um expressivo tchauzinho.

Por isso, para conseguir lucro Hopkins tinha de encontrar um número notável de bruxas. Isso o tornou mais que um pouco impopular entre os conselhos das aldeias, e ele próprio acabou enforcado como bruxo numa aldeia de East Anglia que sensatamente percebeu que eles podiam cortar as cabeças delas eliminando o intermediário.

Muitos acham que Hopkins foi o último Caçador-Geral de Bruxas.

Estritamente falando, neste porém eles estariam corretos. Mas possivelmente não da forma que imaginam. O Exército dos Caçadores de Bruxas continuava marchando, só um pouco mais discretamente.

Não existe mais um Caçador-Geral de Bruxas de verdade.

Nem um Coronel Caçador de Bruxas, um Major Caçador de Bruxas, um Capitão Caçador de Bruxas, ou sequer um Tenente Caçador de Bruxas (o último foi morto ao cair de uma árvore muito alta em Caterham, em 1933, na tentativa de ter uma vista melhor de algo que ele acreditava ser uma orgia satânica das mais degeneradas, mas que era, na verdade, o jantar e baile anuais da Associação Comercial de Caterham e Whyteleafe).

Existe, entretanto, um Sargento Caçador de Bruxas.

Existe, também, hoje em dia, um Recruta Caçador de Bruxas. Seu nome é Newton Pulsifer.

Foi o anúncio na Gazette que chamou sua atenção, entre uma geladeira à venda e uma ninhada de dálmatas mestiços:

JUNTE-SE AOS PROFISSIONAIS. PRECISA-SE DE ASSISTENTE EM MEIO EXPEDIENTE PARA COMBATER AS FORÇAS DAS TREVAS. UNIFORME, TREINAMENTO BÁSICO FORNECIDOS. PROMOÇÃO GARANTIDA. SEJA UM HOMEM!

Na sua hora de almoço, ligou para o número na parte inferior do anúncio. Uma mulher respondeu.

— Alô — começou ele, com um pé atrás. — Eu vi seu anúncio.

— Qual deles, amor?

— Ahn, o do jornal.

— Certo, amor. Bom, Madame Tracy Abre os Véus toda tarde, menos nas quintas-feiras. Aceitam-se grupos. Quando você vai querer Explorar os Mistérios, amor?

Newton hesitou.

— O anúncio diz "Junte-se aos Profissionais" — disse. — Não mencionava Madame Tracy.

— Ah, então você quer falar com o Sr. Shadwell. Só um segundinho, vou ver se ele está.

Mais tarde, quando já estava mais íntimo de Madame Tracy, Newton descobriu que se tivesse mencionado o outro anúncio, o da revista, Madame Tracy teria estado disponível para disciplina estrita e massagem íntima toda noite menos nas quintas-feiras. Havia ainda outro anúncio numa caixa postal em alguma parte. Quando, muito depois, Newton perguntou a ela do que tratava, ela respondeu: "quintas-feiras". Então ouviu o som de pés percorrendo corredores sem carpetes, uma tosse funda, e uma voz da cor de uma velha capa de chuva trovejou:

— Sim?

— Eu li seu anúncio. "Junte-se aos profissionais". Queria saber mais um pouco a respeito.

— Sim. Muitos querem saber mais a respeito, e muitos... — a voz afastou-se de forma impressionante, e então voltou a todo volume — ... e muitos NÃO QUEREM.

— Ah — gemeu Newton.

— Qual é o seu nome, rapaz?

— Newton. Newton Pulsifer.

— LÚCIFER? O que é isso que você está dizendo? Tu és o Filho das Trevas, uma criatura de tentação e engodo vinda do poço, tentáculos errantes fumegando dos caldeirões de carne do Hades, em escravidão torturada e lúbrica para seus senhores estígios e infernais?

— É Pulsifer — explicou Newton. — Com P. Não estou entendendo nada do que o senhor está falando, mas minha família veio de Surrey.

A voz ao telefone soou vagamente decepcionada.

— Ah. Sim. Bom. Pulsifer. Pulsifer. Já vi esse nome antes, pois não?

— Não sei — disse Newton. — Meu tio tem uma loja de brinquedos em Hounslow — acrescentou, caso isso fosse de alguma ajuda.

— É meeeesmo? — comentou Shadwell.

O sotaque do Sr. Shadwell era impossível de localizar. Dava voltas em torno da Inglaterra como um carro de Fórmula Um. Aqui um sargento gales louco, ali um eclesiástico escocês que havia acabado de ver alguém fazendo alguma coisa num domingo, e entre eles um pastor de Daleland, ou algum miserável de Somerset. Não importava de onde vinha o sotaque; melhor não ficava.

— Tens todos os dentes no lugar?

— Ah, sim. A não ser pelas obturações.

— Estás em forma?

— Acho que sim — gaguejou Newt. — Quero dizer, por isso eu quis entrar para os territoriais. Brian Potter, da Contabilidade, consegue fazer quase cem peitorais desde que entrou. E desfilou diante da Rainha-Mãe.

— Quantos mamilos?

— Perdão?

— Mamilos, rapaz, mamilos — disse a voz irritada. — Quantos mamilos tens?

— Ahn. Dois?

— Ótimo. Tem seu próprio par de tesouras?

— O quê?

— Tesouras! Tesouras! Estás surdo?

— Não. Sim. Quero dizer. Tenho tesouras. Não sou surdo.

O chocolate havia solidificado quase todo. Uma penugem verde estava crescendo no lado de dentro da caneca.

E havia uma fina camada de poeira sobre Aziraphale também.

A pilha de notas crescia ao seu lado. As Belas e Precisas Profecias eram uma massa de marcas improvisadas feitas com tiras rasgadas do Daily Telegraph.

Aziraphale se mexeu e beliscou o nariz.

Estava quase lá.

Havia captado a forma geral.

Ele jamais conhecera Agnes. Obviamente, ela era um gênio. Normalmente o Céu ou o Inferno descobriam os tipos proféticos e transmitiam ruídos suficientes no mesmo canal mental para impedir qualquer precisão indevida. Na verdade isso raramente se fazia necessário; eles normalmente encontravam meios de gerar sua própria estática em autodefesa contra as imagens que ecoavam em suas cabeças. O coitado do velho São João tinha seus cogumelos, por exemplo. Madre Shipton tinha sua cerveja. Nostradamus tinha sua coleção de interessantes preparados orientais. São Malaquias tinha seu vinho.

Bom e velho Malaquias. Fora um sujeito legal, sentado ali, sonhando com papas futuros. Um completo artista do álcool, claro. Poderia ter sido um pensador de verdade, se não fosse pelo uísque caseiro.

Triste fim. Às vezes você tinha de torcer para que o plano inefável tivesse sido realmente pensado de modo adequado.

Pensado. Ele tinha de fazer alguma coisa. Ah, sim. Ligar para seu contato, arrumar as coisas.

Levantou-se, espreguiçou-se e fez uma ligação telefônica.

Então pensou: por que não? Vale a pena tentar.

Voltou e percorreu seu maço de notas. Agnes realmente era boa. E inteligente. Ninguém estava interessado em profecias precisas.

Papel na mão, ligou para o serviço de Auxílio à Lista.

— Alô? Boa tarde. Que gentileza. Sim. Acho que é um número de Tadfield. Ou Lower Tadfield... ah. Ou possivelmente Norton, não tenho certeza do código

exato. Sim. Young. O nome é Young. Desculpe, não tenho inicial. Ah. Bom, pode me dar todos? Obrigado.

De volta à mesa, um lápis se levantou sozinho e começou a escrevinhar furioso.

No terceiro nome, quebrou a ponta.

— Ah — disse Aziraphale, a boca subitamente rodando no automático enquanto a mente explodia. — Acho que é este. Obrigado pela gentileza. Bom dia pra você.

Desligou o telefone de forma quase reverente, respirou fundo algumas vezes e tornou a discar. Os últimos três dígitos lhe deram um pouco de trabalho, porque a mão tremia.

Escutou o tom de discagem. Então uma voz respondeu. Era uma voz de meia-idade, não antipática, mas provavelmente estivera tirando um cochilo e não estava no melhor dos humores.

Ela disse Tadfield “Meia-meia-meia".

A mão de Aziraphale começou a tremer.

— Alô? — perguntou o fone. — Alô?

Aziraphale se segurou.

— Desculpe. Número certo.

E desligou.

Newt não era surdo. E tinha seu próprio par de tesouras.

Ele também tinha uma pilha enorme de jornais.

Se ele soubesse que a vida no exército consistia principalmente em aplicar uma à outra, ele costumava devanear, jamais teria se alistado.

O Sargento Caçador de Bruxas Shadwell fizera uma lista para ele, que estava colada na parede do pequeno apartamento superlotado de Shadwell, localizado em cima da “Jornais e Videolocadora Rajit”. A lista tinha dois itens:

1) Bruxas.

2) Fenômenos Inexplicáveis. Fenomenatrizes. Fenomenices. Coisas, você sabe o que eu quero dizer.

Newt procurava ambos. Suspirou e pegou mais um jornal, vasculhou a primeira página, abriu-a, ignorou a página dois (nunca tinha nada ali) e ficou vermelhíssimo ao realizar a obrigatória contagem de mamilos na página três. Shadwell insistira sobremaneira nisso:

— Não podemos confiar neles, nos safados espertos — disse. — É bem deles esse negócio de sair nos desafiando abertamente.

Um casal vestido com suéteres pretos de gola cacharel sorria para a câmera na página nove. Eles afirmavam liderar o maior antro de Saffron Walden, e restaurar a potência sexual através do uso de pequenas bonecas muito fálicas. O jornal oferecia dez bonecas aos leitores que estivessem preparados para escrever sobre "Meu Momento de Impotência Mais Embaraçoso". Newt recortou a história e enfiou-a num livro de recortes.

Ouviu um bater abafado na porta.

Newt a abriu: uma pilha de jornais estava ali.

— Saia da frente, Recruta Pulsifer — gritou ela, e entrou arrastando os pés. Os jornais caíram ao chão, revelando o Sargento Caçador de Bruxas Shadwell, que tossiu, com esforço, e reacendeu o cigarro, que havia se apagado.

— Você precisa vigiá-lo. Ele é um deles.

— Quem, senhor?

— Descansar, Recruta. Ele. Esse sujeitinho marrom. O Sr. que se diz chamar Rajit. São as terríveis artes fornicatórias deles. O olho de rubi do pequeno deus amarelo. Mulheres com braços demais. Bruxas, todas elas.

— Mas ele nos dá os jornais de graça, Sargento — disse Newt. — E eles não são muito velhos.

— E vodu. Aposto que ele faz vodu. Sacrificando galinhas para aquele Barão Sábado. Você sabe, aquele escuro alto e safado de cartola. Traz pessoas de volta dos mortos, sim, senhor, e os faz trabalhar no sábado. Vodu. — Shadwell fungou especulativo.

Newt tentou visualizar o senhorio de Shadwell como um expoente do vodu. Certamente o Sr. Rajit trabalhava no sábado. Na verdade, com sua esposa gordinha e calada e seus filhos gordinhos e animados ele trabalha sem parar, sem ligar para o calendário, preenchendo diligente as necessidades da área em termos de refrigerantes, pão branco, tabaco, doces, jornais, revistas e o tipo de pornografia das prateleiras mais altas que fazia os olhos de Newt lacrimejarem de pensar. O pior que você podia imaginar o Sr. Rajit fazendo a uma galinha era vendê-la com a data vencida.

— Mas o Sr. Rajit é de Bangladesh, ou da índia, ou de algum lugar assim. Eu pensava que o vodu vinha das índias Ocidentais.

— Ah — disse o Sargento Caçador de Bruxas Shadwell, e deu mais uma tragada no cigarro. Ou assim parecia. Newt nunca chegou a ver nenhum dos cigarros de seu superior: tinha alguma coisa a ver com o jeito como ele punha as mãos em concha. Chegava até a fazer as pontas sumirem quando acabava com elas. — Ah.

— Bom, não é isso?

— Sabedoria oculta, rapaz. Segredos militares internos do exercito de Caçadores de Bruxas. Quando você tiver sido adequadamente iniciado saberá a verdade secreta. Algum vodu pode vir das índias Ocidentais. Isso eu garanto. Ah, sim, isso eu lhe garanto. Mas o pior tipo. O tipo mais negro, que vem de...

— Bangladesh?

— Arrrrann! Sim, rapaz, é isso. Tirou as palavras da minha boca. Bangladesh. Exato.

Shadwell fez a ponta do seu cigarro sumir, e conseguiu enrolar outro furtivamente, nunca deixando papéis ou tabaco serem vistos.

— Então. Temos alguma coisa, Recruta Caçador de Bruxas?

— Bom, temos isto. — Newton estendeu o recorte.

Shadwell apertou os olhos para enxergar.

— Ah, eles. Um monte de lixo. Eles se chamam bruxos? Fui conferi-los no ano passado.

"Fui com meu arsenal de justiça e um pacote de fósforos, escancarei o lugar, estavam limpinhos da silva. São uns enganadores que vendem produtos por mala postal. Um monte de lixo. Não reconheceriam um espírito familiar se ele mastigasse os fundilhos das suas calças. Lixo. Não é como antigamente, rapaz".

Sentou-se e se serviu de uma xícara de chá doce de uma garrafa térmica suja.

— Eu já lhe contei como fui recrutado para o exército?

Newt entendeu isso como sendo sua deixa para se sentar. Balançou a cabeça. Shadwell acendeu um cigarro de rolo com um isqueiro Ronson velho e tossiu em sinal de apreciação.

— Foi meu colega de cela. Capitão Caçador de Bruxas Ffolkes. Dez anos por incêndio criminoso. Queimou um antro de perdição em Wimbledon. Teria pegado todos eles se não fosse o dia errado. Bom sujeito. Me falou da batalha... a grande guerra entre Céu e Inferno... Foi ele quem me contou dos Segredos Interiores do Exército dos Caçadores de Bruxas. Espíritos familiares. Mamilos. Tudo isso...

"Ele sabia que estava morrendo, sabe? Precisava de alguém para continuar a tradição. Como você, agora... — Balançou a cabeça".

"É a isto que estamos reduzidos, rapaz. Há algumas centenas de anos, nós éramos poderosos. Estávamos entre o mundo e as trevas. Nós éramos a tênue linha vermelha. Uma tênue linha vermelha de fogo,sabe?

— Eu pensei que as igrejas... — começou Newt.

— Hm! — disse Shadwell. Newt já tinha visto essa palavra impressa, mas era a primeira vez que ouvia alguém dizê-la. — Igrejas? Que bem elas já fizeram? São tão ruins quanto. Quase a mesma linha de negócio. Não se pode confiar nelas para afastar o Maligno, porque, se fizessem isso, estariam fora da linha de negócio. Se você está indo caçar um tigre, não quer companheiros de viagem cuja idéia de caçar é jogar carne para ele. Não, rapaz. Está por nossa conta. Contra as trevas.

Tudo ficou em silêncio por um instante.

Newt sempre tentava ver o que de melhor havia em todos, mas pouco depois de entrar para o ECB lhe ocorrera que seu superior e o único companheiro de armas era tão equilibrado quanto uma pirâmide de cabeça para baixo. "Pouco depois", naquele caso, significava em menos de cinco segundos. O quartel-general do ECB era uma sala fétida com paredes da cor de nicotina, que era quase certamente o revestimento delas, e o chão da cor de cinza de cigarro, que era quase certamente o que era. Havia um pequeno quadrado de tapete. Newt evitava pisar nele, porque sugava seus sapatos.

Uma das paredes tinha um mapa amarelecido das Ilhas Britânicas grudado nela, com bandeirinhas caseiras enfiadas aqui e ali; a maioria delas ficava a um dia de Londres, pela Tarifa Promocional.

Mas Newt permanecera ali nas últimas semanas porque, bom, o fascínio horrorizado havia se transformado em pena horrorizada e depois numa espécie de afeto horrorizado. Shadwell tinha um metro e cinqüenta e usava roupas que, não importa o que realmente fossem, sempre ficavam na memória de curto prazo como as de um velho escocês. O velho podia ainda ter todos os seus dentes, mas isso só porque ninguém mais poderia querer aquilo; apenas um deles

colocado debaixo do travesseiro, teria sido o bastante para fazer a Fada dos Dentes devolver a varinha.

Ele parecia viver inteiramente de chá doce, leite condensado cigarros enrolados à mão e uma espécie de energia interna mal humorada. Shadwell tinha uma Causa, a qual seguia com todos os recursos de sua alma e o Passe de Viagem de Aposentado. Ele acreditava nela. Ela o enchia de energia como uma turbina.

Newton Pulsifer jamais tivera uma causa em sua vida. Tampouco, até onde ele sabia, jamais acreditara em nada. Isso era embaraçoso, porque ele realmente queria acreditar em alguma coisa, já que reconhecia que crença era a tábua de salvação que fazia a maioria das pessoas passar pelas águas turbulentas da Vida. Ele teria gostado de acreditar num Deus supremo, embora tivesse preferido meia hora de bate-papo com Ele antes de se comprometer, para esclarecer uma ou duas coisas. Ele freqüentara todos os tipos de igrejas, esperando aquele lampejo único de luz azul, que não havia aparecido. E então tentou e se tornou um Ateu oficial, e não tinha a força inabalável e confiante para crer sequer nisso. E todos os partidos políticos lhe pareciam igualmente desonestos. E ele desistira da ecologia quando a revista ecológica que assinava mostrou aos seus leitores um plano de uma horta auto-suficiente, e haviam desenhado a cabra ecológica a um metro da colméia ecológica. Newt passara muito tempo na casa de sua avó, no campo, e achava que entendia alguma coisa dos hábitos de cabras e abelhas, e concluiu, portanto que a revista era editada por um bando de maníacos vestidos com jardineiras. Além do mais, ela usava a palavra "comunidade" com freqüência demais; Newt sempre suspeitara de que as pessoas que usavam regularmente a palavra "comunidade" a estavam utilizando num sentido muito específico que excluía a ele e todos que ele conhecia. Então tentara crer no Universo, o que lhe pareceu sadio o suficiente até começar inocentemente a ler novos livros com palavras como Caos, Tempo e Quântico nos títulos. Descobrira que até mesmo as pessoas cujo trabalho era, por assim dizer, o Universo, no fundo não acreditavam nele e estavam até muito orgulhosos de

não saber o que ele realmente era ou mesmo se ele poderia existir teoricamente.

Para a mente certinha de Newt isso era intolerável.

Newt não havia acreditado nos Lobinhos, e depois, quando ficou grande o bastante, tampouco nos Escoteiros.

Contudo, estava preparado para acreditar que o trabalho de escriturário na United Holdings [Holdings] PLC era provavelmente o mais chato do mundo.

Era assim que Newton Pulsifer parecia como um homem: se entrasse numa cabine telefônica e trocasse de roupa, até podia sair parecido com Clark Kent.

Mas descobriu que até gostava de Shadwell. As pessoas costumavam gostar dele, para a irritação de Shadwell. Os Rajits gostavam dele porque ele sempre acabava pagando o aluguel e não criava caso, e era racista de um modo tão indireto que era bem inofensivo; era simplesmente que Shadwell odiava todos no mundo, independente de casta, cor ou credo, e não ia fazer exceções para ninguém.

Madame Tracy gostava dele. Newt ficara bobo ao saber que a inquilina do outro apartamento era uma alma maternal de meia-idade, cujos cavalheiros que a procuravam o faziam tanto pela pouca disciplina que ela ainda era capaz de realizar quanto para uma xícara de chá e um bom papo. Às vezes, depois de tomar meio quartilho de Guinness numa noite de sábado, Shadwell parava no corredor entre seus quartos e gritava coisas como "Puutcha da Babilônia!", mas ela dizia em particular a Newt que sempre gostara disso, muito embora o mais próximo que ela já estivera da Babilônia fosse Torremolinos. Era como uma propaganda gratuita, explicava.

Ela dizia que também não se importava quando ele batia na parede e xingava durante as tardes de sessões espíritas. Seus joelhos estavam com artrose e nem sempre ela conseguia operar o mecanismo de bater na mesa, portanto um pouquinho de batidas abafadas até que vinha a calhar.

Aos domingos ela deixava para ele um pouco de jantar na porta, com outro prato em cima para não deixar escapar o calor.

Dizia ela que era impossível deixar de gostar de Shadwell. Mas, apesar de todo o seu esforço, era a mesma coisa que dar migalhas de pão para um buraco negro.

Newt se lembrou dos outros recortes. Passou-os para ele por sobre a mesa manchada.

— O que é isto? — perguntou Shadwell, com suspeitas.

— Fenômenos — disse Newt. — O senhor pediu pra procurar fenômenos. Hoje em dia existem mais fenômenos do que bruxas, lamento dizer.

— Alguém andou atirando em lebres com uma bala de prata e no dia seguinte apareceu uma velhota mancando na aldeia? — perguntou Shadwell esperançoso.

— Receio que não.

— Nenhuma vaca caindo morta depois de ser encarada por alguma mulher?

— Não.

— O que é, então? — perguntou Shadwell. Caminhou arrastando os pés até o armário marrom ensebado e tirou de lá uma latinha de leite condensado.

— Coisas estranhas acontecendo — disse Newt.

Passara semanas nisso. Shadwell havia deixado os jornais realmente se empilharem. Alguns tinham anos. Newt tinha uma ótima memória, talvez porque em seus vinte e seis anos muito pouca coisa tivesse acontecido para preenchê-la, e ele havia se tornado um especialista e tanto em alguns assuntos muito esotéricos.

— Parece que tem alguma coisa nova todo dia — disse Newt, folheando os retângulos de notícias. — Alguma coisa estranha tem acontecido com usinas nucleares, e ninguém sabe o que é. E tem gente afirmando que o Continente Perdido da Atlântida emergiu. — Parecia orgulhoso de seus esforços.

A faquinha de Shadwell fez um furo na lata de leite condensado. Ouviram o som distante de um telefone tocando. Ambos o ignoraram instintivamente. Todas as ligações eram para Madame Tracy de qualquer modo, e algumas não

eram para ouvidos masculinos; Newt havia atendido ao telefone conscienciosamente em seu primeiro dia, ouviu cuidadosamente a pergunta, respondeu — Blusão Marks and Spencer gola em V, 100% algodão, na verdade — e desligaram o telefone na sua cara.

Shadwell sugou fundo.

— Ah, isso não é fenômeno que se apresente. Não consigo ver bruxa nenhuma fazendo isso. Elas preferem mais afundar coisas, sabe?

A boca de Newt se abriu e fechou algumas vezes.

— Se quisermos ser fortes na luta contra a bruxaria não podemos nos dar ao luxo de sermos desviados por esse estilo de coisa — continuou Shadwell. — Você não tem nada mais parecido com bruxaria?

— Mas as tropas americanas desembarcaram lá para protegê-lo de coisas — gemeu Newt. — Um continente inexistente...

— Alguma bruxa nele? — perguntou Shadwell, mostrando uma fagulha de interesse pela primeira vez.

— Aqui não diz — respondeu Newt.

— Ah, então é só política e geografia — disse Shadwell, dispensando.

Madame Tracy enfiou a cabeça porta adentro.

— Oooi, Sr. Shadwell — disse ela, acenando alegre para Newt. — Um cavalheiro no telefone para o senhor. Oi, Sr. Newton.

— Vá embora, prostituta — disse Shadwell automaticamente.

— Ele é sempre tão refinado — disse Madame Tracy sem prestar atenção. — E vou fazer para nós um bom pedaço de fígado no domingo.

— Prefiro jantar com o Demônio, mulher.

— Então se você me devolver os pratos da semana passada ajudaria, por favor — disse Madame Tracy, e voltou se equilibrando mal em saltos sete-e-meio ao seu apartamento e o que quer que tivesse sido interrompido.

Newt olhava desanimado para seus recortes enquanto Shadwell se encaminhava, resmungando, até o telefone. Havia um recorte sobre as pedras de

Stonehenge saindo de sua posição original, como se fossem obturações de ferro num campo magnético.

Mal se deu conta de um dos lados de uma conversa telefônica.

— Quem? Ah. Sim. Sim. Como? Que tipo de coisa seria? Sim. Como quiser, senhor. E onde fica este lugar, então...?

Mas pedras que se moviam misteriosamente não eram a xícara de chá de Shadwell, ou melhor, lata de leite.

— Ótimo, ótimo — garantiu Shadwell ao seu interlocutor. — Vamos verificar agora mesmo. Porei meu melhor esquadrão e relatarei o sucesso ao senhor a qualquer minuto, sem dúvida. Até logo para o senhor, senhor. E muito obrigado mesmo, senhor. — Newt ouviu o plim do fone sendo colocado de volta ao gancho, e depois a voz de Shadwell, não mais metaforicamente agachado em deferência, disse: — “Caro rapaz!" Sua grande bicha do sul. (NOTA: Shadwell odiava todos os habitantes do sul, e, por inferência, se situava no Pólo Norte.)

Voltou a arrastar os pés até o quarto, e então olhou para Newt como se tivesse esquecido por que ele estava ali.

— O que era que você estava dizendo mesmo? — perguntou.

— Todas essas coisas que estão acontecendo...— começou Newt.

— Sim. — Shadwell continuou a olhar através dele enquanto batia pensativo a lata vazia contra os dentes.

— Bom, tem uma cidadezinha que vem tendo um tempo fantástico nas últimas semanas — continuou Newt indefeso.

— O quê? Chuvas de sapos ou coisa parecida? — perguntou Shadwell, animando-se um pouco.

— Não. Simplesmente tem tempo normal para essa época do ano.

— Chama isso de fenômeno? — perguntou Shadwell. — Já vi fenômenos que fariam seus cabelos encaracolarem, rapaz. —Tornou a bater a latinha.

— Quando o senhor se lembra de tempo normal para esta época do ano? — perguntou Newt, ligeiramente aborrecido. —Tempo normal de acordo

com a época do ano não é normal, sargento. Tem neve no Natal. Qual foi a última vez que o senhor viu neve no Natal? E meses de agosto quentes e longos? Todo ano? E outonos meio frios? O tipo de tempo com o qual o senhor costumava sonhar quando criança? Que nunca chovesse no primeiro de novembro e sempre nevasse na véspera de Natal?

Os olhos de Shadwell pareciam desfocados. Ele parou com a lata de leite condensado a meio caminho dos lábios.

— Eu nunca costumava sonhar quando criança — disse baixinho.

Newt percebeu que estava deslizando na beirada de algum poço muito profundo e desagradável. Recuou mentalmente.

— É simplesmente estranho demais — disse. — Tem um meteorologista aqui falando de médias e normas e microclimas e coisas do gênero.

— O que isso quer dizer? — perguntou Shadwell.

— Quer dizer que ele não sabe por quê — respondeu Newt, que não havia passado anos no litoral dos negócios sem entender uma ou duas coisas. Olhou de esguelha para o Sargento Caçador de Bruxas.

— Bruxas são famosas por afetar o tempo — disse de pronto. — Li sobre isso na Discouverie.

Ó, Deus, pensou ele, ou outra entidade adequada, não me deixe passar mais uma noite recortando jornais em pedacinhos nesta sala que mais parece um cinzeiro. Deixe-me sair para o ar fresco lá de fora. Deixe-me fazer o equivalente do ECB a fazer esqui aquático na Alemanha.

— Fica apenas a alguns quilômetros daqui — disse arriscando. — Pensei que poderia dar um pulinho lá amanhã. E dar uma olhada, sabe. Eu pago minha própria gasolina — acrescentou.

Shadwell limpou o lábio superior pensativo.

— Esse lugar por acaso não se chama Tadfield?

— Isso mesmo, Sr. Shadwell — disse Newt. — Como sabe?

— O que será que o pessoal do sul está aprontando ao meio-dia? — perguntou Shadwell. — Boom — disse em voz alta. — E por que não?

— Quem vai estar jogando, sargento? — perguntou Newt.

Shadwell o ignorou.

— Sim. Acho que não pode fazer mal nenhum. Você disse que paga sua gasolina?

Newt assentiu.

— Então venha cá às nove da manhã antes de partir.

— Para quê? — perguntou Newt.

— Para sua armadura de justiça.

Logo depois de Newt ir embora, o telefone tornou a tocar. Daquela vez era Crowley, que dera aproximadamente as mesmas instruções de Aziraphale. Shadwell anotou-as novamente por formalidade, enquanto Madame Tracy passava deliciada atrás dele.

— Duas ligações no mesmo dia, Sr. Shadwell — disse ela. — Seu pequeno exército deve estar marchando como nunca!

— Hm, saia daqui, sua hetaira maldita — resmungou Shadwell, e bateu a porta. Tadfield, pensou. Bom, que seja. Desde que pagassem em tempo hábil...

Nem Aziraphale nem Crowley dirigiam o Exército dos Caçadores de Bruxas, mas ambos o aprovavam, ou pelo menos sabiam que seria aprovado por seus superiores. Portanto ele aparecia na lista das agências de Aziraphale porque era, bom, um Exército de Caçadores de Bruxas, e era preciso apoiar qualquer um que se considerasse caçador de bruxas da mesma forma que os EUA tinham de dar apoio a qualquer um que se considerasse anticomunista. E aparecia na lista de Crowley pelo motivo ligeiramente mais sofisticado de que gente como Shadwell não fazia mal nenhum à causa do Inferno. Sentia-se até que era o contrário.

Estritamente falando, Shadwell também não dirigia o ECB. Segundo as folhas de pagamento de Shadwell, ele era dirigido pelo General Caçador de Bruxas Smith. Logo abaixo vinham os Coronéis Caçadores de Bruxas Green e Jones e os Majores Caçadores de Bruxas Jackson, Robinson e Smith (sem parentesco). Depois vinham os Majores Caçadores de Bruxas Saucepan, Tin, Milk

e Cupboard, (NOTA: A saber, seria algo como Majores Caçarola, Flandres, Leite e Armário. Shadwell realmente não tinha imaginação nenhuma. (N. do T.), porque a imaginação limitada de Shadwell já estava começando a entrar em pane naquele ponto. E os Capitães Caçadores de Bruxas Smith, Smith, Smith, e Smythe e Ditto. (NOTA: Aqui seria como Silva, Silva, Silva, Sylva e Idem. (N. do T.)

E quinhentos Soldados e Cabos e Sargentos Caçadores de Bruxas. Muitos dos quais se chamavam Smith, mas isso não tinha a menor importância porque nem Crowley nem Aziraphale sequer se deram ao trabalho de ler até aquele ponto. Simplesmente lhe entregaram o pagamento.

Afinal, ambos os pacotes juntos davam apenas 60 libras por ano.

Shadwell não considerava isso de forma alguma um crime. O exército era uma instituição sagrada, e um homem tinha de fazer alguma coisa. Os velhos nove pence não entravam mais na caixinha como antigamente.

SÁBADO

Era sábado de manhã bem cedo, o último dia do mundo, e o céu estava mais vermelho do que sangue.

O Courier da International Express virou a esquina a cuidadosos cinqüenta e cinco quilômetros por hora, reduziu para a segunda e estacionou na beira do gramado.

Saiu da van, e imediatamente se atirou numa valeta para evitar um caminhão que se aproximava vindo da curva a bem mais de cento e vinte por hora.

Ele se levantou, apanhou os óculos, tornou a colocá-los, pegou seu pacote e a prancheta, limpou a grama e a lama do uniforme e, como se só então tivesse pensado nisso, sacudiu o punho para o caminhão que diminuía rapidamente.

— Malditos caminhões, não deviam ser permitidos, não têm respeito pelos outros usuários da estrada, é o que eu sempre digo, o que eu sempre digo, é se lembrar que sem um carro, meu filho, você também é apenas só um pedestre...

Subiu a encosta gramada, passou por cima de algumas cercas e se encontrou ao lado do rio Uck.

O Courier da International Express desceu a margem do rio, segurando o pacote.

Bem mais abaixo viu um rapaz sentado, vestido todo de branco. Era a única pessoa à vista. Seus cabelos eram brancos, a pele pálida feito um giz, e ele estava sentado olhando para o rio, acima e abaixo, como se estivesse admirando a vista. Parecia um poeta romântico vitoriano logo antes de morrer de tuberculose e abuso de drogas.

O homem da International Express não conseguia entender aquilo. Quero dizer, nos velhos tempos, e não foi há tanto tempo assim para dizer a verdade,

havia um pescador a cada doze metros ao longo da margem; as crianças brincavam ali; casais de namorados haviam ido até ali para ouvir o burburinho e o gorgolejo do rio, para ficar de mãos dadas e namorar no pôr-do-sol do Sussex. Ele mesmo fizera isso com Maud, sua senhora, antes de se casarem. Eles iam ali para ver corridas de submarinos e, numa ocasião memorável, fogos de artifício.

Os tempos mudam, refletiu o Courier.

Agora esculturas brancas e marrons de espuma e lodo navegavam serenamente rio abaixo, freqüentemente cobrindo-o por metros de cada vez. E onde a superfície da água era visível ela era coberta por uma película petroquímica com espessura de moléculas.

Ouviu um grasnido alto quando um casal de gansos, felizes por estarem de volta à Inglaterra após o vôo longo e exaustivo por sobre o Atlântico Norte, pousaram na água escorregadia com tons de arco-íris e afundaram sem deixar vestígios.

Que mundo engraçado velho de guerra, pensou o Courier. Eis aqui o Uck, que costumava ser o rio mais bonito desta parte do mundo, e agora é só um esgoto industrial glorificado. Os cisnes vão até o fundo e os peixes flutuam na superfície.

Bom, isso é que é o progresso. Não se pode impedir o progresso.

Aproximou-se do homem de branco.

— Desculpe, cavalheiro. Nome artístico de Branquinho?

O homem de branco assentiu, não disse nada. Continuou a olhar para o rio, acompanhando uma impressionante escultura de sujeira e espuma com os olhos.

— Tão lindo — murmurou. — Nossa, é tudo tão lindo.

O Courier percebeu que estava temporariamente sem palavras. Então seus sistemas automáticos assumiram.

— Que mundo engraçado velho de guerra não é e não tem erro quero dizer você percorre o mundo inteiro entregando e então eis você aqui praticamente em sua própria casa por assim dizer, quero dizer eu nasci e me

criei por estas bandas, cavalheiro, e estive no Mediterrâneo e em Des Moines, isso fica na América, cavalheiro, e agora aqui estou, e eis aqui seu pacote, cavalheiro.

Nome artístico de Branquinho pegou o pacote, apanhou a prancheta e assinou o recebimento do pacote. A caneta começou a vazar enquanto isso, e sua assinatura foi se manchando à medida que era feita. Era uma palavra comprida, e começava com um P, e depois ficou uma mancha, e então terminava em algo que tanto poderia ter sido ência quanto uição.

— Muito obrigado, cavalheiro — disse o Courier. Voltou rio acima, de volta à estrada movimentada onde havia deixado sua van, tentando não olhar para o rio enquanto seguia.

Atrás dele, o homem de branco abriu o pacote. Dentro dele havia uma coroa: um círculo de metal branco, cravejado de diamantes. Ficou olhando para ela por alguns segundos, com satisfação, e então colocou-a. Ela reluzia à luz do sol nascente. Então as manchas, que haviam começado a ofuscar sua superfície prateada quando seus dedos tocaram nela, espalharam-se até recobri-la por completo; e a coroa ficou preta.

Branco se levantou. Uma coisa você pode dizer a respeito da poluição do ar, os amanheceres ficam simplesmente fantásticos. Parecia que alguém havia incendiado o céu.

E um fósforo descuidado teria posto fogo no rio, mas que pena, não havia tempo para aquilo agora. Em sua mente, ele sabia onde os Quatro iriam se encontrar, e quando, e ele ia ter que se apressar para chegar lá naquela tarde.

Talvez incendiemos mesmo o céu, pensou ele. E deixou aquele lugar, de modo quase imperceptível. Estava quase na hora.

O Courier havia deixado a van na encosta gramada perto da pista dupla. Deu a volta para chegar ao lado do motorista (com cuidado, porque outros carros e caminhões ainda faziam a curva em disparada), meteu a mão pela janela aberta e retirou o cronograma do console.

Só faltava mais uma entrega, então.

Leu com muito cuidado as instruções no recibo de entrega.

Tornou a lê-las, prestando uma atenção particular ao endereço e à mensagem. O endereço eram três palavrinhas: Em Toda Parte.

Então, com sua caneta que vazava, escreveu uma notinha para Maud, sua esposa. Dizia simplesmente, eu te amo.

Então tornou a colocar o cronograma de volta ao console, olhou para a esquerda, para a direita, para a esquerda novamente e começou a atravessar a estrada com um objetivo. Estava no meio do caminho quando uma jamanta alemã apareceu atrás da curva, seu motorista cheio de cafeína, bolinhas brancas e regulamentos de transporte da Comunidade Econômica Européia.

Ficou olhando a massa que já se distanciava.

Nossa, pensou ele, essa quase me pegou.

Então olhou para o meio-fio.

Oh, pensou ele.

SIM, concordou uma voz por trás de seu ombro esquerdo, ou pelo menos por trás da lembrança de seu ombro esquerdo.

O Courier se virou, olhou e viu. No início não conseguiu encontrar as palavras, não conseguia encontrar nada, e então os hábitos de uma vida inteira de trabalho assumiram o controle e ele disse:

— Mensagem para o senhor, cavalheiro.

PARA MIM?

— Sim, senhor. — Desejou ainda ter garganta. Poderia ter engolido em seco, se ainda tivesse garganta. — Nenhum pacote, receio. Senhor... ahn, senhor. É uma mensagem.

ENTÃO A ENTREGUE.

— É isto, senhor. Hm-hm. Venha e veja.

FINALMENTE. Havia um sorriso no seu rosto, mas também, considerando-se o rosto que era, não poderia haver outra coisa mesmo.

OBRIGADO, continuou. SUA DEDICAÇÃO AO DEVER SERÁ ELOGIADA.

— Senhor? — O falecido Courier estava caindo por uma névoa cinzenta, e tudo o que podia ver eram dois pontos azuis, que podiam ter sido olhos, e podiam ser estrelas distantes.

NÃO PENSE NISSO COMO MORRER, disse a Morte. PENSE APENAS COMO SE ESTIVESSE SAINDO MAIS CEDO PARA EVITAR O TRÁFEGO.

O Courier teve um breve momento para se perguntar se seu novo companheiro estava fazendo alguma piada, e para decidir que não; e então não houve mais nada.

Céu vermelho de manhã. Ia chover. Ia.

O Sargento Caçador de Bruxas Shadwell estava recostado com a cabeça para o lado.

— Certo, então — disse ele. — Estamos todos prontos. Já pegou tudo?

— Sim, senhor.

— Pêndulo da descoberta?

— Pêndulo da descoberta, sim.

— Parafusos de polegares?

Newt engoliu em seco e bateu no bolso.

— Parafusos de polegares.

— Acendedores?

— Na verdade eu acho, sargento, que...

— Acendedores?

— Acendedores — disse Newt triste. — E fósforos. (NOTA: Nota para americanos e outras formas de vida que habitem cidades: os ingleses do interior, tendo desprezado o aquecimento central como sendo complicado demais e de qualquer forma enfraquecedor da fibra moral, preferem um sistema de empilhar pedaços pequenos de madeira e de carvão, encimados por troncos grandes e

molhados, possivelmente feitos de asbestos, em pilhas pequenas, conhecidas como "Nada como uma bela fogueira, não é mesmo?" Como nenhum desses ingredientes tem inclinação natural para queimar, por baixo disso tudo eles aplicam um bolinho branco de cera, pequeno, retangular, que queima alegremente até o peso do fogo o apagar. Esses bloquinhos brancos são chamados de acendedores. Ninguém sabe por quê.)

— Sino, livro e vela?

Newt deu uma palmadinha em outro bolso. Continha um saquinho de papel dentro do qual havia um sininho, do tipo que enlouquece empregados, uma vela cor-de-rosa daquelas teimosas, que se usa em bolos de aniversário, e um livrinho chamado Preces para Mãozinhas. Shadwell havia reiterado para ele que, embora bruxas fossem o alvo primário, um bom Caçador de Bruxas nunca deveria deixar escapar a chance de fazer um exorcismo rápido, e devia levar seu kit de campo consigo a todo instante.

— Sino, livro e vela — disse Newt.

— Alfinete?

— Alfinete.

— Bom rapaz. Nunca esqueça seu alfinete. É a baioneta na sua artilharia de luz.

Shadwell recuou. Newt reparou com surpresa que os olhos do velho estavam lacrimejando.

— Gostaria de ir com você — disse. — Naturalmente isso não vai ser nada, mas seria bom sair por aí novamente. É uma vida de sacrifício, sabe, deitar no galho molhado espionando as danças demoníacas deles. Isso faz muito mal aos ossos.

Endireitou-se e bateu continência.

— Vá então, recruta Pulsifer. Que os exércitos da glorificação marchem com você.

Depois que Newt partiu, Shadwell pensou em alguma coisa, algo que nunca tivera a chance de fazer antes. O que ele precisava agora era de um

alfinete. Não um alfinete militar, para usar em bruxas. Só um alfinete comum, daqueles que se enfiam em mapas.

O mapa estava na parede. Era velho. Não mostrava Milton Keynes. Não mostrava Harlow. Mal mostrava Manchester e Birmingham. Fora o mapa do quartel-general do exército por trezentos anos. Ainda havia alguns pinos nele, principalmente em Yorkshire e Lancashire e alguns em Essex, mas estavam quase todos inteiramente enferrujados. Em outros pontos, meros pontinhos marrons indicavam a missão distante de um caçador de bruxas de outrora.

Shadwell finalmente encontrou um alfinete entre os restos dentro de um cinzeiro. Respirou nele, poliu-o até ficar brilhando, olhou com atenção o mapa até localizar Tadfield, e enfiou triunfante o alfinete em seu lugar.

Ele reluziu.

Shadwell deu um passo para trás e tornou a bater continência. Havia lágrimas nos olhos.

Então deu meia-volta e bateu continência para o gabinete. Ele era velho, todo caindo aos pedaços e com o vidro quebrado, mas de certa forma aquilo era o ECB. Ele continha a prata do Regimento (o Troféu de Golfe Interbatalhões, cujo campeonato não era realizado, que pena, há setenta anos); continha o mosquete Thundergun de carregamento pelo cano do Coronel Caçador de Bruxas Não-Comerás-Criaturas -Vivas-Com-O-Sangue-Nem-Usarás-Encantamentos-Nem-observará-Os-Tempos Dalrymple; continha uma mostra do que pareciam nozes, mas era na realidade uma coleção de cabeças encolhidas de caçadores de cabeças doadas pelo Sargento Major Caçador de Bruxas Horace "Peguem eles antes que eles Peguem Você" Narker, que viajara muito por terras estrangeiras; ele continha memórias.

Shadwell assoou o nariz na manga, com muito barulho.

Então abriu uma lata de leite condensado para o café da manhã.

Se os exércitos da glorificação tivessem tentado marchar com Newt, pedaços deles teriam caído. Isto porque, tirando Newt e Shadwell, todos estavam mortos há um bom tempo.

Era um erro pensar em Shadwell (Newt nunca soube se ele tinha um primeiro nome) como um louco solitário.

Era apenas porque todos os outros estavam mortos, na maioria dos casos há várias centenas de anos. Um dia o Exército fora tão grande quanto aparecia atualmente na contabilidade criativamente editada de Shadwell. Newt ficara surpreso ao descobrir que o Exército dos Caçadores de Bruxas tinha antecedentes tão longos e quase tão sangrentos quanto sua contraparte mais mundana.

As taxas de pagamento para caçadores de bruxas haviam sido estipuladas pela última vez por Oliver Cromwell e nunca foram revistas. Oficiais ganhavam uma coroa, e o general ganhava um soberano. Era apenas um honorário, claro, porque cada um ganhava nove pence por bruxa encontrada e o primeiro saque de suas propriedades.

Era realmente preciso confiar naqueles nove pence. E por isso os tempos haviam sido um pouco duros antes que Shadwell tivesse entrado nas folhas de pagamento do Céu e do Inferno.

O pagamento de Newt era um shilling antigo por ano.

NOTA PARA JOVENS E AMERICANOS: Um shilling = Cinco pence. Fica mais fácil compreender as antigas finanças do Exército dos Caçadores de Bruxas se você conhecer o sistema monetário britânico original:

Dois farthings = Um Ha'penny. Dois ha'pennies = Um Penny. Três pennies = Um Thrupenny Bit. Dois Thrupences = Um Sixpence. Dois sixpences = Um Shilling, ou Bob. Dois Bob = Um Florim. Um Florim e Um Sixpence = Meia Coroa. Quatro Meias-Coroas = Nota de Dez Bob. Duas Notas de Dez Bob = Uma Libra (ou 240 pennies) Uma Libra e Um Shilling = Um Guinéu.

Os britânicos resistiram à moeda decimal por muito tempo porque achavam que era muito complicado.

Em troca, ele era encarregado de manter "vela, pederneira, caixa de fogo, rastilho ou fósforos ignífero" perto de si a todos os momentos, embora Shadwell indicasse que um isqueiro de gás Ronson serviria muito bem. Shadwell havia aceito a invenção do isqueiro de cigarros patenteado da mesma forma que os soldados convencionais aceitaram o rifle de repetição.

Para Newt, era como estar numa organização tipo Sociedade de Anacronismo Criativo ou aquelas pessoas que continuavam reproduzindo batalhas da Guerra Civil Americana. Você arrumava algo pra fazer nos fins de semana, e isso significava que você está mantendo vivas antigas tradições que fizeram da Civilização Ocidental o que ela era hoje.

Uma hora após deixar o quartel-general, Newt parou num acostamento e começou a vasculhar a caixa no banco do carona.

Então abriu a janela do carro, usando um par de alicates para esse fim porque a maçaneta havia caído há muito tempo.

O pacote de acendedores foi zunido por cima da cerca viva. Um instante depois os parafusos de polegares foram atrás.

Ficou se decidindo sobre o resto das coisas, e depois colocou-as de volta na caixa. O alfinete era material militar dos Caçadores de Bruxas, com uma boa cabeça de ébano, como os alfinetes de chapéus de madames.

Ele sabia para o que servia. Lera muito. Shadwell lhe dera uma pilha de panfletos em sua primeira reunião, mas o Exército também havia acumulado vários livros e documentos que, Newt suspeitava, valeriam uma fortuna se algum dia chegassem ao mercado.

O alfinete era para espetar nos suspeitos. Se houvesse um ponto no corpo deles onde não sentissem nada, eram bruxos. Simples. Alguns dos Caçadores de Bruxas Fraudulentos haviam utilizado alfinetes retrateis especiais, mas aquele

era de aço maciço e honesto. Não seria capaz de olhar o velho Shadwell nos olhos se jogasse fora o alfinete. Além do mais, provavelmente daria azar.

Ligou o motor e continuou sua jornada.

O carro de Newt era um Wasabi. Ele o chamava de Dick Turpin, na esperança que um dia alguém lhe perguntasse por quê.

Seria preciso um historiador muito preciso para poder localizar o dia exato em que os japoneses mudaram de autômatos diabólicos que copiavam tudo do Ocidente, para se tornarem engenheiros hábeis e ardilosos que deixariam o Ocidente para trás. Mas o Wasabi havia sido projetado nesse dia confuso, com uma série de desastres inovadores que fizeram da Honda e da Toyota o que eram hoje, justamente por evitá-los.

Newt nunca vira outro na estrada, apesar de seus melhores esforços. Por anos, e sem muita convicção, ele comentara entusiasmado com seus amigos a economia e eficiência na esperança desesperada de que um deles pudesse comprar um, porque miséria adora companhia.

Em vão ele ressaltava que seu motor de 823cc, sua caixa de marchas de três velocidades, seus incríveis dispositivos de segurança como os balões que inflam em ocasiões perigosas como quando você está fazendo 90 km/h numa estrada seca e reta mas ia bater porque um enorme airbag acabou de obscurecer sua visão. Ele também se tornava ligeiramente lírico quanto ao rádio coreano, que captava a Rádio Pyongyang incrivelmente bem, e a voz eletrônica simulada que avisava você a não usar cinto de segurança mesmo quando você já estava usando; ela havia sido programada por alguém que não só não entendia inglês como também não falava japonês. Era estado-da-arte, ele dizia.

A arte naquele caso devia ser cerâmica.

Seus amigos concordavam, e decidiam em particular que se algum dia tivessem que escolher entre comprar um Wasabi ou andar a pé, investiriam num par de sapatos; no fundo era a mesma coisa, já que um motivo para a incrível quilometragem do Wasabi era o fato de que ele passava um bocado de tempo

aguardando em garagens enquanto as peças de reposição vinham pelo correio do único agente sobrevivente da Wasabi em Nigiri-Zushi, Japão.

Naquele transe vago, tipo zen, em que a maior parte das pessoas dirige, Newt se pegou imaginando exatamente como se usava o alfinete. Será que você dizia: "Tenho um alfinete, e não tenho medo de usá-lo?" Um alfinete para Django... O homem do alfinete de ouro... Os alfinetes de Navarone...

Newt poderia ter se interessado em saber que, das trinta e nove mil mulheres testadas com o alfinete ao longo dos séculos de caça às bruxas, vinte e nove mil disseram "ai", nove mil, novecentas e noventa e nove não sentiram nada por causa do uso dos alfinetes retrateis supramencionados e uma bruxa declarou que isso havia curado milagrosamente a artrite em sua perna.

Seu nome era Agnes Nutter.

Ela foi o maior fracasso do Exército dos Caçadores de Bruxas.

Uma das primeiras passagens de As Belas e Precisas Profecias tratava da própria morte de Agnes Nutter.

Os ingleses, sendo no geral uma raça crassa e indolente, não eram tão inteligentes com relação a queimar mulheres quanto outros países na Europa. Na Alemanha, as fogueiras eram construídas e queimadas com a costumeira competência germânica. Até mesmo os piedosos escoceses, historicamente vinculados a uma eterna e renhida batalha com seus arquiinimigos, os escoceses, conseguiam algumas queimas para espantar as longas noites de inverno. Mas os ingleses não pareciam ter estômago para isso.

Um motivo pode ser a forma como Agnes Nutter morreu, o que marcou mais ou menos o fim da loucura de se caçar bruxas seriamente na Inglaterra. Uma turba furibunda, reduzida a um estado de fúria pura pelo hábito que ela tinha de sair por aí sendo inteligente e curando pessoas, chegou à casa dela certa noite de abril para encontrá-la sentada com seu casaco, esperando por eles.

— Estais atrasados — disse-lhes. — Eu devia ter sido queimada há dez minutos.

Então ela se levantou e saiu mancando de leve por entre a multidão subitamente silenciosa, saiu do chalé e foi até a fogueira que havia sido aprontada rapidamente de qualquer maneira no gramado da aldeia. Diz a lenda que ela subiu desajeitada em cima da pira e colocou os braços atrás da estaca.

— Amarrai bem — disse ao caçador de bruxas atônito. E então, quando os aldeões se aproximaram da pira, ela ergueu a bela cabeça à luz do fogo e falou: — Chegai mais perto, boa gente. Chegai perto até que o fogo quase vos queime, pois eu digo que todos devem ver como a última bruxa verdadeira na Inglaterra morre. Pois bruxa eu sou, por tal sou julgada, mas não sei qual possa de ser meu verdadeiro Crime. E, portanto deixai minha morte ser uma mensagem para o mundo. Chegai mais perto, eu digo, e marcai bem o destino de todos os que lidam com coisas que não entendem.

E, aparentemente, ela sorriu e olhou para o céu sobre a aldeia e acrescentou:

— Isso também serve para você, seu velho tolo.

E depois dessa estranha blasfêmia não disse mais nada. Deixou que a amordaçassem, e ficou imperiosa quando as tochas foram levadas à madeira seca.

A multidão chegou mais perto, um ou dois de seus membros um pouco inseguros quanto a se, pensando bem, haviam feito a coisa certa.

Trinta segundos depois uma explosão tomou de assalto o gramado da aldeia, eliminou cada coisa viva no vale e foi vista até em Halifax.

Muito se discutiu depois quanto à origem disso, se de Deus ou de Satanás, mas uma nota encontrada posteriormente no chalé de Agnes Nutter indicava que qualquer intervenção divina ou demoníaca tivera o auxílio material das anáguas de Agnes, onde ela escondera, com certa visão, quarenta quilos de pólvora e quarenta de pregos.

O que Agnes também deixara para trás, na mesa da cozinha ao lado de uma nota pedindo para cancelar a entrega do leite, havia uma caixa e um livro. Havia instruções específicas sobre o que devia ser feito com o livro: era para ser enviado ao filho de Agnes, John Device.

As pessoas que o encontraram — que eram da aldeia do lado, e foram acordadas pela explosão — ainda pensaram em ignorar as instruções e simplesmente queimar o chalé, e então olharam as fogueiras que ainda queimavam de leve e os escombros crivados de pregos e decidiram não fazê-lo. Além do mais, a nota de Agnes incluía previsões dolorosamente precisas quanto ao que aconteceria com quem não executasse suas ordens.

O homem que colocou a tocha em Agnes Nutter era um Major Caçador de Bruxas. Encontraram seu chapéu numa árvore a três quilômetros de distância.

Seu nome, costurado no forro em um pedaço bem grande de tecido, era Não-Cometerás-Adultério-Pulsifer, um dos mais dedicados caçadores de bruxas da Inglaterra, e ele poderia ter ficado satisfeito se viesse a saber que seu último descendente vivo estava hoje, ainda que sem saber, indo se encontrar com a última descendente viva de Agnes Nutter. Ele poderia ter sentido que alguma vingança ancestral finalmente seria realizada.

Se soubesse o que iria realmente acontecer quando esse descendente a encontrasse ele teria se revirado na tumba, caso tivesse tido uma.

Antes, entretanto, Newt tinha de fazer alguma coisa a respeito do disco voador.

Ele pousou na estrada à sua frente no momento em que tentava encontrar a entrada para Lower Tadfield e estava com o mapa aberto em cima do volante. Teve de dar uma freada brusca.

O disco parecia com tudo o que Newt já vira antes em todos os desenhos animados de discos voadores.

Ele viu, por sobre o mapa, uma porta no disco deslizar para o lado com um zumbido satisfeito, revelando uma rampa reluzente que se estendeu automaticamente até a estrada abaixo. Uma luz azul brilhante se espalhou para fora, ressaltando três formas alienígenas. Elas desceram a rampa. Pelo menos, duas delas desceram. A que parecia uma pimenteira simplesmente escorregou pela rampa e caiu no chão.

Os outros dois ignoraram seus bip frenéticos e caminharam bem devagar até o carro, na maneira mundialmente aprovada de policiais que já compilavam a lista de acusações nas cabeças. O mais alto, um sapo amarelo vestido com papel laminado de cozinha, bateu na janela de Newt. Newt desceu o vidro. A coisa usava o tipo de óculos de sol espelhados que sempre faziam Newt pensar naqueles anúncios descolados de cigarro.

— Bom dia, senhor, madame, ou neutro — disse a coisa. — Este é seu planeta, não?

O outro alienígena, troncudo e verde, havia se afastado na direção da floresta ao lado da estrada. Pelo canto do olho Newt o viu chutar uma árvore e então passar uma folha por algum dispositivo complexo em seu cinturão. Não pareceu gostar muito do resultado.

— Bom, sim. Acho que sim.

O sapo ficou olhando pensativo a linha do horizonte.

— Já estamos aqui há bastante tempo, não é, senhor? — comentou.

— Ahn. Pessoalmente não. Quero dizer, como espécie, cerca de meio milhão de anos, eu acho.

O alienígena trocou olhares com seu colega.

— Estivemos deixando a velha chuva ácida se acumular, não é, senhor? Estamos deixando subir um pouco o nível dos velhos hidrocarbonetos, talvez?

— Perdão?

— Será que o senhor pode me dizer o albedo do seu planeta, senhor? — perguntou o sapo, ainda olhando para o horizonte como se ele estivesse fazendo algo de interessante.

— Ahn. Não.

— Bom, lamento lhe dizer, senhor, que suas calotas polares estão abaixo do tamanho regulamentar para um planeta desta categoria, senhor.

— Ah, meu Deus — disse Newt. Estava se perguntando a quem poderia falar a respeito e percebendo que não havia absolutamente ninguém que fosse acreditar nele.

O sapo chegou mais perto. Parecia preocupado com alguma coisa, até onde Newt podia julgar a expressão no rosto de uma raça alienígena que jamais havia encontrado antes.

— Desta vez vamos deixar passar, senhor.

Newt gaguejou.

— Ahn. É. Eu vou cuidar disso... Bom, quando eu digo eu, quero dizer, acho que a Antártida ou algo que pertença a cada país, ou algo assim, e...

— O fato, senhor, é que nos incumbiram de lhe dar uma mensagem.

— Ahn?

— A mensagem diz: "Nós lhes trazemos uma mensagem de paz universal, harmonia cósmica e coisas do gênero." Fim da mensagem.

— Ah. — Newt revirou isso na sua cabeça. — Ah. Muita gentileza.

— Tem alguma idéia de por que nos incumbiram de lhes trazer esta mensagem, senhor? — perguntou o sapo.

Newt ficou animado.

— Bom, ahn, suponho — arriscou — que, com a Humanidade controlando o átomo, e...

— Também não fazemos idéia, cavalheiro. — O sapo se levantou. — Um fenômeno desses, espero. Bom, é melhor irmos. — Balançou a cabeça vagamente, virou-se e voltou pulando ao disco sem dizer mais nada.

Newt meteu a cabeça para fora da janela.

— Obrigado!

O alienígena pequeno passou pelo carro.

— Nível de CO2 0,5 por cento — disse numa voz rascante, dando-lhe um olhar irritado. — Você sabe que pode ser processado por ser uma espécie dominante sob influência do impulso de consumo, não sabe?

Os dois endireitaram o terceiro alienígena, arrastaram-no de volta rampa acima e fecharam a porta.

Newt aguardou por um instante, caso houvesse alguma espetacular exibição de luzes, mas ele simplesmente ficou ali. Depois de algum tempo, acabou dando a partida e dando a volta pelo disco. Quando olhou pelo retrovisor, o disco havia desaparecido.

Devo estar tomando alguma coisa em excesso, pensou culpado. Mas o quê?

E não posso sequer contar a Shadwell, porque ele provavelmente me passaria um sabão por não ter contado os mamilos deles.

— De qualquer forma — disse Adam — vocês entenderam tudo errado sobre bruxas.

Os Eles estavam sentados numa porteira, vendo Cão rolar na grama. O cachorrinho parecia estar se divertindo imensamente.

— Estive lendo a respeito deles — disse, numa voz ligeiramente mais alta. — Na verdade, elas estavam certas o tempo todo e é errado persegui-las com Inquisições Britânicas e essas coisas.

— Minha mãe disse que elas eram apenas mulheres inteligentes protestando da única maneira aberta a eles contra as injustiças de uma hierarquia social dominada pelos homens — disse Pimentinha.

A mãe de Pimentinha dava aulas na Norton Polytechnic (Durante o dia. De noite ela lia o taro para executivos nervosos, porque é difícil se livrar de velhos hábitos.)

— Sim, mas sua mãe está sempre dizendo coisas assim — disse Adam depois de algum tempo.

Pimentinha assentiu amigável.

— E ela disse que na pior das hipóteses elas eram apenas livre-pensadoras que adoravam o princípio progerador.

— Quem é o princípio progerador? — perguntou Wensleydale.

— Sei lá. Acho que tem a ver com refrigerador — disse Pimentinha vagamente.

— Bom, eu achava que elas adoravam o Diabo — disse Brian, mas sem uma condenação automática. Os Eles tinham a mente aberta para qualquer coisa. — De qualquer maneira, seria melhor o Diabo que um refrigerador imbecil.

— É aí que você se engana — disse Adam. — Não é o Diabo. É outro deus, ou coisa assim. Com chifres.

— O Diabo — disse Brian.

— Não — disse Adam, paciente. — É que as pessoas confundem os dois. Ele só tem chifres parecidos. Ele se chama Pã. É metade bode.

— Qual metade? — perguntou Wensleydale.

Adam pensou a respeito.

— A de baixo — acabou dizendo. — Gozado você não saber isso. Eu achava que isso todo mundo sabia.

— Bodes não têm parte de baixo — disse Wensleydale. — Eles têm a parte da frente e a parte de trás. Que nem vacas.

Continuaram olhando o Cão mais um pouco, batendo os calcanhares no portão. Estava quente demais para pensar. Então Pimentinha disse:

— Se ele tem pés de cabra, não devia ter chifres. Eles ficam na metade da frente.

— Não fui eu que inventei ele, fui? — disse Adam, irritado. — Eu só estava contando a vocês. Eu não sabia que tinha inventado ele. Não precisa descontar em mim.

— De qualquer modo — disse Pimentinha — esse Tchã idiota não pode sair por aí reclamando que as pessoas acham que ele é o Diabo. Não com chifres. É lógico que as pessoas vão sair dizendo, oh, olha o Diabo aí.

Cão começou a cavar num buraco de coelho. Adam, que parecia ter um peso em sua mente, respirou fundo e disse:

— Vocês não precisam ser tão literais sobre tudo. Esse é o problema hoje em dia. Materialismo grosseiro. É gente como vocês que sai por aí botando abaixo florestas tropicais e fazendo buracos na camada de ozônio. Existe um buraco enorme de grande na camada de ozônio por causa de gente materialista grosseira que nem vocês.

— Eu não posso fazer nada — disse Brian automaticamente. — Ainda estou pagando por um caixote idiota de pepinos.

— Está na revista — disse Adam. — São precisos milhões de hectares de floresta tropical para fazer um único hambúrguer de carne. E todo esse ozônio está vazando por causa de... — hesitou — pessoas espalhando aerossóis no meio ambiente.

— E tem as baleias — disse Wensleydale. — A gente tem que salvar elas.

Adam não soube o que responder. Sua pilha de números atrasados da New Aquarian não havia incluído nada sobre baleias. Seus editores haviam partido do princípio que os leitores eram todos a favor de salvar as baleias da mesma forma que supunham que esses leitores respiravam e andavam eretos.

— Existe um programa sobre elas — explicou Wensleydale.

— Pra que temos que salvá-las? — perguntou Adam. Ele tinha visões confusas de salvar baleias em disquetes, como programas de computador.

Wensleydale parou e começou a consultar a memória.

— Porque elas podem cantar. E têm grandes cérebros. Quase não resta nenhuma delas. E não precisamos matar elas de qualquer maneira porque elas só servem pra comida de animais de estimação e coisas assim.

— Se elas são tão espertas — disse Brian devagar — o que estão fazendo no mar?

— Ah, sei lá — disse Adam, parecendo pensativo. — Nadando o dia inteiro, abrindo as bocas e comendo... me parece bastante esperto...

Um som de freios e uma pancada surda o interrompeu. Saíram correndo do portão e subiram a pista que dava na encruzilhada, onde um carro pequeno jazia de cabeça para baixo no fim de uma longa marca de derrapagem.

Um pouco mais abaixo na estrada havia um buraco. Aparentemente o carro tentara evitá-lo. Quando olharam naquela direção, uma pequena cabeça oriental escapuliu de suas vistas.

Os Eles abriram a porta e puxaram de dentro um inconsciente Newt. Visões de medalhas por socorro heróico passaram pela cabeça de Adam. Considerações práticas de primeiros socorros passaram pela de Wensleydale.

— Não devemos movê-lo — disse. — Por causa de ossos quebra dos. Devemos chamar alguém.

Adam olhou ao redor. Só havia um telhado visível nas árvores estrada abaixo. Era o Jasmine Cottage.

E, no Jasmine Cottage, Anathema Device estava sentada em frente de uma mesa onde algumas bandagens, aspirinas e itens sortidos de primeiros socorros haviam sido colocados na última hora.

Anathema estava olhando para o relógio. Ele deve estar chegando a qualquer momento, pensou.

E então, quando chegou, não era o que ela estivera esperando. Mais precisamente, ele não era o que ela queria esperar.

Ela queria esperar, de forma um tanto consciente, alguém alto, moreno e bonito.

Newt era alto, mas com um jeitão magro e desengonçado. E, embora seus cabelos fossem escuros sem sombra de dúvida, não eram nada de muito moderno; era apenas um montinho de fios pretos que cresciam juntos no alto de sua cabeça. Não era culpa de Newt; em sua juventude ele ia a cada dois meses ao barbeiro da esquina, segurando uma fotografia que mostrava alguém com um corte de cabelo impressionantemente moderno sorrindo para a câmera, e pedia para ficar igual, por favor. E o barbeiro, que conhecia seu ofício, dava uma olhada e depois dava a Newt o básico, multifuncional, curto atrás e dos lados. Depois de um ano nisso, Newt percebeu que obviamente não tinha o rosto que combinava com cortes de cabelo. O melhor que Newton Pulsifer poderia esperar após um corte de cabelo era ficar com os cabelos mais curtos.

Era a mesma coisa com ternos. Ainda não haviam sido inventadas as roupas que o fariam parecer urbano, sofisticado e confortável. Naqueles dias ele havia aprendido a se satisfazer com qualquer coisa que não o deixasse encharcado quando chovesse e que lhe desse algum lugar para guardar o troco.

E ele não era bonito. Nem mesmo quando tirava os óculos.* E, ela descobriu quando tirou os sapatos dele para colocá-lo na cama, usava meias esquisitas: uma azul, com um buraco no calcanhar, e uma cinza, com buracos nos dedos.

* Na verdade, menos ainda quando tirava os óculos, porque aí ele começava a tropeçar em tudo e ficava cheio de bandagens.

Acho que eu deveria sentir uma onda de carinho e calor femininos com relação a isso, pensou. Só queria que ele as lavasse.

Portanto... alto, moreno, mas bonito não. Ela deu de ombros. Tudo bem. Duas em três não é mau.

A figura na cama começou a se agitar. E Anathema, que por sua própria natureza sempre olhava para o futuro, suprimiu a decepção e perguntou:

— Como estamos nos sentindo agora?

Newt abriu os olhos.

Estava deitado num quarto, e não era dele. Soube isso instantaneamente por causa do teto. O teto do seu quarto ainda tinha o modelo de avião pendurado por entre pedaços de algodão. Nunca se dera ao trabalho de retirá-los.

Aquele teto só tinha reboco rachado. Newt nunca estivera num quarto de mulher antes, mas sentia que aquele era um em grande parte pela combinação de cheiros suaves. Havia um quê de talco e lilás, e nenhuma sugestão acre de camisetas velhas que haviam esquecido como era o interior de uma lavadora automática.

Tentou levantar a cabeça, soltou um gemido e deixou-a afundar no travesseiro. Rosa não pôde deixar de notar.

— Você bateu com a cabeça no volante — disse a voz que o havia despertado. — Mas não há nada quebrado. O que houve?

Newt tornou a abrir os olhos.

— O carro está bem?

— Aparentemente sim. Uma vozinha dentro dele fica repetindo sem parar: "Pol favol, apelte cinto de segulança."

— Viu? — disse Newt, para uma platéia invisível. — Eles sabiam como construir esses antigamente. O acabamento em plástico quase não fica marcado.

Piscou para Anathema.

— Desviei-me para evitar um tibetano na estrada — disse. — Pelo menos, acho que foi isso. Acho que devo ter ficado louco.

A figura entrou no seu campo de visão. Tinha cabelos escuros, lábios vermelhos e olhos verdes, era quase certamente uma mulher. Newt tentou não olhar muito fixo para ela. Ela disse:

— Se ficou, ninguém vai notar. — Então sorriu: — Sabe, nunca conheci um caçador de bruxas antes.

— Ahn... — começou Newt. Ela segurou a carteira aberta dele.

— Tive de olhar — explicou ela.

Newt ficou extremamente envergonhado, estado que não lhe era incomum. Shadwell lhe dera um mandado oficial de caçador de bruxas, que, entre outras coisas, exigia que todos os bedéis, magistrados, bispos e meirinhos lhe dessem livre passagem e quantas bebidas destiladas quisesse. Era realmente impressionante, uma obra-prima da caligrafia, e provavelmente muito antiga. Esquecera-se dela.

— Na verdade é só um hobby — disse, arrasado. — Na verdade eu sou... um... — ele não ia dizer contador, não ali, não agora, não para uma garota daquelas —... analista de sistemas — mentiu. Quero ser, quero ser; no meu coração eu sou um analista de sistemas, é só o cérebro que não deixa. — Desculpe, será que eu podia saber...

— Anathema Device — disse Anathema. — Sou ocultista, mas isso é só um hobby. Na verdade eu sou uma bruxa. Muito bem. Você está meia hora atrasado — acrescentou, entregando-lhe um pedaço de cartolina — portanto é melhor ler isso. Vai poupar muito tempo.

Newt tinha um pequeno computador pessoal, apesar de suas experiências de mocidade. Na verdade, tinha vários. E era fácil saber quais ele possuía. Eram equivalentes de mesa do Wasabi. Eram aqueles que, por exemplo, caíam para metade do preço assim que ele os comprava. Ou eram lançados num lampejo súbito de publicidade e desapareciam na obscuridade em menos de um ano. Ou só funcionavam se você os colocasse na geladeira. Ou, se por alguma sorte fossem máquinas basicamente boas, Newt sempre recebia uma do lote que vinha

com a primeira versão do sistema operacional, aquela cheia de bugs. Mas ele perseverava, porque acreditava.

Adam também tinha um computador pessoal. Ele o usava para jogos, mas nunca por muito tempo. Ele carregava um jogo, olhava-o interessado por alguns minutos e depois começava a jogar até o contador do placar exceder o limite máximo.

Quando os outros Eles perguntaram sobre essa estranha habilidade, Adam confessou um leve espanto por nem todos jogarem daquele jeito.

— É só aprender a jogar, o resto é fácil — dizia.

Grande parte do salão da frente do Jasmine Cottage estava lotado, Newt reparou com uma sensação de incômodo, com pilhas de jornais. As paredes estavam cobertas por recortes. Uns tinham pedaços marcados por círculos de caneta vermelha. Ficou um pouco satisfeito ao avistar vários que havia recortado para Shadwell.

Anathema tinha muito poucos móveis. A única coisa que se importara em trazer consigo fora seu relógio, uma das heranças de família. Não era um relógio de pé do tempo do vovô, mas um de parede com um pêndulo que balançava livremente, sob o qual E. A. Poe teria de bom grado amarrado alguém.

Newt não conseguia tirar os olhos dele.

— Foi construído por um antepassado meu — disse Anathema, colocando as xícaras de café na mesa. — Sir Joshua Device. Deve ter ouvido falar nele, não? Ele inventou essa Coisinha de balançar que tornou possível construir relógios precisos e baratos? Batizaram com o nome dele.

— O Joshua? — perguntou Newt com pé atrás.

— Device.

Na última meia hora Newt havia ouvido algumas coisas bastante difíceis de acreditar e estava quase acreditando, mas tudo tem limite.

— O dispositivo foi batizado com o nome de alguém? — perguntou.

— Ah, sim. Um bonito nome de Lancashire. Da França, acredito. Vai me dizer que nunca ouviu falar de Sir Humprey Gadget...

— Ah, qual é...

— ... que inventou um gadget que possibilitou bombear a água para fora de minas inundadas. Ou Pietr Gizmo? Ou Cyrus T. Doodad, o mais famoso inventor negro americano? Thomas Edison disse que os únicos cientistas contemporâneos seus que ele admirava eram Cyrus T. Doodad e Ella Reader Widget. E... Olhou o rosto incrédulo de Newt.

— Fiz meu Ph.D. sobre eles — disse ela. — As pessoas que inventaram coisas tão simples e universalmente úteis que todos esqueceram que elas um dia precisaram ser inventadas. Açúcar?

— Ahn...

— Você costuma colocar duas colheres — disse Anathema docemente.

Newt ficou olhando o cartão que ela lhe entregou.

Ela parecia pensar que aquilo iria explicar tudo.

Não explicava.

Ele apresentava uma linha divisória no meio. No lado esquerdo, havia um pequeno trecho do que parecia ser uma poesia, em tinta preta. Do lado direito, em tinta vermelha desta vez, havia comentários e anotações. O efeito era o seguinte:

3819: Quando do Oriente a carruagem tombada estiver, quatro rodas para o céu, um homem ferido será sobre Tua Cama, doendo-lhe a cabeça para que se aplique salva, um homem que testa com um alfinete mas de quem o coração é puro, mas semente de minha própria destruição, tirará o meio do fogo de si para fazer o certo, juntos vocês ficarão, até o Fim que há de vir.

Carro japonês? Capotado. Acidente de carro... ferimentos leves.

... levá-lo pra casa... ... salva = aspirina (cf. 3757) Alfinete = caçador de bruxas (cf. 102) Bom caçador de bruxas? Consultar Pulsifer (cf. 002) Procurar fósforos, etc. Nos anos 90! ... hmm...

... menos de um dia (cf. 712, 3803, 4004)

Newt meteu a mão automaticamente no bolso. Seu isqueiro havia desaparecido.

— O que significa isto? — perguntou, a voz rouca.

— Já ouviu falar em Agnes Nutter? — perguntou Anathema.

— Não — disse Newt, assumindo uma defesa desesperada no sarcasmo. — Aposto que vai me dizer que ela inventou a loucura.

— Outro belo nome de Lancashire — disse Anathema com frieza. — Se não acredita, leia sobre os julgamentos de bruxas do início do século dezessete. Ela foi uma ancestral minha. Na verdade, um de seus ancestrais a queimou viva. Ou tentou.

Newt escutou num horror fascinado a história de Agnes Nutter.

— Não-Cometerás-Adultério Pulsifer? — perguntou, quando ela terminou.

— Esse tipo de nome era muito comum naquele tempo — disse Anathema. — Parece que eram dez irmãos e a família era muito religiosa. Havia Avareza Pulsifer, Falso-Testemunho Pulsifer...

— Acho que estou entendendo — disse Newt. — Deus. Eu pensei que Shadwell havia dito que ouvira o meu nome antes. Deve estar nos registros do Exército. Acho que se eu saísse por aí com o nome de Adultério Pulsifer ia querer descontar no maior número de gente possível.

— Acho que ele só não gostava muito de mulheres.

— Obrigado por aceitar tudo tão bem — disse Newt. — Quero dizer, ele deve ter sido um ancestral meu. Não existem muitos Pulsifers. Quem sabe... se não foi por isso que acabei entrando para o Exército dos Caçadores de Bruxas? Pode ser o Destino — disse esperançoso.

Ela balançou a cabeça.

— Não — disse. — Isso não.

— De qualquer modo, caçar bruxas não é como naqueles dias. Não consigo imaginar que o velho Shadwell tenha feito algum dia mais do que chutar as latas de lixo de Doris Stokes.

— Cá entre nós, Agnes era uma pessoa meio difícil — disse Anathema vagamente. — Ela não era de meias medidas.

Newt balançou o pedaço de papel.

— Mas o que ela tem a ver com isso? — perguntou.

— Ela o escreveu. Bem, o original. É a nº 3819 de As Belas e Precisas Profecias de Agnes Nutter, publicadas pela primeira vez em 1655.

Newt tornou a olhar para a profecia. Abriu e fechou a boca.

— Ela sabia que eu ia bater com o carro?

— Sim. Não. Provavelmente não. Sabe, Agnes era a pior profeta que já existiu. Porque ela estava sempre certa. Por isso o livro nunca vendeu.

A maioria das habilidades psíquicas é provocada por uma simples falta de foco temporal, e a mente de Agnes Nutter estava tão perdida no Tempo que ela era considerada louca mesmo pelos padrões da Lancashire do século dezessete, onde profetisas loucas eram uma indústria em crescimento.

Mas ela era uma delícia de se ouvir, nisso todo mundo concordava.

Ela costumava falar sobre como curar doenças usando uma espécie de mofo, e sobre a importância de se lavar as mãos para que os bichinhos minúsculos que provocavam doenças pudessem ser lavados, quando toda pessoa sensata sabia que um bom fedor era a única defesa contra os demônios da saúde ruim. Ela advogava o hábito de correr numa espécie de trote suave como uma ajuda para viver mais tempo, o que era extremamente suspeito e colocou pela primeira vez os Caçadores de Bruxas em seu encalço, e ressaltava a importância das fibras na dieta, embora nesse ponto ela estivesse obviamente à frente de seu tempo, já que a maior parte das pessoas se importava menos com as fibras em sua dieta do que com o cascalho. E ela não curava verrugas.

— Está tudo na sua Mente — dizia ela. — Esqueça isso, e vai desaparecer.

Era óbvio que Agnes tinha uma ligação direta com o Futuro, mas era uma linha tão anormalmente estreita e específica. Em outras palavras, quase inteiramente inútil.

— Como assim? — perguntou Newt.

— Ela conseguia fazer o tipo de previsões que você só tem como entender depois que o fato aconteceu — disse Anathema. — Como: "Não Comprai Betamacks." Essa foi uma previsão para 1972.

— Quer dizer que ela previu os videocassetes?

— Não! Ela só captou um fragmento ínfimo de informação — disse Anathema. — Eis a questão. Na maioria das vezes ela vem com uma referência tão indireta que você não consegue traçar até que tenha acontecido, e aí tudo se encaixa. E ela não sabia o que ia ser importante ou não, por isso é tudo um grande jogo de tentativa e erro. Sua previsão para 22 de novembro de 1963 foi sobre uma casa desabando em King's Lynn.

— Mesmo? — Newt portou-se com educação.

— O presidente Kennedy foi assassinado — disse Anathema para ajudar. — Mas Dallas nem sequer existia então. Ao passo que King's Lynn era muito importante.

— Ah.

— Normalmente ela era muito boa se seus descendentes estivessem envolvidos.

— Ah?

— E ela não sabia nada sobre o motor de combustão interna. Para ela eram apenas carruagens engraçadas. Até minha mãe achou que ela se referia a uma carruagem imperial tombando. Sabe, não basta saber o que o futuro é. É preciso saber o que ele significa. Agnes era como alguém olhando uma enorme

foto por um tubinho pequeno. Ela anotava o que parecia um bom conselho, baseada no que entendia dos pequenos vislumbres.

"Às vezes você pode dar sorte — continuou Anathema. — Meu bisavô se aproveitou da quebra do mercado de ações em 1929, por exemplo, dois dias antes dele realmente acontecer. Fez uma fortuna. Pode-se dizer que somos descendentes profissionais."

Ela olhou séria para Newt. — Sabe, o que ninguém percebeu até cerca de duzentos anos atrás que As Belas e Precisas Profecias era a idéia que Agnes fazia de uma herança de família. Muitas das profecias estão relacionadas aos seus descendentes e ao bem-estar deles. Ela tentou cuidar de nós depois de ter partido. Esse foi o motivo da profecia de King's Lynn, achamos nós. Meu pai estava fazendo uma visita por lá na época, por isso, do ponto de vista de Agnes, como ele dificilmente seria atingido por balas perdidas de Dallas, havia uma boa chance dele ser atingido por um tijolo.

— Que pessoa legal — disse Newt. — Quase dá pra perdoar o fato dela ter explodido uma aldeia inteira.

Anathema ignorou o comentário.

— De qualquer forma, é isso — disse ela. — Desde então fizemos da interpretação dessas profecias o nosso trabalho. Afinal de contas, a média é de uma profecia por ano: mais agora, na verdade, à medida que nos aproximamos do fim do mundo.

— E quando isso vai acontecer? — perguntou Newt.

Anathema olhou preocupada para o relógio.

Ele deu uma gargalhada horrível que, esperava, tivesse soado agradável e tranqüila. Depois dos eventos até o momento naquele dia, ele não estava se sentindo muito bom da cabeça. E podia sentir o perfume de Anathema, o que não o deixava muito à vontade.

— Considere-se sortudo por eu não precisar de um cronômetro — disse Anathema. — Temos, ahn, cerca de cinco ou seis horas.

Newt revirou isso na cabeça. Até aquele instante em sua vida ele jamais tivera a necessidade de beber álcool, mas alguma coisa lhe dizia que tinha de haver uma primeira vez.

— Bruxas guardam bebida em casa? — arriscou.

— Ah, sim. — Ela sorriu o tipo de sorriso que Agnes Nutter provavelmente sorria ao abrir a gaveta de lingerie. — Coisas verdes borbulhantes com Coisas estranhas se arrastando na superfície congelada. Você deveria saber.

— Ótimo. Tem gelo?

Era gim. Com gelo. Anathema, que aprendera bruxaria no meio do caminho, desaprovava bebidas alcoólicas em geral, mas aprovava no seu caso específico.

— Já lhe contei do tibetano que saiu dum buraco na estrada? — perguntou Newt, relaxando um pouco.

— Ah, eu os conheço — disse ela, embaralhando os papéis sobre a mesa. — Os dois saíram do gramado da frente ontem. Os coitadinhos estavam um tanto assustados, então lhes dei uma xícara de chá, eles pediram emprestada uma pá e tornaram a descer. Acho que não sabiam muito bem o que estavam fazendo.

Newt ficou um pouco irritado.

— Como sabia que eram tibetanos?

— Ué, e como é que você sabia? Ele fez "Ommmm" quando você o atropelou?

— Bom, ele... ele parecia tibetano — disse Newt. — Túnica cor de açafrão, cabeça raspada... você sabe... Tibetano.

— Um dos meus falava um inglês muito bom. Parece que num minuto ele estava consertando rádios em Lhasa, e no seguinte estava dentro de um túnel. Não sabe como vai chegar em casa.

— Se o tivesse mandado subir a estrada, poderia ter pegado uma carona num disco voador — disse Newt melancólico.

— Três alienígenas? Um deles era um robozinho de lata?

— Pousaram no seu quintal também, é?

— Foi o único lugar onde não pousaram, de acordo com o rádio. Estão descendo por todo o mundo entregando uma mensagem curta e atravessada de paz cósmica, e quando as pessoas dizem: "Sim, e daí?" eles só olham e tornam a decolar. Sinais e prodígios, como disse Agnes.

— Vai me dizer que ela previu isso tudo também?

Anathema folheou um índice de cartas amarrotadas à sua frente.

— Vivo pensando em passar isto tudo para um computador — disse ela. — Para fazer buscas por palavras, por exemplo. Sabia? Ficaria muito mais simples. As profecias são distribuídas sem ordem, mas existem pistas, escritos à mão, essas coisas.

— Ela fez tudo isso numa ficha de índice remissivo? — perguntou Newt.

— Não. Num livro. Mas eu, ahn, perdi. Sempre tivemos cópias, claro.

— Perdeu, hein? — perguntou Newt, tentando injetar algum humor nos procedimentos. — Aposto que isso ela não previu!

Anathema fuzilou-o. Se olhar matasse, Newt já estaria a sete palmos debaixo da terra. Então ela continuou:

— Construímos uma concordância bastante boa ao longo dos anos, no entanto, e meu avô montou um sistema de referência cruzada muito útil... ah. Eis aqui.

Empurrou uma folha de papel para Newt.

3988. Quando hommens de croco virem da Terra e hommens verdes do Céu, mas não souberem por que, e as barras de Plutão abandonarem os castelos de relâmpagos, e o Leviatã se soltar, e o Brazil for verde, então os Três virão juntos e os Quatro se alevantarão, sobre quatro cavalos de ferro; eu vos digo, o Fim está próximo.

... Croco = açafrão (cf. 2003)

... Alienígenas...?? ... pára-quedistas? ... usinas nucleares (vide recortes Nos. 798-806) ... Atlântida, recortes 812-819 ... leviatã = baleia (cf. 1981)? ... América do Sul estiver verde?

? 3 = 4? Ferrovias? (estrada de ferro, cf. 2675)

— Não consegui isto tudo de uma tacada só — admitiu Anathema. — Preenchi as lacunas depois de ouvir o noticiário.

— Você deve ser incrivelmente boa em palavras cruzadas na sua família — disse Newt.

— Acho que Agnes está saindo um pouco de sua alçada aqui, de qualquer maneira. As partes sobre leviatã, América do Sul, três e quatros podem significar qualquer coisa. — Ela suspirou. — O problema são os jornais. Nunca se sabe se Agnes está se referindo a algum pequeno incidente que você poderia deixar passar. Sabe quanto tempo leva para passar os olhos por todos os jornais diários completamente toda manhã?

— Três horas e dez minutos — respondeu Newt automaticamente.

— Espero que a gente ganhe uma medalha ou coisa parecida — disse Adam otimista. — Resgatar um homem de um carro arruinado em chamas.

— Não estava em chamas — disse Pimentinha. — Não estava nem muito arruinado quando a gente colocou ele em pé de novo.

— Mas podia estar — ressaltou Adam. — Não vejo por que a gente não devia ganhar uma medalha só porque um carro velho não sabe quando pegar fogo.

Ficaram olhando o buraco. Anathema havia chamado a polícia, que o isolou e pôs alguns cones ao redor; era escuro, e muito, muito fundo.

— Podia ser divertido ir pro Tibete — disse Brian. — A gente aprender artes marciais e coisas assim. Eu vi um filme onde tinha um vale no Tibete e todo mundo lá vive centenas de anos. Ele se chamava Shangri-lá.

— O bangalô da minha tia se chama Shangri-lá — disse Wensleydale.

Adam resfolegou.

— Não é lá muito inteligente batizar um vale com o nome de um bangalô velho — disse. — Era melhor então chamá-lo de Dunroamin' ou The Laurels.

— É muito melhor do que Shambles, de qualquer maneira — disse Wensleydale cauteloso.

— Shambala — corrigiu Adam.

— Acho que deve ser o mesmo lugar. Provavelmente tem dois nomes — disse Pimentinha, com uma diplomacia fora do comum. — Que nem nossa casa. A gente mudou o nome de The Lodge pra Norton View quando se mudou, mas até hoje a gente recebe cartas endereçadas a Theo C. Cupier, The Lodge. Talvez tenham batizado de Shambala agora mas as pessoas ainda o chamem de The Laurels.

Adam jogou uma pedrinha no buraco. Já estava ficando de saco cheio dos tibetanos.

— O que vamos fazer agora? — perguntou Pimentinha. — Estão tosquiando ovelhas na Fazenda Norton Bottom. A gente podia ir lá ajudar.

Adam jogou uma pedra maior no buraco e esperou o barulho quando chegasse ao fundo. Não houve barulho.

— Não sei não — disse distante. — Acho que a gente devia fazer alguma coisa sobre baleias, florestas e essas coisas.

— Como o quê? — perguntou Brian, que gostava das distrações fornecidas numa boa tosquia de ovelhas. Começou a esvaziar os bolsos de batatas fritas e jogá-las, uma a uma, no buraco.

— A gente podia ir a Tadfield hoje à tarde e não comer hambúrguer — disse Pimentinha. — Se todos nós quatro não comermos um, são milhões de hectares de floresta tropical que não vão ter que ser cortados.

— Eles vão cortar tudo assim mesmo — disse Wensleydale.

— Lá vem o materialismo grosseiro novamente — disse Adam. — É a mesma coisa com as baleias. È fantástico esse negócio. — Olhou para Cão.

Estava se sentindo muito esquisito.

O cachorrinho, reparando a atenção, se equilibrou esperançoso nas patas traseiras.

— É gente como você que está comendo todas as baleias — disse Adam severo. — Aposto que você já comeu uma baleia quase toda.

Cão, uma derradeira fagulha satânica de sua alma se odiando por isso, inclinou a cabeça para o lado e começou a gemer.

— Vai ser um mundo bem legal de se crescer — disse Adam. — Sem baleias, sem ar, e todo mundo remando porque os oceanos todos subiram.

— Então os atlantes seriam os únicos a se dar bem — disse Pimentinha animada.

— Hm — disse Adam, sem escutar realmente.

Alguma coisa estava acontecendo em sua cabeça. Ela estava doendo. Pensamentos estavam chegando sem que precisasse pensar neles. Alguma coisa estava dizendo, Você pode jazer alguma coisa, Adam Young. Você pode fazer as coisas ficarem melhores. Você pode fazer qualquer coisa que quiser. E o que estava dizendo isso a ele era... ele. Parte dele, bem lá no fundo. Parte dele que havia ficado ligada a ele todos aqueles anos e não fora realmente notada, como uma sombra. Estava dizendo: sim, é um mundo de merda. Podia ter sido ótimo. Mas agora ele é uma merda, e está na hora de fazer alguma coisa a respeito. É para isso que você está aqui. Para melhorar tudo.

— Porque eles seriam capazes de ir a todos os lugares — continuou Pimentinha, lançando um olhar preocupado a ele. — Os atlantes, quero dizer. Porque...

— Já estou de saco cheio dos atlantes e tibetanos — disparou Adam.

Ficaram olhando para ele. Nunca o viram assim antes.

— Está tudo muito bom para eles — disse Adam. — Todo mundo está saindo por aí usando todas as baleias e carvão e petróleo e ozônio e florestas tropicais e isso tudo, e não vai sobrar nada para nós. Nós deveríamos estar indo para Marte e outros planetas, em vez de ficar sentados no escuro úmido com todo o ar acabando.

Aquele não era o velho Adam que os Eles conheciam. Os Eles evitaram os rostos uns dos outros. Com Adam naquele estado de espírito, o mundo parecia um lugar mais frio.

— Me parece — disse Brian pragmático —, me parece que a melhor coisa que você podia fazer era parar de ler essas coisas.

— É como você disse outro dia — disse Adam. — Você cresce lendo sobre piratas, caubóis, homens do espaço, essas coisas, e justo quando você pensa que o mundo está cheio de coisas fantásticas, eles te dizem que a verdade é que ele está cheio é de baleias mortas, florestas devastadas e lixo nucular que vai ficar por aí milhões de anos. Mundinho boboca de se crescer, se você quer minha opinião.

Os Eles trocaram olhares.

Havia mesmo uma sombra sobre o mundo inteiro. Nuvens de tempestade estavam se acumulando ao norte, a luz do sol brilhando amarela como se o sol tivesse sido pintado por um amador entusiasmado.

— Me parece que ele devia ser recolhido e recriado todinho de novo — disse Adam.

A voz não parecia bem a de Adam.

Um vento frio soprou pelo bosque.

Adam olhou para Cão, que tentou se levantar. Ouviu-se um som distante de trovão. Ele deu uma palmadinha distraída na cabeça do cachorro.

— Bem feito pra todo mundo se todas as bombas nucleares explodissem e tudo começasse de novo, só que organizado de forma adequada —

disse Adam. — Às vezes acho que é o que eu gostaria que acontecesse. E então poderíamos fazer tudo de novo.

O trovão tornou a rugir. Pimentinha tremeu. Aquilo não era a discussão corriqueira dos Eles, que ajudava a matar o tempo. Havia uma expressão no rosto de Adam que sua amiga não conseguia definir direito: maldade não, porque aquilo estava mais ou menos ali o tempo inteiro, mas uma espécie de jeitão meio neutro que era bem pior.

— Bom, não sei quanto a nós — tentou Pimentinha. — Não sei quando a nós, porque, se todas essas bombas explodirem, nós todos vamos explodir junto. Falando como mãe de gerações futuras, sou contra.

Olharam para ela curiosos. Ela deu de ombros.

— E então formigas gigantes dominariam o mundo — disse Wensleydale nervoso. — Vi num filme. Ou você sai por aí com armas de cano serrado e todo mundo, sabe, tem carros com facas e armas enfiadas...

— Eu não ia permitir nenhuma formiga gigante ou coisa parecida — disse Adam, animando-se terrivelmente. — E vocês todos ficariam muito bem. Eu cuidaria disso. Seria ótimo, né, ter o mundo todo só pra nós? Não seria? A gente podia dividir ele. A gente podia jogar jogos fantásticos. A gente podia brincar de guerra com exércitos de verdade.

— Mas não haveria mais ninguém — disse Pimentinha.

— Ah, eu poderia fazer algumas pessoas pra gente — disse Adam distraído. — Pelo menos, boas o bastante pra exércitos. Poderíamos todos ter um quarto do mundo cada um. Você — apontou para Pimentinha, que recuou como se o dedo de Adam fosse um atiçador em brasa — poderia ter a Rússia porque ela é vermelha e você tem cabelos vermelhos, não é? Wensley pode ficar com a América, Brian pode ter, pode ter a África e a Europa, e... e...

Mesmo em seu estado de terror crescente, os Eles deram a isso a consideração merecida.

— H-hã — gaguejou Pimentinha, o vento soprando cada vez mais forte fazendo sua blusa tremular. — Não s-sei por que Wensley ficou com a América e eu só fiquei com a Rússia. A Rússia é chata.

— Você pode ficar com a China, o Japão e a índia — disse Adam.

— Isso quer dizer que eu fiquei só com a África e uns países chatos — disse Brian, negociando até mesmo na crista da curva da catástrofe. — Eu não ligaria em ficar com a Austrália — acrescentou.

— O Cão vai ficar com a Austrália — disse Adam, os olhos brilhando com os fogos da criação — porque ele precisa de muito espaço pra correr. E lá tem muito coelho, canguru para ele caçar e...

As nuvens se espalharam para frente e para o lado como tinta derramada numa tigela de água límpida, movendo-se por sobre o céu mais rápido que o vento.

— Mas não vai haver coelho alg... — gritou Wensleydale.

Adam não estava escutando, pelo menos nenhuma voz do lado de fora de sua própria cabeça.

— Está tudo uma confusão enorme — disse. — A gente deveria começar novamente. Simplesmente salvar quem a gente quiser e começar novamente. Essa é a melhor maneira. Seria fazer um favor à Terra, pensando bem. Eu fico zangado, vendo a maneira como esses velhos malucos estão estragando tudo...

— Sabe, é a memória — disse Anathema. — Funciona para trás para a frente. Memória racial, quero dizer.

Newt lançou-lhe um olhar educado porém indiferente.

— O que eu estou tentando dizer — disse ela paciente — é que Agnes não via o futuro. Isso é apenas uma metáfora. Ela o lembrava. Não muito bem, claro, e quando ela o filtrava por intermédio de sua própria compreensão, ela

saía um pouco confusa. Achamos queela é melhor em lembrar coisas que iam acontecer com seus descendentes.

— Mas se você vai a lugares e faz coisas por causa do que ela escreveu, e o que ela escreveu é a lembrança que ela tem dos lugares onde você foi e das coisas que você fez então...

— Eu sei. Mas tem, ahn, algumas evidências de que é assim que funciona — disse Anathema.

Olharam para o mapa aberto entre eles. Ao lado, o rádio murmurava. Newt estava bastante consciente de que uma mulher estava sentada ao seu lado. Seja profissional, disse a si mesmo. Você é um soldado, não é? Bom, praticamente. Então aja como um soldado. Pensou com esforço por uma fração de segundo. Bom, aja como um soldado respeitável em seu melhor comportamento, então. Forçou sua atenção de volta ao assunto em questão.

— Por que Lower Tadfield? Eu só fiquei interessado por causa do tempo. Microclima ideal, é como chamam. Isso quer dizer que é um pequeno lugar com seu tempo bom personalizado.

Deu uma olhadela nos cadernos de notas dela. Havia definitivamente algo de estranho naquele lugar, mesmo que você ignorasse tibetanos e Ovnis, que pareciam estar infestando o mundo inteiro hoje em dia. A área de Tadfield não só tinha o tipo de tempo pelo qual era possível ajustar seu calendário, era também notavelmente resistente a mudanças. Parecia que ninguém construía novas casas ali. A população não parecia se mudar muito. Parecia haver mais florestas e cercas vivas do que seria normal de se esperar hoje em dia. A única fazenda mecanizada aberta na área fracassara depois de um ano ou dois, e fora substituída por um velho criador de porcos que deixava os bichos correrem soltos entre as suas macieiras e vendia a carne a preços ótimos. As duas escolas locais pareciam se especializar numa extasiante imunidade das mudanças na educação. Uma rodovia que deveria ter transformado a maior parte de Lower Tadfield em pouco mais do que a Unction 18 Happy Porker Rest Área mudou de rota dez quilômetros antes, desviava-se para um grande semicírculo e continuou em seu

caminho esquecida da pequena ilha de imutabilidade rural que havia evitado. Ninguém parecia saber ao certo por quê; um dos agrimensores envolvidos teve uma crise de nervos, um segundo virou monge e o terceiro se mudara para Bali para pintar mulheres nuas.

Era como se uma grande parte do século vinte tivesse declarado alguns quilômetros quadrados Zona Proibida.

Anathema puxou um cartão de seu índice e colocou-o sobre a mesa.

... 4 anos antes [Nova Amsterdã até 1664]... ...Taddville, Norfolk... ... Tardesfield, Devon... ... Tadfield, Oxon...< ..!.. Vide Apocalipse, 6:10

2315. Alguns dizem que veio na Cidade de Londres, ou Nova Yorke, mas eles estam errados, pois o lugar é Taddes Fild, Forte em seu poder, ele vem como um cavaleiro no campo, ele divide o Mundo em 4 partes, ele traz a tempestade.

— Eu tive de pesquisar um monte de registros rurais — disse Anathema.

— Por que este aqui está marcado como 2315? É anterior aos outros.

— Agnes era um pouco enrolada quanto a questões de tempo. Acho que ela nem sempre sabia o que ia onde. Eu já te disse, passamos gerações para desenvolver uma espécie de sistema para juntar tudo.

Newt olhou alguns cartões. Por exemplo:

1111. E o Grande Cão virá, e os Dois Poderes vão ficar olhando em Vão, pois ele vai onde estiver seu Dono, Onde eles Não Irão, e ele lhe dará nome, Verdadeiro à Sua Naturaleza, e o Inferno se libertará.

? Isto tem alguma coisa a ver com Bismarck? [A.F.Device, 8 de junho de 1888]

, Schleswig-Holstein?

- Ela está sendo anormalmente obtusa, até mesmo para Agnes – Disse Anathema.

3017. Eu vejo Quatro Cavaleiros, trazendo o Fim, e os Anjos do Inferno viajam com eles, E os Três se Alevantarão. E Quatro e Quatro Juntos serão Quatro, e o Anjo Negro será Derrotado, Mas o Homem terá o que Merece.

Os Cavaleiros do Apocalipse. O Homem=Pã, o Diabo (Os Julgamentos das Bruxas de Lancashire, Brewster, 1782). ??

Acho que a boa Agnes havia bebido bem nessa noite [Quincy Device, Outubro, 15, 1789]

Concordo. Somos todos humanos, ai de nós. [Senhorita O.J.Device, 5 de janeiro de 1854]

— Por que Belas e Precisas? — perguntou Newt.

— Belas com o sentido de exatas — disse Anathema, com a voz cansada de alguém que já havia explicado isso antes. — É o que costumava significar.

— Mas escute — disse Newt...

... ele quase se convencera da inexistência do Ovni, que era obviamente produto de sua imaginação, e o tibetano podia ter sido um, bem, estava pensando numa resposta, mas fosse o que fosse não era um tibetano, mas do que ele estava cada vez mais convencido era do fato de que estava numa sala com uma mulher muito atraente, que parecia realmente gostar dele, ou pelo menos não desgostar dele, o que era um ponto definitivo para Newt. E, francamente, parecia que muita coisa estranha estava acontecendo, mas se ele realmente tentasse, levando o barco do senso comum a navegar contra a corrente furiosa da evidencia, poderia fingir que era tudo, bem, balões atmosféricos, Vênus ou alucinação em massa.

Resumindo, o que quer que Newt estivesse pensando agora, não era com seu cérebro.

— Mas escute — disse ele —, o mundo não vai mesmo acabar agora, vai? Quero dizer, olhe ao redor. Não é como se houvesse alguma tensão

internacional... bem, não mais do que o normal. Porque a gente não deixa esse negócio um instante e sai e, ah, sei lá, talvez a g ente pudesse dar um passeio ou coisa parecida, quero dizer...

— Você não está entendendo! Tem alguma coisa aqui! Alguma coisa que afeta a área! Ela distorceu todas as linhas de energia telúrica. Está protegendo a área contra qualquer coisa que possa mudá-la! É... é... — Lá estava novamente: o pensamento em sua mente que ela não conseguia, não tinha permissão de assimilar, como um sonho ao acordar.

As janelas sacudiram. Do lado de fora, um galho de jasmineiro, empurrado pelo vento, começou a bater insistentemente na vidraça.

— Mas eu não posso consertar isso — disse Anathema, torcendo os dedos. — }á tentei de tudo.

— Consertar? — disse Newt.

— Tentei o pêndulo. Tentei o teodolito. Sabe, eu sou paranormal. Mas isso parece se mover sem parar.

Newt ainda estava controlando sua própria mente o suficiente para fazer a tradução correta. Quando a maioria das pessoas diz "sabe, eu sou paranormal", querem dizer "eu tenho uma imaginação hiperativa mas nada original/uso esmalte preto/falo com meu cachorro"; quando Anathema disse isso, soou como se ela estivesse admitindo ter uma doença hereditária que ela preferia realmente não ter.

— O Armagedon se move sem parar?

— Várias profecias dizem que o Anticristo tem que surgir primeiro — disse Anathema. — Agnes diz ele. Não consigo localizá-lo...

— Ou ela — disse Newt.

— O quê?

— Podia ser ela — disse Newt. — Este é o século vinte, afinal. Oportunidades iguais.

— Acho que você não está levando isto inteiramente a sério — disse ela com severidade. — De qualquer maneira, não existe nenhum mal aqui. É isso o que eu não entendo. Só existe amor.

— Perdão? — perguntou Newt.

Ela lhe deu um olhar indefeso.

— É difícil descrever. Alguma coisa ou alguém ama este lugar. Ama cada centímetro dele de forma tão poderosa que o escuda e protege. Um amor profundo, imenso, forte. Como alguma coisa ruim pode começar aqui? Como pode o fim do mundo começar num lugar como este? Este é o tipo de cidade onde você gostaria de criar seus filhos. É o paraíso das crianças. — Ela sorriu cansada. — Você devia ver os meninos daqui. Eles não existem! Saíram direto dos livros infantis! Todos com os joelhinhos ralados, todos umas gracinhas e...

Ela quase conseguiu. Pôde sentir a forma do pensamento, estava quase chegando lá.

— Que lugar é este? — perguntou Newt.

— O quê? — gritou Anathema, seu trem de pensamento descarrilhado.

O dedo de Newt bateu no mapa.

— "Aeródromo em desuso", diz aqui. Logo aqui, olha, a oeste de Tadfield...

Anathema riu.

— Em desuso? Não acredite. Costumava ser uma base de caças na época da guerra. Há cerca de dez anos é a Base Aérea de Upper Tadfield. E antes que você diga, a resposta é não. Eu odeio completamente aquele maldito lugar, mas o coronel é mais equilibrado que você de longe. A esposa dele faz ioga, pelo amor de Deus.

Sim. O que era mesmo que ela havia dito antes? Os meninos por aqui...

Sentia a base de sua mente escorregando e voltou ao pensamento mais pessoal que esperava ali para pegá-la. Newt era um cara legal, sério. E a coisa sobre passar o resto de sua vida com ele era que ele não ficaria por perto tempo suficiente para dar nos nervos dela.

O rádio estava falando de florestas tropicais da América do Sul.

Novas.

Começou a chover granizo.

Balas de gelo estilhaçavam as folhas ao redor dos Eles enquanto Adam os conduzia até a pedreira.

Cão trotava junto com o rabo entre as pernas, ganindo.

Isso não está certo, pensava. Justo quando eu estava pegando o jeito dos ratos. Justo quando eu quase consegui pegar aquele maldito pastor alemão do outro lado da estrada. Agora ele vai acabar com tudo e eu estarei de volta com os velhos olhos brilhantes e caçando almas perdidas. Qual o sentido disso? Elas não podem se defender e nem têm gosto...

Wensleydale, Brian e Pimentinha não estavam pensando de forma tão coerente. Tudo o que estavam pensando era que seria mais fácil voar do que não seguir Adam; tentar resistir à força que os fazia marchar adiante resultaria simplesmente em pernas com fraturas múltiplas e eles ainda teriam que marchar assim mesmo.

Adam nem pensando estava. Alguma coisa havia se aberto em sua mente e a estava incendiando.

Sentou-os no caixote.

— Aqui embaixo a gente vai ficar bem — disse.

— Ahn — disse Wensleydale —, você não acha que nossos pais...

— Não se preocupem com eles — disse Adam tranqüilo. — Posso fazer novos pra vocês. E também não vai haver mais esse negócio de ir pra cama às nove e meia. Vocês também não vão precisar ir pra cama nunca mais, se não quiserem. Nem arrumar seus quartos nem nada. É só deixar comigo e vai ser ótimo. — Deu-lhes um sorriso maníaco. — Tem uns amigos novos chegando — confidenciou. — Vocês vão gostar deles.

— Mas... — começou Wensleydale.

— Pense só em todas as coisas fantásticas depois — disse Adam, entusiasmado. — Você vai poder encher a América com caubóis, índios, policiais, gângsteres, personagens de desenhos animados, homens do espaço, isso tudo. Não vai ser fantástico?

Wensleydale olhou arrasado para os outros dois. Estavam compartilhando um pensamento que nenhum deles seria capaz de articular muito satisfatoriamente mesmo nos momentos normais. Falando de modo geral, era que um dia existiram caubóis e gângsteres de verdade, e isso era legal. E sempre haveria caubóis e gângsteres de mentirinha, e isso também era legal. Mas caubóis e gângsteres de mentirinha pra valer, que eram vivos e não eram e podiam ser colocados de novo na caixa quando você se cansasse deles, isso não parecia nem um pouco legal. O barato de caubóis, gângsteres, alienígenas e piratas era que você podia parar de fazer de conta que era um deles e ir pra casa

— Mas antes disso tudo — disse Adam sombrio — nós vamos mostrar mesmo pra eles...

Havia uma árvore na praça. Ela não era lá muito grande, as folhas eram amarelas e a luz que recebia pelo moderníssimo vidro fume era o tipo errado de luz. E ela já tinha tomado mais drogas que um atleta olímpico, e tinha alto-falantes aninhados em seus galhos. Mas era uma árvore, e se você entrecerrasse os olhos e olhasse para ela por sobre a cachoeira artificial, quase era possível crer que estava olhando para uma árvore doente por entre uma neblina de lágrimas.

Jaime Hernez gostava de comer seu almoço debaixo dela. O supervisor da manutenção gritaria com ele se descobrisse, mas Jaime crescera numa fazenda, que era uma boa fazenda, e ele gostava de árvores, e não queria ter vindo para

a cidade mas o que podia fazer? Não era um trabalho ruim e o dinheiro era o tipo com o qual seu pai não havia sonhado. Ele sequer soube o que era dinheiro até em árvores cora lenha e os netos pensariam em árvores como história.

Mas o que se podia fazer? Onde antes existiram árvores existiam fazendas enormes, onde antes existiram fazendas pequenas agora existiam praças, onde antes existiram praças ainda existiam praças, e era assim, pronto.

Escondeu seu carrinho atrás da banca de jornais, sentou-se furtivo e abriu sua marmita.

Foi então que ele se deu conta do farfalhar, e um movimento de sombras sobre o chão. Olhou ao redor.

A árvore estava se movendo. Ele olhou aquilo com interesse. Jaime nunca vira uma árvore crescer antes.

O solo, nada além de uma camada de alguma espécie de pedrinhas artificiais, estava ondulando, à medida que as raízes se moviam sob a superfície. Jaime viu uma gavinha branca fina descer rastejando pela lateral da área do jardim suspenso e tatear cega o concreto do chão.

Sem saber por quê, sem nunca saber por que, ele cutucou gentilmente com o pé até ela chegar perto da rachadura entre as placas. Encontrou-a e começou a cavar.

Os galhos estavam se retorcendo em diferentes formas.

Jaime ouviu o guincho do tráfego do lado de fora do prédio, mas não prestou a menor atenção. Alguém estava gritando alguma coisa, mas alguém estava sempre gritando alguma coisa na vizinhança de Jaime, freqüentemente com ele.

A raiz exploradora deve ter encontrado o solo enterrado. Ela mudou de cor e ficou mais grossa, como uma mangueira de incêndio quando a água é acionada. A cachoeira artificial parou de correr; Jaime visualizou canos fraturados bloqueados com fibras.

Agora ele podia ver o que estava acontecendo do lado de fora. A superfície da rua estava subindo como uma maré. Ramos abrindo caminho por entre as rachaduras.

Agora ele podia ver o que estava acontecendo do lado de fora. A superfície da rua estava subindo como uma maré. Ramos estavam abrindo caminho por entre as rachaduras.

Claro, raciocinou; elas tinham a luz do sol. Sua árvore não. Tudo o que ela tinha era a luz cinzenta neutra que passava por entre o domo quatro andares acima. Luz morta.

Mas o que se podia fazer?

Podia-se fazer isto:

Os elevadores haviam parado de circular porque a luz havia acabado, mas eram apenas quatro lances de escadas. Jaime fechou a marmita com cuidado e voltou ao seu carrinho, onde escolheu a vassoura mais comprida.

As pessoas estavam saindo gritando do edifício. Jaime caminhava devagar contra o fluxo como um salmão subindo uma corredeira.

Uma estrutura de vigas brancas, que o arquiteto provavelmente achou que se constituiria numa afirmação dinâmica sobre alguma coisa qualquer, sustentava o domo de vidro fume. Na verdade, era uma espécie de plástico, e Jaime, montado numa conveniente faixa da estrutura, precisou usar de toda a sua força e todo o peso que o comprimento da vassoura podia proporcionar numa alavanca para quebrá-la. Dois outros golpes a partiram em lascas mortais.

A luz entrou, iluminando a poeira na praça de modo a que o ar parecesse estar cheio de vaga-lumes.

Lá embaixo, a árvore rompeu as paredes de sua prisão de concreto escovado e subiu como um trem expresso. Jaime nunca havia percebido que as árvores faziam um som quando cresciam, e ninguém mais havia percebido isso também, porque o som é feito ao longo de centenas de anos em ondas de vinte e quatro horas de ponta a ponta.

Acelerando, o som que uma árvore faz é vruuum!

Jaime ficou olhando-a ir em sua direção como uma nuvem em forma de cogumelo verde. Suas raízes emanavam vapor.

A estrutura nunca teve a menor chance. O resto do domo subiu como uma bola de pingue-pongue num esguicho de vapor.

O mesmo aconteceu por toda a cidade, só que você não conseguia mais ver a cidade. Tudo o que se podia ver era o teto verde. Ele se estendia por todo o horizonte.

Jaime sentou no seu galho, agarrou-se a uma liana e gargalhou sem parar.

Então começou a chover.

O Kappamaki, um navio de pesquisa de baleias, estava naquele momento analisando a pergunta: quantas baleias você pode pegar em uma semana?

Só que hoje não havia baleia nenhuma. A tripulação olhava as telas, que pela aplicação de uma engenhosa tecnologia podiam captar qualquer coisa maior do que uma sardinha e calcular seu valor líquido no mercado internacional de petróleo, e encontrou-as em branco. O peixe ocasional que aparecia disparava pela água como se tivesse muita pressa de chegar a algum lugar.

O capitão tamborilou os dedos sobre o console. Tinha medo de que logo pudesse estar conduzindo seu próprio projeto de pesquisa para descobrir o que acontecia a uma estatisticamente pequena amostra de capitães de baleeiros que voltavam sem um navio cheio de material de pesquisa. Ficou pensando no que faziam com eles. Talvez os trancassem numa sala com um lançador de arpões e esperassem que fizessem a coisa mais honrosa.

Aquilo era irreal. Devia haver alguma coisa.

O navegador pegou um mapa e ficou olhando para ele.

— Honorável senhor?

— O que foi? — perguntou o capitão mal-humorado.

— Parece que temos uma miserável falha nos instrumentos. O leito do mar nesta área deveria ser de duzentos metros.

— E daí?

— Estou lendo 15 mil metros, honorável senhor. E ainda caindo.

— Isso é um absurdo. Não existe tamanha profundidade.

O capitão fuzilou com os olhos vários milhões de ienes de tecnologia de ponta e deu-lhes um pontapé. O navegador deu um sorriso nervoso.

— Ah, senhor — disse ele. — Já está mais raso.

Por sob os trovões das profundezas, como Aziraphale e Tennyson bem o sabiam, Muito, muito abaixo no mar abissal! O kraken dorme.

E agora estava acordando.

Milhões de toneladas de oceano profundo caíram em cascatas por seus flancos à medida que ele se erguia.

— Está vendo? — disse o navegador. — Três mil metros já.

O kraken não tem olhos. Nunca houve nada para ele olhar. Mas à medida que ele sobe através das águas geladas, capta o ruído de microondas do mar, os bip e assovios tristes da canção das baleias.

— Ahn — disse o navegador — mil metros?

O kraken não está de bom humor.

O navio balança na onda súbita.

— Cem metros?

Existe uma Coisinha de metal em cima do kraken. Ele se agita. E dez bilhões de jantares de sushi gritam por vingança.

As janelas do chalé se abriram para dentro subitamente. Não era uma tempestade, era a guerra. Fragmentos de jasmim rodopiaram sala adentro, misturados à chuva de cartões de arquivo.

Newt e Anathema agarraram-se um ao outro no espaço entre a mesa virada e a parede.

— Continue — disse Newt. — Diga-me que Agnes previu isto.

— Ela disse que ele traria a tempestade — disse Anathema.

— Isto é um maldito furacão. Ela disse o que deveria acontecer em seguida?

— 2315 tem uma referência cruzada com 3477 — disse Anathema.

— Você consegue se lembrar de detalhes numa hora destas?

—Já que você mencionou, sim — disse ela. E estendeu um cartão.

3477. Deixai a roda do Destino girar, deixai os corações aproveitar, existem outras fogueiras que não a minha; quando o vento soprar as flores, vocês se agarrarão um ao outro, pois a calma vem quando Vermelho, Branco, Preto e Pálido se aproximam a Pas é Nossa Profissão.

? Algum misticismo aqui, receio [A. F. Device, 17 de Outubro de 1889]

Pas/Pás? [OFD, 1929, 4 de setembro]

Apocalipse 6 novamente, presumo [Dr. Thos. Device, 1835]

Newt leu e releu o cartão. Ouviu um som do lado de uma folha de ferro corrugado girando pelo jardim, e era e isso que estava acontecendo.

— Isso deveria dizer — disse devagar — que deveríamos nos tornar um, um casal? Essa Agnes, que brincalhona.

Cortejar é sempre algo difícil quando o que está sendo cortejado tem uma parente mais velha na casa; elas tendem a resmungar, reclamar ou jogar cigarros em cima de você ou, no pior dos casos, aparecer com o álbum de fotografias da família, um ato de agressão na guerra dos sexos que deveria ser banido por uma Convenção de Genebra. É muito pior quando o parente já está morto há anos. Newt de fato havia começado a nutrir certos sentimentos por Anathema; não só nutri-los, na verdade, mas niná-los, trocar-lhes as fraldas e levá-los pra passear. Mas a idéia da segunda visão de Agnes nas suas costas acabava com sua libido como um balde de água fria.

Ele chegara até mesmo a alimentar a idéia de convidá-la para comer fora, mas detestava a idéia de alguma bruxa cromwelliana sentada em seu chalé três séculos antes vendo-o comer.

Ele estava com o humor de quem queimaria bruxas! era complicada o bastante sem ser manipulada através dos séculos por uma velha doida.

Um estampido na grelha soou como se parte da chaminé tivesse desabado.

E então pensou: minha vida não é complicada. Posse tanta clareza quanto Agnes. Ela se estende até a aposentadoria precoce, uma festinha do pessoal no escritório, um apartamento aconchegante em algum lugar, uma mortezinha assim, assim. Só que agora eu vou morrer sob as ruínas de um chalé durante o que bem poderá ser o fim do mundo.

O Anjo Registrador não terá nenhum problema comigo, minha vida deve ter sido de clichês em todas as páginas por anos. Quero dizer, o que foi que eu realmente fiz? Nunca roubei Nunca tive um tíquete de estacionamento. Nunca comi comida tailandesa...

Em algum lugar outra janela se escancarou, com um tilintar alegre de vidro se quebrando. Anathema pôs os braços ao redor dele, com um suspiro que realmente não parecia nem um pouco decepcionado.

Nunca estive na América. Nem na França, porque Calais realmente não conta. Nunca aprendi a tocar um instrumento musical. O rádio morreu quando as linhas de energia finalmente desistiram. Ele enterrou o rosto nos cabelos dela. Eu nunca...

Um som de ping.

Shadwell, que estivera atualizando os livros-caixa do Exército, levantou a cabeça no meio da assinatura do Cabo-Lanceiro Caçador de Bruxas Smith.

Levou um tempo para perceber que o brilho do alfinete de Newt não estava mais no mapa.

Levantou-se de seu tamborete, resmungando baixinho, e saiu vasculhando o chão até encontrá-lo. Deu-lhe outro polimento e tornou a colocá-lo em Tadfield.

Estava acabando de fazer a assinatura do Cabo Caçador de Bruxas Table, que ganhava um tuppence extra por ano, quando ouviu outro ping.

Recuperou o alfinete, encarou-o com suspeitas, e enfiou-o com tanta força no mapa que o reboco atrás cedeu. Então voltou aos seus afazeres.

Ping.

Dessa vez o alfinete estava a vários metros da parede. Shadwell o apanhou, examinou sua ponta, enterrou-o no mapa e ficou olhando.

Cerca de cinco segundos depois ele passou disparando por sua orelha.

Ficou procurando por ele no chão, substituiu-o no mapa e o manteve ali.

Ele se moveu sob sua mão. Shadwell apoiou seu peso sobre ele.

Um fino fio de fumaça começou a sair do mapa. Shadwell deu um gemido e chupou os dedos quando o alfinete incandescente ricocheteou na parede oposta e esmagou uma janela. Ele não queria estar em Tadfield.

Dez segundos mais tarde Shadwell estava vasculhando a caixa de dinheiro do ECB, que tinha um punhado de moedinhas de cobre, uma nota de dez xelins e uma moedinha falsa do reinado de Jaime I. Sem ligar para a própria segurança, vasculhou os próprios bolsos. Os resultados da limpa, mesmo levando em conta seu passe de viagem de pensionista, mal davam para ele sair de casa, quanto mais para ir a Tadfield.

As únicas outras pessoas que conhecia que tinham dinheiro eram o Sr. Rajit e Madame Tracy. Quanto aos Rajits, a questão de sete semanas de aluguel provavelmente surgiria em qualquer discussão financeira que ele instigasse àquele ponto, e quanto à Madame Tracy, que estaria apenas disposta demais a emprestar-lhe um punhado de notas de dez usadas...

— Diabos me levem se eu aceitar o Salário do Pecado da Jezebel pintada — disse.

Não restava mais ninguém.

A não ser uma pessoa.

A bicha do sul.

Ambos haviam estado aqui, só uma vez, e passaram o menor tempo possível na sala e, no caso de Aziraphale, tentando não tocar em qualquer superfície plana. O outro, o desgraçado metido do sul com óculos de sol, não era — suspeitava Shadwell — alguém que devesse ofender. No mundo simples de Shadwell, qualquer um com óculos de sol que não estivesse numa praia era provavelmente criminoso. Suspeitava que Crowley fosse da Máfia, ou do submundo, embora fosse se surpreender muito se descobrisse o quanto estava próximo desta última hipótese. Mas o fresquinho do casaco de pêlo de camelo era uma coisa totalmente diferente, e ele se arriscara a segui-lo até sua base certa vez, e se lembrava do caminho. Achava que Aziraphale era espião russo. Poderia pedir dinheiro a ele. Ameaçá-lo um pouco.

Era terrivelmente arriscado.

Shadwell se aprumou. Naquele exato instante o jovem Newt poderia estar sofrendo torturas inimagináveis nas mãos das filhas da noite e ele, Shadwell, o havia enviado para lá.

— Não podemos abandonar nossa gente lá — disse ele, e colocou seu sobretudo fino e o chapéu sem forma e saiu para a rua.

O vento parecia estar aumentando um pouquinho.

Aziraphale estava tremendo. Já estava tremendo havia cerca de doze horas. Seus nervos, ele teria dito, estavam espalhados por toda parte. Caminhava ao redor da loja, apanhando pedaços de papel e deixando-os cair novamente, mexendo com canetas.

Devia contar a Crowley.

Não, não devia. Ele queria contar a Crowley. Devia contar era ao Céu.

Afinal, ele era um anjo. Era preciso fazer a coisa certa. Estava embutido nele. Você vê um ato mau, corrige. Crowley havia posto o dedo naquilo, isso era certo. Ele devia ter contado ao Céu desde o começo.

Mas ele o conhecia há milhares de anos. Eles se davam bem. Quase compreendiam um ao outro. Às vezes suspeitava de que tinham muito mais em comum um com o outro do que com seus respectivos superiores. Ambos gostavam do mundo, para começar, em vez de vê-lo simplesmente como o tabuleiro onde o jogo de xadrez cósmico estava sendo jogado.

Bom, naturalmente que era isso. Essa era a resposta, na cara dele. Seria verdadeiro ao espírito de seu pacto com Crowley se ele desse a dica ao Céu, e depois ambos poderiam fazer discretamente alguma coisa sobre a criança, embora nada muito ruim, claro, porque nós éramos todos criaturas de Deus no fim das contas, até mesmo pessoas como Crowley e Aziraphale, e o mundo seria salvo e não teria de haver todo aquele negócio do Armagedon, que não faria bem a ninguém mesmo, porque todo mundo sabia que o Céu venceria no fim, e Crowley teria que compreender.

Sim. E então tudo ficaria bem.

Bateram na porta da loja, apesar da placa de FECHADO. Ignorou.

Entrar em contato com o Céu para comunicação bidirecional era bem mais difícil para Aziraphale do que para humanos, que não esperavam uma resposta e em quase todos os casos ficariam bastante surpresos em obter uma.

Empurrou a mesa cheia de papelada para o lado e enrolou o tapete desfiado da livraria. Havia um pequeno círculo de giz desenhado nas tábuas do piso embaixo, cercado por passagens adequadas da Cabala. O anjo acendeu sete velas, que colocou ritualmente em certos pontos ao redor do círculo. Então acendeu incenso, que não era necessário mas fazia o lugar cheirar bem.

E então ficou no meio do círculo e disse as Palavras.

Não aconteceu nada.

Repetiu as Palavras.

Depois de algum tempo um poço de luz azul brilhante desceu do teto e preencheu o círculo.

Uma voz educada disse:

— Sim?

— Sou eu, Aziraphale.

— Nós sabemos — disse a voz.

— Tenho ótimas notícias! Localizei o Anticristo! Posso vos dar o endereço dele e tudo o mais!

Fez-se uma pausa. A luz azul tremeluziu.

— Sim? — repetiu.

— Mas, sabe, o senhor poderia chu... poderia impedir que tudo acontecesse! Em cima da hora! O senhor só tem algumas horas! Pode impedir tudo e não precisa haver a guerra e todos serão salvos!

Sorriu feito um louco para a luz.

— Sim? — perguntou a voz.

— Sim, ele está num lugar chamado Lower Tadfield, e o endereço...

— Muito bem — disse a voz, num tom neutro e morto.

— Não precisa haver nada daquilo de um terço dos oceanos virarem sangue ou coisa parecida — disse Aziraphale feliz.

Quando voltou, a voz parecia ligeiramente irritada.

— Por que não?

Aziraphale sentiu um poço gelado se abrir sob seu entusiasmo, e tentou fingir que aquilo não estava acontecendo.

— Bom, o senhor não pode simplesmente ter certeza de que...

— Nós vamos vencer, Aziraphale.

— Sim, mas...

— As forças das trevas devem ser derrotadas. Você parece ter compreendido mal. O objetivo não é evitar a guerra, é vencê-la. Nós esperamos um longo tempo, Aziraphale.

Aziraphale sentiu o frio envolver sua mente. Abriu a boca para dizer: "O senhor acha que seria uma boa idéia não segurar a guerra na Terra?" e mudou de idéia.

— Sei — disse sombrio. Perto da porta ele ouviu um som de pés se arrastando, e se tivesse olhado naquela direção teria visto um chapéu de feltro surrado tentando olhar por sobre a bandeirinha da porta.

— Isto não quer dizer que você não tenha realizado bem seu papel — disse a voz. — Você receberá uma comenda. Muito bem.

— Obrigado — disse Aziraphale. A amargura em sua voz daria para azedar leite. — Obviamente esqueci da inefabilidade.

— Achamos que sim.

— Posso perguntar com quem estive falando?

A voz respondeu:

— Nós somos o Metatron.

(A Voz de Deus. Mas não a voz de Deus. Uma entidade de existência independente. Mais ou menos como um porta-voz presidencial.)

— Ah, sim. Claro. Ah. Bem. Muito obrigado. Obrigado.

Atrás dele a caixa de correspondência se abriu, revelando um par de olhos.

— Mais uma coisa — disse a voz. — Você naturalmente se juntará a nós, não é?

— Bom, ahn, claro que simplesmente já se passaram eras desde que peguei numa espada flamejante... — começou Aziraphale.

— Sim, nos lembramos — disse a voz. — Você terá muitas oportunidades de reaprender.

— Ah. Hmm. Que tipo de evento de iniciação precipitará a guerra? — perguntou Aziraphale.

— Achamos que um conflito nuclear multinacional seria um belo começo.

— Ah. Sim. Muito criativo — a voz de Aziraphale era neutra e sem esperanças.

— Ótimo. Então esperamos você diretamente.

— Ah. Bom. Vou só resolver algumas questões de negócios, certo? — Aziraphale disse desesperado.

— Não parece haver muita necessidade disso — disse o Metatron.

Aziraphale se recompôs.

— Eu realmente acho que a probidade, para não dizer moralidade, exige que como um homem de negócios respeitável eu deveria...

— Sim, sim — disse o Metatron, um pouco irritado. — Compreendemos. Então aguardamos você.

A luz se desvaneceu, mas não sumiu por completo. Estão deixando a linha aberta, pensou Aziraphale. Não vou escapar desta.

— Alô? — perguntou baixinho. — Alguém ainda aí?

Silêncio.

Com muito cuidado, ele saiu do círculo e foi até o telefone. Abriu a agenda e discou outro número.

Depois de quatro toques ele tossiu, seguido de uma pausa, e em seguida uma voz que parecia tão cansada que daria para recostá-la num sofá disse:

— Oi. Aqui é Anthony Crowley. Ahn. Eu...

— Crowley! — Aziraphale tentou sibilar e gritar ao mesmo tempo. — Escute! Não tenho muito tempo! Os...

— ... provavelmente não estou aqui agora, ou então estou dormindo, e ocupado, ou alguma coisa assim, mas...

— Cale a boca! Escute! Ele estava em Tadfield! Está tudo naquele livro! Você precisa impedir...

— ... após o sinal e ligo para você assim que possível. Tchau.

— Quero falar com você agora...

Péééééééim

— Pare de fazer ruídos! Ele está em Tadfield! Era o que eu estava pressentindo! Você precisa ir até lá e...

Tirou o telefone da boca.

— Veado! — disse. Era a primeira vez que dizia um palavrão em quatro mil anos.

Espere aí. O demônio tinha outra linha, não tinha? Era o tipo de pessoa que tinha. Aziraphale remexeu no livro e quase o deixou cair no chão. Logo logo eles iam ficar impacientes.

Encontrou o outro número. Discou-o. Atenderam quase imediatamente, ao mesmo tempo em que soou a campainha da loja.

A voz de Crowley, ficando cada vez mais alta à medida que se aproximava do bocal, disse:

— ... falando sério. Alô?

— Crowley, sou eu!

— Uhn. — A voz era terrivelmente não-comprometedora.

Mesmo em seu estado atual, Aziraphale sentiu problemas.

— Está sozinho? — perguntou cauteloso.

— Não. Tem um velho amigo aqui.

— Escute...

— Desapareça, filho do inferno!

Muito devagar, Aziraphale se virou.

Shadwell tremia de agitação. Ele já havia visto de tudo. Ouvido de tudo. Não havia entendido nada, mas sabia o que as pessoas faziam com círculos, velas e incenso. Sabia tudo mesmo. Assistira a The Devil Rides Out quinze vezes, dezesseis se incluir a vez em que fora jogado para fora do cinema por gritar suas opiniões nada lisonjeiras sobre o caçador de bruxas amador Christopher Lee.

Os veados o estavam usando. Estavam fazendo de idiotas as gloriosas tradições do Exército.

— Vou te pegar, seu safado! — gritou, avançando como um anjo vingador comido pelas traças. — Eu sei do que és capaz, vindo para cá e seduzindo mulheres para que façam tua vontade maligna!

— Acho que o senhor entrou na loja errada — disse Aziraphale.

— Ligo mais tarde — disse ao fone, e desligou.

— Eu vi do que és capaz — resfolegou Shadwell. Havia partículas de espuma ao redor de sua boca. Ele estava mais zangado do que podia se lembrar.

— Ahn, as coisas não são o que parecem... — começou Aziraphale, ciente de que aquela conversa não tinha lá uma certa originalidade.

— Aposto que não! — disse Shadwell triunfante.

— Não. Quero dizer...

Sem tirar os olhos do anjo, Shadwell arrastou os pés para trás e agarrou a porta da loja, batendo-a com tanta força que a campainha caiu.

— Sino — disse.

Agarrou As Belas e Precisas Profecias e atirou-o com força sobre a mesa.

— Livro — resfolegou.

Mexeu no bolso e tirou seu Ronson de confiança.

— Praticamente vela! — gritou, e começou a avançar.

Em seu caminho, o círculo brilhou com uma tênue luz azul.

— Ahn — disse Aziraphale —, será que não seria uma boa idéia se...

Shadwell não estava escutando.

— Pelos poderes a mim investidos pela virtude de meu ofício de Caçador de Bruxas — entoou — comando você a abandonar este local...

— Sabe, o círculo...

— ... e retornar daqui por diante ao lugar do qual vieste, sem parar para...

—... realmente não seria inteligente para um humano pôr os pés dentro dele sem...

— ... e livrai-nos do mal...

— Saia do círculo, imbecil!

— ... para nunca mais voltar para nos...

— Sim, sim, mas por favor saia do...

Aziraphale correu na direção de Shadwell, balançando as mãos com urgência.

— ... para NUNCA MAIS VOLTAR! — terminou Shadwell.

Apontou um dedo vingativo com uma unha preta.

Aziraphale olhou para os próprios pés e soltou um palavrão pela segunda vez em cinco minutos. Havia pisado dentro do círculo.

— Puta que pariu!

Ouviu-se um som penetrante e melodioso, e o brilho azul desapareceu. Aziraphale também.

Trinta segundos se passaram. Shadwell não se moveu. Então, com uma mão esquerda trêmula, estendeu-a e cuidadosamente abaixou a mão direita.

— Olá? Olá?

Ninguém respondeu.

Shadwell estremeceu. Então, com a mão estendida à sua frente como uma arma que não ousava disparar e não sabia como descarregar, saiu para a rua, deixando a porta bater atrás de si.

Isso sacudiu o chão. Uma das velas de Aziraphale caiu, derramando cera quente sobre a madeira velha e seca.

O apartamento de Crowley em Londres era a epítome do estilo. Era tudo o que um apartamento deveria ser: espaçoso, branco, elegantemente mobiliado e com aquele designer look de ninguém-vive-aqui que só se consegue não se vivendo no local.

Isto porque Crowley não vivia ali.

Era simplesmente o lugar ao qual ele voltava, ao final do dia, quando estava em Londres. As camas estavam sempre feitas; a geladeira estava sempre com um estoque de comida de primeira que nunca estragava (para isso Crowley

tinha uma geladeira, afinal), e por isso mesmo a geladeira não precisava nunca ser descongelada, ou sequer ligada na tomada.

A sala de estar tinha uma televisão enorme, um sofá de couro branco, um vídeo e um laserdisc, uma secretária eletrônica, dois telefones — a linha da secretária e a linha privada (um número até agora não descoberto pelas legiões de vendedores de telefone que persistiam em tentar vender a Crowley um serviço de revestimento, que ele já tinha, ou seguro de vida, que ele não precisava) — e um sistema de som quadrado na cor preta, o tipo de design tão exótico que só tinha o botão de liga-desliga e o controle de volume. O único equipamento de som que Crowley tinha deixado de lado eram os alto-falantes; ele os esquecera. Não que fizesse a menor diferença. A reprodução do som era perfeita assim mesmo.

Havia uma máquina de fax desconectada com a inteligência de um computador e um computador com a inteligência de uma formiga retardada. Não obstante, Crowley o atualizava de poucos em poucos meses, porque um computador avançado era o tipo de coisa que Crowley sentia que o tipo de humano que ele tentava ser teria. Aquele era como um Porsche com uma tela. Os manuais ainda estavam em seus saquinhos transparentes. (NOTA: * Junto com a garantia-padrão que dizia que se a máquina 1) não funcionasse, 2) não fizesse o que os anúncios caros diziam, 3) eletrocutasse a vizinhança imediata, 4) e na verdade falhasse inteiramente em estar dentro da caixa caríssima quando você a abrisse, isso expressa, absoluta e implicitamente não seria em momento algum culpa ou responsabilidade do fabricante, que o comprador deveria se considerar afortunado ao se permitir dar seu dinheiro ao fabricante, e que qualquer tentativa de tratar o que havia acabado de ser pago como propriedade da pessoa que o adquiriu resultaria na atenção de homens sérios com maletas ameaçadoras. Crowley havia ficado extremamente impressionado com as garantias oferecidas pela indústria de informática, e na verdade até enviara um pacote para Baixo, para o departamento que fazia os acordos de

Almas Imortais, com um memorando amarelo anexo dizendo apenas: "Aprendam, caras”.)

Na verdade, as únicas coisas no apartamento a que Crowley dedicava alguma atenção pessoal eram as plantas. Eram enormes, verdes e gloriosas, com folhas brilhantes, saudáveis, lustrosas.

Isto acontecia porque, uma vez por semana, Crowley percorria o apartamento com um borrifador de água de plástico verde, borrifando as folhas e falando com as plantas.

Ele tinha ouvido falar em conversa com plantas no começo dos anos setenta, na Rádio Quatro, e achara uma excelente idéia. Embora conversar talvez fosse a palavra errada para o que Crowley fazia.

O que ele fazia era pôr o medo de Deus nelas.

Mais precisamente, o medo de Crowley.

Além do que, a cada dois meses Crowley pegava uma planta que estivesse crescendo muito devagar, ou sucumbindo a alguma doença ou ficando queimada, ou simplesmente não parecesse estar tão bem quanto as outras, e a levaria até onde todas as demais plantas estivessem. "Digam adeus à sua amiga", dizia a elas. "Ela não resistiu...”.

Então sairia do apartamento com a planta ofensora, e voltaria uma hora ou mais depois com um enorme vaso de flores vazio, que deixaria em algum lugar bem destacado no apartamento.

As plantas eram as mais luxuriantes, verdes e lindas de Londres. Também eram as mais aterrorizadas.

O saguão era iluminado por spots e tubos de néon branco, do tipo que se coloca casualmente contra uma cadeira ou um canto.

A única decoração de parede era um desenho emoldurado — o cartum do esboço original da Mona Lisa de Leonardo da Vinci. Crowley o havia comprado do artista numa tarde quente em Florença, e sentiu que era superior à pintura final. (Nota: Leonardo também achava. "Consegui pegar direito o maldito sorriso

dela nos esboços", contou a Crowley, bebericando vinho gelado no sol do meio-dia, "mas isso se dispersou quando o pintei. O marido dela tinha algumas coisas a dizer quando entreguei o retrato, mas, como eu disse, Signor dei Giocondo, tirando o senhor, quem é que vai ver? De qualquer maneira... explique esse negócio do helicóptero outra vez, sim?").

Crowley tinha um quarto, uma cozinha, um escritório, um saguão e um banheiro: cada aposento eternamente limpo e perfeito.

Ele havia passado um tempo desconfortável em cada um desses aposentos, durante a longa espera pelo Fim do mundo.

Havia telefonado novamente para seus agentes no Exército dos Caçadores de Bruxas, para tentar conseguir notícias, mas seu contato, o sargento Shadwell, havia acabado de sair, e a recepcionista burrinha parecia incapaz de compreender que ele estava disposto a falar com qualquer um dos outros.

— O Sr. Pulsifer também saiu, coração. Ele desceu para Tadfield esta manhã. Numa missão.

— Falo com qualquer um — havia explicado Crowley.

— Vou dizer isso ao Sr. Shadwell quando ele voltar. Agora, se o senhor não se importa, é uma das minhas manhãs, e não posso deixar meu cavalheiro aqui ou ele morre. E às duas tenho a Sra. Ormerod e o Sr. Scroggie e a jovem Julia vindo para uma sessão espírita, e tenho que limpar o lugar e fazer um monte de coisas antes. Mas darei o seu recado ao Sr. Shadwell.

Crowley desistiu. Tentou ler um romance, mas não conseguia se concentrar. Tentara colocar seus CDs em ordem alfabética, mas desistira quando descobriu que eles já estavam em ordem alfabética, assim como sua estante, e sua coleção de Soul Music (Ele tinha muito orgulho de sua coleção. Levara eras para reuni-la. Era música soul (da alma) de verdade. James Brown não tinha nada a ver com ela).

Acabou se sentando no sofá de couro branco e fez um gesto para a televisão.

— Estão chegando notícias — disse um apresentador de telejornal preocupado — ahn, as notícias são que, bom, ninguém parece saber o que está acontecendo, mas as notícias que temos parecem, ahn, indicar um aumento de tensões internacionais que teriam sem dúvida sido consideradas impossíveis na semana passada quando, ahn, todo mundo parecia estar se dando tão bem. Ahn.

"Isto parece ser devido pelo menos em parte à grande quantidade de eventos incomuns que têm ocorrido nos últimos dias. "Na costa do Japão..." CROWLEY?

— Sim — admitiu Crowley.

QUE DIABOS ESTÁ ACONTECENDO, CROWLEY? O QUE EXATAMENTE VOCÊ TEM FEITO?

— Como assim? — perguntou Crowley, embora já soubesse.

O GAROTO CHAMADO WARLOCK. NÓS O LEVAMOS AOS CAMPOS DE MEGGIDO. O CÃO NÃO ESTÁ COM ELE. A CRIANÇA NADA SABE DA GRANDE GUERRA. ELE NÃO É FILHO DO NOSSO MESTRE.

— Ah — disse Crowley.

ISSO É TUDO QUE VOCÊ CONSEGUE DIZER, CROWLEY? NOSSAS TROPAS ESTÃO FORMADAS, AS QUATRO BESTAS COMEÇARAM A CAVALGAR — MAS PARA ONDE ESTÃO CAVALGANDO? ALGUMA COISA DEU ERRADO, CROWLEY. E É SUA RESPONSABILIDADE. E, BEM PROVAVELMENTE, SUA CULPA. ACREDITAMOS QUE VOCÊ TENHA UMA EXPLICAÇÃO PERFEITAMENTE RAZOÁVEL PARA ISTO TUDO...

— Ah, sim — concordou Crowley prontamente. — Perfeitamente razoável.

... PORQUE VOCÊ VAI TER SUA CHANCE DE EXPLICAR TUDO PARA NÓS. VOCÊ VAI TER TODO O TEMPO QUE EXISTE PARA EXPLICAR. E NÓS VAMOS ESCUTAR COM GRANDE INTERESSE TUDO O QUE VOCÊ TENHA A DIZER. E SUA CONVERSA, E AS CIRCUNSTÂNCIAS QUE A ACOMPANHAM, FORNECERÃO UMA FONTE DE ENTRETENIMENTO E PRAZER PARA TODOS OS MALDITOS DO INFERNO,

CROWLEY. PORQUE NÃO IMPORTA O QUÃO DEVASTADOS PELO TORMENTO, NÃO IMPORTA QUE AGONIAS OS MAIS INFERIORES DOS MALDITOS ESTEJAM SOFRENDO, CROWLEY, VOCÊ SOFRERÁ MAIS...

Com um gesto, Crowley desligou o som.

A tela verde-acinzentada continuava enunciando; o silêncio se formou em palavras.

NEM PENSE EM TENTAR ESCAPAR DE NÓS, CROWLEY. NÃO HÁ ESCAPATÓRIA. FIQUE ONDE ESTÁ. VOCÊ SERÁ... COLETADO...

Crowley foi até a janela e olhou para fora. Alguma coisa negra e em forma de carro estava descendo lentamente a rua em sua direção. Tinha forma suficiente de carro para enganar o observador distraído. Crowley, que estava observando com muita atenção, reparou que não só as rodas não estavam rodando, como também não estavam sequer ligadas ao carro. Ele reduzia à medida que se aproximava; Crowley supôs que os passageiros do carro (nenhum deles estaria dirigindo; nenhum deles sabia como) estavam olhando os números das casas.

Crowley tinha pouco tempo. Foi até a cozinha e tirou um balde de plástico debaixo da pia. Então voltou ao hall.

As Autoridades Infernais haviam cessado sua comunicação. Crowley virou a televisão para a parede, por via das dúvidas.

Foi até a Mona Lisa.

Crowley ergueu o quadro da parede, revelando um cofre. Não era um cofre de parede; ele havia sido comprado de uma empresa especializada em atendimento à indústria nuclear.

Destrancou-o, revelando uma porta interna com uma trava de combinação. Girou a combinação (4-0-0-4 era o código, fácil de lembrar, o ano em que ele havia caído naquele estúpido, maravilhoso planeta, quando ainda era novo e reluzente).

Dentro do cofre havia uma garrafa térmica, duas luvas grossas de PVC, do tipo que cobria os braços inteiros de uma pessoa, e tenazes.

Crowley parou. Olhou nervoso o frasco.

(Ouviu um barulho no andar de baixo. Era a porta da frente...).

Calçou as luvas e apanhou desajeitado o frasco, as tenazes e o balde — e, como se decidisse depois, agarrou o borrifador, que estava ao lado de uma luxuriante planta de borracha — e se dirigiu para seu escritório, caminhando como um homem que carregava uma garrafa térmica cheia de alguma coisa que poderia provocar, se ele a deixasse cair ou mesmo pensasse nisso, o tipo de explosão que leva velhos de barbas grisalhas a dizerem coisas "E aqui onde existe esta cratera hoje, existia a Cidade de Wah-Shing-Ton", em filmes B de ficção científica.

Chegou ao escritório, abriu a porta com o ombro. Então dobrou as pernas, e lentamente colocou as coisas no chão. Balde... tenazes... borrifador... e finalmente, deliberadamente, o frasco.

Uma gota de suor começou a se formar na testa de Crowley e escorreu até sua orelha. Limpou-a.

Então, com cuidado e deliberação, usou as tenazes para desatarraxar a tampa do frasco... com cuidado... com cuidado... isso...

(Uma pancada surda nas escadas abaixo, e um grito abafado. Devia ser a velha senhora no andar de baixo.)

Ele não podia se dar ao luxo de correr.

Segurou o frasco com as tenazes, e tomando cuidado para não derramar a menor gota, derramou o conteúdo no balde plástico. Um movimento em falso seria o bastante.

Pronto.

Então abriu a porta do escritório cerca de dez centímetros e colocou o balde em cima.

Usou as tenazes para recolocar a tampa do frasco, então (um barulho no seu hall externo) puxou as luvas de PVC, pegou o borrifador de plantas e sentou-se atrás de sua mesa.

— Crawlee...? — chamou uma voz gutural. Hastur.

— Ele está ali — sibilou outra voz. — Posso sentir o nojento. — Ligur.

Hastur e Ligur.

Agora, como Crowley seria o primeiro a protestar, a maioria dos demônios não eram tão maus assim. No grande jogo cósmico eles sentiam que ocupavam a mesma posição de fiscais de renda: faziam um trabalho que não era popular, mas essencial para a operação global da coisa toda. No fim das contas, alguns anjos também não eram baluartes da virtude; Crowley havia conhecido um ou dois que, na hora de atacar justamente os infiéis, atacavam com mais força do que o estritamente necessário. No todo, todo mundo tinha um trabalho a fazer, e o fazia.

E por outro lado, você tinha gente como Ligur e Hastur, que tinham tanto prazer em fazer o desagradável que não seria difícil confundi-los com humanos.

Crowley recostou-se em sua cadeira executiva. Forçou-se a relaxar e falhou de modo evidente.

— Aqui, pessoal — chamou.

— Queremos dar uma palavrinha com você — disse Ligur (num tom de voz que pretendia implicar que "palavrinha" era sinônimo de "eternidade horrivelmente dolorosa"), e o demônio atarracado empurrou a porta do escritório.

O balde rodopiou e caiu direitinho na cabeça de Ligur.

Derrame um pedaço de sódio na água. Observe-o se incendiar e queimar e girar loucamente, cuspindo faíscas. Foi igualzinho, só que mais feio.

O demônio descascou, se incendiou e tremeluziu. Uma fumaça marrom oleosa começou a emanar de seu corpo, e ele gritou e gritou e gritou. Então foi como se sua forma se amassasse, se dobrasse sobre si mesma, e o que sobrou

ficou brilhando no círculo queimado e escurecido de tapete, parecendo um punhado de lesmas amassadas.

— Oi — disse Crowley para Hastur, que vinha andando atrás de Ligur e infelizmente não tinha recebido sequer um pingo.

Existem certas coisas que são impensáveis: profundezas onde nem mesmo os demônios acreditariam que outros demônios se atreveriam a explorar.

— ... água benta. Seu filho da puta — disse Hastur. — Seu com pleto filho da puta. Ele nunca sequer fizera nada a você.

— Ainda não — corrigiu Crowley, que se sentia um pouco mais confortável, agora que as chances estavam mais favoráveis. Mais, mas não completamente equilibradas, nem de longe. Hastur era um Duque do Inferno. Crowley não era sequer um conselheiro local.

— Seu destino será sussurrado por mães em lugares escuros para apavorar seus filhos — disse Hastur, e então sentiu que a linguagem do Inferno não se adequava à situação. — Você vai vestir um paletó de madeira, companheiro — acrescentou.

Crowley ergueu o borrifador de plantas de plástico verde e o sacudiu ameaçador.

— Vá embora — disse. Ouviu o telefone tocar lá embaixo. Quatro vezes, e então a secretária eletrônica atendeu. Por um momento ficou imaginando quem seria.

— Você não me mete medo — disse Hastur. Ele viu uma gota de água escorrer do bico e deslizar lentamente pela lateral do invólucro de plástico, até a mão de Crowley.

— Sabe o que é isto? — perguntou Crowley. — Isto é um borrifador de água Sainsbury, o mais barato e o mais eficiente borrifador de plantas do mundo. Ele pode espirrar uma fina camada de água no ar. Será que eu preciso lhe dizer o que está aqui dentro? Pode transformar você naquilo — apontou para a sujeira no tapete. — Agora caia fora.

Então a gota na lateral do borrifador de plantas atingiu os dedos curvados de Crowley, e parou.

— Você está blefando — disse Hastur.

— Talvez esteja — disse Crowley, num tom de voz que esperava que deixasse bem claro que blefar era a última coisa em sua mente. — E talvez não. Está se sentindo com sorte?

Hastur fez um gesto, e o bulbo plástico se dissolveu como papel de arroz, esparramando água por toda a mesa de Crowley, e por todo o terno de Crowley.

— Sim — disse Hastur. E sorriu. Seus dentes eram afiados de mais e sua língua dançava entre eles. — E você?

Crowley não disse nada. O Plano A havia funcionado. O Plano B, falhado. Tudo dependia do Plano C, e só havia um problema: ele só tinha planejado até a letra B.

— Então — sibilou Hastur — hora de ir, Crowley.

— Acho que tem algo que você devia saber — disse Crowley, tentando ganhar tempo.

— O que é? — sorriu Hastur.

Então o telefone na mesa de Crowley tocou. Ele pegou o fone e avisou a Hastur.

— Não se mexa. Tem uma coisa muito importante que você devia saber, e eu estou falando sério. Alô?

— Ngh — disse Crowley. Então disse: — Não. Tem um velho amigo aqui.

Aziraphale desligou na cara dele. Crowley ficou tentando adivinhar o que ele queria.

E de repente o Plano C estava lá, em sua cabeça. Não colocou o fone de volta no gancho. Em vez disso ele disse:

— Ok, Hastur. Você passou no teste. Está pronto para entrar no time dos grandes.

— Você ficou louco?

— Não. Não está entendendo? Isto foi um teste. Os Senhores do Inferno precisavam saber se você era digno de confiança antes de lhe darmos o comando das Legiões dos Malditos, na Guerra adiante.

— Crowley, você está mentindo ou você está louco, ou provavelmente as duas coisas — disse Hastur, mas sua certeza havia sido abalada.

Só por um momento, ele havia alimentado a possibilidade; de que ele estava onde Crowley o havia colocado. Não seria impossível que o Inferno o estivesse testando. E que Crowley fosse mais do que parecia. Hastur era paranóico, o que era simplesmente uma reação sensata e bem-ajustada a se viver no Inferno, onde realmente estava todo mundo a fim de te pegar.

Crowley começou a discar um número.

— Tudo bem, Duque Hastur. Eu não esperaria que o senhor acreditasse nisso vindo de mim — admitiu. — Mas por que não falamos com o Conselho das Trevas? Tenho certeza de que eles o convencerão.

O número que ele havia discado deu um clique e começou a tocar.

— Tchau, babaca — disse.

E desapareceu.

Numa ínfima fração de segundo, Hastur também sumiu.

Ao longo dos anos, um grande número de homens-hora teológicos têm sido gastos debatendo a famosa questão:

Quantos Anjos podem Dançar na Cabeça de Um Alfinete?

Para chegar a uma resposta, os seguintes fatos devem ser levados em consideração:

Primeiro, anjos não dançam simplesmente. É umas das características distintivas que marcam um anjo. Eles podem ouvir a Música das Esferas com apreciação, mas não sentem a necessidade de sair balançando o esqueleto ao som dela. Portanto, nenhum.

Pelo menos, quase nenhum. Aziraphale aprendera a gavota num discreto clube para cavalheiros em Portland Place, no fim da década de 1880, e embora tivesse inicialmente se comportado como um pato numa bolsa de valores, depois de algum tempo ele até que havia se tornado muito bom, e ficou muito passado quando, algumas décadas mais tarde, a gavota saiu de moda definitivamente.

Então, desde que a dança fosse uma gavota, e desde que ele tivesse um parceiro adequado (também capaz, só para ilustrar a questão, de dançar a gavota e fazê-lo na cabeça de um alfinete), a resposta é um curto e grosso um.

Então você até que poderia perguntar também quantos demônios podem dançar na cabeça de um alfinete. Afinal, eles vêm do mesmo material. E pelo menos dançam. Embora não seja o que você e eu chamássemos de dança. Pelo menos não uma dança boa. Um demônio se move como uma banda de brancos tocando "Soul Train".

E se você colocar desta forma, a resposta é, muitos na verdade, desde que abandonem seus corpos físicos, o que é um piquenique para o demônio. Demônios não estão sujeitos às leis da física. Se você tiver uma visão mais ampla, o universo é apenas uma coisa pequena e redonda, como aquelas bolas cheias de água que produzem uma tempestade de neve em miniatura quando você as sacode. Embora, a menos que o plano inefável seja muito mais inefável do que parece, ele não tenha um boneco de neve gigante de plástico no fundo. Mas se você visualizar mais de perto, o único problema sobre dançar na cabeça de um alfinete é todos aqueles espaços enormes entre os elétrons.

Para aqueles de origem angélica ou demoníaca, tamanho, forma e composição são simplesmente opções.

Crowley está atualmente viajando a uma velocidade incrivelmente rápida pelo fio do telefone.

TRRRIM!

Crowley passou por duas conversas telefônicas a uma fração muito respeitável da velocidade da luz. Hastur estava um pouquinho atrás dele: oito ou dez centímetros, mas naquele tamanho isso dava a Crowley uma vantagem

confortável. Que desapareceria, naturalmente, quando ele chegasse ao outro lado.

Estavam muito pequenos para o som, mas demônios não necessitam de som para se comunicarem. Podia ouvir Hastur gritando atrás dele:

— Seu filho da puta! Vou te pegar. Você não pode fugir de mim!

TRRRIM!

— Aonde você for eu vou atrás! Você não vai escapar!

Crowley viajou trinta e cinco quilômetros de fio em menos de um segundo.

Hastur estava bem atrás dele. Crowley ia ter que calcular a cronometragem do ato com muito, muito cuidado.

TRRRIM!

Esse foi o terceiro toque. Bom, pensou Crowley, seja o que for.

Subitamente parou e viu Hastur passar por ele em disparada. Hastur se virou e...

TRRRIM!

Crowley disparou pelo fio do telefone, atravessou o encapsula-mento plástico e se materializou, em seu tamanho normal e sem fôlego algum, no hall.

Clic.

A fita da mensagem da secretária começou a rodar. Depois ele ouviu um bip e, em seguida, quando a fita do recado externo começou, uma voz gritou pelo alto-falante após o sinal:

— Certo! O quê?... Sua maldita víbora!

A luzinha vermelha de mensagens começou a piscar.

Ligando e desligando, ligando e desligando, como um olho pequeno, vermelho, furioso.

Crowley realmente desejou ter tido um pouco mais de água benta e o tempo de colocar a fita cassete nela até se dissolver. Mas cuidar do banho terminal de Ligur já havia sido perigoso demais, ele guardara aquilo por anos por via das dúvidas, e até mesmo sua presença na sala o deixava desconfortável.

Ou... ou quem sabe... sim, o que aconteceria se ele pusesse a fita no carro? Poderia tocar Hastur vezes sem conta até ele se transformar em Freddie Mercury. Não. Ele podia ser um filho da puta, mas crueldade tinha limites.

Ouviu o som de um trovão distante.

Não tinha tempo a perder.

Não tinha para onde ir.

Foi assim mesmo. Correu até o seu Bentley e partiu na direção do West End como se todos os demônios do inferno estivessem atrás dele. O que era mais ou menos o caso.

Madame Tracy ouviu o passo lento do Sr. Shadwell subindo as escadas. Era mais lento que o de costume, e parava de alguns em alguns degraus. Normalmente subia as escadas como se odiasse cada uma delas.

Ela abriu a porta. Ele estava encostado na parede do patamar.

— Ora, Sr. Shadwell. O que o senhor fez com sua mão?

— Saia de perto de mim, mulher — grunhiu Shadwell. — Não conheço meus próprios poderes!

— Por que está segurando ela assim?

Shadwell tentou recuar até a parede.

— Recuai, eu lhe digo! Não sou responsável!

— Mas o que aconteceu com o senhor, Sr. Shadwell? — perguntou Madame Tracy, tentando pegar a mão dele.

— Nada! Nada!

Ela conseguiu agarrar o braço dele. Ele, Shadwell, flagelo do mal, não tinha poderes para impedir que ela o arrastasse até seu apartamento.

Ele jamais estivera lá antes, pelo menos não acordado. Seus sonhos o haviam mobiliado com sedas e ricas cortinas. Convenhamos, ela tinha uma cortina de contas na entrada da cozinha minúscula e um abajur feito de forma um tanto tosca a partir de uma garrafa de Chianti, porque a noção de Madame

Tracy do que era chique parará por volta de 1953. E havia uma mesa nomeio da sala com uma toalha de veludo sobre ela, e, em cima da toalha, a bola de cristal que era cada vez mais o ganha-pão de Madame Tracy.

— Acho que o senhor podia descansar um pouco, Sr. Shadwell — disse, numa voz que não admitia discussão, e levou-o até o quarto. Ele estava espantado demais para protestar.

— Mas o jovem Newt está lá — resmungou Shadwell — vítima de paixões pagas e males ocultos.

— Então tenho certeza de que ele saberá o que fazer com elas — disse Madame Tracy seca; seu quadro mental das coisas pelas quais Newt estava passando era provavelmente muito mais próximo da realidade do que o de Shadwell. — E tenho certeza de que ele não gostaria de saber que o senhor está preocupado demais. Agora deite-se, que eu vou preparar para nós dois uma boa xícara de chá.

Desapareceu no barulho das cortinas de contas.

Subitamente Shadwell estava sozinho no que era simplesmente capaz de lembrar, por entre os escombros de seus nervos estraçalhados, como um leito de pecado, e naquele exato instante foi incapaz de deduzir se aquilo era na verdade melhor ou pior do que não estar sozinho num leito de pecado. Virou a cabeça para dar uma olhada no ambiente ao redor.

Os conceitos de Madame Tracy do que era erótico vinham dos dias em que os garotos cresciam acreditando que as mulheres tinham bolas de praia firmemente afixadas na frente de suas anatomias, Brigitte Bardot podia ser considerada um símbolo sexual sem que ninguém caísse na gargalhada, e realmente existiam revistas com nomes do tipo Galinhas, Gemidos e Gostosuras. Em algum lugar naquele caldeirão de permissividade ela desenvolvera a idéia de que brinquedos macios no quarto criavam uma atmosfera coquete e íntima.

Shadwell ficou olhando por um tempo um ursinho de pelúcia enorme e esfiapado, com um olho faltando e uma orelha rasgada, que provavelmente tinha um nome como Sr. Buggins.

Virou a cabeça na outra direção. Seu olhar foi bloqueado por uma caixa de pijama no formato de um animal que podia ter sido um cachorro, mas que também podia ter sido um gambá. Tinha um sorrisinho alegre.

— Argh.

Mas as lembranças não paravam de voltar. Ele realmente fizera aquilo. Ninguém mais no Exército exorcizara um demônio, até onde ele sabia. Nem Hopkins, nem Siftings, nem Diceman. Provavelmente nem mesmo o Sargento Major Caçador de Bruxas Narker, que detinha o recorde de todos os tempos de número de bruxas encontradas. Mais cedo ou mais tarde, todo exército dá de cara com sua arma definitiva e agora ela existia, Shadwell refletiu, na extremidade do seu braço.

(NOTA: O ECB viveu um renascimento durante os grandes dias do expansionismo do Império. As intermináveis escaramuças do exército inglês freqüentemente o colocavam em conflito com curandeiros, xamãs e outros adversários ocultos. Esta foi a deixa para o recrutamento de pessoas como o SMC do ECB Narker, cuja imponente figura de dois metros e vinte e cento e dez quilos, agarrando um Livro com capa de metal, um Sino de cinco quilos e uma Vela especialmente reforçada, podia derrubar os adversários mais rápido que uma metralhadora Gatling. A seu respeito, Cecil Rhodes escreveu: "Certas tribos remotas o consideram uma espécie de deus, e é preciso um bruxo ou curandeiro extremamente bravo e temerário para se colocar à frente de um gigante como o SMC Narker. Eu preferiria ter esse homem do meu lado que dois batalhões de Gurkas.")

Bom, que se danasse. Ele iria descansar um pouco, já que estava ali, e então as Forças das Trevas finalmente encontrariam um poder à altura...

Quando Madame Tracy trouxe o chá ele estava roncando. Ela fechou a porta com tato, e um tanto agradecida, porque tinha uma sessão espírita em vinte minutos e não era bom recusar dinheiro hoje em dia.

Embora Madame Tracy fosse por muitos padrões bastante imbecil, tinha um instinto em certas questões, e quando se tratava de lidar com o oculto seu raciocínio era impecável. Bobagens, percebeu ela, eram exatamente o que seus clientes queriam. Eles não queriam ser mergulhados naquilo até o pescoço. Não queriam os mistérios multiplanulares do Tempo e do Espaço, só queriam ter certeza de que mamãe estava bem agora que estava morta. Só queriam ocultismo suficiente para dar um pouco de tempero às suas vidas simples, e de preferência em porções não maiores que quarenta e cinco minutos, seguidas de chá e biscoitos.

E certamente não queriam velas, cheiros, cânticos ou runas místicas esquisitas. Madame Tracy removera até mesmo a maior parte dos Arcanos Maiores de seu baralho de taro, porque seu aspecto tendia a aborrecer as pessoas.

E ela se certificava de que sempre colocava couve para cozinhar antes de uma sessão. Nada é mais reconfortante, nada é mais verdadeiro ao confortável espírito do ocultismo inglês do que o cheiro de couve-de-bruxelas cozinhando no aposento ao lado.

Era o começo da tarde, e as pesadas nuvens de tempestade haviam transformado o céu na cor de chumbo velho. Logo choveria, uma chuva pesada, daquelas de não se enxergar um palmo adiante. Os bombeiros esperavam que a chuva caísse logo. Quanto mais cedo melhor.

Eles haviam chegado com bastante rapidez, e os bombeiros mais jovens corriam para os lados, agitados, desenrolando a mangueira e treinando os machados; os bombeiros mais velhos sabiam de cara que o prédio estava perdido, e não tinham sequer certeza de que a chuva impediria o incêndio de se alastrar para os prédios vizinhos, quando um Bentley preto deslizou pela esquina e subiu na calçada a uma velocidade em algum lugar acima de noventa quilômetros por hora e parou com um guinchar de freios a um centímetro da

parede da livraria. Um rapaz de óculos escuros extremamente agitado saltou e correu até a porta da loja em chamas.

Foi interceptado por um bombeiro.

— O senhor é o proprietário deste estabelecimento? — perguntou o bombeiro.

— Não seja imbecil. Eu tenho cara de dono de livraria?

— Não sei dizer, senhor. As aparências enganam. Por exemplo, eu sou bombeiro. Entretanto, ao me encontrar socialmente, pessoas que não sabem de minha profissão freqüentemente supõem que eu seja, na realidade, um contador ou diretor de empresa. Imagine-me fora do uniforme, senhor, e que tipo de homem veria à sua frente? Honestamente?

— Um babaca — disse Crowley, e correu para dentro da livraria.

Isto parece mais fácil do que foi na verdade, já que para conseguir isso Crowley teve de se desviar de meia dúzia de bombeiros, dois policiais e um número grande de interessantes pessoas da noite do Soho, (em qualquer outro lugar que não o Soho é bem possível que os espectadores de um incêndio pudessem se interessar por ele.) cedo na rua, e discutindo acaloradamente entre si que seção particular da sociedade havia abrilhantado a noite, e por quê.

Crowley abriu caminho empurrando todo mundo. Mal se dignaram a olhar para ele.

Então ele abriu a porta de supetão e entrou num inferno. Toda a livraria estava em chamas.

— Aziraphale — gritou. — Aziraphale, seu... seu imbecil... Aziraphale? Você está aí?

Não houve resposta. Só o crepitar de papel queimando, o estilhaçar de vidro quando o fogo atingiu os aposentos de cima, o barulho de vigas de madeira desabando.

Ele vasculhou a loja com urgência, desesperado, procurando o anjo, procurando ajuda.

No canto oposto uma prateleira despencou, jogando uma cascata de livros flamejantes no chão. O fogo o cercava por toda parte, mas Crowley o ignorou. A perna esquerda de sua calça começou a derreter; ele impediu isso com um olhar.

— Olá? Aziraphale! Pelo amo..., por De..., por favor! Aziraphale!

A vitrine da loja foi quebrada do lado de fora. Crowley virou-se, assustado, e um inesperado jato d'água o atingiu em cheio no peito, derrubando-o no chão.

Seus óculos de sol voaram para um canto distante da sala e se tornaram uma poça de plástico derretido. Olhos amarelos com pupilas verticais finas foram revelados. Molhado e fumegante, rosto enegrecido de cinzas, enfim, o mais longe possível do costumeiro jeito cool, de quatro na livraria em chamas, Crowley amaldiçoou Aziraphale, o plano inefável, e Acima, e Abaixo.

Então olhou para baixo e viu. O livro. O livro que a garota havia deixado no carro em Tadfield, na noite de quarta. Estava ligeiramente queimado nos cantos, mas milagrosamente intacto. Pegou-o, enfiou-no no bolso do paletó, levantou-se cambaleante e limpou a sujeira da roupa.

O teto acima dele desabou. Com um rugido e um gigantesco dar de ombros, o prédio caiu, numa chuva de tijolos, madeira e destroços em chamas.

Lá fora, os passantes estavam sendo empurrados para trás pela polícia, e um bombeiro estava explicando a qualquer um que quisesse escutar:

— Não consegui impedi-lo. Ele devia estar louco. Ou bêbado. Simplesmente correu pra dentro. Não consegui detê-lo. Louco. Correu direto pra dentro. Que jeito horrível de morrer. Horrível, horrível. Simplesmente correu pra dentro...

Então Crowley saiu das chamas.

A polícia e o bombeiro olharam para ele, viram a expressão de seu rosto, e ficaram exatamente onde estavam.

Ele entrou no Bentley e deu ré para voltar à estrada, desviou-se de um caminhão dos bombeiros, entrou na Wardour Street e saiu na tarde escura.

Todos ficaram olhando o carro se afastar em disparada. Por fim um policial falou.

— Num tempo destes, ele devia ter ligado os faróis — disse, entorpecido.

— Especialmente dirigindo daquele jeito. Podia ser perigoso — concordou outro, em tons neutros, mortos, e todos ficaram ali na luz e no calor da livraria em chamas, se perguntando o que estava acontecendo a um mundo que achavam compreender.

Houve o clarão de um relâmpago, branco-azulado, cortando o céu negro de nuvens, um estrondo de trovão tão alto que doeu os ouvidos, e uma tempestade violenta começou a cair.

Ela pilotava uma motocicleta vermelha. Não do vermelho-vivo de uma Honda; era um vermelho escuro, de sangue, rico, escuro e odioso. A moto era aparentemente, em todos os outros aspectos, comum a não ser pela espada, que repousava em sua bainha, colocada na lateral da moto.

O capacete dela era carmim, e a jaqueta de couro tinha a cor de vinho envelhecido. Nas costas, pedras de rubi formavam as palavras HELL'S ANGELS.

Eram uma e dez da tarde, e estava escuro e molhado. A rodovia estava quase deserta, e a mulher de vermelho disparava pela estrada em sua motocicleta vermelha, sorrindo preguiçosa.

Até aquele momento, o dia fora bom. Havia algo na visão de uma mulher bonita montada numa motocicleta poderosa com uma espada na traseira que provocava um efeito poderoso num certo tipo de homem. Até o momento quatro caixeiros-viajantes haviam tentado alcançá-la, e agora pedaços de Ford Sierras decoravam as barreiras e amuradas de pontes ao longo de sessenta e cinco quilômetros de rodovia.

Ela estacionou numa área de serviço, e entrou no Café Happy Porker. Ele estava quase vazio. Uma garçonete entediada estava cerzindo uma meia atrás do balcão, e um bando de motoqueiros com roupas de couro preto, durões, cabeludos, sujos e enormes, estavam aglomerados ao redor de um indivíduo ainda maior, com casaco preto. Ele estava jogando concentrado alguma coisa que em anos idos teria sido uma máquina de frutas, mas agora tinha uma tela de vídeo e se auto-anunciava como TRÍVIA — MÚLTIPLA ESCOLHA.

A platéia se manifestava:

— É "D"! Aperta o "D" — O Poderoso Chefão deve ter ganho mais Oscars do que... E O Vento Levou!

— Puppet on a String! Sandie Shaw! Sério. Tenho certeza absoluta!

— 1666!

— Não, sua besta! Esse foi o ano do incêndio! A Peste foi em 1665!

— É "B": a Grande Muralha da China não era uma das Sete Maravilhas do mundo!

Havia quatro opções: Música Popular, Esporte, Atualidades e Conhecimentos Gerais. O motoqueiro alto, que continuava com o capacete, estava apertando os botões, para todos os efeitos ignorando seus torcedores. De qualquer forma, estava ganhando direto.

A motoqueira ruiva foi até o balcão.

— Uma xícara de chá, por favor. E um sanduíche de queijo.

— Está sozinha, então, querida? — perguntou a garçonete, passando por sobre o balcão o chá, e alguma coisa branca, seca e dura.

— Esperando amigos.

— Ah — disse ela, arrancando um pedaço de linha com os dentes. — Bom, é melhor esperar aqui dentro mesmo. Lá fora está um inferno.

— Não. Ainda não.

Escolheu uma mesa do lado da janela, com uma boa vista do estacionamento, e esperou.

Podia ouvir os jogadores de Trívia ao fundo.

— Esta aqui é nova: "Quantas vezes a Inglaterra esteve em guerra com a França desde 1066?".

— Vinte? Não, não é vinte... Ah. Era. Bom, sei lá.

— Guerra americana com o México? Essa eu sei. É junho de 1845. "D". Viram? Eu falei!

O segundo motoqueiro mais baixo, Pigbog (l,85m) sussurrou para o mais baixo, Greaser (l,84m):

— O que aconteceu com "Esportes"? — Nos dedos de uma das mãos, tinha a palavra AMOR tatuada. Nos da outra, ÓDIO.

— É aleatório, seleção, sei lá. Quero dizer, eles fazem isso com microchips. Ele tem provavelmente milhões de assuntos diferentes lá, na RAM dele. — Nos dedos de uma das mãos, tinha a palavra PEIXE, e na outra CHIPS.

— Música Popular, Atualidades, Conhecimentos Gerais e Guerra. É que eu nunca tinha visto "Guerra" antes. Por isso comentei. — Pigbog estalou os dedos alto e abriu uma latinha de cerveja. Mandou meia lata garganta abaixo, arrotou e deu um suspiro. — Queria que eles fizessem mais questões da Bíblia.

— Por quê? — Greaser nunca pensara que Pigbog fosse um fã de perguntas sobre a Bíblia.

— Porque, bom, lembra daquele problema em Brighton?

— Claro. Você apareceu no Crimewatch — disse Greaser, com um pouco de inveja.

— Bom, eu tive que ficar naquele hotel onde mamãe trabalhou, lembra? Três meses. E sem nada pra ler, só que um panaca deixou uma Bíblia lá. As coisas dela ficam na sua cabeça.

Outra moto, negra e reluzente, parou no estacionamento lá fora.

A porta do café se abriu. Uma rajada de vento gelado soprou sala adentro; um homem vestido de couro preto da cabeça aos pés, com uma barba preta curta, foi até a mesa, sentou-se ao lado da mulher de vermelho, e os motoqueiros ao redor da máquina de perguntas subitamente se deram conta da fome que sentiam, e elegeram Skuzz para pegar alguma coisa para comerem.

Todos menos o jogador, que não disse nada, simplesmente apertava os botões das respostas certas e deixava suas vitóriasse acumularem na bandeja ao fundo da máquina.

— Não o vejo desde Mafeking — disse Vermelha. — Como tem passado?

— Muito ocupado — disse Preto. — Passei muito tempo na América. Uma breve excursão mundial. Só matando tempo, para falar a verdade.

(— Como assim, não tem bife nem torta de rim? — Skuzz perguntou afrontado.

— Pensei que a gente tivesse um pouco, mas não temos mais — disse a mulher.)

— Engraçado, todos nós finalmente nos encontrando desse jeito — disse Vermelha.

— Engraçado?

— É, você sabe. Depois de passar milhares de anos esperando o grande dia, ele finalmente chega. Como esperar pelo Natal. Ou aniversários.

— Nós não fazemos aniversários.

— Eu não disse que fazíamos. Só disse que parece isso.

(— Na verdade — admitiu a mulher — acho que não temos mais nada. A não ser aquela fatia de pizza.

— Tem alicci? — perguntou Skuzz chateado. Ninguém ali gostava de alicci. Nem de azeitonas.

— Sim, meu amor. É de alicci com azeitonas. Vai querer?

Skuzz balançou a cabeça triste. O estômago roncando, voltou para o jogo. Big Ted ficava irritado quando tinha fome, e quando Big Ted ficava irritado descontava em todo mundo.)

Uma nova categoria havia surgido na tela do vídeo. Agora era possível responder perguntas sobre Música Popular, Atualidades, Fome ou Guerra. Os motoqueiros pareciam um pouco menos informados sobre a Fome da Batata Irlandesa de 1846, a fome geral inglesa de 1315 e a fome das drogas de São Francisco em 1969 do que sobre Guerra, mas o jogador ainda estava marcando

um perfeito escore, pontuado ocasionalmente por uns barulhinhos metálicos quando a máquina vomitava moedas na bandeja.

— O tempo parece um pouco esquisito ao sul — disse Vermelha.

Preto olhou bem para as nuvens escuras.

— Não. Pra mim parece bom. Vamos ter uma tempestade a qualquer minuto.

Vermelha olhou para as unhas.

— Ótimo. Não seria a mesma coisa se não tivéssemos uma boa tempestade. Tem alguma idéia do quanto ainda temos que viajar?

Preto deu de ombros.

— Algumas centenas de quilômetros.

— Achei que ia ser mais longo. Toda essa espera só para algumas centenas de milhas.

— Não é a viagem — disse Preto. — É a chegada que importa.

Ouviram um rugido do lado de fora. Era o rugido de uma motocicleta com o escapamento defeituoso, o motor desregulado, o carburador vazando. Não era preciso ver a motocicleta para imaginar as nuvens de fumaça preta na qual ela viajava, as manchas de óleo que deixava em seu rastro, a trilha de pequenas peças de motocicleta que entulhavam as estradas por onde ela passava.

Preto foi até o balcão.

— Quatro chás, por favor — disse ele. — Um preto.

A porta do café se abriu. Um rapaz vestido de couro branco empoeirado entrou, e o vento soprou pacotes de batatas fritas vazios, jornais e embalagens de picolés com ele. Esse lixo dançou ao redor de seus pés como crianças agitadas, e então caiu exausto no chão.

- São quatro ao todo, querido? — perguntou a mulher. Ela estava tentando encontrar alguma xícara e colher de chá limpas: tudo o que estava no escorredor subitamente parecia ter sido coberto com uma fina película de óleo de motor e ovo seco.

— Serão — disse o homem de preto, pegando as xícaras de chá e voltando para a mesa, onde seus dois colegas aguardavam.

— Algum sinal dele? — perguntou o garoto de branco.

Balançaram as cabeças.

Uma discussão surgiu ao redor da tela de vídeo (as categorias que a tela mostrava naquele instante eram Guerra, Fome, Poluição, e Trivia Pop 1962-1979)

— Elvis Presley? Só pode ser "C": foi em 1977 que ele morreu, não foi?

— Nada. “D". 1976. Tenho certeza.

— É. No mesmo ano que Bing Crosby.

— E Marc Bolan. Ele era bom pra cacete. Então aperta o "D". Vai.

A figura alta não fez menção de apertar nenhum dos botões.

— O que é que houve? — perguntou Big Ted irritado. — Vai nessa. Aperta o "D". Elvis Presley morreu em 1976.

NÃO ME INTERESSA O QUE DIZ AQUI, disse o motoqueiro alto com capacete. NUNCA PUS OS DEDOS NELE.

Os três na mesa se viraram ao mesmo tempo. Vermelha falou.

— Quando foi que você chegou? — perguntou.

O homem alto caminhou até a mesa, deixando os motoqueiros atônitos e seus prêmios para trás. EU NUNCA FUI EMBORA, disse, e sua voz era um eco negro dos lugares noturnos, uma lápide fria de som, cinza e morto. Se aquela voz fosse uma pedra ela teria palavras gravadas nela há muito tempo: um nome e duas datas.

— Seu chá está ficando frio, senhor — disse Fome.

— Há quanto tempo — disse Guerra.

Houve um clarão de relâmpago, quase imediatamente acompanhado de um trovão baixinho.

— Que tempo ótimo para isso — disse Poluição.

SIM.

Os motoqueiros ao redor do jogo estavam ficando cada vez mais bestificados com aquela conversa. Liderados por Big Ted, foram até a mesa e ficaram olhando para os quatro estranhos.

Não deixaram de notar que todos os quatro estranhos tinham HELL'S ANGELS em suas jaquetas. E pareciam muito diferentes com relação aos Angels: limpos demais, para começar; e nenhum dos quatro parecia ter quebrado o braço de alguém só porque era tarde de domingo e não estava passando nada legal na televisão. E um deles era uma mulher, só que não estava na garupa da moto de ninguém, mas tinha a sua própria, como se tivesse algum direito a isso.

— Então vocês são Hells Angels? — perguntou Big Ted sarcástico. — Se tem uma coisa que verdadeiros Hells Angels não suportam são motoqueiros de fim-de-semana.

Existe uma série de outras coisas que verdadeiros Hells Angels não suportam. Entre elas estão a polícia, sabonete, Ford Cortinas, e, no caso de Big Ted, alicci e azeitonas.

Os quatro estranhos assentiram.

— De que seção vocês são?

O Estranho Alto olhou para Big Ted. Então se levantou. Foi um movimento complicado; se as margens dos mares da noite tivessem espreguiçadeiras, elas se abririam mais ou menos daquele jeito.

Ele parecia estar se desdobrando sem parar.

Usava um capacete escuro que ocultava completamente suas feições. E era feito daquele plástico estranho, reparou Big Ted. Daquele tipo em que você olha e só consegue ver seu próprio rosto refletido.

APOCALIPSE, disse ele. CAPÍTULO SEIS.

— Versículos dois a oito — acrescentou o rapazinho de branco, tentando ajudar.

Big Ted olhou fuzilando para os quatro. Seu maxilar inferior começou a se projetar, e uma pequena veia azul em sua têmpora começou a pulsar.

— O que quer dizer isso? — quis saber.

Alguém puxou sua manga. Era Pigbog. Debaixo da sujeira, ele estava com um tom todo especial de cinza.

— Quer dizer que estamos em apuros — disse.

E então o estranho alto estendeu uma luva de motoqueiro branca e levantou a viseira do capacete, e Big Ted desejou, pela primeira vez em sua existência, ter vivido uma vida melhor.

— Jesus Cristo! — gemeu.

— Acho que Ele vai aparecer num minuto — disse Pigbog com urgência. — Provavelmente está procurando algum lugar para estacionar a moto dele. Vamos nessa, entrar prum grupo jovem ou coisa parecida...

Mas a invencível ignorância de Big Ted era sua proteção. Ele não se moveu.

— Nossa. Anjos do Inferno.

Guerra bateu uma continência preguiçosa para ele.

— Somos nós, Big Ted — disse. — Os legítimos.

Fome concordou.

— Recuse imitações — disse.

Poluição retirou o capacete e sacudiu os cabelos brancos longos. Ele assumira o lugar de Peste, que se aposentara em 1936, resmungando sobre penicilina. Se o velho soubesse as oportunidades que o futuro iria apresentar...

— Outros prometem — disse ele. — Nós cumprimos.

Big Ted olhou para o quarto Cavaleiro.

— Acho que eu já te vi antes — disse. — Você estava na capa do álbum do Blue Oyster Cult. E eu tenho um anel com a sua... a sua... a sua cabeça.

EU ESTOU EM TODA PARTE.

— Nossa. — O grande rosto de Big Ted se franziu com o esforço de pensar. — Que tipo de moto vocês estão usando? — perguntou.

A tempestade ameaçava com violência ao redor da pedreira. A corda com o pneu velho de carro dançava na ventania. Às vezes uma folha de ferro, relíquia de uma tentativa de casa na árvore, se soltava de suas prisões insubstanciais e saía voando.

Os Eles estavam encolhidos uns contra os outros, olhando para Adam. De algum modo ele parecia maior. Sentado, Cão grunhia.

Estava pensando em todos os cheiros que iria perder. Não havia cheiros no Inferno, além do enxofre. Ao passo que alguns deles eram, era... bom, a verdade era que também não havia cadelas no inferno.

Adam marchava de um lado para o outro animado, sacudindo as mãos no ar.

— A gente vai se divertir sem parar — disse ele. — Vamos explorar e fazer de tudo. Eu desconfio de que logo eu vou poder fazer as velhas selvas crescerem novamente.

— Mas... mas que... quem vai fazer, você sabe, quem vai cozinhar, lavar, essas coisas? — perguntou Brian, gaguejando.

— Ninguém vai precisar fazer nada disso — disse Adam. — Vocês vão poder comer tudo o que quiserem, muita batata frita, muito anel de cebola frito, tudo o que quiserem. E nunca mais vão precisar vestir roupas novas, nem tomar banho se não estiverem a fim, nada disso. Nem ir pra escola. Nem fazer nada que não queiram, nunca mais. Vai ser demais!

A lua surgiu sobre as colinas Kookamundi. Ela estava muito brilhante naquela noite.

Johnny Dois Ossos estava sentado na bacia vermelha do deserto. Era um lugar sagrado, onde duas rochas ancestrais, formadas no Tempo dos Sonhos, estavam como sempre haviam estado desde o começo. A peregrinação de Johnny Dois Ossos estava chegando ao fim. Suas faces e seu peito estavam sujos de terra

vermelha, e ele cantava uma antiga canção, uma espécie de mapa cantado das colinas, e estava desenhando padrões na terra com sua lança.

Não comia nem dormia há dois dias. Estava se aproximando de um estado de transe, o que o tornaria um só com o Arbusto, colocando-o em comunhão com seus ancestrais.

Estava quase lá.

Quase...

Piscou os olhos. Olhou ao redor, como uma sensação estranha.

- Com licença, meu caro rapaz – disse a si mesmo, em voz alta, com tons precisos e bem pronunciados. —Mas tem alguma idéia de onde estou ?

— Quem disse isso? — perguntou Johnny Dois Ossos.

Sua boca se abriu.

— Eu.

Johnny se coçou, pensativo.

— Você por acaso é um dos meus ancestrais, companheiro?

— Ah. Sem dúvida, caro rapaz. Sem sombra de dúvida. De certa forma. Agora, voltando à minha pergunta original Onde estou?

— Mas se você é um dos meus ancestrais... — continuou Johnny Dois Ossos. — Por que está falando que nem um fresco?

— Ah. Austrália — disse a boca de Johnny Dois Ossos, pronunciando a palavra como se ela tivesse que ser adequadamente desinfetada antes de ser repetida. — Oh, céus. Bom, obrigado assim mesmo .

— Alô? Alô? — perguntou Johnny Dois Ossos.

Ficou sentado na areia, e esperou, esperou, mas não obteve resposta.

Aziraphale havia continuado seu caminho.

Citron Deux-Chevaux era tonton macoute, um houngan (Mágico ou sacerdote. O vodu é uma religião muito interessante para toda a família, até mesmo para os membros que já morreram) itinerante: levava um patuá a

tiracolo, contendo plantas mágicas, plantas medicinais, pedaços de gato -do-mato, velas pretas, um pó derivado principalmente da pele de um certo peixe seco, uma centopéia morta, meia garrafa de Chivas Regal, dez Rothmans e um exemplar de O Que Rola no Haiti.

Pegou a faca e, com um movimento experiente, cortou a cabeça de um galo preto. Sua mão direita ficou banhada de sangue.

— O Loa me cavalga — entoou. — Gros Bon Ange vem a mim.

— Onde estou? — perguntou.

— Esse é o meu Gros Bon Ange? — perguntou a si mesmo.

— Acho que é uma pergunta muito pessoal — respondeu. —Quero dizer, pra esse tipo de coisa. Mas a gente tenta. A gente deve sempre dar o melhor de si.

Citron percebeu que uma das mãos se dirigia para o galo.

— Que lugarzinho mais sujinho pra cozinhar, não acha? Bem aqui na selva. Está fazendo churrasco? Que tipo de lugar é este?

— Haitiano — respondeu.

— Droga! Não estou nem perto. Mas podia ser pior. Ah, preciso continuar. Seja bom.

E Citron Deux-Chevaux ficou sozinho em sua cabeça.

— Malditos loas — resmungou para si mesmo. Ficou olhando para o nada por algum tempo, e então estendeu a mão para apanhar o patuá e sua garrafa de Chivas Regal. Existem pelo menos duas maneiras de transformar alguém num zumbi. Ele ia escolher a mais fácil.

O mar batia alto nas praias. As palmeiras sacudiam. Uma tempestade estava chegando.

As luzes se acenderam. O Coral Evangélico da Companhia Elétrica (de Nebraska) começou a entoar "Jesus é o Técnico de Consertos na Mesa Telefônica da Minha Vida", e quase conseguiu afogar o som do vento lá fora.

Marvin O. Bagman ajeitou sua gravata, conferiu o sorriso no espelho, deu uma palmadinha na bunda de sua assistente pessoal (Senhorita Candi Kellerhals, pôster central da revista Penthouse três anos antes, edição de julho; mas abandonara essa vida ao encontrar sua Carreira), e entrou no estúdio.

Jesus não vai te cortar antes que sua ligação acabe
Com ele você nunca terá linha cruzada,
E quando a conta chegar ela será discriminada com justiça
Ele é o técnico de consertos na mesa telefônica da minha vida

cantou o coral. Marvin gostava dessa música. Ele próprio a escrevera.

Entre outras canções de sua autoria estavam: "Feliz Senhor Jesus", "Jesus, Posso Entrar e Ficar em Sua Casa?", "Aquela Boa e Velha Cruz", "Jesus é o Adesivo e o Pára-Choque de Minha Alma" e "Quando Estou Pleno da Graça Agarro o Volante da Minha Pick-Up". Elas podiam ser encontradas em Jesus é Meu Camarada (LP, cassete e CD), e eram anunciadas a cada quatro minutos na rede de televisão evangélica de Bagman. (US$12,95 por LP ou cassete, US$24,95 por CD, mas você ganha uma cópia grátis do LP a cada US$500 dólares de donativos à missão de Marvin Bagman).

Apesar do fato de que os versos não rimavam, ou, como regra geral, não faziam qualquer sentido, e que Marvin, que não tinha particularmente nenhum senso musical, havia roubado todas as melodias de velhas canções country, Jesus é Meu Camarada havia vendido quatro milhões de cópias.

Marvin começara sua carreira como cantor country, cantando velhas canções de Conway Twitty e Johnny Cash.

Chegara a fazer regularmente concertos ao vivo da cadeia de San Quentin até que o pessoal dos direitos humanos conseguiu tirá-lo alegando a cláusula de Punição Cruel e Incomum.

Foi então que Marvin entrou para a religião. Não a do tipo silencioso e pessoal, que envolve fazer boas ações e viver uma vida melhor; nem mesmo o tipo que envolve vestir um terno e tocar as campainhas dos outros; mas o tipo que envolve ter sua própria rede de TV e chamar pessoas para lhe dar dinheiro.

Ele havia encontrado o perfeito mix de TV, na Hora de Poder do Marvin ("O show que torna o Fundamentalismo Fundamental"). Quatro músicas de três minutos do LP, vinte minutos de fogo do inferno, e cinco minutos de curas milagrosas. (Os vinte e três minutos restantes eram gastos alternadamente seduzindo, ameaçando, implorando e ocasionalmente simplesmente pedindo dinheiro.) No começo ele realmente precisou levar pessoas para curar no estúdio, mas achara isso complicado demais, portanto hoje em dia ele simplesmente proclamava visões garantidas a ele de telespectadores de toda a América obtendo curas mágicas enquanto assistiam ao programa, isso era muito mais simples: ele não precisava mais contratar atores, e não havia como alguém pudesse conferir sua taxa de acertos.

Marvin poderia ter ficado surpreso se soubesse que realmente havia uma taxa de acertos. Algumas pessoas ficam boas de qualquer coisa.

O mundo é muito mais complicado do que a maioria das pessoas acredita. Muita gente acreditava, por exemplo, que Marvin não era um Crente verdadeiro porque ganhava muito dinheiro com isso. Eles estavam errados. Ele acreditava de todo o coração. Acreditava profundamente, e gastava boa parte do dinheiro que entrava aos borbotões no que realmente achava ser a obra do Senhor.

A linha telefônica do salvador está sempre livre

Ele está a qualquer hora, dia e noite

E quando você liga J-E-S-U-S você sempre pode ligar a cobrar

Ele é o técnico de consertos na mesa telefônica da minha vida

A primeira canção concluída, Marvin caminhou para a frente das câmeras e levantou os braços modesto, pedindo silêncio. Na cabine de controle, o engenheiro de som abaixou a trilha de Aplausos.

— Irmãos e irmãs, obrigado, obrigado, não foi lindo? E lembrem-se, vocês podem ouvir essa canção e outras tão edificantes quanto ela em Jesus é Meu Camarada, é só ligar 1-800-GRANA e faça seu donativo agora.

Assumiu um tom mais sério.

— Irmãos e irmãs, tenho uma mensagem para todos vocês, uma mensagem urgente do nosso Senhor, para todos vocês, homens, mulheres e ninfetinhas, amigos, deixem-me falar a vocês sobre o Apocalipse. Está tudo aí na sua Bíblia, no Apocalipse que nosso Senhor deu a São João em Patmos, e no Livro de Daniel. O Senhor sempre abre o jogo com vocês, amigos: seu futuro. Então, o que vai acontecer?

"Guerra. Peste. Fome. Morte. Rios de sangue. Grandes terremotos. Mísseis nucleares. Tempos horríveis estão chegando, irmãos e irmãs. E só existe um jeito de evitá-los.

"Antes da Destruição chegar — antes que os quatro cavaleiros do apocalipse saiam a cavalgar — antes que os mísseis nucleares chovam sobre as cabeças dos descrentes — haverá O Êxtase.

"O que é o Êxtase? Ouço vocês gritarem.

"Quando o Êxtase chegar, irmãos e irmãs, todos os Verdadeiros Crentes serão carregados no ar — não importa o que estiverem fazendo, podem estar no banho, no trabalho, dirigindo seu carro, ou simplesmente sentados lendo suas Bíblias. Subitamente vocês estarão lá em cima no ar, em corpos perfeitos e incorruptíveis. E estarão no ar, olhando para o mundo lá embaixo quando os anos de destruição chegarem. Somente os fiéis serão salvos, somente aqueles entre vocês que nasceram de novo evitarão a dor, a morte, o horror e as chamas. Então virá a grande guerra entre Céu e Inferno, e o Céu destruirá as forças do Inferno, e Deus enxugará as lágrimas dos sofredores, e não haverá mais mortes,

nem tristeza nem choro nem dor, e ele reinará em glória para sempre e sempre..." Parou, subitamente.

— Ora, bela tentativa — disse, numa voz completamente diferente. —Só que não vai ser bem assim. Realmente não .

"Quero dizer, você está certo quanto à parte do fogo e da guerra, isso tudo. Mas esse negócio de Êxtase —bom, se você pudesse vê-los todos lá no Céu — fileiras cerradas deles até onde a mente pode seguir e além disso, léguas e léguas de nós, espadas flamejantes, tudo isso, bom, o que eu estou tentando dizer é, quem tem tempo de sair pegando pessoas e jogando elas no ar para sacanear as pessoas que estão morrendo de doenças de radiação na terra devastada e em chamas lá embaixo? Se essa é a sua idéia de um momento moralmente aceitável, eu poderia acrescentar.

"E quanto a esse negócio do Céu ganhar inevitavelmente... Bom, para ser honesto, se fosse assim já programadinho, não haveria uma Guerra Celestial em primeiro lugar, haveria? É propaganda. Pura e simples. Não temos mais que uma chance de cinqüenta por cento de chegarmos lá. Você pode também mandar dinheiro para um bolão de apostas satanista para cobrir suas apostas, embora para ser franco quando o fogo cair e os mares de sangue subirem vocês todos vão ser baixas civis no fim das contas. Entre nossa guerra e sua guerra, eles vão matar todos e deixar Deus escolher os justos — certo?

"De qualquer forma, desculpe ficar aqui resmungando, mas eu só tenho uma pergunta rapidinha: onde é que eu estou?"

Marvin O. Bagman estava ficando gradualmente púrpura.

— É o demônio! Deus me proteja! O diabo está falando através de mim! — ele disse subitamente, e se interrompeu, " Ah, não, é o oposto na verdade. Eu sou um anjo. Ah. Isto tem de ser a América, não é? Então desculpe, não posso ficar...".

Pausa. Marvin tentou abrir a boca, mas nada aconteceu. O que quer que estivesse em sua cabeça olhou ao redor. Olhou para a equipe do estúdio, os que

não estavam ligando para a polícia, ou soluçando nos cantos. Olhou para o câmera de rosto cinzento.

—Puxa — disse. —Eu estou na televisão?

Crowley estava dando duzentos quilômetros por hora descendo a Oxford Street.

Meteu a mão no porta-luvas para pegar seu par de óculos de sol de reserva, e só achou fitas cassete. Irritado, pegou uma a esmo e enfiou-a no toca-fitas.

Queria Bach, mas The Travelling Wilburys já quebrava o galho.

Ali we need is, Radio Gagá, cantou Freddie Mercury.

Tudo o que eu preciso é cair fora, pensou Crowley.

Deu a volta no Retorno do Marble Arch pelo lado errado, a duzentos. Um relâmpago fez o céu de Londres piscar como um tubo fluorescente com defeito.

Um céu lívido em Londres, pensou Crowley. E eu sabia que o fim estava perto. Quem havia escrito isso? Chesterton, não era? O único poeta do século vinte que havia chegado perto da Verdade.

O Bentley se dirigiu para fora de Londres enquanto Crowley se recostava no banco do motorista e folheava a cópia chamuscada de As Belas e Precisas Profecias de Agnes Nutter.

Perto do fim do livro, encontrou uma folha de papel dobrada com a bela caligrafia de Aziraphale. Desdobrou-a (enquanto a alavanca de câmbio do Bentley passava sozinha para a terceira e o carro acelerava cortando um caminhão de frutas, que surgira inesperadamente de uma transversal) e tornou a lê-la.

Então leu-a mais uma vez, com uma sensação de afundamento na boca do estômago.

O carro mudou de direção subitamente. Estava agora se dirigindo para o vilarejo de Tadfield, em Oxfordshire. Poderia chegar lá em uma hora se se apressasse.

De qualquer modo, não havia mesmo outro lugar para ir.

Terminada a fita, o rádio do carro foi acionado.

— ... A Hora das Perguntas dos Jardineiros é levada até vocês sob o patrocínio do Clube de Jardinagem de Tadfield. A última vez em que ali estivemos foi em 1953, um verão muito bonito, e, como a equipe irá se lembrar, é uma marga muito rica de Oxfordshire a leste da paróquia, subindo para calcário a oeste, o tipo de lugar que, dizem, não importa o que você plantar, sempre sai bonito. Não é mesmo, Fred?

— É — disse o Professor Fred Windbright, dos Jardins Botânicos Reais. — Eu próprio não teria dito melhor.

— Certo. Primeira pergunta para a equipe, e esta vem do Sr. R. P. Tyler, presidente da Associação dos Moradores do local, creio eu.

— Hrm. Isso mesmo. Bem, sou um criador de rosas, mas minha Molly McGuire, vencedora de vários prêmios, perdeu uns dois botões ontem numa chuva do que era aparentemente peixe. O que a equipe recomenda para isso, além de colocar uma rede sobre o jardim? Quero dizer, já escrevi para a prefeitura...

— Não é um problema comum, eu diria. Harry?

— Sr. Tyler, deixe-me lhe fazer unia pergunta: eram peixes frescos, ou em conserva?

— Frescos, creio eu.

— Bom, meu amigo, então não há problema. Ouvi dizer que vocês também têm tido chuvas de sangue nessa região... e gostaria de ter isso em Dales, onde fica o meu jardim. Iria me poupar uma fortuna em fertilizantes. Agora, o que você tem a fazer é enterrá-los no seu... — CROWLEY?

Crowley não disse nada.

CROWLEY. A GUERRA COMEÇOU, CROWLEY. É COM INTERESSE QUE NOTAMOS QUE VOCÊ EVITOU AS FORÇAS QUE MOBILIZAMOS PARA COLETÁ-LO.

— Mm — concordou Crowley.

CROWLEY... NÓS VAMOS GANHAR ESTA GUERRA. MAS, MESMO QUE PERCAMOS, PELO MENOS COM RELAÇÃO A VOCÊ, NÃO VAI FAZER A MENOR DIFERENÇA. POIS ENQUANTO EXISTIR UM DEMÔNIO NO INFERNO, CROWLEY, VOCÊ VAI DESEJAR TER SIDO CRIADO MORTAL. Crowley ficou quieto.

MORTAIS PODEM TER ESPERANÇA DE MORRER, OU DE CONSEGUIR REDENÇÃO. VOCÊ NÃO PODE ESPERAR NADA. VOCÊ SÓ PODE ESPERAR A MISERICÓRDIA DO INFERNO.

— É?

BRINCADEIRINHA.

— Ngk — disse Crowley.

— ... agora, como os jardineiros amadores sabem, nem é preciso dizer que seu tibetano é um menino muito mau. Cavar túneis bem debaixo de suas begônias como se isso fosse natural. Uma xícara de chá vai cuidar dele, junto com um pouco de manteiga de iaque rançosa, que é de sua preferência: provavelmente você conseguirá um pouco em qualquer boa Io...

Ziiim. Zóóóóin. Pop. O resto do programa foi afogado em estática.

Crowley desligou o rádio e mordeu o lábio inferior. Por sob as cinzas e a fuligem que sujavam seu rosto, ele parecia muito cansado, muito pálido e muito apavorado.

E, subitamente, muito zangado. Era o jeito como falavam com ele. Como se fosse uma planta que tivesse começado a deixar as folhas caírem no carpete.

E então fez uma curva, que deveria levá-lo para a estrada M25, de onde iria para a M40, até Oxfordshire.

Mas alguma coisa havia acontecido com a M25. Alguma coisa que feria seus olhos se você olhasse direto para ela.

Do que outrora fora a Rodovia Marginal M25, de Londres, vinha um cântico baixo, um ruído formado por muitas fontes: buzinas de carros, motores, sirenes

e o bip de telefones celulares, e o grito de criancinhas aprisionadas para sempre nos cintos de segurança dos bancos traseiros. "Salve a Grande Besta, o Devorador de Mundos", vinha o cântico, repetidas vezes, na língua secreta da irmandade Negra da antiga Um.

O temido símbolo Odegra, pensou Crowley, enquanto fazia a curva, partindo para a Circular Norte. Eu fiz isso: a culpa é minha. Ela podia ser apenas mais uma rodovia. Um bom trabalho, isso eu garanto, mas será que valeu a pena mesmo? Ele fugiu completamente do controle. Céu e Inferno não estão mais dirigindo o espetáculo, é como se todo o planeta fosse um país do Terceiro Mundo que finalmente tivesse conseguido a Bomba...

Então começou a sorrir. Estalou os dedos. Um par de óculos escuros se materializou diante de seus olhos. As cinzas de seu terno e sua pele desapareceram.

Que diabos. Se você tem que ir, por que não ir com estilo?

Assoviando baixinho, ele prosseguiu.

Eles vieram descendo a pista externa da rodovia como anjos destruidores, o que era uma imagem bastante justa.

Pensando bem, eles não estavam indo tão rápido. Os quatro mantinham 168 km/h constantes, como se estivessem confiantes de que o show não poderia começar antes que chegassem. Não podia. Tinham todo o tempo do mundo, portanto.

Logo atrás deles vinham outros quatro motoqueiros: Big Ted, Greaser, Pigbog e Skuzz.

Estavam maravilhados. Agora sim, eles era Hell's Angels de verdade, e dirigiam em silêncio.

Sabiam que ao seu redor estava o rugido do trovão, o trovão do tráfego, o chicotear do vento e da chuva. Mas no rastro dos Cavaleiros havia o silêncio, puro e morto. Quase puro, de qualquer forma. Morto, certamente.

E que foi quebrado por Pigbog, gritando com Big Ted.

— O que é que você vai fazer, então? — perguntou, a voz rouca.

— O quê?

— Eu perguntei o que você...

— Eu ouvi o que você disse. Não foi isso. Todo mundo ouviu o que você disse. Eu quero saber o que foi que você quis dizer.

Pigbog queria ter prestado mais atenção no Livro do Apocalipse.

Se ele tivesse sabido que ia estar dentro dele, teria lido com mais atenção.

— O que eu quero dizer é, eles são mesmo os Quatro Cavaleiros do Apocalipse, certo?

— Motoqueiros — disse Greaser.

— Tudo bem. Quatro Motoqueiros do Apocalipse. Guerra, Fome, Morte e... e o outro. Poluição.

— Sim? E daí?

— Então eles disseram que tudo bem se a gente fosse com eles, certo?

— E daí?

— Então nós somos os outros Quatro Cava... hm, Motoqueiros do Apocalipse. Então quais nós somos?

Fizeram uma pausa. Os faróis dos carros que passavam disparavam por eles na pista oposta, os relâmpagos deixavam imagens persistentes nas nuvens e o silêncio estava próximo do absoluto.

— Posso ser Guerra também? — perguntou Big Ted.

— Claro que não. Como é que você pode ser Guerra? Ela é Guerra. Você tem que ser alguma coisa diferente.

Big Ted fez uma careta com o esforço de pensar.

— DCA. — acabou dizendo. — Sou Dano Corporal Agudo. Sou eu. Pronto. E você, vai ser o quê?

— Posso ser Lixo? — perguntou Skuzz. — Ou Problemas Pessoais Embaraçosos?

— Lixo não — disse DCA. — O Poluição já inclui isso. Mas o outro pode.

Continuaram dirigindo em silêncio e na escuridão, as lanternas traseiras vermelhas dos Quatro a poucas centenas de metros a frente deles.

Dano Corporal Agudo, Problemas Pessoais Embaraçosos, Pigbog e Greaser.

— Eu quero ser Crueldade com Animais — disse Greaser. Pigbog ficou pensando se era contra ou a favor disso. Não que fizesse alguma diferença.

E depois foi a vez de Pigbog.

— Eu, ahn... Acho que vou ser secretária eletrônica. Elas são muito ruins — disse.

— Você não pode ser secretária eletrônica. Que tipo de Motoqueiro do Apocalipse é uma secretária eletrônica? Isso é idiotice.

— Não é não! — disse Pigbog, magoado. — É que nem Guerra, Fome, essas coisas. É um problema da vida, não é? Secretárias eletrônicas. Eu detesto essas malditas secretárias eletrônicas.

— Eu também odeio secretárias eletrônicas — disse Crueldade com Animais.

— Pode calar a boca — disse D.CA.

— Posso mudar o meu? — perguntou Problemas Pessoais Embaraçosos, que continuara pensando bastante desde a última vez em que falou. — Eu quero ser Coisas Que Não Funcionam Direito Mesmo Depois Que Você Deu um Chute Nelas.

— Tudo bem, você pode mudar. Mas não pode ser secretária eletrônica, Pigbog. Escolhe outra coisa.

Pigbog ponderou. Desejou nunca ter trazido o assunto à tona. Era como as entrevistas de orientação vocacional que fizera na escola. Deliberou.

— Pessoas modernosas — disse finalmente. — Odeio elas.

— Pessoas modernosas — disse Coisas Que Não Funcionam Direito Mesmo Depois Que Você Deu um Chute Nelas.

— É. Você sabe. O tipo que aparece na televisão, com cabelos idiotas, só que não parecem idiotas porque são eles. Usam ternos folgados, e você não pode dizer que são um bando de babacas. Quero dizer, falando por mim, que o

que eu sempre quero fazer quando vejo um deles é empurrar as caras deles bem devagar por uma cerca de arame farpado. E o que eu acho é isso. — Respirou fundo. Tinha certeza de que aquele era o mais longo discurso que já fizera na vida, com a exceção de um feito dez anos antes, pedindo a clemência do tribunal.

— O que eu acho é isso. Se eles já enchem o meu saco, provavelmente vão encher o de todo mundo.

— E — disse Crueldade com Animais. — E todos usam óculos de sol até quando não precisam.

— Comem queijo fedorento, e aquela Cerveja Sem Álcool idiota — disse Coisas Que Não Funcionam Direito Mesmo Depois Que Você Deu um Chute Nelas. — Odeio essas coisas. Pra que beber a coisa se você não fica com vontade de vomitar? Olha, acabei de pensar. Posso mudar de novo, pra Cerveja Sem Álcool?

— Não pode não, porra — disse D.CA. — Você já mudou uma vez.

— Tanto faz — disse Pigbog. — Por isso eu quero ser Pessoas Modernosas.

— Tudo bem — disse o líder.

— Não vejo por que é que eu não posso ser a merda da Cerveja Sem Álcool se quiser.

— Cala essa boca.

Morte, Fome, Guerra e Poluição continuavam a seguir em direção a Tadfield.

E DCA., Crueldade com Animais, Coisas Que Não Funcionam Direito Mesmo Depois Que Você Deu um Chute Nelas Mas Secretamente Cerveja Sem Álcool e Pessoas Modernosas viajavam com eles.

Era uma tarde de sábado molhada e trovejante, e Madame Tracy estava se sentindo muito oculta.

Colocara seu vestido esvoaçante, e uma panela cheia de couve-de-bruxelas no fogão. O aposento foi iluminado por luzes de velas, cada vela cuidadosamente colocada numa garrafa de vinho coberta de cera nos quatro cantos de sua sala de espera.

Havia outras três pessoas em sua sessão. A Sra. Ormerod de Belsize Park, usando um chapéu verde-escuro que poderia ter sido um vaso de flores numa vida passada; o Sr. Scroggie, magro e pálido, com olhos baços e arregalados; e Julia Petley, do Hair Today, Ex A Cut Above The Rest, ex Mane Attraction, ex Curl Up and Dye, ex A Snip At the Price, ex Mister Brian's Art-de-Coiffeur, ex Barbeiro Robinson, ex Fone-a-Car Táxis, o salão de cabeleireiros da High Street, recém-saída da escola e convencida de que ela própria tinha um lado oculto não-explorado. Para ampliar seus aspectos ocultos, Julia havia começado a usar muita jóia de prata feita à mão e sombra verde nos olhos. Achava que parecia elegante e romântica, e de fato seria se perdesse mais uns quinze quilos. Estava convencida de que estava com anorexia, porque toda vez que se olhava no espelho via uma pessoa gorda.

— Podem dar as mãos? — perguntou Madame Tracy. — E precisamos ter silêncio completo. O mundo espiritual é muito sensível às vibrações.

— Pergunte se meu Ron está lá — disse a Sra. Ormerod. Tinha um queixo igual a um tijolo.

— Vou perguntar, amor, mas você precisa ficar quieta enquanto faço contato.

Todos ficaram em silêncio, interrompido apenas pelo ronco do estômago do Sr. Scroggie.

— Perdão, senhoras — murmurou.

Madame Tracy havia descoberto, depois de anos de Abrir o Véu e Explorar os Mistérios, que dois minutos era a medida certa de tempo para ficar sentada em silêncio, esperando que o Mundo dos Espíritos fizesse contato. Mais que isso e

eles ficavam inquietos, menos e achavam que o dinheiro gasto não estava valendo a pena.

Enquanto isso, fez a lista de compras mentalmente.

Ovos. Repolho. Trinta gramas de queijo para cozinhar. Quatro tomates. Manteiga. Rolo de papel higiênico. Não podemos nos esquecer disso, está quase acabando. E uma peça realmente boa de fígado para o Sr. Shadwell, coitadinho, que vergonha...

Tempo.

Madame Tracy jogou a cabeça para trás, deixou-a pender sobre um ombro, então tornou a erguê-la lentamente. Seus olhos estavam quase fechados.

— Ela está descendo agora, querida — ouviu a Sra. Ormerod sussurrar para Julia Petley. — Não se assuste. Ela só está fazendo uma Ponte para o Outro Lado. Seu guia espiritual chegará logo.

Madame Tracy percebeu que ficou um tanto irritada quando a outra lhe roubou a cena, e soltou um gemido baixinho.

— Ooooooooh.

Então, numa voz aguda e trêmula:

— Você está aí, meu Guia Espiritual?

Esperou um pouquinho, para deixar o suspense aumentar. Detergente. Duas latas de ervilhas. Ah, e batatas.

— Ráu? — disse ela, numa voz meio mestiça.

— E você, Gerônimo? — perguntou a si mesma.

— Sou eu, ráu! — respondeu ela.

— Temos um novo membro do círculo conosco esta tarde — disse ela.

— Ráu, Srta. Petley? — disse, como Gerônimo. Sempre compreendera que guias espirituais indígenas americanos eram uma peça essencial, e até que gostava do nome. Uma vez explicara isso a Newt. Não sabia nada sobre Gerônimo, ele percebeu, e não teve coragem de dizer isso a ela.

— Oh. — Julia soltou um gritinho. — Prazer em conhecer.

— Meu Ron está aí, Gerônimo? — perguntou a Sra. Ormerod.

— Ráu, squaw Beryl — disse Madame Tracy. — Ê, tem tanta um alma coitada aqui um fazendo fila um na porta da minha cabana. Talvez seu Ron esteja entre elas. Ráu.

Madame Tracy aprendera sua lição anos atrás, e agora nunca trazia Ron até perto do fim. Se não fizesse isso, Beryl Ormerod ocuparia o resto da sessão contando ao falecido Ron Ormerod tudo o que lhe acontecera desde o papinho anterior, ("...lembra, Ron, da menorzinha do nosso Eric, a Sybilla? Bom, você não a reconheceria agora, ela está fazendo macramê, e a nossa Letícia, sabe, a mais velha da nossa Karen, virou lésbica mas tudo bem, hoje em dia é assim mesmo, e está fazendo uma dissertação sobre os filmes do Sérgio Leone vistos de uma perspectiva feminista, e nosso Stan, sabe, o gêmeo da nossa Sandra, eu te falei dele da última vez, bom, ele ganhou o concurso de dardos, o que é ótimo porque nós todos achávamos que ele era meio filhinho de mamãe, enquanto que a calha de cima do galpão se soltou, mas falei com o novo namorado da nossa Cindi, que trabalha em construções, e ele vai dar um pulo pra ver no domingo, e ahh, agora me lembrei...")

Não, Beryl Ormerod podia esperar. Ouviram um raio, seguido quase imediatamente do rugido de um trovão distante. Madame Tracy sentiu-se muito orgulhosa, como se ela própria tivesse sido a responsável. Era ainda melhor do que as velas para criar um ambulante. Mediunidade dependia disso, de você saber criar um ambulante.

— Agora — disse Madame Tracy em sua própria voz — o Sr. Gerônimo gostaria de saber se tem alguém com o nome de Sr. Scroggie?

— Os olhos aquosos de Scroggie brilharam.

— Hmm, na verdade é o meu nome — disse, esperançoso.

— Certo, tem alguém aqui pro senhor. — O Sr. Scroggie ia lá havia um mês, e ela não fora capaz de pensar numa mensagem para ele. Sua vez havia chegado. — Conhece alguém chamado, hm, John?

— Não — disse o Sr. Scroggie.

— Bom, está havendo um pouco de interferência celestial aqui. O nome pode ser Tom. Ou Jim. Ou, hm, Dave.

— Eu conhecia um Dave quando morava em Hemel Hempstead — disse o Sr. Scroggie, um pouco desconfiado.

— Sim, ele está dizendo, Hemel Hempstead, é isso o que ele está dizendo — disse Madame Tracy.

— Mas encontrei com ele semana passada, levando o cachorro pra passear, e parecia perfeitamente saudável.

— Ele diz para não se preocupar, e está mais feliz do outro lado do véu — apressou-se Madame Tracy, que sempre achava melhor dar boas notícias aos seus clientes.

— Diga ao meu Ron que preciso falar com ele sobre o casamento da nossa Krystal — disse a Sra. Ormerod.

— Direi, amor. Agora, espere um instante, tem alguma coisa vindo...

E então alguma coisa veio. Sentou-se na cabeça de Madame Tracy e esticou a cabeça para fora.

— Sprechen sie Deutsch? — perguntou, usando a boca de Madame Tracy. — Parles-vous Français? Wo bu hui jiang zhong-zuen?

— É você, Ron? — perguntou a Sra. Ormerod. A resposta, quando veio, foi um tanto grosseira.

— Não. Definitivamente não. Entretanto, uma pergunta tão ostensivamente besta só poderia ter sido feita num único país deste bendito planeta... a maior parte do qual, por acaso, visitei durante as últimas horas. Cara senhora, eu não sou o Ron.

— Bom, eu quero falar com Ron Ormerod — disse a Sra. Ormerod, um pouco grosseira. — Ele é meio baixinho e meio careca. Pode colocá-lo para falar comigo, por favor?

Houve uma pausa.

— Na verdade, parece que tem um espírito com essa descrição flutuando por aqui. Muito bem. Vou passá-lo pra você, mas seja breve. Estou tentando evitar o apocalipse.

A Sra. Ormerod e o Sr. Scroggie olharam um para o outro. Nada parecido havia acontecido nas sessões anteriores de Madame Tracy. Julia Petley estava enfeitiçada. Aquilo sim era o que ela esperava. Torceu para que Madame Tracy começasse a apresentar alguma manifestação ectoplásmica em seguida.

— A-alô? — perguntou Madame Tracy com outra voz. A Sra. Ormerod tomou um susto. Parecia exatamente com Ron. Em ocasiões anteriores, a voz de Ron ficara muito parecida com a de Madame Tracy.

— Ron, é você?

— Sou, Be-Beryl.

— Certo. Tenho muita coisa pra te contar. Pra começar, eu fui ao casamento da nossa Krystal, sábado passado, o mais velho da nossa Marilyn...

— Be-Beryl. Vo-você nu-nunca me deixou fa-falar uma pa-pala-vra enq-enquanto eu esta-tava vivo. Ago-gora que eu esto-tou morto, só tem uma co-coisa que eu que-quero di-dizer...

Beryl Ormerod ficou um pouco perturbada com aquilo tudo. Das outras vezes em que Ron havia se manifestado, ele lhe dissera que estava mais feliz além do véu, e vivia num lugar que mais parecia um bangalô celestial. Agora ele soava como Ron, e ela não tinha certeza de que era isso que ela queria. E disse o que sempre dizia ao seu marido quando ele começava a falar com ela naquele tom de voz.

— Ron, cuidado com o coração.

— Eu nã-não te-tenho ma-mais co-coração. Le-lembra? Ma mas, Be-Beryl...?

— Sim, Ron.

— Ca-cale a bo-boca — e o espírito desapareceu. —Não foi comovente? Certo, agora, muito obrigado, senhoras e senhores, lamento, mas tenho que continuar.

Madame Tracy se levantou, foi até a porta e acendeu as luzes.

— Fora! — disse.

Seus fregueses se levantaram, completamente confusos, e, no caso da Sra. Ormerod, ultrajados, e saíram porta afora.

— Me aguarde, Marjorie Potts — sibilou a Sra. Ormerod, apertando a bolsa ao peito, e bateu a porta.

Então sua voz abafada ecoou:

— E pode dizer ao nosso Ron para me aguardar também!

Madame Tracy (e o nome na sua licença de motorista válida apenas para lambretas era de fato Marjorie Potts) foi até a cozinha e desligou o fogo das couves.

Pôs a chaleira no fogo. Fez um bule de chá para si. Sentou-se à mesa da cozinha, tirou duas xícaras, encheu ambas. Colocou dois torrões de açúcar numa delas. Então parou.

— Para mim sem açúcar, por favor — disse Madame Tracy.

Alinhou as xícaras na mesa à sua frente, e tomou um longo gole do chá com açúcar.

— Agora — disse ela, numa voz que qualquer um que a conhecesse teria reconhecido como sua própria, embora pudessem não ter reconhecido seu tom de voz, que estava frio de ódio. — Que tal me dizer do que se trata isto tudo? E é melhor que seja bom.

Um caminhão descarregou sua carga por toda a M6. De acordo com sua fatura, o caminhão estava cheio de folhas de ferro corrugado, embora os dois patrulheiros da polícia estivessem com dificuldades em aceitar isso.

— O que eu quero saber é: de onde veio todo esse peixe? — perguntou o sargento.

— Eu já disse. Caíram do céu. Num minuto eu estava dirigindo a noventa, no instante seguinte, catapimba! Um salmão de seis quilos arrebentou o pára-brisa. Então eu estaciono no acostamento, e escorrego nisto — apontou para os restos de um tubarão-martelo debaixo do caminhão — e caí em cima disto. — O isto era uma pilha de dez metros de peixes, de diferentes tipos e tamanhos.

— O senhor andou bebendo? — perguntou o sargento, com poucas esperanças.

— Claro que não andei bebendo, sua besta. Você também está vendo o peixe, não está?

No topo da pilha, um polvo grande acenou para eles com um tentáculo lânguido. O sargento resistiu à tentação de acenar de volta.

O delegado inclinou-se sobre o carro de polícia, falando com o rádio.

— ... ferro corrugado e peixe, bloqueando a M6 na direção sul a cerca de oitocentos metros da encruzilhada dez. Vamos ter que fechar a pista sul inteira. É.

A chuva redobrou de intensidade. Uma pequena truta, que sobrevivera à queda por milagre, começou a nadar animada na direção de Birmingham.

— Foi maravilhoso — disse Newt.

— Ótimo — disse Anathema. — A terra se moveu para todos. — Levantou-se do chão, deixando as roupas espalhadas pelo tapete, e foi para o banheiro.

Newt levantou a voz.

— Quero dizer, foi maravilhoso mesmo. Maravilhoso mesmo. Eu sempre esperei que fosse, e foi.

Ouviu o som de água corrente.

— O que está fazendo? — perguntou.

— Tomando um banho.

— Ah. — Ele ficou se perguntando se todo mundo tinha que tomar banho depois, ou se eram só as mulheres. E tinha uma leve suspeita de que os bidês tinham alguma coisa a ver com isso.

— Tenho uma sugestão — disse Newt, quando Anathema saiu do banheiro enrolada numa toalha rosa felpuda. — Vamos fazer de novo?

— Não senhor — disse ela. — Agora não. — Terminou de se enxugar, e começou a pegar as roupas do chão, e, meio sem se dar conta, vesti-las. Newt, um homem que estava preparado para esperar meia hora por um cubículo para trocar de roupa nos trocadores das praias, em vez de encarar a possibilidade de ter de se despir na frente de outro ser humano, ficou vagamente chocado e muito excitado.

Pedaços dela continuavam aparecendo e desaparecendo, como as mãos de um mágico; Newt continuava tentando contar seus mamilos e falhando, embora não se importasse nem um pouco com isso.

— Por que não? — perguntou. Estava para ressaltar que não precisavam demorar muito, mas uma voz interior aconselhou-o a não dizer isso. Estava amadurecendo rápido demais em muito pouco tempo.

Anathema deu de ombros, o que não é muito fácil de se fazer quando você está vestindo uma saia preta de um bom tamanho pela cabeça.

— Ela disse que a gente só fez isso uma vez.

Newt abriu a boca duas ou três vezes, e então disse:

— Ela não disse isso. Não disse porra nenhuma. Não poderia ter previsto isso. Não acredito.

Anathema, inteiramente vestida, foi até o índice de fichas, puxou uma e entregou-a a ele.

Newt leu-a, ficou vermelho e devolveu-a, pianinho.

Não era simplesmente o fato de que Agnes soubera e expressara no mais transparente dos códigos. Era que, ao longo dos séculos, vários Devices haviam rabiscado comentários encorajadores nas margens.

Ela lhe passou a toalha molhada.

— Aqui — disse. — Rápido, preciso fazer os sanduíches, e temos que nos apressar.

Ele olhou para a toalha.

— Pra que isto?

— Seu banho.

Ah. Então era uma coisa que tanto homens quanto mulheres faziam. Ficou feliz por ter descoberto sozinho.

— Mas vai ter que se apressar — disse ela.

— Por quê? Temos que sair daqui nos próximos dez minutos antes que o edifício vá pelos ares?

— Ah, não. Temos umas duas horas. É que eu usei a maior parte da água quente. Você está com o cabelo cheio de reboco.

A tempestade jogou uma última rajada de chuva ao redor de Jasmine Cottage, e, segurando a toalha rosa molhada, não mais felpuda, à sua frente, estrategicamente, Newt saiu de fininho para tomar um banho frio.

No sonho de Shadwell, ele está flutuando bem alto sobre o gramado de um vilarejo. No centro do gramado está uma pilha enorme de madeira e galhos secos. No centro da pilha, uma estaca de madeira. Homens, mulheres e crianças estão em pé ao redor, olhos brilhando, faces rosadas, cheios de animação e expectativa.

Uma súbita comoção: dez homens atravessam o gramado, levando uma bela mulher de meia-idade; ela devia ter sido realmente linda na juventude, e a palavra “vivaz” penetra na mente adormecida de Shadwell À sua frente caminha o Recruta Caçador de Bruxas Newton Pulsifer. Não, não é Newt. O homem é mais velho e está vestido de couro preto. Shadwell reconhece com aprovação o uniforme antigo de um Major Caçador de Bruxas.

A mulher sobe na pira, coloca as mãos para trás e é atada à estaca. A pira é acesa. Ela fala para a multidão, diz alguma coisa, mas Shadwell está alto demais para ouvir o que é. A multidão chega mais perto dela.

Uma bruxa, pensa Shadwell Estão queimando uma bruxa. Isso lhe dá uma sensação de bem-estar. Aquele era o jeito certo das coisas. Assim era que as coisas deveriam ser.

Só que...

Ela olha diretamente para ele agora e diz:

— Isso vale para você também, seu velho tolo.

Só que ela vai morrer. Ela vai morrer queimada. E, Shadwell percebe em seu sonho, é um jeito horrível de se morrer.

As chamas lambem mais alto.

E a mulher olha para cima. Ela está olhando direto para ele, mesmo estando invisível E ela está sorrindo.

E então tudo explode.

Um som de trovão.

Isto foi um trovão, pensou Shadwell ao acordar, com a sensação inconfundível de que alguém ainda estava olhando para ele.

Abriu os olhos, e treze olhos de vidro o encararam das várias prateleiras do quarto de Madame Tracy, vindos de uma variedade de rostos de pelúcia.

Desviou o olhar e deu com os olhos de alguém que o encarava intensamente. Era ele próprio.

Argh, pensou aterrorizado, estou tendo uma daquelas experiências de fora do corpo, estou me vendo, agora é que eu morri mesmo...

Deu braçadas frenéticas num esforço para alcançar seu próprio corpo e então, como costuma acontecer, as perspectivas se encaixaram.

Shadwell relaxou, e se perguntou por que alguém iria querer colocar um espelho no teto do quarto. Balançou a cabeça, surpreso.

Desceu da cama, calçou as botinas e se levantou, desconfiado. Tinha alguma coisa faltando. Um cigarro. Meteu as mãos no fundo dos bolsos, tirou uma latinha e começou a enrolar um cigarro.

Ele estivera sonhando, sabia agora. Shadwell não se lembrava do sonho, mas ele o fizera se sentir desconfortável, fosse o que fosse.

Acendeu o cigarro. E viu sua mão direita: a arma definitiva. A arma do juízo final. Apontou um dedo para o ursinho caolho sobre a lareira.

— Bang — fez, e deu um risinho sem prática. Não estava acostumado a dar risinhos, e começou a tossir, o que queria dizer que estava de volta a um território que lhe era familiar. Queria algo para beber. Uma doce lata de leite condensado.

Madame Tracy devia ter alguma. Saiu do quarto dela e foi até a cozinha.

Parou do lado de fora da cozinha minúscula. Ela estava conversando com alguém. Um homem.

— Então, o que exatamente você quer que eu faça a respeito? — ela estava perguntando.

— Ach, a dama-da-noite — resmungou Shadwell. Obviamente um de seus fregueses estava lá.

— Para ser franco, cara senhora, meus planos a esta altura são, por força das circunstâncias, um tanto fluidos.

O sangue de Shadwell gelou. Ele marchou por entre as contas da cortina, gritando:

— Os pecados de Sodoma e Gomorra! Tirando vantagem de uma prostituta indefesa! Só por cima do meu cadáver!

Madame Tracy levantou a cabeça e sorriu para ele. Não havia mais ninguém no aposento.

— Cadê ele? — perguntou Shadwell.

— Quem? — perguntou Madame Tracy.

— Uma bicha do sul — disse ele. — Eu ouvi. Estava aqui, sugerindo coisas para você. Eu ouvi.

A boca de Madame Tracy se abriu e uma voz disse:

— Não só uma bicha do sul, Sargento Shadwell. A bicha do sul.

Shadwell deixou cair o cigarro. Esticou o braço, que tremia ligeiramente, e apontou sua mão para Madame Tracy.

— Demônio — falou, a voz esganiçada.

— Não — disse Madame Tracy, com a voz do demônio. — Eu sei o que você está pensando, Sargento Shadwell Está pensando que a qualquer instante esta cabeça vai começar a girar em torno do pescoço, e eu vou começar a vomitar sopa de ervilhas. Bom, não vou não. Não sou demônio. E eu gostaria que escutasse o que tenho a dizer.

— Cale-se, filho do demônio — ordenou Shadwell. — Não vou escutar tuas mentiras malignas. Sabe o que é isto? É uma mão. Quatro dedos. Um polegar. Ela já exorcizou um de vocês esta manhã. Agora saia da cabeça desta boa mulher, ou vou mandar você pra lá do juízo final.

— Este é o problema, Sr. Shadwell — disse Madame Tracy com sua própria voz. — O juízo final. Está chegando. Este é o problema. O Sr. Aziraphale estava me contando tudo a respeito. Agora pare de ser um velho bobo, Sr. Shadwell, sente-se e tome um pouco de chá, e ele vai explicar tudo para o senhor também.

— Não vou escutar as afirmações demoníacas dele, mulher — disse Shadwell.

Madame Tracy sorriu para ele.

— Seu velho bobo — disse.

Ele teria suportado qualquer outra coisa.

Sentou-se.

Mas não abaixou a mão.

As placas na estrada anunciavam que a rodovia no sentido sul estava fechada, e uma pequena floresta de cones cor de laranja havia surgido,

redirecionando os motoristas para uma pista improvisada no sentido norte da rodovia. Outras placas indicavam que os motoristas deveriam reduzir para cinqüenta quilômetros por hora. Carros de polícia conduziam os motoristas como cães pastores com luzes vermelhas no alto.

Os quatro motoqueiros ignoraram todos os sinais, cones e carros de polícia, e continuaram a descer a rodovia M6 vazia no sentido sul. Os outros quatro motoqueiros, logo atrás deles, reduziram um pouco.

— Será que a gente não devia, ahn, parar ou outra coisa? — perguntou Gente Realmente Modernosa.

— É. Pode ser um engarrafamento — disse Pisando em Cocô de Cachorro (ex-Todos os Estrangeiros Especialmente os Franceses, ex-Coisas que Não funcionam Direito Nem Quando Você Dá Um Bom Chute Nelas, que nunca chegou mesmo a ser Cerveja Sem Álcool, rapidamente Problemas Pessoais Embaraçosos, antes conhecido como Skuzz).

— Nós somos os outros Quatro Cavaleiros do Apocalipse — disse DCA. — Nós fazemos o que eles fazem. Nós seguimos.

Seguiram para o sul.

Vai ser um mundo só pra nós — disse Adam. — Tudo já foi estragado por outras pessoas, mas nós podemos nos libertar de tudo e começar de novo. Não vai ser ótimo?

— Você está, espero, familiarizado com o Livro do Apocalipse ? — perguntou Madame Tracy com a voz de Aziraphale.

— Estou — disse Shadwell, que não estava. Sua experiência bíblica começava e terminava no Êxodo, capítulo vinte e dois, versículo dezessete, que tinha a ver com Bruxas e não deixá-las viver.

Uma vez ele chegara a dar uma olhada de relance no versículo dezoito, que falava de condenar à morte pessoas que se deitassem com animais, mas sentiu que aquilo estava um tanto fora de sua alçada.

— Então ouviu falar do Anticristo?

— Ouvi — disse Shadwell, que certa vez vira um filme que explicava isso tudo. Alguma coisa sobre placas de vidro caindo de caminhões e decepando cabeças de pessoas, se não estava enganado. Nenhuma bruxa de verdade. Dormira no meio.

— O Anticristo está vivo na terra neste instante, Sargento. Ele está providenciando o Armagedon, o Dia do Juízo Final, ainda que ele próprio não saiba. Céu e Inferno estão se preparando para a guerra, e vai ser uma confusão muito grande.

Shadwell limitou-se a grunhir.

— Não tenho permissão de agir diretamente nesta questão, Sargento. Mas tenho certeza de que você pode ver que a destruição iminente do mundo é algo que nenhum homem sensato permitiria. Estou certo?

— Sim. Acho que sim — disse Shadwell, sugando leite condensando de uma latinha enferrujada que Madame Tracy descobrira debaixo da pia.

— Então só há uma coisa a ser feita. E você é o único homem em que posso confiar. O Anticristo deve ser morto, Sargento Shadwell. E você deve fazer isso.

Shadwell franziu a testa.

— Não sei não. O exército dos caçadores de bruxas só mata bruxas. É uma das regras. E demônios e diabretes, claro.

— Mas, mas o Anticristo é mais do que simplesmente uma bruxa. Ele... ele é O bruxo. Ele tem mais bruxarias do que você pode imaginar.

— Ele seria mais difícil de se livrar do que, digamos, um demônio? — perguntou Shadwell, que havia começado a se animar.

— Não muito mais — disse Aziraphale, que nunca fizera outra coisa para se livrar de demônios que não dar a entender com muita veemência que ele, Aziraphale, tinha trabalho a fazer e estava ficando tarde, não estava? E Crowley sempre entendera a indireta.

Shadwell olhou sua mão direita e sorriu. Então hesitou.

— Esse Anticristo... Quantos mamilos ele tem?

Os fins justificam os meios, pensou Aziraphale. E de boas intenções a estrada que leva ao Inferno está cheia. (NOTA: Não é bem verdade. A estrada que leva ao Inferno está mais do que cheia: está pavimentada com vendedores, dos que batem de porta em porta. Nos fins de semana, muitos demônios mais novos saem patinando sobre eles).

E mentiu animado e convincente:

— Milhares. Potes deles. Seu peito está coberto de mamilos: ele faz Diana de Éfeso parecer positivamente despeitada.

— Não conheço essa sua Diana — disse Shadwell. — Mas se ele é um bruxo, e me parece que ele é, então, falando como um sargento do ECB, eu aceito.

— Ótimo — disse Aziraphale por intermédio de Madame Tracy.

— Quanto a esse negócio de matar, não sei não — disse a própria Madame Tracy. — Mas se é esse homem, esse Anticristo, ou todo o resto, então acho que realmente não temos muita escolha.

— Exato, cara senhora — respondeu ela. — Agora, Sargento Shadwell. O senhor tem uma arma?

Shadwell esfregou a mão direita com a esquerda, abrindo a fechando o punho.

— Tenho. Tenho isto. — E levou dois dedos aos lábios e soprou suavemente neles.

Pausa.

— Sua mão?

— Sim. É uma arma terrível. Foi para você, filho do demônio, não foi?

— Você não tem algo mais, ahnn substancial? Que tal a Adaga Dourada de Meggido? Ou o Shiv de Kali?

Shadwell balançou a cabeça.

— Tenho alguns alfinetes — sugeriu. — E o mosquete Thundergun do Coronel Caçador de Bruxas Não-Comerás-Qualquer-Coisa-Viva-Com-o-Sangue-Nem-Usarás-Encantamentos-Nem-Observará-os-Tempos Dalrymple... Posso colocar balas de prata nele.

— Acredito que isso seja para lobisomens — disse Aziraphale.

— Alho?

— Vampiros.

Shadwell deu de ombros.

— Está bem, não tenho mesmo bala nenhuma. Mas o Thundergun pode disparar qualquer coisa. Vou buscá-lo.

Saiu arrastando os pés, pensando: por que é que eu preciso de outra arma? Eu tenho minha mão.

— Agora, cara senhora — disse Aziraphale. — Acredito que a senhora tem um meio de transporte confiável à disposição.

— Tenho sim — disse Madame Tracy. Ela foi até o canto da cozinha e pegou um capacete cor-de-rosa com um girassol amarelo pintado, colocou-o, passando a fivela sob o queixo. Então mexeu num armário, tirou trezentas ou quatrocentas sacolas plásticas de supermercado e uma pilha de jornais locais amarelados, e então um capacete verde fosforescente com as palavras EASY RIDER escritas, presente de sua sobrinha Petula vinte anos antes.

Shadwell, ao retornar com o Thundergun sobre o ombro, olhou para ela sem acreditar.

— Não sei o que o senhor tanto olha, Sr. Shadwell — disse. — Está estacionada na estrada lá embaixo. — Passou o capacete para ele. — Você tem que colocar isso. É a lei. Acho que não é permitido colocar três pessoas numa

lambreta, ainda que duas delas estejam, ahn, compartilhando o mesmo corpo. Mas é uma emergência. E tenho certeza de que o senhor vai ficar bastante seguro, se se agarrar em mim direitinho. — E ela sorriu. — Não vai ser divertido?

Shadwell ficou pálido, resmungou alguma coisa inaudível, e colocou o capacete verde.

— O que foi, Sr. Shadwell? — Madame Tracy olhou de viés para ele.

— Eu disse: Cos diabos se me vou deixar levar por essa máquina dos infernos — disse Shadwell.

— Agora chega desse tipo de linguagem, Sr. Shadwell — disse Madame Tracy, marchando com ele para fora e descendo as escadas até a Crouch End High Street, onde uma lambreta anciã esperava para levar os dois, bom, pode-se dizer que os três.

O caminhão bloqueava a estrada. E o ferro corrugado bloqueava a estrada. E uma pilha de peixes de dez metros de altura bloqueava a estrada. Era uma das estradas mais eficientemente bloqueadas que o sargento já vira.

A chuva não estava ajudando.

— Alguma idéia de quando as escavadeiras vão chegar? — gritou para o rádio.

— Estamos crrrrk fazendo o melhor que crrrrk — foi a resposta.

Sentiu alguma coisa puxando a perna da calça e olhou para baixo.

— Lagostas? — deu um pulinho para o lado, saltou, e acabou subindo no teto do carro de polícia. — Lagostas — repetiu. Eram cerca de trinta: algumas com mais de sessenta centímetros. A maioria das quais começavam a subir a estrada; meia dúzia havia parado para conferir o carro de polícia.

— Alguma coisa errada, sargento? — perguntou o delegado de polícia, que anotava os detalhes do motorista do caminhão no console.

— É que eu não gosto de lagosta — disse o sargento, nervoso, fechando os olhos. — Me dão coceira. Muitas patas pro meu gosto. Só vou ficar sentado aqui um instantinho, e você me diz quando elas tiverem ido embora.

Ficou sentado no teto do carro, na chuva, sentindo a água entrar pelos fundilhos.

Ouviu um rugido baixo. Trovoada? Não. Era um som continuo estava se aproximando. Motocicletas. O sargento abriu um olho.

Jesus Cristo!

Eram quatro, e eles tinham que estar a mais de duzentos. Ele ia descer para acenar-lhes, para gritar, mas passaram por ele em disparada, direto para o caminhão virado.

O sargento não podia fazer nada. Tornou a fechar os olhos e preparou para ouvir a colisão. Podia ouvi-los se aproximando. Então:

Zum.

Zum.

Zum.

E uma voz em sua cabeça que disse: JÁ ALCANÇO VOCÊS.

(— Viram isso? — perguntou Gente Realmente Modernosa. Eles voaram por cima daquilo!

— Alucinante! — disse DCA. — Se eles podem, nós também podemos!)

O sargento abriu os olhos. Virou-se para o delegado de polícia e abriu a boca.

O delegado disse:

— Eles. Eles realmente. Eles voaram direto...

Tunc. Tunc. Tunc.

Sploft.

Outra chuva de peixe, embora de duração menor, e mais facilmente explicável. Um braço de jaqueta de couro se agitava febril de dentro da enorme pilha de peixes. Uma roda de motocicleta girava indefesa.

Era Skuzz, semiconsciente, decidindo que, se havia uma coisa que ele odiava ainda mais que os franceses era estar enfiado até o pescoço em peixe e com a sensação de ter uma perna quebrada. Isso ele realmente odiava.

Queria contar a DCA. seu novo papel; mas não conseguia se mover. Alguma coisa molhada e escorregadia se enfiou por uma das mangas.

Mais tarde, quando o puxaram para fora da pilha de peixes, e ele vira os outros três motociclistas, com os cobertores sobre as cabeças, percebeu que era tarde demais para lhes dizer qualquer coisa.

Era por isso que eles não constavam daquele Livro do Apocalipse de que o Pigbog tanto falava. Eles não haviam conseguido chegar ao final da rodovia.

Skuzz murmurou alguma coisa. O sargento inclinou-se para perto dele.

— Não tente falar, filho. A ambulância vai chegar logo.

— Escute — disse Skuzz, a voz esganiçada. — Tenho uma coisa importante pra te dizer. Os Quatro Cavaleiros do Apocalipse... são uns filhos da puta, todos os quatro.

— Está delirando — anunciou o sargento.

— Não estou não, porra. Meu nome é Pessoas Cobertas de Peixe — gemeu Skuzz, e desmaiou.

O sistema de tráfego de Londres é muitas centenas de vezes mais complexo do que qualquer um imagina.

Isto não tem nada a ver com influências, demoníacas ou angelicais. Tem mais a ver com geografia, história e arquitetura.

Na maior parte das vezes, isso funciona de modo vantajoso para as pessoas, embora elas nunca fossem acreditar nisso.

Londres não foi projetada para carros. Indo mais direto ao ponto, ela não foi projetada para pessoas. Ela simplesmente aconteceu. Isso criou problemas, e as soluções que foram implementadas se tornaram os problemas seguintes, cinco, dez ou cem anos depois.

A mais recente solução havia sido a M25: uma rodovia que formava um círculo ao redor da cidade. Até o momento os problemas haviam sido praticamente básicos: coisas como a obsolescência de uma coisa antes de sua construção ser finalizada, filas einsteinianas que acabavam se fechando em torno de si mesmas, esse tipo de coisa.

O problema da vez era que ela não existia; pelo menos não em termos espaciais humanos. A fila de carros que não estavam cientes disso, ou que tentavam encontrar rotas alternativas para fora de Londres, estendia-se até o centro da cidade, de todas as direções. Pela primeira vez em sua história, Londres estava completamente paralisada. A cidade era um imenso engarrafamento de trânsito.

Carros, teoricamente, são um método fantasticamente rápido de se viajar de um lugar a outro. Engarrafamentos, por outro lado, são uma fantástica oportunidade de se ficar absolutamente parado. Na chuva, e no pôr-do-sol, enquanto ao seu redor a sinfonia cacofônica de buzinas fica cada vez maior e mais exasperada.

Crowley estava ficando de saco cheio disso.

Aproveitara a oportunidade para reler as anotações de Aziraphale, folhear as profecias de Agnes Nutter e pensar seriamente.

Suas conclusões poderiam ser resumidas da seguinte maneira:

1) O Armagedon estava a caminho.

2) Não havia nada que Crowley pudesse fazer a respeito.

3) Ia acontecer em Tadfield. Ou começar lá, de qualquer modo.

Depois disso ia acontecer por toda parte.

4) Crowley estava nas listas negras do inferno.(Não que o Inferno tivesse algum outro tipo de lista).

5) Aziraphale era — até onde se pudesse estimar — carta fora do baralho.

6) Tudo era negro, sombrio e pavoroso. Não havia luz no fim do túnel... ou, se houvesse, era um trem na contramão.

7) O melhor a fazer era achar um restaurante pequeno e aconchegante e beber até ficar completa e profundamente fora de sintonia com o mundo enquanto esperava o fim dele chegar.

8) E, no entanto...

E, no entanto era aí que estava o problema.

Porque, no fundo, no fundo, Crowley era um otimista. Se havia alguma certeza definitiva que o sustentara nos tempos difíceis — pensou rapidamente no século quatorze — então era a profunda certeza de que ele ia acabar por cima da carne-seca; que o universo cuidaria dele.

Ok, então o Inferno estava caindo em cima dele. Então o mundo estava acabando. Então a Guerra Fria havia acabado e a Grande Guerra estava começando pra valer. Então as chances contra ele eram mais altas do que um furgão cheio de hippies doidões. Ainda havia uma chance.

Era tudo uma questão de estar no lugar certo na hora certa.

O lugar certo era Tadfield. Disso ele tinha certeza; em parte pelo livro, em parte por algum outro sentido: no mapa mental do mundo de Crowley, Tadfield pulsava como uma enxaqueca.

A hora certa era chegar lá antes do fim do mundo. Checou seu relógio. Tinha duas horas para chegar a Tadfield, embora provavelmente até mesmo a passagem normal do Tempo estivesse bastante alterada àquela altura.

Crowley jogou o livro no banco do carona. Tempos desesperados, medidas desesperadas: ele havia mantido o Bentley sem um arranhão por sessenta anos.

Que diabos.

Deu uma ré súbita, causando sérios estragos à frente do Renault 5 vermelho atrás dele, e subiu na calçada.

Acendeu os faróis e tocou a buzina.

Isso devia dar a qualquer pedestre aviso suficiente de que ele estava chegando. E se eles não conseguissem sair do caminho... bem, em algumas horas daria no mesmo. Talvez. Provavelmente.

— E vamos nós! — disse Anthony Crowley, e saiu dirigindo assim mesmo.

Eram seis mulheres e quatro homens, e cada um deles tinha um telefone e uma resma de impresso de computador, coberta de nomes e números de telefone. Ao lado de cada um dos números havia uma anotação à caneta dizendo se a pessoa discada estava em casa ou não, se o número estava conectado atualmente e, o mais importante, se a pessoa que atendeu ao telefone não estaria louca para impermeabilizar as paredes de sua residência.

A maioria não estava.

As dez pessoas ficavam ali sentadas, hora após hora, bajulando, implorando, prometendo com sorrisos artificiais. Entre cada ligação eles tomavam notas, café e se maravilhavam com a chuva que escorria pelas janelas. Estavam em seus postos como a banda do Titanic. Se você não conseguisse vender impermeabilização num tempo daqueles, não conseguiria vender nunca.

Lisa Morrow estava dizendo:

— ... Agora, se me deixar terminar, senhor, e sim, eu entendo, senhor, mas se me deixar... — e então, percebendo que ele havia acabado de desligar, disse: — Ah, foda-se, babaca.

Pôs o fone no gancho.

— Consegui outro banho — anunciou aos seus colegas de venda por telefone. Estava confortavelmente na liderança do bolão do escritório para Tirar Pessoas do Banho, e só precisava de mais dois pontos para ganhar o prêmio semanal de Coito Interrompido.

Discou o número seguinte da lista.

Lisa nunca quis ser uma vendedora por telefone. O que ela queria ser mesmo era uma socialite internacionalmente glamourosa, mas não tinha o QI para tanto.

Se tivesse estudado o suficiente para ser aceita como uma socialite internacionalmente glamourosa, ou uma assistente de dentista (sua segunda escolha profissional), ou, na verdade, qualquer coisa que não uma vendedora por telefone naquele escritório em particular, teria tido uma vida mais longa, e provavelmente mais completa.

Talvez não muito mais longa, considerando-se tudo, já que era o Dia do Armagedon, mas ainda faltavam algumas horas, de qualquer maneira.

Mas tudo o que ela precisava realmente fazer para uma vida mais longa não era discar o número que ela havia acabado de discar, listado em sua folha como a casa de Mayfair de, na melhor tradição das listas de mala direta de décima mão, Sr. A. J. Crowley.

Mas ela havia discado. E aguardara até o quarto toque. E dissera:

— Putz, outra secretária eletrônica — e começara a pôr o fone no gancho.

Mas então alguma coisa saiu do fone. Alguma coisa muito grande e muito zangada.

Parecia um pouquinho com um verme. Um verme enorme e furioso feito de milhares e milhares de minúsculos vermes, todos se contorcendo e gritando, milhões de pequenas bocas de vermes se abrindo e fechando em fúria, e cada uma delas estava gritando "Crowley".

Parou de gritar. Girou cega para os lados, como se estivesse verificando onde estava.

Então se desmanchou em pedaços.

A coisa se dividiu em milhares de milhares de vermes cinzentos que se contorciam. Invadiram o carpete, subiram pelas mesas, sobre Lisa Morrow e seus nove colegas; entraram em suas bocas, narinas, pulmões; perfuraram pele, olhos, cérebro e luzes, reproduzindo-se ferozmente no caminho, preenchendo a sala com uma incrível massa fervilhante de carne e vísceras. O todo começou a fluir em conjunto, a se coagular numa enorme entidade que preencheu a sala do chão ao teto, pulsando suavemente.

Uma boca se abriu na massa de carne, fios de alguma coisa molhada e grudenta aderindo a cada um dos lábios de tamanhos irregulares, e Hastur disse: — Eu precisava disso.

Passar meia hora preso numa secretária eletrônica com apenas a mensagem de Aziraphale por companhia não havia melhorado seu humor.

Nem a perspectiva de ter que fazer um relatório para o Inferno e ter de explicar por que não havia retornado meia hora antes, e, o mais importante, por que não estava acompanhado por Crowley. O Inferno não encarava falhas muito bem. Por outro lado, ele pelo menos sabia qual era a mensagem de Aziraphale. Essa informação provavelmente poderia lhe comprar a continuidade de sua existência.

E de qualquer maneira, refletiu, se ia ter de enfrentar a possível ira do Conselho das Trevas, pelo menos não seria de estômago vazio. A sala se encheu de uma fumaça espessa e sulfurosa. Quando se dissipou, Hastur havia desaparecido. Não havia nada na sala além de dez esqueletos, totalmente limpos, sem carne, e algumas poças de plástico derretido, aqui e ali, um fragmento reluzente de metal que poderia um dia ter sido parte de um telefone. Muito melhor ter sido uma assistente de dentista.

Mas, olhando o lado bom da coisa, tudo isso só servia para provar que o mal contém as sementes de sua própria destruição. Naquele exato instante, por todo o país, pessoas que de outra forma teriam ficado mais tensas e zangadas ao terem que sair de um bom banho, ou terem seus nomes pronunciados de forma errada, estavam se sentindo bastante tranqüilas e em paz com o mundo. Como resultado da ação de Hastur, uma onda de bondade de um pequeno grau começou a se espalhar exponencialmente pela população, e milhões de pessoas que no fim das contas teriam sofrido pequenos machucados na alma não os sofreram. Então estava tudo bem.

Você não teria reconhecido aquele carro. Praticamente não havia um centímetro de lataria sem um amassado. Os dois faróis dianteiros estavam arrebentados. Os pára-choques há muito haviam caído. O carro parecia veterano de uma centena de corridas de demolição.

As calçadas haviam sido ruins. As passagens subterrâneas de pedestres, piores. O pior pedaço fora atravessar o rio Tâmisa. Pelo menos ele tivera a presença de espírito de levantar todos os vidros.

Mesmo assim, aqui estava ele, agora.

Em algumas centenas de metros ele estaria na M40; uma boa corrida até Oxfordshire. Só havia um probleminha: mais uma vez entre Crowley e a estrada aberta havia a M25. Uma faixa gritante e brilhante de dor e luz negra. Não chega a ser um oxímoro. É a cor depois do ultravioleta. O termo técnico é infranegro. Ela pode ser vista facilmente sob condições experimentais. Para realizar a experiência, basta selecionar uma saudável parede de tijolos, tomar distância e, abaixando sua cabeça, atacar.

A cor que explode atrás de seus olhos, atrás da dor, logo antes de você morrer, é o infranegro.

Odegra. Nada poderia atravessá-la e sobreviver.

Pelo menos nada humano. E ele não tinha certeza do que ela faria a um demônio. Não poderia matá-lo, mas certamente não seria agradável.

Havia um bloqueio policial na frente da cancela à sua frente. Destroços queimados — alguns ainda queimando — testemunhavam o destino de carros anteriores que tiveram de passar pela cancela sobre a estrada escura.

A polícia não parecia contente.

Crowley engatou uma segunda e pisou no acelerador.

Passou pelo bloqueio a noventa. Essa foi a parte fácil.

Casos de combustão humana espontânea têm sido registrados no mundo inteiro. Num instante alguém está muito feliz cuidando de sua vida; no seguinte há uma fotografia triste de uma pilha de cinzas e um solitário e misteriosamente intacto pé ou mão. Casos de combustão veicular espontânea são bem menos documentados.

Sejam quais forem as estatísticas, elas haviam acabado de acrescentar mais um caso.

Os bancos de couro começaram a fumegar. Olhando à sua frente, Crowley procurou com a mão esquerda no banco do carona pelas Belas e Precisas Profecias de Agnes Nutter e trouxe o livro para a segurança de seu colo. Ele gostaria que ela tivesse profetizado aquilo. (NOTA: * E tinha. Dizia o seguinte:

Uma rua de luz gritará, a carruagem negra da Serpente pegará fogo, e uma Rainha não mais cantará suas canções melodiosas. A maior parte da família estava com Gelatly Device, que escreveu uma pequena monografia em 1830 explicando isso como uma metáfora para o banimento da casa dos iluministas Weishaupt da Bavária em 1785).

Então as chamas engolfaram o carro.

Ele tinha de continuar dirigindo.

Do outro lado da cancela havia mais um bloqueio policial, para impedir a passagem de carros tentando entrar em Londres. Eles estavam dando boas gargalhadas com uma história que tinham acabado de ouvir pelo rádio, de que um policial de motocicleta na M6 havia interceptado um carro de polícia roubado, só para descobrir que o motorista era um polvo gigante.

Algumas forças policiais acreditavam em tudo. Mas não a polícia metropolitana. A Met era a força policial mais durona, mais cínica e pragmática, mais teimosa e realista da Inglaterra.

Seria preciso muita coisa para fazer a Met tremer na base.

Seria preciso, por exemplo, um carro enorme e depauperado que não fosse nem mais nem menos que uma bola de fogo, um limão metálico retorcido e fumegante do Inferno, pilotado por um lunático sorridente de óculos escuros, sentado no meio das chamas, arrastando fumaça negra espessa, indo diretamente para eles através de chuva e vento a cento e vinte quilômetros por hora.

Seria preciso isso.

A pedreira era o centro calmo de um mundo em tormenta. Acima, os trovões não só rugiam, rasgavam o ar pela metade.

— Tem alguns amigos vindo — repetiu Adam. — Logo eles estarão aqui, e aí a gente vai poder começar de verdade.

Cão começou a uivar. Não era mais o uivo de um lobo solitário, mas as estranhas oscilações de um cachorrinho com profundos problemas.

Pimentinha estava sentada olhando para os próprios joelhos.

Parecia ter algo em mente.

Por fim ela levantou a cabeça e encarou Adam com seus olhos branco-acinzentados.

— Com que parte você vai ficar, Adam?

A tempestade foi substituída por um súbito silêncio.

— O quê? — perguntou Adam.

— Bom, você dividiu o mundo, certo, e todos nós vamos ficar com um pedaço: com que pedaço você vai ficar?

O silêncio cantava como uma harpa, alto e magro.

— É — disse Brian. — Você nunca disse pra gente qual é o seu pedaço.

— Pimentinha tem razão — disse Wensleydale. — Não me parece que tenha sobrado muita coisa, se nós vamos ter todos aqueles países.

Adam abriu e fechou a boca.

— O quê? — perguntou.

— Qual é a sua parte, Adam? — perguntou Pimentinha.

Adam ficou olhando para ela. Cão havia parado de uivar e fixava agora seu dono com um olhar pensativo de cachorro.

— E-eu? — perguntou.

O silêncio continuou, uma nota que poderia afogar os ruídos do mundo.

— Mas eu vou ficar com Tadfield — disse Adam.

Eles o encararam.

— E... e Lower Tadfield, e Norton e Norton Woods...

Continuaram encarando.

O olhar de Adam percorreu arrastado seus rostos.

— Elas são tudo o que eu sempre quis — disse.

Balançaram suas cabeças.

— Eu posso ficar com elas se quiser — disse Adam, sua voz cheia de desafio cansado e esse desafio com um quê de dúvida súbita. — Eu posso torná-las melhores também. Árvores melhores para subir, lagos melhores... Sua voz sumiu.

— Não pode — disse Wensleydale neutro. — Elas não são como a América e aqueles lugares. Elas existem de verdade. De qualquer maneira, elas pertencem a todos nós. Elas são nossas.

— E você não poderia torná-las melhores — disse Brian.

— De qualquer maneira, mesmo que você pudesse a gente saberia — disse Pimentinha.

— Ah, se é isso que está preocupando vocês, não se preocupem — disse Adam distraído — porque eu poderia fazer vocês todos fazerem o que eu quisesse...

Parou, seus ouvidos escutando horrorizados as palavras que sua boca estava dizendo. Os Eles estavam recuando.

Cão colocou as patas sobre a cabeça.

O rosto de Adam parecia uma personificação do colapso do império.

— Não — disse rouco. — Não, voltem! Eu lhes ordeno!

Pararam onde estavam.

Adam ficou olhando para eles.

— Não, eu não quis dizer... — começou. — Vocês são meus amigos...

Seu corpo estremeceu. O piso de calcário rachou sob seus tênis.

Adam abriu a boca e gritou. Era um som que uma mera garganta mortal jamais teria sido capaz de pronunciar; saiu da pedreira, misturou-se com a tempestade, fez com que as nuvens se congelassem em novas e desagradáveis formas.

E continuou e continuou.

Ressoou ao redor do universo, que é muito menor do que os físicos acreditam. Sacudiu as esferas celestiais.

Falava de perda, e demorou muito a parar.

E então parou.

Alguma coisa acabou naquele instante.

A cabeça de Adam tornou a cair. Seus olhos se abriram.

O que quer que estivesse de pé na velha pedreira antes, era Adam Young quem estava de pé ali agora. Um Adam Young mais maduro, mas Adam Young mesmo assim. Possivelmente mais Adam Young do que jamais existira antes.

O silêncio sepulcral na pedreira foi substituído por um silêncio mais familiar e confortável, a mera e simples ausência de ruído.

Os Eles libertados se encolheram contra a encosta de calcário, olhos fixos nele.

— Está tudo bem — disse Adam baixinho. — Pimentinha? Wensley? Brian? Voltem aqui. Está tudo bem. Tudo bem. Agora eu sei tudo. E vocês precisam me ajudar. Senão vai acontecer tudo. Vai realmente acontecer. Tudo vai acontecer, se a gente não fizer alguma coisa.

Os encanamentos em Jasmine Cottage rangeram, sacudiram e encharcaram Newt com água de cor ligeiramente caqui. Mas estava fria. Era provavelmente a ducha fria mais fria que Newt já tomara na vida.

Não lhe fez bem algum.

— O céu está vermelho — disse ao voltar. Estava se sentindo ligeiramente agitado. — Às quatro e meia da tarde. Em agosto. O que significa isso? Quero dizer, se basta um céu vermelho ao cair da tarde para alegrar um marinheiro, o que é preciso para alegrar o homem que opera os computadores de um superpetroleiro? Ou são pastores que ficam alegres à noite? Não consigo me lembrar.

Anathema olhou o gesso no cabelo dele. A ducha não ajudara a tirá-lo; simplesmente o umedecera e espalhara, de forma que Newt parecia estar usando um chapéu branco com cabelos.

— Você deve ter tido uma pancada e tanto — disse.

— Não, isso foi quando bati a cabeça na parede. Sabe, quando você...

— Sei. — Anathema olhou intrigada pela janela quebrada. — Você diria que está com cor de sangue? — perguntou. — É muito importante.

— Eu não diria isso — disse Newt, sua corrente de pensamento temporariamente represada. — Sangue mesmo não. Mais pra rosado. Provavelmente a tempestade jogou muita terra no ar.

Anathema estava folheando As Belas e Precisas Profecias.

— O que está fazendo? — perguntou.

— Tentando uma referência cruzada. Eu ainda não posso...

— Acho que você não precisa se incomodar — disse Newt. — Eu sei o que o resto do 3477 significa. Me ocorreu quando eu...

— Como assim, você sabe o que significa?

— Eu vi no caminho para cá. E não grite assim. Minha cabeça dói. Estou dizendo que vi. Eles escreveram isso do lado de fora daquela sua base aérea. Não tem nada a ver com pás de cavar. É "Paz é a Nossa Profissão". É o tipo de coisa que eles colocam em placas do lado de fora de bases aéreas. Você sabe: SAC Ala 8657745, Os Demônios Azuis Gritadores, Paz É A Nossa Profissão. Esse tipo de coisa. — Newt agarrou a cabeça. A euforia estava definitivamente se dissipando. — Se Agnes está correta, então provavelmente existe algum louco neste exato instante acionando todos os mísseis e escancarando as janelas de lançamento. Ou o que quer que elas sejam.

— Não, não há — disse Anathema com firmeza.

— Ah, não? Eu vejo filmes! Me dê um bom motivo pelo qual você possa estar tão certa.

— Não existe bomba nenhuma ali. Nem mísseis. Todo mundo por aqui sabe disso.

— Mas é uma base aérea! Tem pistas!

— Aquilo é apenas para aviões de transporte e coisas do gênero. Tudo o que eles têm ali é equipamento de comunicações. Rádios e coisas do gênero. Nada explosivo.

Newt ficou olhando para ela.

Olhem para Crowley, dando 170 km/h na M40 em direção a Oxfordshire. Até mesmo o observador casual mais distraído notaria uma série de coisas estranhas nele. Os dentes trincados, por exemplo, ou o brilho vermelho fosco que aparecia por trás dos óculos de sol. E o carro. O carro era uma pista definitiva.

Crowley havia iniciado a jornada em seu Bentley e diabos o levassem se ele não ia terminá-la no Bentley também. Não que sequer o tipo de fã de automóveis que possui seu próprio par de óculos antigos de motorista fosse capaz de dizer que aquele era um Bentley de colecionador. Não mais. Não teria sido capaz de dizer que era um Bentley. E ainda iam arriscar cinqüenta por cento de chance daquilo ser um carro.

Não havia mais tinta nele, para começo de conversa. Poderia ter sido preto, onde não era um vermelho-marrom enferrujado e sujo, mas aquele era um preto-carvão. Viajava em sua própria bola de fogo, como uma cápsula espacial fazendo uma reentrada particularmente difícil.

Havia uma fina camada de borracha incrustada e derretida nos aros das rodas, mas vendo que as rodas ainda estavam de algum modo a uns dois centímetros acima da superfície da estrada isso não parecia fazer tanta diferença para a suspensão.

Ele deveria ter caído aos pedaços quilômetros atrás.

Era o esforço de segurá-lo que fazia Crowley trincar os dentes e o feedback bioespacial que causava os olhos vermelhos brilhantes. Isso e o esforço de ter que se lembrar para não começar a respirar.

Não se sentia assim desde o século quatorze.

A atmosfera na pedreira agora estava mais amigável, mas ainda intensa.

— Vocês precisam me ajudar com isso — disse Adam. — As pessoas têm tentado resolver isso há milhares de anos, mas temos que resolver agora.

Eles concordaram, prestativos.

— Sabe, a coisa é — disse Adam — esta coisa é, é como... bom, vocês conhecem o Johnson Seboso.

Os Eles assentiram. Todos conheciam o Johnson Seboso e os membros da outra gangue em Lower Tadfield. Eram mais velhos e não muito agradáveis. Dificilmente uma semana se passava sem uma escaramuça.

— Bom — disse Adam. — Nós sempre vencemos, não é?

— Quase sempre — disse Wensleydale.

— Quase sempre — disse Adam. — E...

— Mais da metade das vezes, de qualquer maneira — disse Pimentinha. — Você lembra quando teve aquela confusão toda na festa dos velhos na prefeitura quando a gente...

— Isso não conta — disse Adam. — Chamaram a atenção deles tanto quanto a nossa. De qualquer forma, os mais velhos deveriam gostar de ouvir o som das crianças brincando. Já li isso em algum lugar, não sei por que eles têm que chamar a atenção da gente por que a gente tem o tipo de adultos errados... — parou. — De qualquer modo... a gente é melhor que eles.

— Ah, isso nós somos mesmo — disse Pimentinha. — Nisso você está certo. Somos melhores que eles mesmo. A gente só não ganha sempre.

— Mas suponha — disse Adam devagar — que a gente pudesse vencê-los de modo adequado. Mandá-los... mandá-los pra fora ou algum lugar. Só pra gente se certificar que não vai haver nenhuma outra gangue em Lower Tadfield a não ser a nossa. O que vocês acham?

— O que quer dizer... matar ele? — perguntou Brian.

— Não. Simplesmente... simplesmente mandá-lo embora.

Os Eles pensaram a respeito. O Johnson Seboso era uma realidade da vida desde que eles eram velhos o bastante para bater uns nos outros com uma locomotiva de brinquedo. Tentaram visualizar em suas mentes o conceito de um mundo com um buraco em forma de Johnson.

Brian coçou o nariz.

— Acho que seria brilhante sem o Johnson Seboso — disse. — Lembram do que ele fez no meu aniversário? E eu me meti em encrenca com aquilo.

— Não sei — disse Pimentinha. — Quero dizer, não seria tão interessante sem o velho Johnson Seboso e os Johnsonitas. A gente provavelmente teria que encontrar outra gangue ou coisa parecida.

— Me parece — disse Wensleydale — que se você perguntar às pessoas de Lower Tadfield, elas diriam que estariam melhor sem os Johnsonitas ou os Eles.

Até mesmo Adam ficou chocado com a observação. Wensleydale continuou estóico:

— O clube dos velhos iria. Picky também. E...

— Mas nós somos os bonzinhos... — começou Brian. Hesitou. — Tá, tudo bem, mas aposto que eles acham que seria muito menos interessante se nós todos não estivéssemos aqui.

— Sim — disse Wensleydale. — Foi isso o que eu quis dizer. As pessoas por aqui não querem nós nem os Johnsonitas — continuou moroso — do jeito que elas estão sempre reclamando de nós só por andarmos de bicicleta ou skate nas calçadas delas e fazendo muito barulho. É que nem o homem disse nos livros de história. Uma placa em suas casas.

Fizeram silêncio.

— Uma daquelas azuis — acabou dizendo Brian — "Adam Young Viveu Aqui", ou coisa parecida?

Normalmente uma abertura dessas poderia levar a cinco minutos de discussão quando os Eles estavam a fim, mas Adam sentia que aquele não era o momento.

— O que vocês todos estão dizendo — resumiu, em seu melhor tom de presidente — é que não seria bom se os Johnsonitas Sebosos vencessem os Eles ou vice-versa?

— Isso — disse Pimentinha. — Porque — acrescentou — se vencêssemos eles, teríamos que ser nossos próprios inimigos mortais. Seríamos eu e Adam contra Brian e Wensley. — Tornou a se sentar.

— Todo mundo precisa de um Johnson Seboso.

— É — disse Adam. — Foi isso o que eu pensei. Não é bom ninguém vencer. Foi o que eu pensei. — Ele olhou para Cão, ou através dele.

— Pra mim parece simples — disse Wensleydale, recostando-se.

— Não sei por que levou milhares de anos para se resolver isso.

— É porque as pessoas que tentaram resolver isso eram homens — disse Pimentinha.

— Não vejo por que você tem que escolher um lado — disse Wensleydale.

— Claro que eu tenho que escolher um lado — disse Pimentinha. — Todo mundo tem que escolher um lado em alguma coisa.

Adam apareceu para tomar uma decisão.

— Sim. Mas acho que você pode criar seu próprio lado. Acho melhor vocês irem apanhar suas bicicletas — falou baixinho. — Acho que é melhor a gente ir e falar com algumas pessoas.

Putputputputputput, fazia o motor da lambreta de Madame Tracy descendo a rua Crouch End High. Era o único veículo se movendo por uma rua do

subúrbio de Londres engarrafada de carros, táxis e ônibus vermelhos de Londres imóveis.

— Nunca vi um engarrafamento como este — disse Madame Tracy. — Será que houve algum acidente?

— É bem possível — disse Aziraphale. E em seguida: — Sr. Shadwell, a menos que ponha seus braços ao meu redor, o senhor vai cair. Esta coisa não foi construída para duas pessoas, sabia?

— Três — resmungou Shadwell, agarrando o banco com uma das mãos brancas e seu Thundergun com a outra.

— Sr. Shadwell, não vou falar outra vez.

— Então você vai ter que parar para eu ajeitar a arma. — Shadwell suspirou.

Madame Tracy deu uma risadinha obediente, mas encostou no meio-fio e parou a lambreta.

Shadwell se ajeitou e colocou dois braços relutantes ao redor de Madame Tracy, enquanto o Thundergun ficava entre os dois como uma dama de companhia.

E lá se foram eles debaixo de chuva sem conversar por mais dez minutos, putputputputput, enquanto Madame Tracy driblava cautelosa carros e ônibus.

Madame Tracy deu com os olhos se movendo para o velocímetro — coisa boba, pensou ela, já que aquilo não funcionava desde 1974, e mesmo antes já não funcionava.

— Cara senhora, a quanto a senhora disse que estávamos indo? — perguntou Aziraphale.

— Por quê?

— Porque parece que andando iríamos mais rápido.

— Bom, só comigo a velocidade máxima é de cerca de quinze milhas por hora, mas com o Sr. Shadwell também, ela deve ser, aah, cerca de...

— Nove ou dez quilômetros por hora.

— Acho que sim — concordou ela.

Ouviu-se uma tosse atrás dela.

— Não pode reduzir a velocidade desta máquina infernal, mulher? — perguntou uma voz gasta. No panteão infernal, que nem se precisa dizer que Shadwell odiava de modo uniforme e correto, Shadwell reservava um ódio especial por demônios velozes.

— Neste caso — disse Aziraphale — chegaremos a Tadfield em pouco menos de dez horas.

Madame Tracy fez uma pausa, e então:

— A que distância fica essa tal de Tadfield?

— Cerca de sessenta e cinco quilômetros.

— Hm — disse Madame Tracy, que uma vez percorrera de lambreta as poucas milhas até a vizinha Finchley para visitar sua sobrinha, mas desde então passara a pegar o ônibus, por causa dos barulhinhos engraçados que a lambreta começara a fazer no caminho de volta.

—... nós deveríamos realmente estar indo a cerca de cento e dez, se quisermos chegar lá a tempo — disse Aziraphale. — Hmm. Sargento Shadwell? Segure-se bem firme agora.

Putputputputput e um nimbo azul começou a envolver a lambreta e seus ocupantes com uma espécie de brilho suave, como uma imagem persistente, ao redor deles

Putputputputputput e a lambreta se ergueu desajeitada do solo sem nenhum meio visível de apoio, até atingir uma altura de um metro e meio, mais ou menos.

— Não olhe para baixo, Senhor Shadwell . — Aziraphale avisou.

— ... — disse Shadwell, olhos fechado, a testa cinzenta encharcada de suor, sem olhar para baixo, sem olhar para lugar nenhum.

— Então lá vamos nós.

Em todo filme de ficção científica de grande orçamento existe o momento em que uma espaçonave do tamanho de Nova York subitamente atinge a velocidade da luz. Um som parecido com o de uma régua de madeira batendo na

quina de uma mesa, uma refração de luz cegante e subitamente as estrelas todas virariam tracinhos finos e a nave desaparece. Foi exatamente assim, só que em vez de uma espaçonave reluzente de trinta quilômetros de diâmetro, era uma lambreta branco-suja de vinte anos de idade. E não teve efeito especial de arco-íris. E provavelmente no estava inundo a mais de trezentos quilômetros por hora. E em vez de um ruído o fino subindo as oitavas, ela só fez putputputputput..,

VROOOOSH.

Mas que foi exatamente assim, foi.

Onde a M25, agora um círculo congelado, cruza com a M40 em Oxfordshire, a polícia estava aglomerada ao redor em quantidades cada vez maiores. Desde que Crowley atravessara a divisa, meia hora antes, seu número havia duplicado. No lado da M40, de qualquer modo. Ninguém em Londres estava saindo.

Além da polícia, havia também cerca de duzentos outros em pé, e inspecionando a M25 com binóculos. Entre eles estavam representantes do Exército de Sua Majestade, do Esquadrão Antibombas, do M15, do M16, da Divisão Especial e da CIA. Tinha também um homem vendendo cachorro-quente.

Todo mundo estava molhado e com frio, intrigado e irritado, com a exceção de um policial, que estava molhado, com frio, intrigado, irritado e exasperado.

— Escute, não estou nem aí se você acredita em mim ou não — suspirou. — Só estou dizendo o que eu vi. Era um carro velho, um Rolls, Bentley, um daqueles carros de colecionador, e ele passou pela ponte.

Um dos técnicos sênior do exército interrompeu.

— Não pode ter feito isso. Segundo nossos instrumentos, a temperatura sobre a M25 é de acima de setecentos graus centígrados.

— Ou cento e quarenta abaixo — acrescentou seu assistente.

— ... ou cento e quarenta abaixo de zero — concordou o técnico sênior. — Parece haver alguma confusão quanto a esse número, mas acho que podemos atribuir isso seguramente a um erro mecânico de algum tipo, (NOTA: Isto era verdade. Não havia termômetro na terra que pudesse ser convencido a registrar 700°C e -140°C ao mesmo tempo; temperatura, aliás, correta), mas permanece o fato de que não podemos sequer colocar um helicóptero direto sobre a M25 sem fazermos dele uma grande caixa de McNuggets. Como é possível você vir me dizer que um carro de colecionador passou por ela sem ser afetado?

— Eu não disse que ele passou por aqui sem ser afetado — corrigiu o policial, que estava pensando seriamente em deixar a Polícia Metropolitana e trabalhar com o irmão, que estava pedindo demissão da Companhia Elétrica e ia começar a criar galinhas. — Ele pegou fogo. Só que continuou rodando.

— Você espera mesmo que a gente acredite... — começou alguém.

Um ruído bem agudo, estranho e apavorante. Como mil gaitas de vidro sendo tocadas em uníssono, todas ligeiramente desafinadas; como o som das moléculas do próprio ar gemendo de dor.

E Vrooosh.

Por sobre suas cabeças ela disparou, a doze metros acima do solo, engolfada num nimbo azul escuro que ficava avermelhado nas bordas: uma pequena lambreta branca, pilotada por uma senhora de meia-idade com capacete rosa, e, agarrado firme a ela, um baixinho de capa de chuva e um capacete verde fosforescente (a lambreta estava muito alto para alguém ver que seus olhos estavam bem fechados, mas estavam).

A mulher estava gritando. O que ela estava gritando era:

— Gerrrrôôônnimoooo!

Uma das vantagens do Wasabi, como Newt não se cansava de apontar, era que, em caso de uma avaria séria, quase não se podia ver. Newt tinha de continuar dirigindo o Dick Turpin olhando para trás para evitar galhos caídos.

— Você me fez deixar cair todas as fichas no chão!

O carro voltou para a estrada aos trancos e barrancos; uma vozinha de algum lugar debaixo do porta-luvas disse:

— Arerta de plessão de óreo.

— Nunca vou conseguir desembaralhar tudo agora — lamentou.

— Não precisa — disse Newt irritado. — Pegue uma. Qualquer uma. Não vai fazer diferença.

— Como assim?

— Bom, se Agnes está certa, e nós estamos fazendo tudo isto porque ela previu, então qualquer ficha apanhada neste instante tem de ser relevante. É lógico.

— É bobagem.

— Mesmo? Escute, você está aqui porque ela previu. E você já parou pra pensar no que vai dizer ao coronel? Se é que vamos chegar a vê-lo, o que, naturalmente, não vai acontecer.

— Se agirmos com sensatez...

— Escute, eu conheço esse tipo de lugar. Eles têm guardas enorme feitos de aço guardando os portões, Anathema, e eles usam capacetes brancos e armas de verdade, entende?, que disparam balas de verdade feitas de chumbo de verdade que podem entrar direto em você, ricochetear lá dentro e sair pelo mesmo buraco antes que você possa dizer "Com licença, temos motivos para crer que a Terceira Guerra Mundial está prestes a acontecer a qualquer momento e o show vai rolar bem aqui" e em seguida aparecerem homens de terno com coletes inchados que levam você para um quartinho sem janelas e fazem perguntas como você é, ou já foi algum dia, membro de alguma organização subversiva comunista como qualquer partido político britânico? E...

— Estamos quase lá.

— Escute, a base tem portões, cercas de arame e tudo o mais! E provavelmente o tipo de cachorros que comem gente!

— Acho que você está ficando agitado além da conta — disse Anathema baixinho, apanhando o último dos cartões do chão do carro.

— Agitado além da conta? Não! Estou ficando muito calmamente preocupado com o fato de alguém poder me dar um tiro!

— Tenho certeza de que Agnes teria mencionado se fôssemos levar um tiro. Ela é muito boa nesse tipo de coisa. — Começou a embaralhar os cartões distraída.

— Sabe — continuou, cortando cuidadosamente as fichas e misturando as duas pilhas. — Li em algum lugar que existe uma seita que acredita que computadores são ferramentas do Diabo. Dizem que o Armagedon virá porque o Anticristo será alguém bom em computação. Parece que está mencionado em algum lugar do Apocalipse.

Acho que li isso num jornal há pouco tempo...

— Daily Mail. "Carta da América". Hm. Três de agosto — disse Newt. — Logo depois da história da mulher em Worms, Nebraska, que ensinou seu pato a tocar acordeão.

— Mm — disse Anathema, espalhando os cartões de face para baixo no colo.

Então computadores são ferramentas do Diabo?, pensou Newt. Ele não tinha problema para acreditar nisso. Computadores tinham de ser as ferramentas de alguém, e ele só sabia com certeza que não eram dele.

Freou o carro.

A base aérea parecia caindo aos pedaços. Várias árvores grandes haviam caído perto da entrada, e alguns homens com uma pá tentavam tirá-las do lugar. O guarda de serviço os observava com desinteresse, mas meio que se virou e olhou com frieza para o carro.

— Tudo bem — disse Newt. — Pegue um cartão.

3001. Atrás do Ninho da Águia uma Cinza caiu.

— É só?

— É. Sempre achamos que tinha algo a ver com a Revolução Russa. Continue ao longo desta estrada e vire à esquerda.

A curva levou a uma pista estreita, com a cerca do perímetro da base no lado esquerdo.

— E agora estacione aqui. Sempre há muitos carros aqui, e ninguém presta a menor atenção — disse Anathema.

— Que lugar é este?

— É o Motel das Estrelas local.

— É por isso que ele parece estar pavimentado de borracha?

Caminharam ao longo da pista ladeada por cercas vivas por cem metros até chegarem ao freixo. Agnes tinha razão. Ela estava bem tostada. Caíra bem em cima da cerca.

Um guarda estava sentado nela, fumando um cigarro. Era negro. Newt sempre se sentira culpado na presença de negros americanos, caso o culpassem por duzentos anos de comércio escravo.

O homem se levantou quando eles se aproximaram, e então assumiu uma postura mais tranqüila.

— Ah, oi, Anathema — disse ele.

— Oi, George. Que tempestade terrível, não foi?

— Com certeza.

Continuaram caminhando. Ele os observou até que sumiram de vista.

— Conhece? — perguntou Newt, com tranqüilidade forçada.

— Ah, claro. Às vezes alguns deles vão até o pub. São bem simpáticos de uma maneira meio tosca.

— Será que ele atiraria em nós se entrássemos? — perguntou Newt.

— Ele poderia apontar uma arma para nós de forma ameaçadora — admitiu Anathema.

— Para mim isso já está de bom tamanho. O que sugere que façamos, então?

— Bom, Agnes devia saber de alguma coisa. Então eu acho que a gente deve apenas esperar. Não é tão ruim agora que o vento baixou.

— Ah. — Newt olhou para as nuvens empilhadas no horizonte. — Boa e velha Agnes.

Caramba — disse Brian. — Isso seria muita maldade. Mais ou menos — disse Adam.

Adam pedalava rápido pela estrada. Cão correndo atrás e ocasionalmente tentando morder seu pneu traseiro por pura animação.

Ouviu-se um estalo e Pimentinha se desviou de seu caminho. Era fácil distinguir a bicicleta de Pimentinha. Ela achava que a tinha aperfeiçoado com um pedaço de papelão colocado inteligentemente contra a roda por um grampo de roupas. Gatos haviam aprendido a assumir ação evasiva quando ela estava a duas ruas de distância.

— Acho que dá pra gente cortar pela Drovers Lane e depois pegar a Roundhead Woods — disse Pimentinha.

— Está toda cheia de lama — disse Adam.

— Isso mesmo — disse Pimentinha nervosa. — Lá em cima ela fica toda enlameada. A gente devia ir pelo poço de calcário. Está sempre seco por causa do calcário. E depois subir pelo esgoto.

Brian e Wensleydale pararam atrás dos dois. A bicicleta de Wensleydale era preta, reluzente e muito bem-cuidada. A de Brian podia ter sido branca um dia, mas a cor estava perdida por baixo de uma grossa camada de lama.

— É estupidez chamar aquilo de base militar — disse Pimentinha. — Eu fui lá uma vez quando tiveram aquele dia aberto e não tinha armas nem mísseis nem nada. Só alavancas, mostradores e bandas de metais tocando.

— Sim — disse Adam.

— Alavancas e mostradores não são muito militares — disse Pimentinha.

— Realmente não sei — disse Adam. — É incrível o que você pode fazer com alavancas e mostradores.

— Eu ganhei um conjunto no Natal — disse Wensleydale. — De eletricidade. Tinha algumas alavancas e mostradores. Dava pra fazer um rádio ou uma coisa que faz bip.

— Não sei — disse Adam pensativo. — Estou pensando mais em certas pessoas entrando na rede militar mundial de comunicações e dizendo a todos os computadores e coisas assim pra começarem a lutar.

É um destino elevado e solitário ser Presidente da Associação de Moradores de Lower Tadfield.

R. P. Tyler, baixinho, bem-alimentado e satisfeito, descia uma pista campestre, acompanhado pelo poodle miniatura de sua esposa, Shutzi. R. P. Tyler sabia a diferença entre certo e errado; não havia subtons morais de qualquer espécie em sua vida. Mas não estava satisfeito simplesmente com que lhe garantissem a diferença entre o certo e o errado. Ele se sentia na obrigação de dizer isso ao mundo.

Mas R. P. Tyler não era daqueles que debatiam em praça pública ou escreviam versos polêmicos. O fórum escolhido de R. P. Tyler era a seção de cartas do Advertiser de Tadfield. Se a árvore de um vizinho tivesse a falta de consideração de deixar cair folhas no jardim de R. P. Tyler, R. P. Tyler primeiro as varreria todas cuidadosamente, as colocaria em caixas e deixaria as caixas na porta do vizinho, com um bilhete. Então escreveria uma carta para o Advertiser de Tadfield. Se avistasse adolescentes sentados no gramado do vilarejo, os toca-fitas portáteis tocando, e estivessem se divertindo, tomaria para si a tarefa de apontar para eles o erro daquele caminho. E depois de fugir dos vitupérios deles, escreveria para o Advertiser de Tadfield sobre o Declínio da Moralidade e a Juventude de Hoje.

Desde sua aposentadoria no ano passado, as cartas haviam aumentado ao ponto de nem mesmo o Advertiser de Tadfield ser capaz de publicá-las todas. Na verdade, a carta que R. P. Tyler havia terminado antes de sair em seu passeio vespertino começava assim:

Senhores,

É com pesar que noto que os jornais de hoje não se sentem mais na obrigação de atender ao seu público, nós, as pessoas que pagam suas assinaturas...

Ele inspecionou os galhos caídos que atulhavam a estreita estrada campestre. Não acho, ponderou ele, que eles pensem na conta da limpeza quando nos enviam essas tempestades. O Conselho Paroquial é que tem que pagar a conta para limpar isso tudo. E nós, os contribuintes, é que pagamos os salários deles...

Os eles nesse pensamento eram os meteorologistas da Rádio Quatro,* os quais R. P. Tyler culpava pelo tempo.

Ele não tinha televisão. Ou, como sua esposa definiu: "Ronald não quer ter uma dessas coisas em casa, não é, Ronald?" e ele sempre concordava, embora secretamente fosse ter gostado de ver um pouco da pornografia e da violência de que a National Viewers and Listeners Association reclamava. Não porque quisesse ver isso, claro. Só porque queria saber do que as outras pessoas deveriam ser protegidas.

Shutzi parou ao lado de uma bétula na beira da estrada para levantar a perninha.

R. P. Tyler desviou o olhar, envergonhado. Poderia até ser que o único propósito de seu passeio vespertino fosse permitir que o cão se aliviasse, mas nunca iria admitir isso a si mesmo. Olhou para as nuvens de tempestade. Estavam agrupadas bem alto, em imensas pilhas de cinza-sujo e negro. Não eram somente as línguas sibilantes de relâmpagos que se abriam em forquilhas perante eles como a seqüência de abertura de algum filme de Frankenstein; era o jeito como elas paravam ao alcançar as fronteiras de Lower Tadfield. E em seu

centro havia um trecho circular de luz do sol; mas a luz tinha uma qualidade amarelada, como a de um sorriso forçado.

Estava tudo tão quieto.

De repente, um rugido baixo.

Descendo a pista estreita vinham quatro motocicletas. Elas dispararam na direção dele e viraram a esquina, perturbando um pavão que atravessou apressado a pista num arco nervoso de vermelho e verde.

— Vândalos! — gritou R. P. Tyler quando passaram.

O campo não era para pessoas como eles. Era feito para pessoas como ele.

Puxou a guia de Shutzi e desceu marchando a estrada.

Cinco minutos depois virou a esquina, para encontrar três dos motociclistas em pé ao redor de um poste de sinalização caído, vítima da tempestade. O quarto, um homem alto com visor espelhado, continuava montado na sua moto.

R. P. Tyler observou a situação e chegou sem esforço a uma conclusão. Aqueles vândalos — naturalmente, ele tinha razão — haviam chegado ao campo para execrar o Memorial de Guerra e derrubar postes de sinalização.

Já ia avançar sobre eles com severidade quando lhe ocorreu que estava em desvantagem numérica, quatro para um, que eles eram mais altos do que ele, e que eram sem dúvida violentos psicopatas. Ninguém senão um violento psicopata andava de motocicleta no mundo de R. P. Tyler.

Então ele levantou o queixo e começou a passar por eles, sem aparentemente reparar que estavam lá, (Embora, como membro (leia-se fundador) de sua seção local do Neighborhood Watch, ele tivesse tentado memorizar os números das placas das motos.)

E o tempo todo compondo em sua cabeça uma carta (Senhores, este fim de tarde notei com pesar um grande número de baderneiros de motocicletas infestando Nossa Boa Aldeia. Por que, ó, por que, o governo nada faz a respeito desta praga de...).

— Oi — disse um dos motoqueiros, levantando a viseira para revelar um rosto magro e uma barba negra muito bem aparada. — Estamos perdidos.

— Ah — disse R. P. Tyler desaprovador.

— O poste de sinalização deve ter sido arrancado pela ventania — disse o motoqueiro.

— É, acho que sim — concordou R. P. Tyler. Notou com surpresa que estava ficando com fome.

— É. Bom, estamos indo para Lower Tadfield.

Uma sobrancelha intrometida se ergueu.

— Vocês são americanos. Da base da força aérea, suponho. (Senhores, quando cumpri o serviço militar eu era um crédito para o meu país. Noto com horror e desgosto que aeronautas da Base Aérea de Tadfield estão andando em motos por nosso nobre interior vestidos como malfeitores comuns. Ainda que eu aprecie a importância deles na defesa da liberdade do mundo ocidental...).

Então seu amor por dar instruções assumiu o controle.

— Voltem oitocentos metros pela estrada, virem a primeira à esquerda, está num estado deplorável, lamento informar, escrevi numerosas cartas para a prefeitura a respeito, vocês são servidores civis ou senhores civis, foi o que perguntei a eles, afinal, quem paga seus salários? então segunda à direita, só que não é exatamente direita, é à esquerda mas vocês vão descobrir que ela acaba virando para a direita, tem um poste de sinalização apontando para Porrifs Lane, mas naturalmente não é Porrifs Lane, é só olhar para o mapa de levantamento topográfico que vocês verão, é simplesmente a extremidade oeste de Forest Hill Lane, vocês vão sair no vilarejo, agora vocês passam pela Buli and Fiddle... isso é uma casa pública... então quando vocês chegarem à igreja (Eu disse às pessoas que compilam o mapa de levantamento topográfico que é uma igreja com uma agulha, não uma igreja com uma torre, na verdade eu escrevi para o Advertiser de Tadfield, sugerindo que eles fizessem uma campanha local para corrigir o mapa, e tenho muita esperança de que assim que essas pessoas perceberem com quem estão lidando vocês vão ver uma curva em U fechada

dali) então vocês vão chegar a uma encruzilhada, agora vocês seguem reto por essa encruzilhada e vão imediatamente chegar a uma segunda encruzilhada, agora, vocês podem pegar a bifurcação da esquerda ou seguir reto, qualquer um dos caminhos vai levar vocês à base aérea (embora a bifurcação da esquerda seja quase cem metros mais curta) e não têm como errar. Fome olhou para ele sem entender.

— Eu, ahn, acho que não entendi... — começou.

EU ENTENDI. VAMOS.

Shutzi soltou um latidinho e disparou para trás de R. P. Tyler, onde permaneceu, tremendo. Os estranhos voltaram a montar em suas motos. O de branco (um hippie, pela sua cara, pensou R. P. Tyler) deixou cair um pacote de batatas fritas vazio sobre a grama.

— Com licença — bradou Tyler. — Esse pacote de batatas fritas é seu?

— Ah, não só meu — disse o rapaz. — É de todo mundo.

R. P. Tyler elevou-se em toda sua estatura.*

* Um metro e sessenta.

— Jovem — disse ele — como se sentiria se eu fosse até sua casa e jogasse lixo por toda parte?

Poluição sorriu alegre.

— Muito, muito satisfeito — deu um suspiro. — Ah, isso seria maravilhoso.

Debaixo de sua moto, uma poça de óleo fazia um arco-íris na estrada molhada.

Os motores começaram a funcionar.

— Perdi uma parte — disse Guerra. — Por que a gente tem que fazer uma curva em U na igreja?

BASTA ME SEGUIREM, disse o mais alto na frente, e os quatro partiram juntos.

R. P. Tyler ficou olhando a partida, até sua atenção ser desviada pelo som de alguma coisa fazendo claclaclaclac. Virou-se. Quatro figuras em bicicletas

passaram por ele em disparada, seguidas de perto pela figura saltitante de um cãozinho.

— Vocês! Parem! — gritou R. P. Tyler.

Os Eles frearam e olharam para ele.

— Eu sabia que era você, Adam Young, e seu pequeno, hmf, bando. Posso saber o que vocês, crianças, estão fazendo aqui fora a esta hora da noite? Seus pais sabem que vocês estão aqui fora?

O líder dos ciclistas se virou.

— Não sei como você pode dizer que é tarde — disse ele. — Me parece, me parece, que se ainda tem sol então não é tarde.

— Mas já passou da hora de vocês dormirem — R. P. Tyler os informou — e não estique a língua para mim, mocinha — isto foi para Pimentinha — ou vou escrever uma carta para sua mãe informando-a do estado lamentável e pouco feminino dos modos da filha dela.

— Bom, com licença — disse Adam, irritado. — Pimentinha só estava olhando para o senhor. Não sabia que havia alguma lei contra olhar.

Houve uma comoção na grama. Shutzi, que era um poodle francês particularmente refinado, do tipo só possuído por gente incapaz de encaixar crianças em seus orçamentos familiares, estava sendo ameaçado por Cão.

— Senhor Young — ordenou R. P. Tyler. — Por favor afaste seu... seu vira-lata do meu Shutzi. — Tyler não confiava em Cão. Quando conhecera o cachorro, três dias antes, rosnara para ele, e seus olhos brilharam vermelhos. Isso havia impelido Tyler a começar uma carta ressaltando que Cão estava indubitavelmente com raiva, certamente um perigo para a comunidade, e deveria ser sacrificado pelo Bem Comum, até sua esposa o lembrar de que olhos brilhando vermelhos não eram sintoma de raiva, nem de qualquer coisa vista fora do tipo de filme que nenhum dos Tylers admitiria nem sob tortura mas sabiam tudo o que precisava saber a respeito, muito obrigado. Adam parecia assombrado.

— Cão não é um vira-lata. Cão é um cachorro notável. Ele é esperto. Cão, saia de perto do horrível poodle do Sr. Tyler.

Cão o ignorou. Ainda tinha muito cachorro para pegar.

— Cão — disse Adam ameaçador. Seu cachorro voltou cabisbaixo para a bicicleta do dono.

— Não acredito que você tenha respondido minha pergunta. Para onde vocês quatro estão se dirigindo?

— Para a base aérea — disse Brian.

— Se estiver tudo bem com o senhor — disse Adam, com o que esperava ser um sarcasmo amargo. — Quero dizer, não queremos ir lá se pro senhor não estiver bem.

— Seu debochado — disse R. P. Tyler. — Quando eu encontrar seu pai, Adam Young, vou informá-lo diretamente de que...

Mas os Eles já estavam pedalando estrada abaixo, na direção da Base Aérea de Lower Tadfield — viajando pela rota dos Eles, que era mais curta, mais simples e mais bonita do que a sugerida pelo Sr. Tyler.

R. P. Tyler havia composto uma extensa carta mental sobre as falhas da juventude de hoje. Ela cobria padrões educacionais fracassados, a falta de respeito dada a seus anciões e membros mais respeitosos, do jeito que sempre pareciam andar arrastando os pés hoje em dia em vez de andar com uma postura adequada, delinqüência juvenil, a volta do serviço militar obrigatório, surras de vara de marmelo, palmatórias e licenças de cachorros.

Ficou muito satisfeito com a carta. Linha uma leve suspeita de que seria boa demais para o Advertiser de Tadfield e decidiu enviá-la para o Times.

Putputput putputput

— Com licença, coração — disse uma voz feminina quente. — Acho que estamos perdidos.

Era uma lambreta velha pilotada por uma mulher de meia-idade. Agarrando-a com força, olhos completamente fechados, um homenzinho com

capa de chuva e um capacete verde fosforescente. Entre os dois estava o que parecia uma arma antiga com um cano em forma de funil.

— Ah. Para onde estão indo?

— Lower Tadfield. Não tenho certeza do endereço exato, mas estamos procurando por alguém — disse a mulher. Então, numa voz totalmente diferente: —Seu nome é Adam Young.

R. P. Tyler ficou boquiaberto.

— A senhora quer aquele garoto? O que ele fez agora... não, não, não me diga. Não quero saber.

— Garoto? — perguntou a mulher. — Você não me disse que era um garoto. Qual a idade dele? Ele tem onze anos. Bom, queria que você tivesse mencionado isso antes. As coisas passam a mudar inteiramente de figura.

R. P. Tyler limitou-se a ficar olhando para ela. Então percebeu o que estava se passando. A mulher era ventríloqua. O que ele supusera ser um homem de capacete verde era um boneco de ventríloquo, percebia agora. Ficou pensando como poderia ter achado que aquilo era humano. Sentiu que a coisa toda era de um ligeiro mau gosto.

— Eu vi Adam Young há menos de cinco minutos — disse à mulher. — Ele e seus moleques estavam a caminho da base aérea americana.

— Ah, meu deus — disse a mulher, ficando levemente pálida. — nunca gostei muito dos ianques. Mas são pessoas muito boas, sabia? Sim, mas não dá pra confiar em pessoas que pegam a bola com as mãos o tempo todo quando jogam futebol.

— Ahh, com licença — disse R. P. Tyler. — Acho que isso é muito bom. Impressionante. Sou presidente adjunto do Rotary local, e estava aqui me perguntando se a senhora faz espetáculos particulares?

— Só às quintas — disse Madame Tracy, desaprovadora. — E cobro extra. E será que o senhor podia nos mostrar o caminho da...

O Sr. Tyler já passara por isso antes. Sem dizer palavra, estendeu um dedo.

E a pequena lambreta saiu fazendo putputputputputput pista abaixo.

Nesse instante, o boneco cinzento de capacete verde se virou e abriu um olho.

— Seu veado sulista — resmungou.

R. P. Tyler ficou ofendido, mas também decepcionado. Achava que o boneco seria mais realista.

R. P. Tyler, a apenas dez minutos do vilarejo, parou, enquanto Shutzi tentava outro item de seu amplo espectro de funções eliminatórias. Ficou olhando pelo outro lado da cerca.

Seu conhecimento do campo era um pouco obscuro, mas tinha quase certeza de que, se as vacas estavam deitadas, isso queria dizer chuva. Se estivessem de pé o tempo provavelmente seria bom. Aquelas vacas estavam se revezando na execução de cambalhotas lentas e solenes; e Tyler ficou se perguntando o que isso pressagiava para o tempo.

Fungou. Alguma coisa estava queimando: havia um odor desagradável de metal, borracha e couro queimados.

— Com licença — disse uma voz atrás dele. R. P. Tyler virou-se.

Havia um carro enorme outrora-preto pegando fogo na pista e um homem com óculos de sol curvado para fora de uma janela, dizendo por entre a fumaça.

— Desculpe, consegui me perder um pouco. Pode me dizer onde fica a Base Aérea de Lower Tadfield? Sei que fica por aqui em algum lugar.

Seu carro está pegando fogo.

Não. Tyler não conseguia dizer isso. Quero dizer, o homem tinha que saber isso, não tinha? Estava sentado no meio do incêndio. Devia ser alguma pegadinha.

Então, em vez disso, ele disse:

— Acho que você deve ter feito uma curva errada um quilômetro atrás. Um poste de sinalização foi derrubado pela ventania.

O estranho sorriu.

— Deve ter sido isso. As chamas laranja tremeluzindo atrás dele lhe davam um aspecto quase infernal. O vento soprou na direção de Tyler, cruzando o carro, e sentiu as sobrancelhas chamuscarem.

Com licença, jovem, mas seu carro está pegando fogo e você sentado nele sem queimar e por acaso ele está ardendo em alguns lugares.

Não.

Será que não devia perguntar ao homem se gostaria que ele ligasse para os A.A.?

Em vez disso, explicou a rota com cuidado, tentando não olhar fixo para ele.

— Perfeito. Muito obrigado — disse Crowley, ao começar a levantar o vidro.

R. P. Tyler tinha de dizer alguma coisa.

— Com licença, meu rapaz.

— Sim?

Quero dizer, não é o tipo de coisa que você não notaria, seu carro pegando fogo.

Uma língua de fogo lambeu o console esturricado.

— Que tempinho engraçado estamos tendo, não é?

— É mesmo? — comentou Crowley. — Honestamente, eu não tinha notado. — E voltou pela pista campestre em seu carro em chamas.

— Provavelmente porque seu carro está pegando fogo — disse R. P. Tyler. Puxou a guia de Shutzi, arrastando o cãozinho aos seus pés.

Ao Editor

Senhor,

Gostaria de chamar sua atenção para uma recente tendência que notei da juventude de hoje em ignorar precauções perfeitamente sensatas ao dirigir. Esta noite um rapaz que parou para me pedir informações estava com o carro... Não. Dirigia um carro que...

Não.

Estava pegando fogo...

O humor ficando pior, R. P. Tyler seguiu o resto do caminho até o vilarejo pisando nas tamancas.

— Ei! — gritou R. P. Tyler. — Young!

O Sr. Young estava em seu jardim da frente, sentado em sua espreguiçadeira, fumando seu cachimbo.

Isso tinha mais a ver com a recente descoberta que Deirdre fizera da ameaça do fumo passivo e a proibição do fumo na casa do que ele gostaria de admitir aos seus vizinhos. Isso não melhorava seu humor. Nem o fato de ser chamado de Young pelo Sr. Tyler.

— Sim?

— Seu filho, Adam.

O Sr. Young suspirou.

— O que ele fez agora?

— Sabe onde ele está?

O Sr. Young conferiu o relógio.

— Indo pra cama, suponho.

Tyler abriu um sorriso rígido e triunfante.

— Duvido. Acabei de vê-lo e a seus amiguinhos endiabrados, e aquele cachorro pavoroso, indo de bicicleta até a base aérea, há menos de meia hora.

O Sr. Young deu uma baforada do cachimbo.

— Você sabe como eles são rigorosos lá em cima — disse o Sr. Tyler, caso o Sr. Young não tivesse captado a mensagem. — Você sabe como seu filho gosta de apertar botão e coisas do gênero — acrescentou.

O Sr. Young tirou o cachimbo da boca e examinou pensativo o cabo.

— Hnf — disse.

"Sei — disse.

"Certo — disse.

E entrou em casa.

Exatamente naquele mesmo instante, quatro motocicletas pararam bruscamente a poucas centenas de metros do portão principal. Os motoqueiros desligaram os motores e levantaram as viseiras dos capacetes. Bom, pelo menos três deles fizeram isso.

— Eu achava que a gente fosse passar por cima da barreira — disse Guerra excitada.

— Isso só causaria problemas — respondeu Fome.

— Ótimo.

— Quero dizer problemas para nós. As linhas telefônicas e elétricas devem estar desativadas, mas eles devem ter geradores e certamente possuem rádio. Se alguém começar a relatar que terroristas invadiram a base, então as pessoas vão começar a agir logicamente e o Plano inteiro cai por terra.

— Hm.

NÓS ENTRAMOS, FAZEMOS O SERVIÇO, SAÍMOS, DEIXAMOS A NATUREZA HUMANA SEGUIR SEU CURSO, disse Morte.

— Não imaginei que fosse ser assim, companheiros — disse Guerra. — Não esperei milhares de anos só pra mexer com pedacinhos de fio. Isso não é o que se pode chamar de dramático. Albrecht Dürer não perdeu tempo fazendo entalhes dos Quatro Apertadores de Botão do Apocalipse, isso eu sei.

— Pensei que haveria som de trombetas — disse Poluição.

— Veja da seguinte maneira — disse Fome. — Isto é só o trabalho básico. Vamos dar a cavalgada mais tarde. A cavalgada adequada. Asas da tempestade e o negócio todo. Você precisa ser flexível.

— Não era para encontrarmos... alguém? — perguntou Guerra.

Não havia som algum, a não ser os ruídos metálicos dos motores das motocicletas que esfriavam.

Então Poluição disse, lentamente:

— Sabem, também não posso dizer que imaginava que as coisas fossem se dar assim. Achei que seria, bem, uma cidade grande. Ou um país grande. Nova York, talvez. Ou Moscou. Ou o próprio Armagedon.

Outra pausa.

Então falou Guerra:

— Onde fica o Armagedon, por falar nisso?

— Engraçado você perguntar — disse Fome. — Eu sempre quis procurar.

— Existe uma Armagedon na Pensilvânia — disse Poluição — ou talvez Massachusetts, ou um lugar desses. Muitos caras de barbas grande e chapéus pretos sérios.

— Não — disse Fome. — Acho que fica em algum lugar em Israel.

MONTE CARMELO.

— Pensei que eles cultivassem abacates ali.

E O FIM DO MUNDO.

— É mesmo? Que abacate grande, hein?

— Acho que fui lá uma vez — disse Poluição. — A antiga cidade de Meggido. Logo antes da queda. Bonito lugar. Um portão real interessante.

Guerra olhou o verde ao redor deles.

— Puxa — disse ela — nós viramos mesmo no lugar errado.

A GEOGRAFIA É IRRELEVANTE.

— Perdão, senhor?

SE O ARMAGEDON É EM QUALQUER LUGAR, É EM TODA PARTE.

— Isso mesmo — disse Fome. — Não estamos falando mais de alguns quilômetros quadrados de grama e cabras.

Outra pausa.

VAMOS.

Guerra pigarreou.

— É que eu achei que... ele estaria vindo conosco...?

Morte ajeitou suas manoplas.

ISTO, ele disse com firmeza, É TRABALHO PARA PROFISSIONAIS.

Mais tarde, o sgto. Thomas A. Deisenburger se recordaria dos eventos no portão como tendo acontecido da seguinte maneira:

Um grande carro parou junto ao portão. Era comprido e tinha um aspecto oficial, embora, depois, ele não tivesse certeza que pensara isso, ou por que por um momento ele tivera a de que o carro tinha quatro motores de motocicletas.

Quatro generais saíram. Mais uma vez, o sargento não ta certeza de por que pensara isso. Eles tinham identificação adequada. Que espécie de identificação, sinceramente, ele não conseguia lembrar, mas que era adequada era. Bateu continência.

E um deles disse:

— Inspeção-surpresa, soldado.

Ao que o sgto. Thomas A. Deisenburger respondeu:

— Senhor, não fui informado quanto à incidência de inspeção-surpresa neste momento, senhor.

— Claro que não — disse um dos generais. — Por isso é surpresa.

O sargento tornou a bater continência

— Senhor, permissão para confirmar esta informação com o comando da base, senhor — disse, sem graça.

O mais alto e magro dos generais afastou-se um pouco e deu as costas e cruzou os braços.

Um dos outros pôs um braço amigo sobre os ombros do sargento e inclinou-se para a frente de forma conspiratória.

— Agora escute aqui... — olhou a etiqueta com o nome sargento — ... Deisenburger, talvez eu lhe dê uma folga. Esta é uma inspeção-surpresa, entendeu? Surpresa. Isso significa que você não toca a buzina no momento em que entrarmos, entende? E não sai de seu posto. Um soldado de carreira como você entende isso certo? — acrescentou. Piscou. — Caso contrário, você vai acabar tão lá embaixo que vai ter de dizer "senhor" para um diabrete.

O sgto. Thomas A. Deisenburger ficou olhando para entender.

— Recruta — murmurou um dos outros generais. Segundo o crachá dela, seu nome era Waugh. O sgto. Deisenburger nunca vira uma generala como ela antes, mas certamente era um avanço.

— O quê?

— Recruta. Diabrete não.

— Sim, foi o que eu quis dizer. Sim. Recruta. Ok, soldado?

O sargento considerou o número muito limitado de opções à sua disposição.

— Senhor, inspeção-surpresa, senhor? — perguntou.

— Classificcionada provisionadamente para este momento — disse Fome, que havia passado anos aprendendo a como vender para o governo federal e já começava a se recordar de como era o jargão da área.

— Senhor, positivo, senhor — disse o sargento.

— Bom homem — disse Fome, quando a barreira foi erguida. — Você vai longe. — Olhou para seu relógio. — Daqui a pouquinho.

Às vezes os seres humanos são muito parecidos com abelhas. Abelhas protegem ferozmente sua colméia, desde que você esteja fora dela, uma vez lá dentro, as operárias passam a supor que você deve ter sido liberado pela administração e nem ligam para você; vários insetos de carga evoluíram para uma existência melíflua devido a este fato. Humanos agem da mesma forma.

Ninguém deteve os quatro enquanto eles se dirigiam para um dos prédios compridos e baixos debaixo da floresta de antenas de rádio. Ninguém prestou qualquer atenção a eles. Talvez não vissem absolutamente nada. Talvez vissem o que suas mentes foram instruídas a ver, pois o cérebro humano não está equipado para ver Guerra, Fome, Poluição e Morte quando elas não querem ser

vistas, e ele ficou tão bom em não ver isso que muitas vezes consegue não vê-las mesmo quando abundam por toda parte.

Os alarmes eram totalmente descerebrados e acharam que viram quatro pessoas onde as pessoas não deveriam estar, e não dispararam.

Newt não fumava, porque não permitia que a nicotina tivesse acesso ao templo de seu corpo ou, mais precisamente, o pequeno tabernáculo de latão Metodista Galés de seu corpo. Se tivesse sido fumante, teria engasgado com a fumaça do cigarro que estaria fumando naquele momento para acalmar seus nervos. Anathema se levantou e ajeitou o amarrotado da saia.

— Não se preocupe — disse. — Elas não se aplicam a nós. Alguma coisa provavelmente está acontecendo lá dentro.

Ela sorriu ao ver o rosto pálido dele.

— Vamos — disse. — Não é nenhum O. K. Corral.

— Não. Eles tem armas melhores — disse Newt.

Ela o ajudou a se levantar.

— Não importa — disse. — Tenho certeza de que você vai pensar em alguma coisa.

Era inevitável que nem todos quatro pudessem contribuir de modo igual, pensou Guerra. Ela ficara surpresa com sua afinidade nata com sistemas modernos de armas, que eram muito mais eficientes do que pedaços de metal afiado, e naturalmente Poluição gargalhou ao ver os dispositivos absolutamente à prova de falhas. Até Fome sabia pelo menos o que eram computadores. Ao passo que... bem, ele não fazia nada a não ser ficar por perto, embora fizesse isso com um certo estilo. Guerra se dera conta de que um dia a Guerra poderia

ter um fim, a Fome poderia ter um fim, possivelmente até a Poluição poderia ter um fim, e talvez por isso o quarto e maior dos cavaleiros nunca fosse exatamente o que se poderia chamar de um dos rapazes. Era como ter um fiscal de renda no seu time de futebol. Ótimo tê-lo do seu lado, claro, mas não era o tipo de pessoa com a qual você gostaria de beber e bater um papo depois. Não dava pra ficar cem por cento à vontade.

Dois soldados correram através dele enquanto ele olhava pelo ombro ossudo de Poluição.

O QUE SÃO ESSAS COISAS BRILHANTES?, perguntou, no tom de voz de quem sabe que não vai ser capaz de compreender a resposta mas quer que saibam que está interessado.

— Displays LED de sete segmentos — disse o rapaz. Ele adorava pôr as mãos num banco de relês, que se fundiam ao seu toque, e em seguida introduziam uma hoste de vírus auto-replicáveis que disparavam no éter eletrônico.

— Eu podia passar sem esses malditos alarmes — murmurou Fome.

Morte estalou os dedos distraído. Uma dezena de sirenes gorgolejou e morreu.

— Não sei, eu gostava delas — disse Poluição.

Guerra meteu a mão dentro de outro gabinete de metal. Tinha de admitir que não era o que ela esperava que fosse, mas quando correu os dedos por sobre os eletrônicos e às vezes dentro deles, sentia uma sensação familiar. Era um eco do que você sentia quando empunhava uma espada, e ela sentiu um arrepio de antecipação ao pensar que aquela espada envolvia o mundo inteiro e uma certa quantidade do céu sobre ele também. Ela a amava. Uma espada flamejante.

A humanidade nunca fora muito boa em perceber que espadas são perigosas se deixadas em qualquer lugar, embora ela tivesse feito o melhor de si, com suas limitações, para assegurar que as chances de uma daquele tamanho ser empunhada por acidente fossem altas. Era um pensamento animador. Era

bom saber que a humanidade fazia uma distinção entre explodir seu planeta em pedacinhos por acidente e fazê-lo de forma planejada.

Poluição enfiou as mãos noutro gabinete de equipamentos eletrônicos caríssimos.

O guarda no buraco da cerca parecia bestificado. Ele estava ciente da agitação na base, seu rádio não pegava nada senão estática e seus olhos estavam sendo atraídos sem parar para o cartão à sua frente.

Ele já vira muitos cartões de identidade na vida — militares, CIA, FBI, até KGB — e, sendo um soldado jovem, ainda tinha que compreender o fato de que, quanto mais insignificante uma organização, mais impressionantes são suas carteiras de identidade.

Aquele era diabolicamente impressionante. Seus lábios se moviam enquanto o lia, desde "O Lorde Protetor da Communidade Britânica cobra e exige", passando pela parte sobre o comando de toda fogueira, corda e óleos incendiários, até a assinatura do primeiro Lorde Assistente do ECB, Louvai-a-Todas-as-Obras-do-Senhor-e-Evitai-Fornicaçao Smith. Newt tentava manter o polegar tapando a parte sobre Nove Pence por Bruxa e tentava parecer como James Bond.

Finalmente o intelecto perscrutador do guarda encontrou uma palavra que achava ter reconhecido.

— O que é isto aqui — disse com suspeita — sobre a gente ter que dar bichas a vocês?

— Ah, a gente precisa delas — disse Newt. — Nós queimamos elas.

— Como é que é?

— Nós as queimamos.

O rosto do guarda se iluminou num sorriso de orelha a orelha. E haviam lhe dito que a Inglaterra era frouxa.

— Beleza!

Alguma coisa pressionou suas costas.

— Largue a arma — disse Anathema, ao seu lado — ou vou lamentar o que terei de fazer em seguida.

Bom, é verdade, ela pensou ao ver o homem ficar rígido de terror. Se ele não deixar cair a arma vai descobrir que isto é um graveto, e aí eu realmente terei de lamentar ser baleada.

No portão principal, o sgto. Thomas A. Deisenburger também estava tendo problemas. Um homenzinho com uma capa suja ficava apontando um dedo para ele e resmungando, enquanto uma senhora que se parecia ligeiramente com sua mãe falava com ele em tons urgentes e continuava interrompendo a si mesma numa voz diferente.

— É realmente de importância vital que tenhamos permissão de falar com quem estiver no comando — disse Aziraphale. —Eu realmente preciso pedir que ele está certo, sabia?, se estivesse mentindo eu saberia sim, obrigado, acho que realmente chegaríamos a algum lugar se você por gentileza me permitisse continuar tudo bem obrigado Eu só estava tentando ser gentil Sim! Ahn. Você estava pedindo a ele para sim, tudo bem... agora...

— Está vendo meu dedo? — gritou Shadwell, cuja sanidade ainda estava ligada a ele mas apenas na extremidade de um fio longo e um tanto esfiapado. — Está vendo isto? Este dedo, rapazinho, poderia enviar você para se encontrar com seu Criador!

O sgto. Deisenburger ficou olhando a unha preta e roxa a alguns centímetros de seu rosto. Como arma ofensiva ela tinha uma cotação bastante alta, especialmente se fosse algum dia usada na preparação de comida.

O telefone não lhe dava nada senão estática. Disseram-lhe para não abandonar seu posto. Sua ferida do Vietnã estava começando a doer.- Ficou imaginando se dava algum problema atirar em civis não-americanos.

Ele havia escorregado e caído num chuveiro de hotel em suas férias em 1983. Agora a simples visão de uma barra de sabonete amarelo podia provocar flashbacks quase fatais.

As quatro bicicletas pararam pertinho da base. Marcas de pneus na poeira e uma mancha de óleo indicavam que outros viajantes haviam parado ali por um instante.

— Por que estamos parando? — perguntou Pimentinha.

— Estou pensando — disse Adam.

Era difícil. A parte de sua mente que ele conhecia como si mesmo ainda estava lá, mas tentava permanecer flutuando numa fonte de trevas tumultuosas. Mas ele estava consciente de que seus três companheiros eram cem por cento humanos. Ele já os havia metido em apuros antes, na forma de roupas rasgadas, dinheiro perdido e coisas assim, mas aquilo iria quase certamente envolver muito mais do que ficar de castigo em casa e ser obrigado a arrumar seu quarto.

Por outro lado, não havia mais ninguém.

— Tudo bem — disse ele. — Precisamos de algumas coisas, eu acho. Precisamos de uma espada, uma coroa e um par de balanças.

Ficaram olhando fixo para ele.

— O quê, logo aqui? — disse Brian. — Mas não tem nada disso aqui.

— Não sei — disse Adam. — Quando a gente pára pra pensar nas brincadeiras que a gente já brincou...

Só para completar o dia do sgto. Deisenburger, um carro estacionou e ficou flutuando a vários centímetros do solo porque não tinha pneus. Nem tinta. O que ele tinha era uma trilha de fumaça quando parou começou a fazer os ruídos de estalo que o metal esfriando de uma temperatura muito alta costuma fazer.

Parecia ter vidros fume, embora isso fosse simplesmente um efeito provocado pelo fato dos vidros normais estarem com um interior cheio de fumaça.

A porta do motorista se abriu e uma nuvem de fumaça sufocante saiu. Então Crowley a acompanhou.

Afastou a fumaça com um gesto de mão, piscou e transformou o gesto num aceno amigável.

— Oi — disse. — Como está indo? O mundo já acabou?

— Ele não quer deixar a gente entrar, Crowley — disse Madame Tracy.

— Aziraphale? É você? Belo vestido — disse Crowley vagamente.

Ele não estava se sentindo muito bem. Nos últimos quarenta e cinco quilômetros estivera imaginando que uma tonelada de metal, borracha e couro queimando eram um automóvel em pleno funcionamento, e o Bentley resistira ferozmente a ele. A parte difícil fora manter o conjunto inteiro rodando depois que os radiais para todos os tipos de tempo haviam queimado. Ao seu lado, os restos Bentley caíram subitamente sobre as armações distorcidas das rodas quando ele parou de imaginar que ele tinha pneus.

Ele deu uma palmadinha na superfície de metal quente o bastante para fritar ovos.

— Você não ia conseguir esse desempenho num desses carros modernos — disse carinhoso.

Todos ficaram olhando para ele.

Ouviu-se um pequeno clique eletrônico.

O portão estava subindo. A proteção que continha o motor elé trico deu um gemido mecânico, e então cedeu face à força irresistível atuando sobre a cancela.

_ Ei! — disse o sgto. Deisenburger. — Qual de vocês malucos fez isso?

Zip. Zip. Zip. Zip. E um cão pequeno, as perninhas quase invisíveis na carreira.

Todos ficaram olhando para as quatro figuras que, pedalando furiosas, abaixaram as cabeças sob a cancela e desapareceram dentro da base.

O sargento se aprumou.

— Ei! — disse, mas com muito menos energia desta vez. — Algum daqueles garotos por acaso não tinha um alienígena espacial com um rosto igual ao de um bolinho de esterco em cima de uma cestinha?

— Acho que não — disse Crowley.

— Então — disse o sgto. Deisenburger — eles estão numa encrenca muito séria. — Ergueu a arma. Bastava de tanta enrolação; ele não conseguia parar de pensar em sabonete. — E vocês também — concluiu.

— Estou lhe avisando... — começou Shadwell.

— Isto já foi longe demais — disse Aziraphale. — Resolva isso, Crowley, meu bom rapaz.

— Hmm? — fez Crowley.

— Eu sou o cara bonzinho — disse Aziraphale. —— Estalou os dedos. Não pode esperar que eu... ah, que droga. Você tenta fazer as coisas decentes, e onde isso te leva?

Ouviu-se um estalo como o de um flash antigo, e o sgto. Thomas A. Deisenburger desapareceu.

— Ahn — disse Aziraphale.

— Viu? — disse Shadwell, que não tinha entendido bem a divisão de personalidades de Madame Tracy. — Não foi nada. Fique comigo, você vai ficar bem.

— Muito bem — disse Crowley. — Nunca pensei que fosse capaz.

— Não — disse Aziraphale. —Nem eu, pra falar a verdade. Espero não tê-lo mandado para algum lugar terrível

— É melhor se acostumar com isso neste instante — disse Crowley. — Você apenas os manda. Melhor não se esquentar com o local para onde vão. — Parecia fascinado. — Não vai me apresentar ao seu novo corpo?

— Ahn? Ah, sim, claro. Madame Tracy, este é Crowley. Crowley, Madame Tracy . Encantada, com certeza.

— Vamos prosseguir — disse Crowley. Olhou triste as ruínas do Bentley, e então seu rosto se iluminou. Um jipe estava voltado para o portão, e parecia estar lotado de pessoas que iam gritar perguntas, disparar armas e não se preocupar com a ordem dos fatores.

Ficou animado. Aquilo era mais para o que poderia se chamar sua área de competência.

Tirou as mãos dos bolsos e levantou-as como Bruce Lee, sorrindo como Lee van Cleef.

— Ah — disse — aí vem o transporte.

Estacionaram suas bicicletas do lado de fora de um dos prédios baixos. Wensleydale trancou cuidadosamente a sua. Ele era esse tipo de garoto.

— Então, como é que são essas pessoas? — perguntou Pimentinha.

— Eles podem ter todo tipo de aparência — disse Adam, na dúvida.

— São adultos? — perguntou Pimentinha.

— São — disse Adam. — Mais adultos do que você jamais viu antes, acredito.

— Brigar com adultos nunca dá certo — disse Wensleydale triste. — Você sempre se dá mal.

— Não é preciso brigar com eles — disse Adam. — Basta fazer o que eu te disse.

Os Eles olharam para as coisas que estavam carregando. Vistas como ferramentas para consertar o mundo, não pareciam incrivelmente eficientes.

— Como é que vamos achar eles, então? — perguntou Brian, na dúvida. — Eu lembro que quando a gente foi ao Dia de Abertura, era tudo salas e coisas. Muitas salas e luzes que piscavam.

Adam olhou pensativo para os prédios. Os alarmes ainda estavam gritando.

— Bom — disse ele — me parece...

— Ei, o que vocês estão fazendo aqui, garotos?

Não era uma voz cem por cento ameaçadora, mas estava quase no fim de sua paciência e pertencia a um policial que passara dez minutos tentando entender um mundo sem sentido onde alarmes disparavam e portas não se abriam. Dois soldados igualmente perturbados estavam atrás dele, ligeiramente sem saber como lidar com quatro crianças pequenas e claramente caucasianas, uma delas marginalmente fêmea.

— Não se preocupe conosco — disse Adam tranqüilo. — Estamos só dando uma olhadinha.

— Por que vocês não ... — começou o tenente.

— Vão dormir — disse Adam. — Vão dormir, tá? Todos os soldados aqui vão dormir. Aí vocês não vão se machucar. Vocês todos vão dormir agora.

O tenente ficou olhando para ele, os olhos tentando se concentrar. Então desabou para a frente.

— Legal — disse Pimentinha, quando os demais tombaram. — Como foi que você fez isso?

— Bom — disse Adam cauteloso — lembra daquele negócio de hipnotismo no livro 101 Coisas que Um Rapaz Pode Fazer que a gente nunca conseguiu fazer dar certo?

— Lembro.

— Pois é, é meio assim, só que agora eu descobri como fazer. — Voltou-se para o prédio das comunicações.

Aprumou-se, o corpo desdobrando-se de sua habitual posição curvada para uma postura ereta da qual o Sr. Tyler teria orgulho.

— Certo — disse.

Pensou por um instante.

Então disse:

— Venham ver só.

Se você tirasse o mundo e deixasse apenas a eletricidade, você veria a mais exótica filigrana jamais feita: uma bola de linhas prateadas brilhantes com a ocasional ponta coruscante de um raio de satélite. Mesmo as áreas escuras brilhariam com ondas de radar e rádio comercial. Poderia ser o sistema nervoso de uma grande besta.

Aqui e ali as cidades fazem nós na rede, mas a maior parte da eletricidade é, como sempre foi, mera musculatura, preocupada apenas com o trabalho pesado. Mas por cerca de cinqüenta anos as pessoas tem dado inteligência à eletricidade.

E agora ela estava viva, da mesma forma que o fogo está vivo. Interruptores estavam se fundindo. Reles derretiam. No coração de chips de silício cuja arquitetura microscópica parecia um plano de rua de caminhos novos de Los Angeles recém-abertos, e a centenas de quilômetros de distância campainhas tocavam em aposentos subterrâneos e homens olhavam horrorizados para o que certas telas lhes diziam. Portas pesadas de aço se fechavam firmemente em montanhas ocas secretas, deixando pessoas do outro lado batendo nelas e lutando com caixas de fusíveis que haviam se derretido. Pedaços de deserto e tundra abriram caminho, deixando entrar o ar fresco em tumbas com ar condicionado, e formas ogivais assumiram posição de ataque.

E enquanto ela fluía onde não devia, apagava-se de seus leitos normais. Nas cidades, as luzes de trânsito se apagaram, depois as luzes das ruas e em seguida todas as luzes. Ventiladores diminuíram a velocidade, piscaram e pararam. Aquecedores escureceram. Elevadores pararam. Estações de rádio engasgaram, sua música tranqüilizadora silenciada.

Dizem que a civilização está a vinte e quatro horas e duas refeições de distância do barbarismo.

A noite caía lentamente sobre a Terra que girava. Ela devia estar repleta de pontinhos de luz. Não estava.

Havia cinco bilhões de pessoas lá embaixo. O que ia acontecer em breve faria o barbarismo parecer um piquenique: quente, terrível e no fim das contas entregue às formigas.

Morte se endireitou. Parecia estar escutando com atenção. Todo mundo ficou se perguntando o que ele escutava.

ELE ESTÁ AQUI, disse.

Os outros três olharam para cima. Houve uma mudança ligeiramente perceptível no modo como eles ficaram ali. Um momento antes que Morte houvesse falado, eles, a parte deles que não andava e falava como seres humanos, haviam envolvido o mundo. Agora eles estavam de volta.

Mais ou menos.

Havia algo de estranho neles. Era como se, em vez de trajes que lhes caíssem mal, tivessem agora corpos que não lhes caíssem bem. Fome parecia estar numa estação de televisão ligeiramente fora de sintonia, de forma que o sinal dominante até então — de um homem de negócios agradável, dinâmico e bem-sucedido — estava começando a ser afogado pela antiga e horrível estática de sua personalidade básica. A pele da Guerra reluzia de suor. A pele de Poluição só reluzia.

— Está tudo... resolvido — disse Guerra, falando com certo esforço. — Tudo... vai seguir seu curso.

— Não é só o nuclear — disse Poluição. — É o químico. Milhares de litros de coisas em... pequenos tanques por todo o mundo. Líquidos lindos... com nomes de dezoito sílabas. E os... velhos regra-três. Podem dizer o que quiserem. Plutônio pode causar males por milhares de anos, mas arsênico fica para sempre.

— E depois... o inverno — disse Fome. — Eu gosto do inverno. Tem algo de... limpo no inverno.

— Galinhas indo... ciscar em casa — disse Guerra.

— Galinhas, nunca mais — disse Fome peremptório.

Somente Morte não havia mudado. Certas coisas não mudam.

Os Quatro deixaram o prédio. Era visível que Poluição, enquanto caminhava, dava a impressão de estar vazando.

E isso foi notado por Anathema e Newton Pulsifer.

Fora o primeiro prédio em que entraram. Ele parecera muito mais seguro do lado de dentro que do lado de fora, onde parecia haver muita agitação. Anathema havia empurrado uma porta coberta de sinais que sugeriam que aquela seria uma coisa terminalmente perigosa de se fazer. Ela se abriu ao seu toque. Quando entraram, ela se fechou e se trancou.

Não houve muito tempo para discutir isso depois que os Quatro entraram.

— O que eram eles? — perguntou Newt. — Algum tipo de terroristas?

— De um modo bem belo e preciso — disse Anathema — acho que você tem razão.

— Do que tratava toda aquela conversa estranha?

— Acho que do fim do mundo — disse Anathema. — Viu as auras deles?

— Acho que não — respondeu Newt.

— Não eram nem um pouco boas.

— Ah.

— Auras negativas, pra falar a verdade.

— Ah?

— Como buracos negros.

— Isso é ruim, não é?

- É.

Anathema encarou as fileiras de gabinetes de metal. Por uma vez, só agora, porque não era só de brincadeira mas para valer, a maquinaria que iria provocar o fim do mundo, ou pelo menos a parte dele que ocupava a camada entre dois metros abaixo deles e no alto até a camada de ozônio, não estava funcionando de acordo com o roteiro de costume. Não havia cilindros vermelhos com luzes piscando. Não havia fios enrolados com cara de "me corta". Não havia nenhum display numérico enorme em contagem regressiva até zero que pudesse ser desativado faltando segundos. Em vez disso, os gabinetes de metal pareciam sólidos, pesados e muito resistentes a um heroísmo de último instante.

— O que segue seu curso? — perguntou Anathema. — Eles fizeram algo, não fizeram?

— Talvez haja algum botão de "desliga", não? — Newt comentou indefeso. — Tenho certeza que, se a gente procurasse...

— Esse tipo de coisa está embutido. Não seja bobo. Pensei que soubesse dessas coisas.

Newt assentiu desesperado. Das páginas de Eletrônica Fácil para aquilo ali a distância era enorme. Pela cara da coisa, ele olhou nas costas de um dos gabinetes.

— Comunicações mundiais — disse indistintamente. — Pode-se fazer praticamente tudo. Modular a força principal, penetrar em satélites. Absolutamente tudo. Dá pra — zip — ai, dá pra — zap — ui, fazer as coisas — zipt — ahn, ficarem bem — zzap — ooh.

— Como está indo aí dentro?

Newt soprou os dedos. Até agora não havia encontrado nada que lembrasse um transistor. Enrolou a mão no lenço e tirou umas duas placas de seus slots.

Certa vez, uma das revistas de eletrônica que assinava publicara um circuito de brincadeira que garantiam não funcionar. Finalmente, disseram de um jeito engraçado, eis aqui algo que você pode construir na certeza de que se ele não fizer nada, é porque está funcionando. Tinha diodos invertidos, transistores de cabeça para baixo e uma bateria arriada. Newt o construíra, e ele captara a Rádio Moscou. Escrevera uma carta reclamando, mas eles jamais responderam.

— Realmente não sei se estou fazendo alguma coisa certa.

— James Bond só desmancha coisas — disse Anathema.

— Desmancha só não — disse Newt, o humor começando a esquentar. — E eu não sou — zip — James Bond. Se eu fosse — fizz — os bandidos teriam me mostrado todos os dispositivos letais e me dito como funcionavam, não teriam? — Fwizzpt — Só que na vida real não acontece assim! Eu não sei o que está acontecendo e não consigo impedir.

Nuvens bloqueavam o horizonte. Acima, o céu ainda estava claro, o ar rasgado por nada mais que uma brisa leve. Mas não era ar normal. Tinha um jeito cristalizado, do tipo que quando você vira a cabeça pode ver novas facetas. Ele reluzia. Se você tivesse que encontrar uma palavra para descrever isso, a palavra aglomerado poderia se insinuar insidiosa em sua cabeça. Aglomerado com seres insubstanciais que aguardavam somente o momento certo de se tornarem muito substanciais.

Adam olhou para cima. Por um lado, só havia ar limpo sobre sua cabeça. Por outro, estendendo-se ao infinito, estavam as hostes do Céu e do Inferno, asa com asa. Se você olhasse bem de perto, e tivesse sido especialmente treinado, poderia dizer a diferença. O silêncio segurava a bolha do mundo em sua mão. A porta do prédio se abriu de repente e os Quatro saíram. Agora não havia mais que um vestígio de humanidade em três deles: pareciam formas humanóides feitas de todas as coisas que eram ou representavam. Faziam Morte parecer positivamente bem-vindo. Seu sobretudo de couro e o capacete com visor escuro

haviam se tornado um manto com capuz, mas isso era um mero detalhe. Um esqueleto, ainda que vivo, é pelo menos humano; uma espécie de Morte jaz por trás de toda criatura viva.

— O fato é — disse Adam urgente — que eles não são realmente reais. São que nem pesadelos.

— M-mas a gente não tá dormindo — disse Pimentinha.

Cão ganiu e tentou se esconder atrás de Adam.

— Aquele ali parece que está derretendo — disse Brian, apontando para a figura que avançava, se aquilo ainda podia ser chamado de figura, da Poluição.

— Então vocês estão aí, hein? — disse Adam de modo encorajador. — Não pode ser de verdade, pode? É senso comum. Uma coisa dessas não pode ser realmente real.

Os Quatro pararam a poucos metros.

ESTÁ CONSUMADO, disse Morte. Inclinou-se um pouco e olhou sem olhos para Adam. Era difícil dizer se ele estava surpreso.

— Tá, tudo bem — disse Adam. — A coisa é que eu não quero que seja consumado. Nunca pedi pra isso ser feito.

Morte olhou para os outros três, e então de novo para Adam. Atrás deles um jipe parou com uma freada brusca. Ignoraram. NÃO ENTENDO, disse ele. CERTAMENTE SUA PRÓPRIA EXISTÊNCIA EXIGE O FIM DO MUNDO. ESTÁ ESCRITO.

— Não sei por que alguém sai por aí escrevendo um troço desses — disse Adam com calma. — O mundo está cheio de todo tipo de coisa brilhante e eu ainda não descobri tudo, portanto não quero que ninguém mexa com ele nem acabe com ele antes de eu ter uma chance de descobrir tudo sobre ele. Então vocês podem todos ir embora.

(— É aquele ali, Sr. Shadwell — disse Aziraphale, suas palavras inseguras enquanto as pronunciava. —Aquele... da... camiseta...) Morte encarou Adam.

— Você... é parte... de nós — disse Guerra, entre dentes iguais a belas balas.

— Está consumado. Nós... recriamos... o mundo — disse Poluição, a voz insidiosa como alguma coisa vazando de um tambor de óleo dentro de uma mesa de água.

— Nos... lidere — disse Fome.

E Adam hesitou. Vozes dentro dele ainda gritavam que aquilo era verdade, que o mundo era dele também, que tudo o que ele tinha a fazer era se virar e liderá-los por um planeta assombrado. Eles eram o seu tipo de pessoas.

Bem acima deles, as hostes do céu esperavam o Verbo.

(— Não pode querer que eu atire nele! Ele é só um garoto!

— Ahn — disse Aziraphale. — Ahn. Sim. Talvez seja melhor só aguardar um pouco, que tal?

— Até ele crescer, você quer dizer? — perguntou Crowley.)

Cão começou a rosnar.

Adam olhou para os Eles. Eles também eram seu tipo de pessoas. Era só uma questão de decidir aqueles que eram realmente seus amigos.

Virou-se para os Quatro.

— Pega eles — disse Adam baixinho.

O arrastar e hesitar desapareceram de sua voz. Ela tinha estranhos harmônicos. Nada humano poderia desobedecer a uma voz daquelas.

Guerra soltou uma gargalhada e olhou com expectativa para Eles.

— Menininhos brincando com seus brinquedos. Pensem em todos os brinquedos que eu posso oferecer a vocês... pensem em todos os jogos. Posso fazer vocês se apaixonarem por mim, menininhos. Menininhos com suas pistolinhas.

Ela tornou a gargalhar, mas o gaguejar da metralhadora parou quando Pimentinha avançou e levantou um braço trêmulo.

Não era lá aquelas coisas de espada, mas era o melhor que se podia fazer com dois pedaços de madeira e um pedaço de barbante. Guerra ficou olhando para aquilo.

— Estou vendo — disse ela. — Mano a mano, não é? — Puxou sua própria lâmina e levantou-a de tal modo que fez um ruído de dedo arranhando um copo de vinho.

Quando as duas se cruzaram, houve um clarão. Morte olhou nos olhos de Adam. Ouviu-se um patético ruído de sininhos.

— Não toque nela! — disparou Adam, sem mover a cabeça.

Os Eles ficaram olhando as espadas caídas no caminho de concreto.

— Menininhos — resmungou Pimentinha, revoltada. Mais cedo ou mais tarde todo mundo tem que decidir a que gangue pertence.

— Mas, mas — disse Brian — ela meio que foi sugada pela espada...

O ar entre Adam e Morte começou a vibrar, como numa onda de calor.

Wensleydale levantou a cabeça e olhou Fome no olho afundado. Levantou alguma coisa que, com um pouquinho de imaginação, poderia ser considerada um par de balanças feitas de mais barbante e gravetos. Então girou-a ao redor da cabeça.

Fome ergueu um braço para se proteger.

Outro relâmpago, e então o tilintar de um par de balanças de metal quicando no chão.

— Não... toque... nelas — disse Adam.

Poluição já havia começado a correr, ou pelo menos a fluir rapidamente, mas Brian agarrou o círculo de talos de grama de sua própria cabeça e o jogou. Era só capim, mas uma força o tomou de suas mãos e ele girou como um disco.

Dessa vez a explosão foi uma chama vermelha dentro de um penacho de fumaça negra com cheiro de óleo.

Com um pequeno som de trovão, uma coroa de prata enegrecida saiu da fumaça e ficou girando com um ruído de moedinha caindo no chão.

Pelo menos eles não precisavam de aviso quanto a tocá-la. Ela brilhava de um jeito que nenhum metal deveria brilhar.

— Para onde eles foram? — perguntou Wensley.

PARA ONDE É O LUGAR DELES, disse Morte, ainda olhando para Adam. PARA ONDE SEMPRE ESTIVERAM. NAS MENTES DOS HOMENS.

Sorriu para Adam.

Houve um som de alguma coisa se rasgando. O manto de Morte se partiu e suas asas se desdobraram. As asas do anjo. Mas não de penas. Eram asas da noite, asas que eram formas cortadas da matéria da criação até a escuridão embaixo, em que algumas luzes distantes brilhavam, luzes que podem ter sido estrelas ou podem ter sido coisas inteiramente diferentes.

MAS EU, disse ele, EU NÃO SOU COMO ELES. EU SOU AZ-RAEL, CRIADO PARA SER A SOMBRA DA CRIAÇÃO. VOCÊS NÃO PODEM ME DESTRUIR. ISSO DESTRUIRIA O MUNDO.

O calor do olhar deles se desvaneceu. Adam coçou o nariz.

— Ah, não sei. Pode haver um jeito. — Sorriu de volta. — De qualquer forma, isso vai parar agora. Todo esse negócio com as máquinas. Você tem que fazer o que eu disser pelo menos por enquanto, e eu digo que tem que parar.

Morte deu de ombros. JÁ ESTÁ PARANDO, disse. SEM ELES, indicou os patéticos restos dos outros três cavaleiros, NÃO PODE PROSSEGUIR. A ENTROPIA NORMAL TRIUNFA. Morte levantou uma mão ossuda no que poderia ter sido uma continência.

ELES VOLTARÃO, disse ele. ELES NUNCA ESTÃO MUITO LONGE.

As asas bateram, apenas uma vez, como um trovão, e o anjo da Morte desapareceu.

— Então está certo — disse Adam, para o ar vazio. — Tudo bem. Não vai acontecer. Todo o negócio que eles começaram: isso deve parar agora.

Newt olhou desesperado para as prateleiras dos equipamentos.

— Podia ter um manual — disse.

— Podíamos ver se Agnes tem algo a dizer — sugeriu Anathema. -- Ah, sim — disse Newt amargo. — Faz sentido, não faz? Sabotar equipamento eletrônico do século vinte com a ajuda de um manual de oficina mecânica do século dezessete? O que Agnes Nutter sabia de transistores?

— Bom, meu avô interpretou a previsão 3328 muito bem em 1948 e fez alguns investimentos muito inteligentes — disse Anathema — Ela não sabia como ia ser chamado, claro, e não sabia sobre eletricidade em geral, mas...

— Eu estava falando retoricamente.

— De qualquer maneira, não é preciso fazer isso funcionar. Você precisa fazer parar de funcionar. Não precisa de conhecimento isso, precisa de ignorância.

Newt grunhiu.

— Tudo bem — disse cansado. — Vamos tentar. Dê-me uma previsão.

Anathema puxou uma carta a esmo.

— "Ele Não é o Que Diz Que É" — leu. — Número 1002. Muito simples. Alguma idéia?

— Escute — disse Newt cansado — eu sei que não é hora de dizer isso, mas — engoliu em seco — na verdade eu não bom com eletrônica. Não mesmo.

— Você disse que era engenheiro de computação, se não estou enganada.

— Isso foi exagero. Quero dizer, um exagero na medida do possível, na verdade. Acho que foi mais o que se poderia chamar de superestimação. Eu poderia ir mais longe e afirmar que foi realmente — Newt fechou os olhos — uma prevaricação.

— Mentira, quer dizer? — disse Anathema com doçura.

— Ah, eu também não iria tão longe — disse Newt. — Embora — acrescentou — eu realmente não seja engenheiro de informática.

O oposto, na verdade.

— O que é o oposto?

— Se você precisa saber, toda vez que tento fazer alguma coisa eletrônica funcionar, ela pára.

Anathema lhe deu um sorrisinho brilhante, e posou de forma teatral, como aquele momento em todo ato de mágica em que a mocinha de maiô dá um passo atrás para revelar o truque.

— Tã-dã — disse ela. — Conserte.

— O quê?

— Faça isso funcionar melhor — disse ela.

— Não sei — disse Newt. — Não sei se consigo. — Pôs uma das mãos em cima do gabinete mais próximo.

Então ouviu o som de algo que não havia percebido que estava ouvindo, parando subitamente, e o gemido descendente de um gerador distante. As luzes nos painéis tremeluziram, e a maioria delas se apagou.

Por todo o mundo, as pessoas que estavam lutando com os interruptores descobriram que eles interruptavam. Interruptores de circuito se abriam. Computadores paravam de planejar a Terceira Guerra Mundial e voltavam a vasculhar preguiçosos a estratosfera. Em bunkers nos subterrâneos de Novya Zemla, homens descobriram que os fusíveis que estavam tentando freneticamente arrancar finalmente saíam em suas mãos; em bunkers nos subterrâneos de Wyoming e Nebraska, homens de macacões pararam de gritar e apontar armas uns para os outros, e teriam tomado uma cerveja se bases de mísseis permitissem álcool. Não permitiam, mas de qualquer forma umazinha eles tinham.

As luzes se acenderam. A civilização parou sua descida para o caos e começou a escrever cartas para os jornais sobre como as pessoas ficavam agitadas pelas menores bobagens naqueles dias.

Em Tadfield, as máquinas cessaram de irradiar ameaça. Alguma coisa que estava nelas havia desaparecido, e não era eletricidade.

— Caramba — disse Newt.

— Prontinho — disse Anathema. — Você fez um ótimo conserto. Pode confiar na velha Agnes, vá por mim. Agora vamos dar o fora daqui.

— Ele não queria fazer aquilo! — disse Aziraphale. —Não é o que eu sempre te disse, Crowley? Se você se der ao trabalho de olhar, bem no fundo dentro de qualquer um, irá descobrir que no fundo eles são realmente bem...

— Não acabou — disse Crowley sério.

Adam se virou e pareceu reparar neles pela primeira vez. Crowley não estava acostumado a que as pessoas o identificassem com tanta rapidez, mas Adam o encarava como se todo o histórico de vida de Crowley estivesse colado no seu crânio e ele, Adam, o estivesse lendo. Por um instante ele conheceu o verdadeiro terror. Sempre pensara que o tipo que conhecera antes fosse o artigo genuíno, mas aquilo era mero medo abjeto perante aquela nova sensação. Os que viviam Abaixo podiam fazer você cessar de existir ferindo você em quantidades insuportáveis, mas aquele garoto não só podia fazer você cessar de existir simplesmente pensando a respeito, como provavelmente podia arranjar as coisas de modo a que você nunca tivesse existido.

O olhar de Adam bateu em Aziraphale.

— Desculpe, por que vocês são duas pessoas? — perguntou Adam.

— Bem — disse Aziraphale — é uma longa...

Não houve nenhum efeito especial vistoso. Apenas Aziraphale, sentado ao lado de Madame Tracy.

— Nossa, isso fez cosquinhas — disse ela. Olhou Aziraphale de cima a baixo. — Ah — disse ela, com uma voz ligeiramente desapontada. — De algum modo, achei que você fosse mais novo.

Shadwell olhou com ciúmes paira o anjo e começou a apontar a Thundergun para ele.

Aziraphale olhou para seu novo corpo que era, infelizmente, muito parecido com seu velho corpo, embora o sobretudo fosse mais limpo.

— Bom, acabou — disse.

— Não — disse Crowley. — Não. Não acabou, sabia? Nem um pouco.

Agora sim havia nuvens no alto, curvando-se como uma panela de tagliatelli fervendo.

— Sabe — disse Crowley, a voz carregada de pessimismo fatalista —, não funciona assim tão simples. Você acha que as guerras começam porque algum velho duque é baleado, ou alguém corta a orelha de uma pessoa, ou alguém colocou seus mísseis no lugar errado. Não é por isso. Isso são apenas, bom, apenas motivos, que não têm nada a ver com isso. O que realmente provoca as guerras são dois lados que não conseguem suportar a visão um do outro e a pressão vai aumentando e então qualquer coisa provoca isso. Qualquer coisa mesmo. Qual o seu nome... alm... garoto?

— Adam Young — disse Anathema, ao se aproximar com Newt logo atrás.

— Isso mesmo. Adam Young — disse Adam.

— Bom trabalho. Você salvou o mundo. Tire um descanso — disse Crowley. — Mas realmente não vai fazer a menor diferença.

— Acho que você tem razão —disse Aziraphale. — Tenho certeza de que meu pessoal quer o Armagedon. Isso é muito triste.

— Será que alguém se importaria de nos dizer o que está acontecendo? — perguntou Anathema séria, cruzando os braços.

Aziraphale deu de ombros.

— É uma história muito longa— começou.

Anathema o encarou.

— Então comece.

— Bem. No Princípio...

O relâmpago surgiu, atingiu o chão a poucos metros de Adam e ficou ali, uma coluna fervilhante que se alargava na base, como se a eletricidade desgovernada estivesse preenchendo um molde invisível. Os humanos se apertaram contra o jipe.

O relâmpago desapareceu, e um jovem feito de fogo dourado estava diante deles.

— Nossa — disse Aziraphale. — É ele.

— Ele quem? — perguntou Crowley.

— A Voz de Deus — disse o anjo. — O Metatron.

Os Eles arregalaram os olhos.

Então Pimentinha disse:

— Não é não. O Metatron é de plástico e tem um canhão laser e pode se transformar num helicóptero.

— Esse é o Megatron Cósmico — disse Wensleydale fraco. — Eu tinha um, mas a cabeça caiu. Acho que este é diferente.

O belo olhar vazio recaiu sobre Adam Young, e então voltou-se brusco para o concreto ao seu lado, que estava fervendo.

Uma figura se elevou do chão derretido na forma de um rei-demônio num teatro de mamulengos, mas se aquele ali tivesse estado numa pantomima algum dia, era uma de onde ninguém saía vivo e tinham de chamar um padre para queimar o lugar depois. Ele não era muito diferente da outra figura, só que suas chamas eram vermelho-sangue.

— Ahn — disse Crowley, tentando se encolher em sua poltrona.

— Oi... ahn.

A coisa vermelha lhe deu o mais breve dos olhares, como se o marcasse para consumo futuro, e então encarou Adam. Quando falou, sua voz era como um milhão de moscas levantando vôo apressadas.

Ela zumbiu uma palavra que parecia, para os humanos que a ouviram, uma faca arrastada espinha abaixo. Estava falando com Adam, que disse:

— Ahn? Não. Eu já disse. Meu nome é Adam Young. — Olhou a figura de cima a baixo. — E o seu?

— Belzebu — ajudou Crowley. — Ele é o Senhor das...

— Obrigado, Crowley — disse Belzebu. — Mais tarde precizzamos ter uma converzza zéria. Tenho certezza de que você tem muito a me contar.

— Ahn — disse Crowley. — Bom, sabe, o que aconteceu foi...

— Silênzzio!

— Tudo bem, tudo bem — se apressou Crowley em dizer.

— Então, agora, Adam Young — disse o Metatron —, enquanto podemos, claro, apreciar sua ajuda a esta altura, devemos acrescentar que o Armagedon deve acontecer agora. Pode haver alguma inconveniência temporária, mas isso não pode ficar no caminho do bem definitivo.

— Ah — murmurou Crowley para Aziraphale. — O que ele quer dizer é que temos que destruir o mundo para poder salvá-lo.

— Quanto ao que fica no caminho, izzo ainda tem que ser dezzidido — zumbiu Belzebu. — Mazz deve ser dezzidido agora, garoto. Ezze é teu dezztino. Eztá ezcrito.

Adam respirou fundo. Os observadores humanos seguraram suas respirações. Crowley e Aziraphale já haviam se esquecido de respirar há algum tempo.

— Só não vejo por que todo mundo e tudo tem que ser queimado e coisa e tal — disse Adam. — Milhões de peixes, baleias, árvores, ovelhas e tudo. E não é nem por nada importante. É só pra ver quem tem a melhor gangue. É que nem nós e os Johnsonitas. Mas, mesmo que vocês ganhem, não vão poder mesmo derrotar o outro lado, por que na verdade vocês não querem. Quero dizer, pra valer não. Vocês só vão começar outra vez. Vão continuar enviando gente que nem esses dois — apontou para Crowley e Aziraphale — pra confundir as pessoas. É duro o bastante ser gente do jeito que a gente é, sem outras pessoas chegando e confundindo você.

Crowley virou-se para Aziraphale.

— Johnsonitas? — murmurou.

O anjo deu de ombros.

— Uma das primeiras seitas dissidentes, acho eu — disse. — Como os Gnósticos. Como os Ofitas. — Franziu a testa. — Ou seriam os Setitas? Não, estou pensando nos Coliridianos. Nossa. Desculpe, eram centenas, é tão difícil lembrar de todas.

— Pessoas sendo confundidas — murmurou Crowley.

— Não interessa! — disparou o Metatron. — Toda a questão da criação da Terra, do Bem e do Mal...

— Não sei o que tem de tão fantástico em criar pessoas como pessoas e então ficar chateado porque elas se comportam feito pessoas — disse Adam severo. — De qualquer forma, se vocês parassem de falar pras pessoas que tudo vai ser definido depois que elas morrerem, elas poderiam tentar definir tudo enquanto estivessem vivas. Se eu mandasse, tentaria fazer as pessoas viverem bem mais, que nem o velho Matusalém. Seria muito mais interessante e eles poderiam começar a pensar no tipo de coisas que estão fazendo com todo o abiente e a ecologia, porque eles ainda estariam por aqui cem anos depois.

— Ah — disse Belzebu, e realmente começou a sorrir. — Você dezzeja governar o mundo. Izzo zim, lembra vozzo Pai...

— Eu pensei nisso tudo e não quero — disse Adam, meio que se virando e assentindo para dar força aos Eles. — Quero dizer, tem algumas coisas que podiam ser modificadas, mas as pessoas têm que vir me procurar e me pedir pra mudar tudo o tempo todo, e qual é a graça? É que nem ter que fazer as camas de todo mundo.

— Você nunca fez nem a sua cama — disse Pimentinha, atrás dele.

— Eu não estou falando do meu quarto — disse Adam, referindo-se a um quarto cujo tapete ficou vários anos sem ser visto. — Estou falando de camas em geral. Eu não falei do meu próprio quarto. É uma analogia. É isso o que estou falando.

Belzebu e o Metatron olharam um para o outro.

— De qualquer modo — disse Adam — já é muito ruim ter que pensar em coisas para Pimentinha, Wensley e Brian fazerem o tempo todo pra não ficarem chateados, por isso não quero mais nenhum mundo do que eu já tenho. Brigado assim mesmo.

O rosto do Metatron começou a tomar o aspecto familiar a todos aqueles sujeitos à linha idiossincrática de raciocínio de Adam.

— Você não pode recusar ser quem é — acabou dizendo. — Escute. Seu nascimento e destino são parte do Grande Plano. As coisas têm de acontecer desta maneira. Todas as escolhas já foram feitas.

— Rebelião é uma coizza boa — disse Belzebu — mas algumazz coizzazz ezztão além de rebelião. Você deve compreender!

— Não estou me rebelando contra nada — disse Adam num tom de voz razoável. — Estou mostrando as coisas. Me parece que vocês não podem culpar as pessoas por mostrar coisas. Me parece que seria bem melhor não começar a brigar e só ver o que as pessoas fazem. Se você parar de mexer com elas, elas poderiam começar a pensar direito e parar de mexer com o mundo. Não estou dizendo que elas iriam fazer isso mesmo — acrescentou consciente — mas pode ser que sim.

— Isso não faz sentido — disse o Metatron. — Você não pode ir contra o Grande Plano. Você precisa pensar. Está nos seus genes. Pense.

Adam hesitou.

A corrente escura estava sempre pronta para fluir de volta, seu murmúrio fluido dizendo sim, que era isso, que era isso o sentido de tudo, que você tinha de seguir o Plano porque era parte dele...

O dia havia sido longo. Ele estava cansado. Salvar o mundo cansava um corpo de onze anos de idade.

Crowley levou as mãos à cabeça.

— Por um momento, só por um momento, eu achei que a gente tinha alguma chance — disse ele. — Ele conseguiu preocupá-los. Bom, foi bom enquanto...

Deu-se conta de que Aziraphale havia se levantado.

— Com licença — disse o anjo.

O trio olhou para ele.

— Este Grande Plano — disse ele — seria o Plano inefável, não seria?

Houve um momento de silêncio.

— É o Grande Plano — disse o Metatron, com secura. — Você sabe bem disso. Haverá um mundo que dure seis mil anos e ele acabará em...

— Sim, sim, é o Grande Plano mesmo — disse Aziraphale. Falava com educação e respeito, mas com o ar de alguém que acabou de fazer uma pergunta inconveniente numa reunião política e não vai sair até obter uma resposta. — Eu estava só perguntando se ele também é inefável. Só quero esclarecer esse ponto.

— Não interessa! — disparou o Metatron. — Certamente que é a mesma coisa!

Certamente?, pensou Crowley. Então eles não sabem. Começou a sorrir como um idiota.

— Então você não está cem por cento certo? — perguntou Aziraphale.

— Não nos é dado compreender o Plano inefável — disse o Metatron — mas naturalmente o Grande Plano...

— Mas o Grande Plano pode ser apenas uma pequena parte da inefabilidade total — disse Crowley. — Você não pode ter certeza de que o que está acontecendo agora não esteja exatamente correto, de um ponto de vista inefável.

— Ezztá ezzcrito! — urrou Belzebu.

— Mas poderia estar escrito diferente em algum outro lugar — disse Crowley. — Onde vocês não pudessem ler.

— Com letras maiores — disse Aziraphale.

— E sublinhadas — acrescentou Crowley.

— Duas vezes — sugeriu Aziraphale.

— Talvez este não seja apenas um teste do mundo — disse Crowley. — Poderia ser um teste do seu pessoal também. Hein?

— Deus não joga com Seus servos leais — disse o Metatron, mas com uma voz preocupada.

— Epa, epa, epa — disse Crowley. — Por onde você andou?

Todos voltaram os olhos para Adam. Ele parecia estar pensando com muito cuidado.

Então disse:

— Não vejo por que importa o que está escrito. Não quando é sobre as pessoas. Isso sempre pode ser riscado.

Uma brisa varreu o campo aéreo. No alto, as hostes reunidas tremularam como uma miragem.

Houve o tipo de silêncio que podia ter acontecido no dia antes da Criação.

Adam deu um sorriso para os dois, uma figura pequena perfeitamente parada exatamente entre Céu e Inferno. Crowley agarrou Aziraphale pelo braço.

— Sabe o que aconteceu? — sibilou agitado. — Ele foi deixado sozinho! Ele cresceu humano! Ele não é o Mal Encarnado nem o Bem Encarnado, ele é só... um humano encarnado...

Então:

— Acho — disse o Metatron — que preciso buscar maiores orientações.

— Eu também — disse Belzebu. Voltou seu rosto irado para Crowley. — E vou relatar zua parte nizzo, é melhor acreditar. — Olhou fuzilando para Adam. — E não sei o que o zeu Pai vai dizer...

Houve uma explosão. Shadwell, que nos últimos minutos estivera tentando horrorizado, finalmente conseguira controle suficiente de seus dedos trêmulos para puxar o gatilho.

As balas passaram através do espaço onde Belzebu havia estado. Shadwell nunca soube quanta sorte teve por ter errado.

O céu tremulou, e então se tornou apenas céu. Ao redor do horizonte, as nuvens começaram a se desfazer.

Madame Tracy rompeu o silêncio.

— Eles não eram estranhos? — comentou.

Ela não quis dizer "eles não eram estranhos"; o que ela quis dizer provavelmente nunca poderia esperar expressar, a não ser gritando, mas o cérebro humano possui poderes de recuperação fantásticos, e dizer “eles não eram estranhos" era parte do rápido processo de cura. Em meia hora, ela estaria simplesmente pensando que bebera demais.

— Acha que acabou? — perguntou Aziraphale.

Crowley deu de ombros.

— Não para nós, receio.

— Acho que você não precisa se preocupar — disse Adam aforisticamente. — Sei tudo sobre vocês dois. Não se preocupem. — Olhou para o resto dos Eles, que tentavam não recuar. Pareceu pensar por um tempo, e então disse: — De qualquer maneira, já houve muita confusão. Mas me parece que todo mundo vai ficar muito mais feliz se esquecer isso. Esquecer mesmo não, só não lembrar exatamente. E então vamos poder ir pra casa.

— Mas não pode simplesmente deixar isso como está! — disse Anathema, avançando. — Pense em todas as coisas que você poderia fazer! Coisas boas.

— Como o quê? — perguntou Adam desconfiado.

— Bom... você podia trazer todas as baleias de volta, pra começar.

Ele inclinou a cabeça para o lado.

— E isso faria com que as pessoas não as matassem mais, faria?

Ela hesitou. Teria sido legal dizer que sim.

— E se as pessoas começassem a matá-las, o que você me pediria para fazer? — perguntou Adam. — Não. Acho que agora entendendo como funciona. Assim que eu começar a mexer com coisas assim, não vai haver como parar. Me parece que a única sensata a fazer é as pessoas saberem que, se matarem uma baleia, elas terão uma baleia morta.

— Isso mostra uma atitude muito responsável — disse Newt.

Adam ergueu uma sobrancelha.

— É só bom senso — disse.

Aziraphale deu uma palmadinha nas costas de Crowley.

— Parece que sobrevivemos — disse. — Imagine como poderia ter sido terrível se tivéssemos sido inteiramente competentes.

— Hm — disse Crowley.

— Seu carro está funcionando?

— Acho que ele poderia precisar de um pouco de trabalho - admitiu Crowley.

— Eu estava pensando que poderíamos levar essa boa gente a cidade — disse Aziraphale. — Devo uma refeição a Madame Tracy, tenho certeza. E a seu jovem, claro.

Shadwell olhou para trás e depois para Madame Tracy.

— De quem ele está falando? — perguntou para a expressão triunfante no rosto dela.

Adam tornou a se juntar aos Eles.

— Acho que vamos pra casa.

— Mas o que aconteceu? — perguntou Pimentinha. — Quer dizer, havia tudo isso...

— Não importa mais — disse Adam.

— Mas você poderia ajudar tanto... — começou Anathema enquanto voltavam para suas bicicletas. Newt pegou-a gentilmente pelo braço.

— Não é uma boa idéia — disse ele. — Amanhã é o primeiro dia do resto de nossas vidas.

— Sabia — disse ela — que de todos os ditados idiotas que eu mais detesto, esse vem em primeiro lugar?

— Fantástico, não é? — Newt comentou alegre.

— Por que você pintou "Dick Turpin" na porta do seu carro

— Na verdade, é uma brincadeira — disse Newt.

— Hmm?

— Porque, pra onde quer que eu vá, o tráfego pára — murmurou divertido.

Crowley olhou irritado para os controles do jipe.

— Lamento quanto ao carro — dizia Aziraphale. — Eu sei o quanto você gostava dele. Talvez se se concentrasse com força...

— Não seria a mesma coisa — disse Crowley.

— Acho que não.

— Eu comprei ele zerinho, sabia? Não era um carro, era mais uma espécie de segunda pele.

Fungou.

— O que está queimando?

Uma brisa varreu a poeira e deixou-a cair novamente. O ar ficou quente e pesado, aprisionando todos dentro dele como moscas no mel.

Ele virou a cabeça, e olhou para o rosto horrorizado de Aziraphale.

— Mas acabou — disse. — Não pode acontecer agora! A... a coisa, o momento correto ou o que for... já passou! Acabou!

O chão começou a tremer. O ruído era como o de uma composição de metrô, mas não debaixo da terra. Parecia mais o som de uma que estivesse se aproximando deles.

Crowley tentou mexer furiosamente na caixa de marchas.

— Isso não é Belzebu! — gritou, sobre o ruído do vento. — É Ele. O Pai dele! Isto não é o Armagedon, isto é pessoal. Dê a partida, maldita!

O chão se moveu sob Anathema e Newt, fazendo com que eles voassem sobre o concreto dançante. Fumaça amarela emanava de dentro das rachaduras.

— Parece um vulcão! — gritou Newt. — O que foi?

— O que quer que seja, está com muita raiva — disse Anathema.

No jipe, Crowley soltava pragas. Aziraphale pôs a mão no seu ombro.

— Tem humanos ali — disse ele.

— Sim — disse Crowley — e eu.

— Estou querendo dizer que não devíamos deixar isso acontecer com eles.

— Bom, o que... — começou Crowley, e parou.

— Quero dizer, pensando bem, já colocamos eles em apuros suficientes. Você e eu. Ao longo dos anos. Uma coisa aqui, outra ali.

— Só estávamos fazendo nosso trabalho — resmungou Crowley.

— Sim. E daí? Muita gente na história só fez seu trabalho, e veja os problemas que eles causaram.

— Quer dizer que devíamos realmente tentar impedir Ele?

— O que você tem a perder?

Crowley começou a argumentar, e percebeu que não tinha nada a perder. Não havia nada que pudesse perder que já não tivesse perdido. Não podiam fazer nada pior com ele do que o que já havia lhe acontecido. Finalmente sentiu-se livre.

Também tateou debaixo do banco e achou uma barra de ferro Não teria sido grande coisa, mas também nada seria. Na verdade, seria muito mais terrível enfrentar o Adversário com uma arma decente. Assim você poderia ter um pouquinho de esperança, o que tornaria tudo pior.

Aziraphale apanhou a arma que Guerra deixara cair e sentiu seu peso pensativo.

— Nossa, há anos não uso isto — murmurou.

— Cerca de seis mil — disse Crowley.

— Por minha palavra, isso mesmo — disse o anjo. — Que dia fora aquele, pode ter certeza. Bons e velhos tempos.

— Nem tanto — disse Crowley. O ruído estava crescendo.

— As pessoas sabem a diferença entre o certo e o errado hoje em dia — disse Aziraphale sonhador.

— Ah, sabem. Pense só.

— Ah. Sim. Muita confusão?

— Sim.

Aziraphale ergueu a espada. Então ouviu-se um uuunf e ela subitamente se incendiou como uma barra de magnésio.

— Quando se aprende a fazer, não dá pra esquecer — disse.

Sorriu para Crowley.

— Eu só gostaria de dizer — disse ele — que se não sairmos desta, que... eu sei que, bem no fundo, havia uma fagulha de bondade em você.

— Isso mesmo — disse Crowley amargo. — Estrague meu dia.

Aziraphale estendeu a mão.

— Foi bom te conhecer — disse.

Crowley apertou-a.

— Até a próxima — disse. — E... Aziraphale?

— Sim?

— Lembre-se de que eu sei que, no fundo, você era filho da puta o suficiente para valer a pena gostar.

Ouviram um som de pés se arrastando, e foram empurrados para o lado pela forma pequena porém dinâmica de Shadwell, balançando o Thundergun com um propósito.

— Eu não confiaria em vocês, mocinhas do sul, pra matar um rato dentro de um barril — disse ele. — Com quem é que estamos lutando?

— O Diabo — disse Aziraphale simplesmente.

Shadwell assentiu, como se isso não tivesse sido surpresa, jogou a arma no chão e tirou o chapéu para expor uma testa conhecida e temida onde quer que lutadores de rua se reunissem.

— Eu sabia — disse. — Neste caso, vou usar minha cabeça.

Newt e Anathema ficaram olhando os três caminhando inseguros para fora do jipe. Com Shadwell no meio, eles pareciam um W estilizado.

— O que eles vão fazer? — perguntou Newt. — E o que está acontecendo... O que está acontecendo com eles?

As capas de Aziraphale e Crowley se abriram ao meio. Já que era pra ir, por que não em sua verdadeira forma? As penas se desdobraram para os céus.

Ao contrário da crença popular, as asas dos demônios são iguais às dos anjos, embora sejam mais bem cuidadas.

— Shadwell não devia estar indo com eles! — exclamou Newt, levantando-se trêmulo.

— Shadwell? O que é isso?

— Ele é meu sarg... é um velho fantástico, você jamais acreditaria... Preciso ajudá-lo!

— Ajudá-lo? — perguntou Anathema.

— Eu fiz um juramento, sabe como é — hesitou Newt. — Bom, foi uma espécie de juramento. E ele me deu um adiantamento de um mês!

— Quem são os outros dois, então? Amigos seus... — começou

Anathema, e parou. Aziraphale havia se transformado pela metade, e o perfil finalmente havia se deixado ver.

— Eu sei onde já o vi antes! — gritou, levantando-se contra Newt enquanto o chão pulava para cima e para baixo. — Vamos!

— Mas alguma coisa horrível vai acontecer!

— Se ele danificou o livro, você tem toda razão!

Newt vasculhou a lapela e encontrou seu alfinete oficial. Ele não sabia contra o que estavam lutando desta vez, mas um alfinete era tudo o que ele tinha.

Saíram correndo...

Adam olhou ao redor. Olhou para baixo. Seu rosto assumiu uma expressão de inocência calculada.

Houve um momento de conflito.

Mas Adam estava em seu próprio terreno.

Sempre, e em última análise, em seu próprio terreno.

Moveu uma das mãos ao redor num semicírculo borrado. ...

Aziraphale e Crowley sentiram o mundo mudar.

Não houve ruído. Não houve rachaduras. Houve apenas que, onde antes havia o começo de um vulcão de poder satânico, havia apenas fumaça se dissipando e um carro parando lentamente, o motor alto no silêncio da noit e.

Era um carro velho, mas bem conservado. Não usando o método de Crowley, no entanto, onde um simples desejo eliminava qualquer marca; aquele carro estava do jeito que estava, você percebia instintivamente, porque seu dono havia passado todos os finais de semana das duas últimas décadas fazendo todas as coisas que o manual dizia que deviam ser feitas toda semana. Antes de cada viagem ele dava uma volta por fora do carro e conferia os faróis e contava os pneus. Homens de mente séria que fumavam cachimbo e usavam bigodes haviam escrito instruções sérias dizendo que isso deveria ser feito, e assim ele fazia, porque era um homem de mente séria que fumava cachimbo e usava bigode e não levava essas orientações na flauta, pois se fizesse isso o que seria do mundo? Ele tinha exatamente a quantidade certa de segurança. Dirigia seis quilômetros abaixo do limite de velocidade, ou sessenta e cinco quilômetros por hora, o que fosse mais baixo. Usava gravata até nos sábados.

Arquimedes dizia que, se lhe dessem uma alavanca comprida o bastante e um ponto de apoio suficientemente sólido, poderia mover o mundo.

Poderia ter se apoiado no Sr. Young.

A porta do carro se abriu e o Sr. Young emergiu.

— O que está acontecendo aqui? Adam? Adam!

Mas os Eles estavam partindo na direção do portão.

O Sr. Young olhou o grupo chocado. Pelo menos Crowley e Aziraphale tiveram suficiente autocontrole para recolher suas asas.

— O que ele andou aprontando agora? — suspirou, sem realmente esperar resposta.

— Para onde aquele garoto foi? Adam! Volte aqui agora mesmo!

Adam quase nunca fazia o que seu pai queria.

O sgto. Thomas A. Deisenburger abriu os olhos. A única coisa estranha na paisagem que o cercava era sua familiaridade. Na parede, sua foto de segundo grau, e sua pequena bandeira de estrelas e listras na canequinha de enfeite, ao lado de sua escova de dente, e até mesmo seu ursinho de pelúcia, ainda vestindo seu uniformezinho. O sol do começo da tarde inundava a janela do seu quarto.

Sentia cheiro de torta de maçã. Essa era uma das coisas de que mais sentia falta ao passar suas noites de sábado tão longe de casa.

Desceu as escadas.

Sua mãe estava no fogão, tirando uma enorme torta de maçã do forno para esfriar.

— Oi, Tommy — ela disse. — Pensei que estivesse na Inglaterra.

— Sim, mãe, eu estou normativamente na Inglaterra, protegendo a democracia, mãe, senhor — disse o sgto. Thomas A. Deisenburger.

— Que bom, querido — disse sua mãe. — Seu pai está lá no Campo Grande, com Chester e Ted. Eles vão ficar felizes de te ver.

O sgto. Thomas A. Deisenburger assentiu.

Tirou o capacete e a jaqueta militares e enrolou as mangas da camiseta militar. Por um instante ficou mais pensativo do que nunca em sua vida. Parte de seus pensamentos estava ocupada com torta de maçã.

— Mãe, se alguma ligação telefônica for estabelecida para realizar uma interface com o sgto. Thomas A. Deisenburger, mãe, senhor, este indivíduo estará...

— Desculpe, Tommy?

Tom Deisenburger pendurou sua arma na parede, sobre o velho rifle de seu pai.

— Eu disse que se alguém ligar, mãe, estou no Campo Grande com papai, Chester e Ted.

A van seguiu devagar até os portões da base aérea. Parou. O guarda do turno da meia-noite olhou pela janela, checou as credenciais do motorista e fez sinal para que ele entrasse.

A van deslizou pelo concreto.

Estacionou no asfalto da pista aérea vazia, perto de onde dois homens estavam sentados, dividindo uma garrafa de vinho. Um deles usava óculos escuros. Surpreendentemente, ninguém mais parecia estar dando-lhes a menor atenção.

— Você está dizendo — perguntou Crowley — que Ele planejou as coisas desse jeito? Desde o início?

Aziraphale enxugou consciencioso a boca da garrafa e passou-a de volta.

— Poderia — disse. — Poderia. Sempre se pode perguntar a Ele, acho eu.

— Pelo que me lembro — respondeu Crowley, pensativo — e nunca fomos de nos falar, pode-se dizer assim... Ele não era exatamente de dar respostas diretas. Na verdade, na verdade, ele não era de dar resposta nenhuma. Só ficava sorrindo, como se soubesse alguma coisa que você não sabia.

— E claro que isso é verdade — disse o anjo. — Do contrário, de que adiantaria?

Fizeram uma pausa, e ambos olharam reflexivamente ao longe, como se lembrassem coisas que nenhum deles havia pensado por um bom tempo.

O motorista saiu da van, carregando uma caixa de papelão e um par de tenazes.

Sobre o asfalto estavam caídas uma coroa de metal suja e um par de balanças. O homem as apanhou com as tenazes e colocou-as na caixa.

Então se aproximou dos dois com a garrafa.

— Perdão, cavalheiros. Mas deveria haver uma espada por aqui em algum lugar, pelo menos é o que consta aqui de qualquer forma, será que os senhores...

Aziraphale ficou envergonhado. Olhou ao redor, um pouco intrigado, então se levantou, para descobrir que estava sentado na espada havia mais de meia hora. Apanhou-a.

— Desculpe — disse, e colocou a espada na caixa. O motorista da van, que usava um boné da International Express, disse um tudo bem e que realmente era Deus quem os tinha colocado ali, pois alguém ia ter que assinar para dizer que ele havia apanhado obedientemente as coisas que viera buscar, e aquele era certamente um dia especial, não era? *

Aziraphale e Crowley concordaram com ele que sim, Aziraphale assinou na prancheta que o motorista da van lhe deu, testemunhando que uma coroa, um par de balanças e uma espada haviam sido recebidos em bom estado e deveriam ser entregues num endereço manchado e cobrado de uma conta cujo número não era possível enxergar.

O homem começou a voltar para sua van. Então parou e se virou.

— Se eu fosse contar à minha esposa o que me aconteceu hoje — disse um pouco triste — ela jamais acreditaria em mim. E eu não a culparia, porque também não acreditaria. — E entrou na van, partindo em seguida.

Crowley se levantou, um pouco zonzo. Estendeu a mão para Aziraphale.

— Vamos — disse. — Eu levo a gente de volta a Londres.

Pegou um jipe. Ninguém os deteve.

Ele tinha um toca-fitas. Aquilo não era equipamento comum, mesmo para veículos militares americanos, mas Crowley automaticamente supôs que todos os veículos que dirigisse teriam toca-fitas e portanto aquele ali tinha, segundos após ele ter entrado.

O cassete que colocou para a viagem estava com o nome de Water Music, de Handel, e foi essa a música que tocou até chegarem em casa.

Domingo

(O primeiro dia do resto das vidas deles)

Eram cerca de dez e meia quando o jornaleiro entregou os jornais de domingo na porta da frente de Jasmine Cottage. Ele teve de fazer três viagens.

A série de baques surdos quando eles atingiram o capacho acordou Newton Pulsifer.

Ele deixou Anathema dormir. Ela estava bastante abalada, coitadinha. Quase não dizia coisa com coisa quando a pôs na cama. Ela orientara sua vida de acordo com as Profecias e agora não havia mais Profecias. Devia estar se sentindo como um trem que chegou ao fim da linha mas que de algum modo ainda tinha que prosseguir. Dali por diante poderia viver como todo mundo, sem ter idéia das coisas que viriam a acontecer. Que sorte.

O telefone tocou.

Newt disparou para a cozinha e apanhou o fone no segundo toque.

— Alô? — perguntou.

Uma voz de amizade forçada com tons de desespero falou com ele.

— Não — respondeu. — Não sou. E não é Devissey, é Device. Pronuncia-se "ais". E ela está dormindo.

"Bom — disse ele. — Tenho certeza de que ela não quer serviço de impermeabilização. Nem de revestimento. Quero dizer, ela não é a dona do chalé, sabe. Está só alugando. Não, não vou acordá-la para perguntar. E diga-me, Senhorita, ahn... certo, Senhorita Morrow, por que vocês não tiram os domingos de folga, como todo mundo faz?

"Domingo — disse. — Claro que não é sábado. Por que seria sábado? Sábado foi ontem. Hoje é domingo, honestamente. Como assim, você perdeu um dia? Eu não entendi. Me parece que você está um pouco alterada com esse negócio de vendas... Alô?

Grunhiu e colocou o fone de volta ao gancho.

Esse pessoal de vendas por telefone! Alguma coisa pavorosa devia acontecer com eles.

Foi assaltado por um momento de dúvida súbita. Hoje era domingo, não era? Um olhar de relance nos jornais de domingo o tranqüilizou. Se o Times de domingo dizia que era domingo, então se podia ter certeza de que eles haviam investigado a questão. E ontem fora sábado. Claro. Ontem fora sábado, e ele jamais esqueceria o sábado enquanto vivesse, mas bem que gostaria de se lembrar do que ele não deveria esquecer.

Vendo que estava na cozinha, Newt decidiu preparar o desjejum.

Andou pela cozinha fazendo o mínimo de barulho possível, para evitar despertar o resto da casa, e encontrou todos os sons amplificados. A geladeira antiga tinha uma porta que se fechava como as trombetas do inferno. A torneira da cozinha pingava como um conta-gotas mas fazia o ruído de um gêiser. E ele não conseguia descobrir a localização de nada. No fim, como todo ser humano que já tomou desjejum na cozinha de outro fez desde a aurora dos tempos, virou-se com café preto solúvel sem açúcar.*

* À exceção de Giovanni Jacopo Casanova (1725-1798), famoso amante e literato, que revelou no volume 12 de suas Memórias que, por questão de necessidade, levava consigo em todos os momentos uma pequena valise contendo "uma côdea de pão, um pote de marmelada de Sevilha selecionada, faca, garfo e colherinha para mexer, dois ovos frescos envoltos com cuidado em lã virgem, um tomate ou uma maçã do amor, uma pequena frigideira, uma pequena caçarola, uma espiriteira, um rescaldeiro, uma caixa de folha de flandres com manteiga salgada do tipo italiano, 2 pratos de porcelana com osso. Também uma porção de mel, como adoçante, para meu hálito e meu café. Que meus leitores compreendam quando digo a todos: um verdadeiro cavalheiro deve sempre ser capaz de quebrar seu jejum à maneira de um cavalheiro, onde quer que ele possa se encontrar".

Na mesa da cozinha havia um tijolo de carvão meio retangular, com capa de couro. Ele conseguia apenas distinguir as palavras "Be as e Prec" na capa chamuscada. Que diferença faz um dia, pensou ele. Transforma você de um livro de referência definitivo a um mero churrasquinho.

Mas como exatamente haviam conseguido aquilo? Lembrou-se de um homem com cheiro de fumaça e que usava óculos de sol até mesmo no escuro. E havia outras coisas, todas correndo juntas... garotos de bicicletas... um zumbido desagradável... um rosto pequeno, sujo, que o encarava... Estava tudo flutuando em sua mente, não exatamente esquecido, mas para sempre flutuando à beira da lembrança, uma memória de coisas que não haviam acontecido. E havia a questão do Dick Turpin. Ele parecia o mesmo carro, só que depois disso ele nunca mais deixou de fazer 400 quilômetros com um galão de gasolina, rodava tão silencioso que era preciso praticamente colocar a boca no cano de descarga para conferir se o motor estava funcionando, e transmitia seus avisos sintetizados numa série de haicais exóticos e perfeitamente compostos, cada um mais original e bem-feito que o outro:

A geada tardia queima os botões
Só um tolo não deixaria o cinto
Conter o corpo? ... diria. E:
O botão da cerejeira
Cai da árvore mais alta.
É preciso mais gasolina.

Como podia ser isso?

Ficou sentado olhando a parede, até uma batida na porta o trazer de volta à terra.

De pé na soleira da porta, estava um janota de capa de chuva preta. Segurava uma caixa de papelão e sorriu animado para Newt.

— Sr... — consultou um pedaço de papel numa das mãos — Pulzifer?

— Pulsifer — corrigiu Newt. — O esse é arrastado.

— Desculpe, por favor — disse o homem. — Eu nunca tinha ouvido pronunciado. Hm. Bom, parece que isto é para o senhor e a Sra. Pulsifer.

Newt olhou para ele sem compreender.

— Não existe nenhuma Sra. Pulsifer — disse com frieza.

O homem tirou o chapéu coco.

— Puxa, lamento muito — disse.

— O que eu quero dizer é que... bom, tem a minha mãe — disse Newt. — Mas ela não morreu, está só em Dorking. Não sou casado.

— Que estranho. A carta é muito, ahn, específica.

— Quem é você? — perguntou Newt. Estava vestindo apenas suas calças, e estava frio na porta.

O homem balançou a caixa de modo estranho e pescou um cartão de um bolso de dentro do paletó. Entregou-o a Newt. Dizia:

Giles Baddicombe Robey, Robey, Redfearn e Bychance

Advogados

13 Demdyke Chambers, PRESTON

— Sim? — perguntou educado. — E o que posso fazer pelo senhor, Sr. Baddicombe?

— Podia me deixar entrar — disse o Sr. Baddicombe.

— O senhor não está entregando algum mandado ou coisa do gênero, está? — perguntou Newt. Os eventos da noite passada flutuavam em sua memória como uma nuvem, mudando constantemente sempre que ele achava que podia fazer um quadro, mas estava vagamente consciente de ter danificado coisas e estava esperando o retorno de algum modo.

— Não — disse o Sr. Baddicombe, parecendo ligeiramente ofendido. — Temos pessoas para esse tipo de coisa.

Entrou, passando por Newt, e colocou a caixa sobre a mesa.

— Para ser honesto — disse — estamos todos muito interessados nisso. O Sr. Bychance quase veio ele próprio, mas não viaja bem hoje em dia.

— Escute — disse Newt. — Eu realmente não tenho a menor idéia do que o senhor está falando.

— Isto — disse o Sr. Baddicombe, entregando a caixa e sorrindo como Aziraphale no instante de tentar um truque de conjuração — é seu. Alguém queria dar isso ao senhor. Foram muito específicos.

— Um presente? — perguntou Newt. — Olhou cautelosamente para o papelão fechado por fita adesiva e foi procurar uma faca afiada no armário da cozinha.

— Acho que é mais uma herança — disse o Sr. Baddicombe. — Sabe, nós estamos com isso há trezentos anos. Desculpe. Foi alguma coisa que eu disse? Segure o dedo embaixo da água corrente.

— Mas que diabos é isto tudo? — disse Newt, mas uma certa suspeita gélida o estava invadindo. Levou a boca ao corte.

— É uma história engraçada — importa-se se eu sentar? — e naturalmente não sei todos os detalhes porque entrei para a firma há somente quinze anos, mas...

... Ela era uma firma jurídica muito pequena quando a caixa fora cuidadosamente entregue; Redfearn, Bychance e ambos os Robeys, quanto mais o Sr. Baddicombe, estavam muito distantes no futuro. O escriturário que lutava na carreira e aceitara a entrega ficara surpreso ao encontrar, amarrada ao alto da caixa com corda, uma carta endereçada a ele próprio.

Ela continha certas instruções e cinco fatos interessantes sobre a história dos dez anos seguintes que, se bem utilizadas por um jovem arguto, garantiriam finanças suficientes para perseguir uma carreira legal muito bem-sucedida.

Bastava cuidar para que a caixa fosse guardada com cuidado por um pouco mais de trezentos anos, e então entregue num certo endereço...

—... embora, claro, a firma tivesse trocado de dono muitas vezes ao longo dos séculos — disse o Sr. Baddicombe. — Mas a caixa sempre fora parte dos bens móveis.

— Eu nem sequer sabia que faziam Comida para Bebês Heinz no século dezessete — disse Newt.

— Isso foi apenas para evitar que ele se danificasse no carro — explicou o Sr. Baddicombe.

— E ninguém abriu em todos estes anos? — perguntou Newt.

— Duas vezes, creio — disse o Sr. Baddicombe. — Em 1757, pelo Sr. George Cranby, e em 1928 pelo Sr. Arthur Bychance, pai do atual Sr. Bychance. — Tossiu. — Parece que o Sr. Cranby encontrou uma carta...

— ... endereçada a si mesmo — disse Newt.

O Sr. Baddicombe sentou-se rápido.

— Exato. Como adivinhou?

— Acho que reconheci o estilo — disse Newt melancólico. — O que aconteceu com eles?

— Já ouviu isso antes? — disse o Sr. Baddicombe, com um pé atrás.

— Não com tantas palavras. Eles não foram vítimas de alguma explosão, foram?

— Bom... Parece que o Sr. Cranby teria tido um enfarte. E o Sr. Bychance ficou muito branco e tornou a colocara carta em seu envelope, pelo que sei, e deu instruções muito estritas para que a carta não fosse aberta novamente enquanto ele vivesse. Disse que qualquer um que abrisse a carta seria demitido sem referências.

— Uma ameaça terrível — disse Newt sarcástico.

— Em 1928 era. De qualquer forma, as cartas deles estão na caixa.

Newt abriu a caixa de papelão.

Havia um pequeno baú com presilha de ferro. Não tinha fechadura.

— Vá em frente, pode abrir — disse o Sr. Baddicombe animado. — Devo dizer que eu gostaria muito de saber o que tem aí dentro. No escritório fizemos um bolão de apostas...

— Vou lhe dizer uma coisa — disse Newt, generoso. — Vou fazer um café pra nós, e você pode abrir a caixa.

— Eu? Seria adequado?

— Não vejo por que não. — Newt olhou as panelas penduradas sobre o fogão. Uma delas era grande o bastante para o que ele tinha em mente. — Vamos lá. Quebre as regras. Não me incomodo. Você... você pode usar o seu poder de advogado, ou coisa parecida.

O Sr. Baddicombe tirou o sobretudo.

— Bom — disse ele, esfregando as mãos —, já que o senhor colocou desta forma... seria algo para contar aos meus netos.

Newt pegou a panela e pôs a mão suavemente na maçaneta da porta.

— Assim espero.

— Aqui vai.

Newt ouviu um ranger fraco.

— O que está vendo? — perguntou.

— As duas cartas abertas... ah, e uma terceira... endereçada a...

Newt ouviu o romper de um selo de cera e o tilintar de alguma coisa sobre a mesa. Então ouviu um soluço entrecortado, o ruído de uma cadeira caindo e o som do motor de um carro sendo ligado e descendo a rua a toda.

Newt tirou a panela de cima da cabeça e saiu de trás da porta.

Pegou a carta e não ficou nem um pouquinho surpreso ao ver que estava endereçada ao Sr. G. Baddicombe. Abriu-a.

Dizia: "Eis aqui Um Florim, advogado; agora, corra ligeiro, para que o Mundo não saiba a Verdade sobre vós e a Senhorita Spiddon, a escrava da Machina Dactilographica."

Newt olhou as outras cartas. O papel quebradiço da endereçada a George Cranby dizia: "Remove tuas Mãos ladronas, Mestre Cranby. Eu sei bem como agarrastes a Viúva Plashkin no Natal passado, seu velho agarrador de torta-de-pêlo magricela."

Newt ficou se perguntando o que seria uma torta-de-pêlo. Estava disposto a apostar que não tinha nada a ver com culinária.

A que aguardava o inquisitivo Sr. Bychance dizia: "Tu os deixas-te, cobarde. Retorna esta carta à caicha, para que o Mundo nam saiba os verdadeiros Eventos do sétimo de junho, Mil e Novecentos e Dezasseis."

Debaixo das cartas havia um manuscrito. Newt ficou olhando para ele.

— O que é isso? — perguntou Anathema.

Ele se virou. Ela estava encostada na porta, como um atraente bocejo com pernas.

Newt recuou contra a mesa.

— Ah, nada. Endereço errado. Nada. Só uma caixa velha. Lixo de mala postal. Você sabe como...

— Num domingo? — perguntou, empurrando-o para o lado.

Ele deu de ombros quando ela colocou as mãos ao redor do manuscrito amarelecido e o levantou.

"Mais Belas e Precisas Profecias de Agnes Nutter" — leu devagar. — Para O Mundo que Está Por Vir; A Saga Continua! Oh, meu...

Ela o depositou reverente sobre a mesa e se preparou para virar a primeira página.

A mão de Newt pousou gentilmente sobre a dela.

— Pense assim — disse ele baixinho. — Quer ser uma descendente pelo resto de sua vida?

Ela levantou a cabeça. Seus olhos se encontraram.

Era domingo, o primeiro dia do resto do mundo, por volta de onze e meia.

O St. James' Park estava relativamente silencioso. Os patos, especialistas em realpolitik do ponto de vista da fila do pão, consideraram isso um decréscimo da tensão mundial. Realmente houve um decréscimo da tensão mundial, mas muita gente estava em seus escritórios tentando descobrir por que, tentando descobrir para onde a Atlântida havia desaparecido com três delegações investigadoras sobre ela, e tentando saber o que havia acontecido com todos os seus computadores ontem.

O parque estava deserto, a não ser por um membro do MI9 tentando recrutar alguém que, para embaraço mútuo posterior, seria também um membro do MI9, e um homem alto alimentando os patos.

E também havia Crowley e Aziraphale. Eles passeavam lado a lado sobre a grama.

— A mesma coisa aqui — disse Aziraphale. — A loja está toda lá. Nem uma marquinha de fuligem.

— Quero dizer, não se pode construir um Bentley antigo — disse Crowley. — Não se pode colocar a pátina assim de repente. Mas lá estava, perfeito. Bem ali na rua. Não dá pra dizer a diferença.

— Bom, eu posso dizer a diferença — disse Aziraphale. — Tenho certeza de que não guardei livros com títulos como Biggles Vai Para Marte e Jack Cade, Herói da Fronteira e 101 Coisas que Um Rapaz Pode Fazer e Cães Sangrentos do Mar da Caveira.

— Nossa, lamento — disse Crowley, que sabia o quanto o anjo adorava sua coleção de livros.

— Não lamente — disse Aziraphale feliz. — São todos primeiras edições em perfeito estado e andei procurando os títulos no Guia de Preços Skindle. Acho que a expressão que você usa é iiiça!

— Pensei que ele estava recolocando o mundo do jeito exato que era — disse Crowley.

— Sim — disse Aziraphale. — Mais ou menos. Do melhor modo possível. Mas ele também tem senso de humor.

“Seu pessoal entrou em contato? — perguntou”.

— Não. E o seu?

— Não.

— Acho que estão fingindo que não aconteceu.

— Acho que o meu também. Isso é que é burocracia.

— E creio que o meu está esperando para ver o que acontece agora — disse Aziraphale.

Crowley concordou.

— Um tempo pra respirar — disse. — Uma chance de se rearmar moralmente. Levantar as defesas. Se preparar para a grande batalha.

Pararam à beira do lago, vendo os patos lutarem pelo pão.

— Desculpe — disse Aziraphale. — Mas pensei que esta tivesse sido a grande batalha.

— Não sei não — disse Crowley. — Pense a respeito. Pelo meu dinheiro, a grande batalha será todos Nós contra todos Eles.

— O quê? Quer dizer Céu e Inferno contra a humanidade?

Crowley deu de ombros.

— Claro, se ele mudou tudo, então talvez tenha mudado a si mesmo também. Se livrado de seus poderes, talvez. Decidido ficar humano.

— Ah, espero que sim — disse Aziraphale. — De qualquer forma, tenho certeza de que a alternativa não seria permitida. Ahn. Seria?

— Não sei. Nunca se pode ter certeza sobre o que realmente se deseja. Planos dentro de planos.

— Desculpe? — perguntou Aziraphale.

— Bom — disse Crowley, que vinha pensando naquilo até a cabeça doer. — Nunca se perguntou sobre isso tudo? Você sabe. Minha gente e sua gente, Céu e Inferno, bem e mal, todas essas coisas? Quero dizer, por quê?

— Segundo me lembro — disse o anjo, sério — houve a rebelião e...

— Ah, sim. E por que ela aconteceu? Quero dizer, não precisava, precisava? — perguntou Crowley, um olhar maníaco no rosto. — Qualquer um que pode construir um universo em seis dias não vai deixar uma Coisinha dessas acontecer. A menos que queira, claro.

— Ah, qual é? Seja sensato — disse Aziraphale, em dúvida.

— Isso não é bom conselho — disse Crowley. — Não é bom conselho mesmo. Se você sentar e pensar a respeito de modo sensato vai ter algumas idéias muito engraçadas. Como: por que fazer as pessoas curiosas e depois

colocar algum fruto proibido onde possam vê-lo com um grande dedo de néon piscando e dizendo "É AQUI!"?

— Não lembro de nenhum néon.

— Quero dizer metaforicamente. Quero dizer, por que fazer isso se você realmente não quer que eles o comam, hein? Quero dizer, talvez você só queira ver como isso funciona. Talvez seja tudo parte de um grande plano inefável. Tudo isso. Você, eu, ele, tudo. Algum grande teste para ver se o que você construiu funciona direitinho, hein? Você começa a pensar: Não pode ser um grande jogo cósmico de xadrez, tem que ser apenas um jogo muito complicado de Paciência. E nem se preocupe em responder. Se pudéssemos compreender, não seríamos nós. Porque é tudo... tudo...

INEFÁVEL, disse a figura que alimentava os patos.

— É. Isso. Obrigado.

Olharam o estranho alto jogar com cuidado o saquinho vazio numa lata de lixo e sair caminhando sobre a grama. Então Crowley balançou a cabeça.

— O que eu estava dizendo? — perguntou.

— Não sei — disse Aziraphale. — Nada muito importante, acho.

Crowley assentiu melancólico.

— Deixe-me tentar você a comer um almoço — sibilou.

Foram novamente ao Ritz, onde uma mesa estava misteriosamente vazia. E talvez os problemas recentes tivessem provocado alguma alteração na natureza da realidade, porque, enquanto comiam, pela primeira vez na história, um rouxinol cantou em Berkeley Square.

Ninguém ouviu por causa do ruído do tráfego, mas que estava lá, estava.

Era uma da tarde de domingo.

Na última década, o almoço de domingo no mundo do Sargento Caçador de Bruxas Shadwell havia seguido uma rotina invariável.

Ele se sentava à mesa de vime queimada de cigarros, folheando uma cópia velha de um dos livros sobre magia e Demonologia da biblioteca (Cabo Caçador de Bruxas Carpet, bibliotecário, bônus de 11 pence per annum) do Exército dos Caçadores de Bruxas: o Necrotelecomnicon ou o Liber Fulvarum Paginarum ou seu velho favorito, o Malleus Maleficarum. "Um incansável best-seller; recomendado de coração" — Papa Inocêncio VIII.

Então bateriam à porta, e Madame Tracy chamaria: — Almoço, Sr. Shadwell — e Shadwell resmungaria: — Devassa sem-vergonha — e esperaria sessenta segundos, para permitir que a devassa sem-vergonha voltasse ao seu quarto; então ele abriria a porta e pegaria o prato de fígado, que normalmente ficava coberto por outro prato para o calor não escapar. E ele o pegaria e comeria, tomando um cuidado moderado para não derramar molho nas páginas que estivesse lendo. Para o colecionador certo, a biblioteca do Exército de Caçadores de Bruxas teria valido milhões. O colecionador certo teria de ser muito rico e não se incomodar com manchas de molho, marcas de cigarro, anotações nas margens ou a paixão do falecido Cabo Caçador de Bruxas Wotling em desenhar bigodes e óculos em todas as xilogravuras de bruxas e demônios.

Era isso o que sempre acontecia.

A não ser naquele domingo.

Para começar, ele não estava lendo. Estava apenas sentado.

E quando bateram à porta ele se levantou imediatamente e a abriu. Não precisava ter se apressado.

Não havia prato. Havia só Madame Tracy, usando um camafeu e uma tonalidade pouco usada de batom. Ela também estava flutuando no centro de uma zona de perfume.

— Sim, Jezebel?

A voz de Madame Tracy era animada, rápida e entrecortada pela insegurança.

— Oi, Senhor S., eu estava só pensando, depois de tudo que passamos nos últimos dois dias, me parece bobagem deixar um prato para o senhor, então coloquei um lugar para o senhor à mesa. Vamos?

Senhor S? Shadwell a seguiu, desconfiado. Tivera outro sonho a noite passada. Não se lembrava direito dele, apenas de uma frase, que ainda ecoava em sua cabeça e o perturbava. O sonho havia desaparecido numa névoa, como os eventos noite passada.

Era isto. "Nada de errado em caçar bruxas. Eu gostaria de ser caçador de bruxas. É só que, bem, você tem que fazer isso em turnos. Hoje vamos sair para caçar bruxas, e amanhã a gente esconderia, e seria a vez das bruxas caçarem A GENTE..."

Pela segunda vez em vinte e quatro horas — pela segunda vez na sua vida — ele entrou nos aposentos de Madame Tracy.

— Sente-se ali — disse-lhe ela, apontando para uma poltrona. Ela tinha uma coberta no descanso de cabeça, um travesseiro afofado no assento e uma pequena banqueta para os pés. Ele se sentou.

Ela colocou uma bandeja no seu colo, ficou olhando para ele comendo e tirou seu prato quando ele terminou. Então abriu uma garrafa de Guinness, derramou-a num copo e deu-a para ele, e então ficou bebendo seu chá enquanto ele tomava a cerveja. Quando baixou a xícara, ela tilintou nervosa no pires.

— Eu tenho um pouquinho de dinheiro guardado — disse ela sem mais nem menos. — E, sabe, às vezes penso que seria bom comprar um bangalozinho, em algum lugar no campo. Me mudar de Londres. Eu batizaria o bangalô de The Laurels, ou Dunroamin, ou.

— Shangri-lá — sugeriu Shadwell, sem ter a menor idéia de porque dissera isso.

— Exato, Senhor S. Exato. Shangri-lá. — Ela sorriu para ele. — Está confortável, amor?

Shadwell percebeu com horror crescente que estava confortável, Horrivelmente, assustadoramente confortável.

— Sim — disse ele, desconfiado. Nunca estivera tão confortável.

Madame Tracy abriu outra garrafa de Guinness e colocou-a na frente dele.

— O único problema em comprar uma casinha, chamada... — qual foi a sua idéia inteligente Senhor S.?

— Ahn. Shangri-lá.

— Shangri-lá, exato, é que não dá para uma pessoa, não é? Quero dizer, duas pessoas, dizem que duas pessoas podem viver tão barato quanto uma.

(Ou quinhentas e dezoito, pensou Shadwell, lembrando-se das fileiras imensas do Exército dos Caçadores de Bruxas.)

(Ou quinhentas e dezoito, pensou Shadwell, lembrando-í fileiras imensas do Exército dos Caçadores de Bruxas.)

Ela deu um risinho.

— Onde será que eu poderia encontrar alguém para me acomodar...

Shadwell percebeu que ela estava falando dele.

Não tinha certeza quanto a isso. Tinha uma sensação distinta de que deixar o Recruta Caçador de Bruxas Pulsifer com a garota em Tadfield tinha sido uma péssima manobra com relação ao Livro de Regras e Regulamentos do Exército de Caçadores de Bruxas. E aquilo parecia ainda mais perigoso.

Mesmo assim, com a idade dele, quando você está ficando velho demais para sair se arrastando na grama crescida, quando o sereno frio da manhã entra nos seus ossos...

(E amanhã a gente se esconderia, e seria a vez das bruxas caçarem a gente...).

Madame Tracy abriu mais uma garrafa de Guinness e deu uma risadinha.

— Ah, Senhor S — disse ela —, o senhor vai pensar que eu quero deixar o senhor tontinho.

Ele grunhiu. Era preciso primeiro cumprir as formalidades. O Sargento Caçador de Bruxas tomou um gole fundo e longo de Guinness e disparou a pergunta. Madame Tracy deu um risinho.

— Honestamente, seu velho bobo — disse ela, ficando bem vermelha. — Quantos você acha que eu tenho?

Ele tornou a fazer a pergunta.

— Dois — disse Madame Tracy.

— Ah, boom. Então eshtá tchudo bem — disse o Sargento Caçador de Bruxas Shadwell (aposentado).

Tarde de domingo.

Sobrevoando a Inglaterra, um 747 se dirige para oeste. No compartimento de primeira classe, um garoto chamado Warlock punha de lado sua revistinha em quadrinhos e olhava pela janela.

Haviam sido dois dias muito estranhos. Ele ainda não tinha certeza de porque seu pai fora chamado para o Oriente Médio. Tinha certeza absoluta de que seu pai também não sabia. Provavelmente era alguma coisa cultural. Tudo o que havia acontecido era que muitos sujeitos gozados com toalhas nas cabeças e dentes muito feios haviam lhes mostrado algumas ruínas. Warlock já tinha visto ruínas melhores. E então um dos caras perguntou se tinha alguma coisa de especial que ele quisesse fazer. E Warlock respondera que gostaria de ir embora.

Eles ficaram muito tristes com essa resposta.

E agora ele estava voltando para os Estados Unidos. Houve algum problema com passagens ou vôos ou tabelas de horários de aeroportos ou coisa parecida. Era estranho; ele tinha certeza de que seu pai estava querendo voltar para a Inglaterra. Warlock gostava da Inglaterra. Era um bom país para se ser americano.

O avião naquele instante estava passando sobre Lower Tadfield, bem acima do quarto do Johnson Seboso, que folheava sem objetivo uma revista fotográfica que comprara apenas porque tinha uma foto muito bonita de um peixe tropical na capa.

Algumas páginas abaixo do dedo cansado do Seboso havia uma matéria sobre futebol americano, e como ele estava realmente pegando na Europa. O

que era estranho, porque quando a revista fora impressa aquelas páginas tratavam de fotografia em ambientes desérticos.

Isso ia mudar a sua vida.

E Warlock voou para a América. Ele merecia alguma coisa (afinal, você nunca esquece os primeiros amigos, mesmo que você tivesse apenas algumas horas de vida na época) e o poder que controlava o destino de toda a humanidade naquele exato instante estava pensando: bom, ele vai para a América, não vai? Não vejo como poderia existir algo melhor do que ir para a América.

Eles têm trinta e nove sabores de sorvete lá. Talvez até mais.

Havia um milhão de coisas divertidas que um garoto e seu cachorro podiam fazer numa tarde de domingo. Adam podia pensar em quatrocentas ou quinhentas sem sequer tentar. Coisas emocionantes, coisas animadas, planetas a serem conquistados, leões a serem domados, mundos perdidos na América do Sul fervilhantes de dinossauros para serem descobertos e com os quais fazer amizade.

Ficou sentado no jardim e arranhou a terra com uma pedra, com cara de desânimo.

Seu pai encontrara Adam dormindo ao voltar da base aérea: dormindo, para todos os efeitos, como se tivesse ficado na cama a noite toda. Até roncando de vez em quando, para efeito de verossimilhança.

Ao desjejum na manhã seguinte, no entanto, ficou claro que aquilo não havia sido o suficiente. O Sr. Young não gostava de sair por aí numa noite de sábado caçando gansos selvagens. E se, por algum erro inimaginável, Adam não fosse o responsável pelos distúrbios da noite — fossem eles quais fossem, pois

ninguém parecia lembrar muito be m dos detalhes, apenas que haviam sido distúrbios de alguma espécie — então ele era sem dúvida culpado de alguma coisa. Essa era a atitude do Sr. Young, e ela lhe servira muito bem nos últimos onze anos.

Adam ficou sentado desanimado no jardim. O sol de agosto estava alto num céu azul e sem nuvens de agosto, e atrás da cerca viva um tordo cantava, mas a Adam parecia que ele estava apenas tornando as coisas muito piores.

Cão estava sentado aos pés de Adam. Ele havia tentado ajudar, basicamente exumando um osso que enterrara quatro dias antes e arrastando-o até os pés de Adam, mas tudo o que Adam fizera foi olhar para ele tristonho, e Cão acabou levando-o embora e inumando-o mais uma vez. Fizera tudo que podia.

— Adam?

Adam se virou. Três rostos olhavam por sobre a cerca do jardim.

— Oi — disse Adam desconsolado.

— Tem um circo em Norton — disse Pimentinha. — Wensley estava lá, e viu eles. Estão acabando de montar as tendas.

— Eles têm tendas, elefantes, malabaristas e animais praticamente selvagens, um bocado de coisa, e... e tudo! — disse Wensleydale.

— A gente pensou que talvez podia ir lá e ver eles montar tudo— disse Brian.

Por um instante a mente de Adam fervilhou com visões de circos. Circos eram chatos depois de montados. Você podia ver o melhor na televisão a qualquer dia. Mas a montagem...Claro eles todos iriam lá para baixo e ajudariam a montar as tendas, a lavar os elefantes, e o pessoal do circo ficaria tão impressionado com o rappore natural de Adam com os animais que, naquela noite, Adam (e Cão, o Vira-Lata Ator Mais Famoso do Mundo) levaria os elefantes ao picadeiro e...

Não era bom.

Balançou a cabeça triste.

— Não posso ir a lugar nenhum. Eles disseram isso.

Pausa.

— Adam — disse Pimentinha, um pouco desconfortável. – O que aconteceu ontem à noite?

Adam deu de ombros.

— Uma parada aí. Não importa. E sempre a mesma coisa. Você só tenta ajudar, e aí todo mundo acha que você matou alguém ou coisa parecida.

Outra pausa, enquanto os Eles ficavam olhando seu líder caído.

— Quando você acha que vão deixar você sair? — perguntou Pimentinha.

— Não por anos e anos. Anos e anos e anos. Serei um velho quando eles me deixarem sair — disse Adam.

— Que tal amanhã? — perguntou Wensleydale.

Adam ficou animado.

— Ah, amanhã vai ser legal — afirmou. — Eles terão esquecido tudo amanhã. Vocês vão ver. Eles sempre esquecem. — Olhou para eles, um Napoleão desmazelado com cadarços arrastando no chão, exilado a uma Elba com caramanchão de rosas. — Vão vocês — disse a eles com uma gargalhada breve e oca. — Não se preocupem comigo. Amanhã vejo vocês todos.

Os Eles hesitaram. Lealdade era uma coisa ótima, mas nenhum tenente devia ser forçado a escolher entre seu líder e um circo com elefantes. Foram embora.

O sol continuava a brilhar. O tordo continuava a cantar. Cão desistiu de seu dono e começou a caçar uma borboleta na gramado da cerca viva do jardim. Era uma cerca viva séria, sólida, impecável. Além dela estendiam-se campos abertos, e maravilhosas valas lamacentas, e frutas ainda não maduras, e donos irados mas lentos de árvores frutíferas, e circos, e riachinhos para represar, e muros e árvores feitas justamente para serem escalados...

Mas não havia como passar pela cerca viva.

Adam parecia imerso em pensamentos.

— Cão — disse Adam, duro. — Afaste-se dessa cerca, porque se você passasse por ela eu ia ter que caçar você pra te pegar, teria que sair do jardim e não posso fazer isso. Mas eu teria que... se você fosse e saísse.

Cão pulou para cima e para baixo excitado e permaneceu onde estava.

Adam olhou ao redor, com cuidado. Ali, ainda mais cautelosamente, olhou para Cima e para Baixo. E então para Dentro.

Então...

E agora havia um grande buraco na cerca viva: grande o suficiente para um cão passar e para um garoto se espremer depois. E era um buraco que sempre havia estado ali.

Adam piscou para Cão.

Cão atravessou o buraco na cerca viva. E, gritando com clareza, de modo alto e distinto:

— Cão, seu cão feio! Pare! Volte aqui! — Adam se espremeu e passou atrás dele.

Alguma coisa lhe disse que algo estava chegando ao fim. Não o mundo, exatamente. Apenas o verão. Haveria outros verões, mas nunca mais haveria um igual àquele. Nunca mais.

Melhor aproveitar o máximo dele, então.

Parou a meio caminho do campo. Alguém estava queimando alguma coisa. Olhou para a pluma de fumaça branca sobre a chaminé do Jasmine Cottage e parou. E ficou escutando.

Podia ouvir risadas.

Não era um riso de bruxa. Era a risadinha baixa e terrena de alguém que sabia muito mais do que podia ser bom para si.

A fumaça branca se torceu e se curvou sobre a chaminé do chalé. Por uma fração de segundo Adam viu, delineado na fumaça, um belo rosto de mulher. Um rosto que não havia sido visto na Terra por mais de trezentos anos.

Agnes Nutter piscou para ele.

A leve brisa de verão dispersou a fumaça; e o rosto e a risada sumiram.

Adam sorriu e tornou a correr.

Na campina, a uma pequena distância, do outro lado de um riachinho, o garoto alcançou o cachorro molhado e enlameado.

— Cão feio — disse Adam, cocando atrás das orelhas do Cão.

Cão latia extasiado.

Adam olhou para cima. Sobre sua cabeça havia uma macieira, pesada e retorcida. Poderia ter estado ali desde aurora dos tempos. Seus ramos estavam curvados sob o peso das maçãs pequenas, verdes e ainda não maduras.

Com a velocidade de urna cobra dando o bote, o garoto subiu na árvore. Voltou ao chão segundos depois, com os bolsos estourando, mastigando com bastante barulho uma maçã ácida e perfeita.

— Ei! Você! Garoto! — veio uma voz rouca por trás dele - Você é Adam Young! Eu estou vendo você! Vou falar para o seu pai, vai ver se eu não falo!

A retribuição dos pais era agora uma certeza, pensou enquanto saía na carreira, cachorro ao lado, os bolsos recheados de frutas roubadas.

Sempre era. Mas não seria até aquela noite.

E aquela noite estava muito longe de chegar.

Jogou a maçã fora na direção de seu perseguidor e meteu a mão no bolso para pegar outra.

Não entendia por que as pessoas faziam um fuzuê tão grande sobre pessoas comendo suas frutas velhas e bobas de qualquer forma, mas a vida seria bem menos divertida se não fizessem isso. E não havia uma maçã, na opinião de Adam, que não valesse os riscos em que você se metia para comê-la.

Se você quer imaginar o futuro, imagine um garoto, seu cachorro e seus amigos. E um verão que jamais termina.

E se você quer imaginar o futuro, imagine uma bota... não, imagine um tênis, cadarços arrastando no chão, chutando uma pedrinha; imagine um graveto, para mexer em coisas interessantes, e atirá-lo para um cão que pode ou não decidir apanhá-lo; imagine um assobio sem melodia, transformando uma canção popular infeliz numa massa de insensibilidade; imagine uma figura, meio anjo, meio demônio, inteiramente humana...

Se arrastando toda animada na direção de Tadfield...

... para sempre.